

ETIMOLOGIAS

obscuras ou escondidas

Índice de apelativos, antropónimos e topónimos

abarcas	Betanços	cha-	Galiza	Maradona	pata	saraiva
abesouro	Bética	chafundar	gândara	maragota	peralta	Sarandão
abóbora	bincha	chafurdar	Garcia	marejada	pesçoço	sarna
abraiar	bisbarra	chancas	gato	marejar	peta	saurus lat.
acaçapar	bode	chapodar	Gerês	maresia	petada	Savedra
agachar	boh!	choio	godalho	Maruja	peta-pouco	seara
aivecas	boirar	chouriço	Gonçalo	marusia	petar	senreira
alacar	boleardo	ciar	Gonçalves	mata	peteirar	Sevilha
alacoar	boleima	coração	guiar	matilha	peteiro	sobaco
alancanhar	bolo	Coristanco	guiço	mato	peteleco	socas
alancar	Bolo	Cortegaça	Guísamo	Mavegondo	petelo	socos
alboio, albó	boloardo	Cortegada	guizo	Meireles	petiscar	soira
alcatrão	bombordo	coto	Hispânia	meninho	petisco	sorça
aliás	Boqueijão	Culhergondo	ico!	menino	peto	Sória
alpendre	bordégão	degorar	iguaría	Mexuto	petola	soula
amenar	Bordéus	Deiros	Inácio	Miróbriga	petouto	souria
anca	borrifar	descorçoar	<i>Insânia</i>	moira	petrúzio	sourião
Ancares	bosta	descoroçoar	Íria	Morpeguite	Porto de Ozom	souril
Andrade	bourar	desleigado	Írímia	Morquintiã	Portugal	tamancos
antarujã	bouriar	doudo	irra!	Mouro- <i>*marwos</i>	pouta	Taragonha
antarujaira	bouta	Douro	Isorna	mouta	prata	Tavares
aranha	Braga	Dozo	jaira,	nacho	prato	Taveirós
Araújo	Brasil	Êçaro	jairo, -a	Naraío	precatar	Tavorda
argalhar	Bráulio	engado	Jalhas	narcho	prosmo	teima
argalho	brincar	engar	jarela	Nebra	prosmeiro	Tiobre
Arouça	Brolhão (póvoa)	engodo	jãs	Noal	Quadramão	tirar
arre!	bulha	enterquinar	jolda, em	nosso	Qualedro	tocar
arrear	burdo	Escadevas	jurafás	oferta	ranhar	toco
arrimar	burla	Escócia	laca	olga	rata	toleima
áscua	burlar	escória	lacação	Ónega	rato	tolo
ascuar	cabaça	esquelha	lacaceiro	Ordonho	ressouro	Torozos
áscuara	caçapo	Espasandim	lacaço	Orraca	Rianjo	touça
ascueira	cachaça	Esquadra	lacão	Osores	rianjo	trosma
Assionlha	cachear	Esquadro	lamparão	Osório	rima	troula
ástures	cafua	esquerda	lança	oular-aular	rimar	troular
Astúrias	cafurna	estourar	lapa	oulear-aulear	Ró	troulear
Avegondo	cágado	estroina	lardo	ouvas	Róis	truma
babordo	cala	estrume	lata	ouviar	ronha	truta
baduar	Calhobre	Eu (rio)	Lathus	pá	Sá	turrar
Baiona	calhos	faca	Leiva	paçoças	sá	ufano
balbordo	calhouvar	farejar	leivoa	pailã	sa-	uivar
barda	caluga	faro	leivorim	pailaburdo	Saldanha	ular
Baronha	canha	floresta	leivorinha	pailarocas	salmoira	Varela
Barregã	canhota	Fominhã	louco	Paio	Sálvora	Vasco
barregã	cara	forasteiro	lobisomem	paioio	samancas	Vasques
Barrozo	caralho	frango	Lubre	palholho	samborinha	velhão
Beão-Beom	carimbo	frouma	lufada, lufa	Pamplona	samorinha	Verdeogas
beco	carragem	gache!	Lugrim	pão-de-ló	Samos	Verdoias
Bergondo	cenreira	Gaia	Lugris	Parajuã	sanca	xenreira
besouro	Cervantes	gaita	mamãe	páramo	sapatos	

PREFÁCIO

Eis uma presa de etimologias achadas ao longo de trinta e cinco anos de pesquisas, muitas já publicadas em atas de congressos, em revistas, no livro sobre *As tribos calaicas* ou na Rede. As notícias certamente valem se atinam, mas é que estas ainda não tiveram a ocasião de serem refutadas.

Dificuldades há, muitas e complexas. A cultura galega não é viável na conjuntura. As periféricas no estado espanhol não fruem de muita simpatia. Aliás, a projeção da língua portuguesa no mundo ainda não tem o peso proporcional à dimensão demográfica. Lavrar nessa seara não é apenas um labor necessário. Também é labor que dá felicidade, o que é prova da certeza da singradura. E já se sabe que navegar é necessário.

A ordem foi complexa. Reflete o tempo em que essas origens foram surgindo. Repeti, isoladas, algumas já inseridas em conjuntos, se a importância aconselhou salientá-las: eis os vocabulários do calçado arcaico e o da insânia. A preguiça e a imperícia são as autoras do resto das mágoas. Se há mérito é o da ingenuidade e a ousadia; o pecado que não quis cometer é o de calar o que me parecia claro, mesmo sem os antecedentes do académico decoro. Prefiro ser o rapaz que vê a nudez do rei e correr o risco de ficar envergonhado.

Ao cabo surge um quadro nítido da situação linguística do oeste da península (também do resto) no milénio primeiro. Foi surpreendente dar com provas da pervivência de uma língua indo-europeia pré-romana de tipo céltico até os arredores do ano mil, coexistindo com um latim republicano assaz arcaico. A língua pré-romana mostra um perfil próximo do céltico goidélico. Foi falada por toda a península, como materna ou como franca (nos iberos e bascos). Por muito tempo pôde evitar-se a questão sob pretexto de as palavras pré-romanas óbvias serem de datação impossível. Assim ficava incontestemente a ideia de a latinização ser quase fulminante.

Mas ora antropónimos (*Orraca*, *Ordonho*), topónimos (*Samos*) e apelativos (*esquerda*) destroem o cómodo da data incerta e desafiam qualquer a rebater. A par, muitas outras palavras roboram mais cada vez a condição céltica da língua tanto tempo esquecida, céltico de labiovelar intacta, de tipo goidélico. O número de palavras do fundo céltico é esmagador. A falta no nosso âmbito de estudos sistematicos de linguística céltica somente em parte pode explicar um silêncio tão prolongado, que cada vez se parece mais com a nudez do rei do conto de Andersen.

ABARCAS

É de todas as línguas hespéricas, palavra mais que milenar, que Coromines cria pré-romana, mal que de língua ignota; tal o estado da questão. Os recursos são poucos, mas talvez uma nova análise dissipe as trevas.

Coromines negou a tese de Schuchardt e Sainéan de vir de *barca*, por ser velho o A- protético e pelo feitio antigo do calçado. Aceitou os nomes dos calçados virem às vezes dos de embarcações, e mesmo aduziu novos exemplos, mas arguiu esses casos ser de calçados grandes, amplos, o que não é o caso das abarcas atuais, e que a antiguidade do A-, clara no -V- do *avarcas* medieval, descartava o étimo *barca*.

A palavra aparece com A- no cabo do séc. X, mas, em palavra que cremos pré-romana, ao cabo que é o que sabemos dela no curso de todo o primeiro milénio, o do bilinguismo? O argumento tão só prova o étimo ser *ABARKA no tempo imediato anterior ao primeiro documento. Nada se sabe dos cruzamentos que pôde haver nos mil longos anos. Do feitio pré-histórico do calçado também pouco se sabe, salvo conjectura e comparação.

Incertezas velhas, certezas novas e a etimologia de *barca*: É, *ABARKA não é *barca*, mas esta também não tem etimologia certa. A que corre tira *barca* de um lat. **bārīca*, do greco-egípcio βάρις, que pelo 200 já teria passado a *barca*, cf. uma velha inscrição do Algarve; na gíria náutica viajaria à outra ponta do Mediterrâneo. Da península vêm os primeiros casos, já com síncope da vogal postónica. É etimologia incerta, e a meu ver inverossímil, e quadra não ter medo das autoridades que a sustentaram.

Cumpra buscar na língua geral peninsular antes do latim, como materna ou franca, o céltico antigo. As neocélticas têm ecos de **bhares-/bhores-* “ponta” (Pokorny 109), pelo célt. ant. BARRO- “alto”, de **bharso-*. Reduz-se BARROS ao substantivo “cume, ponta”, mas há muitos casos dele como adjetivo. Calaiço é o etnónimo *cibarci*, “os deste lado da beira”, e **BARKALLĀ* “(terra) ribeirinha”, donde o topónimo *Barcala*. Que inclui **BARKO-* “ribeirinho”, de **bharsko-*. *Barca* talvez foi o feminino substantivado, **(NĀWĀ) BARKĀ* “(nave) ribeirinha”. Estas considerações só tentam mostrar como nesta matéria se costuma conjecturar demais.

Cruzamentos possíveis, recursos epistemológicos: No primeiro milénio houve muitos factos hoje invisíveis dos que pouco se pode provar ao certo, nem negar. Mas também é certo que, a ser possíveis e verossímeis, as conjecturas criarão convicção se factos posteriores à declaração derem congruentes com o tenteado nas trevas.

É um facto muitos nomes de calçado virem dos de embarcações. E *abarca* parece-se com *barca*, e também é certo que no diglósico céltico da época do Império houve muitos cruzamentos. Eis o vulg. **abbraccare*, a dar *abarcar*, presente na semântica das *abarcas* nos tempos históricos. E antes é provável ter-se cruzado com **ABĀ* “água”, o que é coerente com pré-históricas *abarcas* de pau, aptas para caminhar na lama. Coromines negava-as, baseado no testemunho do séc. XII e nas atuais, que em geral são de coiro. Mas há testemunhos, que ele não oculta: em Astúrias e Santander chamam de *abarcas* as socas de madeira. E na Galiza também, ao menos em Mondonhedo. Noutras zonas galegas é nome do calçado de coiro e pau. A geografia linguística nota que os territórios montanhosos guardam bem os arcaísmos. V. também *Arredor do vocabulário do calçado*

ABESOURO DE COR DOURADA

Abesouro (*besouro* ou *besoiro* na mor parte do domínio) deu trabalho e não sei se a hipótese de étimo que vou propor já foi emitida: baixo-lat. **ape-sauru-* “abelhão de cor tostada”. O A- é do étimo, e foi elidido na norma geral pelo mesmo que em *naco* (< **ANNAKKO-*, cf. cast. *añico*). *Apis* já era o étimo para o P. Sarmiento. A mudança de género de feminino a masculino para o “abelhão”, opacou a etimologia. O segundo elemento, *saurus*, de origem germânica (ingl. *sere*, *to sear*, fr. *saur*), tem parte na origem de *chouriço*, **sauricum*. Não chegou Coromines a saber doutros ecos hespéricos da palavra baixo-latina. Em Meis, donde meu informante, dizem *abesouro* a um de cor dourada, a par de outro azul.

ABÓBORA

Relaciona-se com o latim tardio *apopōres* (variante *apopēres*), que vem nas *Etymologiae* de S.¹⁰ Isidoro de Sevilha. Apenas peninsular, foi moçárabe e vive no português de todas as latitudes. As variantes românicas (*abobra*, *abobrela*, *abobriela*, *bobrelha*, *bobrilha*) supõem **apopōra*; logo *apopōres* é feminino. No galego vê-se acantado no sul. *Apopōres* ou *apopēres*? Seria o primeiro. Mas as vogais átonas flutuam segundo o génio da língua, e abunda a síncope. Um acaso feliz talvez possa deitar luz definitiva no ponto.

Fora o intento de Coromines, não vejo etimologias. Ele exclui tacitamente o latim, e também o céltico pelos P, e busca sem fortuna na suposta língua dos *Urnenfelder*, que crê pré-céltica e próxima das línguas bálticas. Além das razões históricas, hoje ultrapassadas, as palavras arguidas diferem muito.

A solução é simples e está no grego, pelo que passa sem se deter. As cabaças pré-americanas – sobretudo *lagenaria siceraria* ou *vulgaris*, a do peregrino, africana e já na antiguidade esparsa no Mediterrâneo – usou-se sempre para levar água. Era palavra dos servos que iam buscá-la, que nos textos aparecem com um só nome, de origem grega. O grego era a língua franca do leste do império e muitos dos servos eram gregos ou orientais de língua grega. Aceita a premissa, é busca breve: será um deverbal do gr. ἀποπορεύομαι “levar, transportar (água)” ou de variante similar não registada, que pudera ser **ἀποπορεύω*. *Se non é vero, è ben trovato*.

ABRAIAR

Abraiar (e *abraar*) é galego. Definem “assombrar, pasmar, causar admiração ou surpresa” e “assustar, espantar”, modulado no pronominal *abraiar-se*. A segunda aceção falta nos léxicos de E. R. González e J. Franco Grande. Entrou na literatura galega, mas é difícil ver o uso local na biblioteca. Na língua antiga não se vê. Só

topo: a) Santiago *abraar*, cf. Constantino Garcia¹, e b) Crespo Pozo diz Tavoadela, Ourense, usar *abraiar* “espantar dando vozes”. Virá do ant. *braadar*, mod. *bradar*?

O A-, preposicional, é prótese trivial em verbos populares. Quanto ao -I-, será anti-hiático, para manter o silabado, como no dialetal *soio* “só”. Não sei se o *abraar* de Compostela é primitivo ou secundário; mas pôs-me no rasto. O maior obstáculo a explicar é a perda do -D-. Ocorrem-me dous caminhos. O primeiro, pouco suasório, seria um confluír da condição fonética (extrema lenidade do -D- pelos A contíguos, muito abertos) com a discontinuidade, pela falta de modelos no período medio. Outra via é **braar* ser derivado regressivo de *braado* (mais frequente que *braadar*), mal-entendido como participío. Sem dificuldades fonéticas, pede explicação semântica.

Aceitando o testemunho de Crespo Pozo – por que duvidar? –, há trânsito fácil de “dar grandes vozes” a “dar grandes vozes que espantam”, que a pouco se entenderia “espantar dando vozes”, como em Tavoadela. Alhures derivou ao mero “espantar, pasmar”. O isolamento sublinhou o emotivo por cima do concreto. O aspecto expressivo também prevaleceu nos letrados que colheram a voz, sem herdá-la diretamente, e a introduziram no moderno galego escrito.

Braado vinha amiúde com *vozes*, os dous qualificados de *grandes*. Lê-se no *Livro das Aves*: “disserõ aïda que o paño ha o braado muyto espãtoso”. Destaca o vínculo de *braado* com *espanto* que deu lugar à deriva.

Que foi do mero *braadar-bradar*? Palavra dos senhores da guerra, de tom afinal algo literário, foi-se perdendo nas falas galegas à medida que os utentes saíam da lusofonia. O português comum guardava-o, mercê da soberania com ajuda de modelos literários. O galego apenas preservou o resto afetivo. Aliás, nem teve a fortuna de um homólogo no adstrato castelhano a suscitar nos galegos letrados a memória da forma paralela: o cast. *baladro* decaíra mais rápido; no séc. XVI já era um mero eco arcaico nos livros de cavalaria, provocado provavelmente pelo *braado* português de textos anteriores.

Mas algo ficaria. Aníbal Otero (*Vocab. de Sam Jorge de Piquim*, Anexo 8 de *Verba*, Univ. de Compostela, 1977) traz *bradido* “ação e efeito de *bradar* ou gritar”, que algo deverá a *alarido*; é improvável a existência de uns **brader* ou **bradir*. Ao cabo, importante é que já palpita de novo *bradar*, ao menos na vontade dos galegos de língua que decidiram renovar a tradição extraviada.

AIVECAS

É etimología conhecida, mas com variantes galegas deturpadas de há muito tempo que cumpriria despejar, porque a evolução da lavra mantém a vigência da palavra. As *aivecas* – forma geral – são as orelhas do arado que servem para alargar o sulco.

Coromines explicou a palavra pelo lat. *ālīpēs, ālipedis* “de pés alados; veloz”, já com o valor metonímico de “asa” e o acrescentamento do sufixo *-ecca-*, de origem imprecisa, portanto de um **alipedeccas*. O simples *ālīpēs* deu *aba*, através do acus. *ālipedem* > **alebe-* > **aaba* (com queda do L e A de feminino).

Na Galiza há deturpações, como *abecas* (Sarmiento), *abeacas* (Sobreira), *abiacas* e *abiecas* (E. R. González). Nessas grafias ocultam-se as realizações [aβecas] e [aβieças], tão convencionais como na origem o é o suposto V labiodental da norma gráfica portuguesa.

ALBOIO, ALBÓ

“Alpendre, telhado anexo a casa de uma água só”; “casa grande abandonada”. É claro os dous virem de *alboo*, cujo hiato quadra estudar. Coromines (DCECeH, *lonja* II) vê possível uma variante do germ. **bawīpa*, donde *abóbada*, com o *al-* de *alpendre* prefixado. Não persuade o cruzamento nem o principal vocalismo do germânico (**bū-*). Voz humilde (*anexo, abandono*) pode pertencer à depreciada área de origem céltica. Terá a raiz **bheu-/bhu-* “crescer; pegar a ser” (Pokorny 146-50) de gr. Φύω, lat. *fui* e o citado tema germ. **bū-*.

Sai aí o gaélico *buan* “duradoiro, que fica”, do céltico **BOUNO-*, cujo sentido aclara o sânscrito *bhavanam* “morada, casa para habitar”, coincidente no sentido com o germ. **būan* “construir” (alem. *bauen*). **BOUNO-*

¹ *Léxico de la comarca compostelana*, Univ. de Santiago, 1974.

foi “construção; o que pega a ser para permanecer”. No românico galego do séc. VIII daria **bõũo*. Fruto ulterior devia ser **bõo*, depois *bom*, em homofonia com o frequente *bom*, *boa*². Desnasalar foi obrigado, mas, apesar da desnasalação, o *boo* emergente ficou acantoado e só durou com acréscimo do prefixo.

O prefixo dará iluminado pelo paralelo de *alpendre*. O *al-* vem do célt. ARE “ante, adiante; a leste de”. Quando prefixo tendia a perder o -E, cf. AREMORIKĀ > Armórica. Nom tenho dúvidas de que **alboo*, *alboio* (I epentético) e *albó* (crase) são o eco românico galego-português do céltico *AREBOUNON “o que está diante do edifício (principal)”. O de “casa grande abandonada” só arrasta o tom depreciativo. Parece construído demais, mas acode em auxílio a verossímil etimologia do sinónimo principal. Vejamos já aqui *alpendre*.

Coromines aceitara a etimologia *appendix* de G. de Diego, por via semierudita, mas nas notas pendia à origem céltica, através do latim vulgar ou de falares franceses. O mais antigo registado é *alpende*, em zonas leonesas perto da Galiza; o R é repercussão da líquida. Formas gálicas são prov. *apèns* “tecto como beiral”, gascão *apent* “id.”, Limoges *alapent* “id.”, inseparáveis do franco-provençal *talapent* “beirado”, que Jud tirou do célt. *TALOPENNO- “triângulo superior da fachada”, valor próximo de “beiral”. Abrange TALO- “fronte” e o gaulês PENNOS “cabeça; fim”. Daí bretão *talbenn* “id.”. O irlandês médio *tulchind* “fronte” foi o mais arcaico céltico goidélico *TALOK^WENNO-. Este e *TALOPENNO- eram “cabeça ou fim da frente, fachada”.

Como se perdeu o T-? Contribuiria o opacar de TALO-, mas cuido que se tirou por no T- ver-se o demonstrativo feminino que no acusativo (TAN) valia “para”³. Coromines chega a dizer no DCECeH, *alpende*: “Ante a impossibilidade de explicar a queda do T- e a mudança vocálica, deverá ver-se o franco-prov. *talapent* qual único descendente desta palavra céltica, e mirar Limoges *alapens* como cruzamento de *talapent* e *appendix*; bem que quiçá *talapent* também se usou em gascão, o que convida a revisar o meu cepticismo a respeito da origem céltica de *alpend(r)e*”.

Visto *alboio*, *albó*, cuido *alpendre* ser fruto do latim de origem gaulesa *arepennis*, medida de superfície. A questão é semântica, mas a evolução fónica é simples. O românico **arpenne* fez-se *arpende*, *arpiende*, *alpende* “medida de superfície” (Fuero Juzgo) e francês *arpent* “id.”. *Arepenne* é analisável: “diante dos confins”, com ARE e o adjetivo em I de PENNOS “cabeça, fim, confim”, logo “capital ou do limite”. De momento a imaginação é livre. Se *AREBOUNON foi “diante da fachada”, talvez AREPENNIS fosse “(terra) diante da casa até a vedação; eido, quintal”.

ALCATRÃO

A etimologia de *alcatrão* é conhecida: árabe *al-qatrān* “resina, destilado”. Parece escusado falar nela aqui, mas na Galiza há uma lenda bem esparsa que não é clara sem os recursos da filologia. Por duas razões: uma que é própria da história da cultura, “cosmológica”; e a outra apenas léxica, que mais precisamente convém revisar. Refiro-me à lenda d’*a trave de ouro e a trave de alcatrão*. Que eu saiba negligida pelos estudiosos incumbidos, dou a minha opinião.

Mitologema: Antes que conto popular, é lenda, rasto da cosmologia antiga, pagã e bíblica. As versões variam *ad libitum*, as mais vistas as de Carré e Risco. Estes, como os transmissores orais ingênuos, acrescentam criativamente várias roupagens ao núcleo tradicional: “as traves a suster o teto do Mundo Inferior”.

Os antigos viam no céu uma abóbada sólida a afastar as águas superiores (a cair na chuva) das inferiores. Eis o relato bíblico da criação e a anedota dos embaixadores celtas e Alexandre no Danúbio. Ora, sabe-se os celtas crer num *ANDUBNON “não-mundo”, destino do que se partiu, mundo paralelo deste, nutrido dos sonhos, que o povo via em lugares deste mundo. Muito frequente é o *Mundo Inferior*, aliás universal. Entre os celtas era tópico a specularidade do mundo paralelo, simétrico deste. O Inferior viam-no também com

² Na evolução é caso próximo o calaico *KAUNO-, fruto da mistura náutica de: a) AKAUNON “pedra” (**ak-* “agudo, afiado”) e b) *KAUNOS “porto; baía” (de **kap-* “colher”; **kapno-* > célt. *KAUNOS > gaél. *cúan*). Disso vêm *coio* e *com*: *coio* “seixo” (feitio de *b*, valor de *a*) e *com* “penedo que sai à tona na baixa-mar” (feitio de *b*, sentidos *a* e *b*). V. Coromines, *Actas del I Coloq. sobre Lenguas y Culturas Prerrom. de la P. Ibér.*, Salamanca, 1976, p. 142.

³ Eis topónimos como *Tamugem*, *Tavorda*, *Tavares*, *Taveirós*, estudados no livro d’*As Tribos Calaicas*, aos que se podem acrescentar muitos outros na península: *Tamames*, *Tamayo*, *Tavera* e tantos outros.

abóbada por riba. O tempo opacou as traves da abóbada do Mundo Inferior, que viraram em nebulosa parte superior de um percurso espeleológico.

Na linguagem da psique é uma imagem projetada do inconsciente, com a sua dupla condição de paraíso e inferno, segundo a atitude que perante ele adote a consciência. A riqueza do ouro figura a condição paradisíaca, e a condição infernal é a súbita explosão, a catastrófica morte do que extravia o caminho.

A prosápia do alcatrão explosivo

Da linguística é falar no *alcatrão*. Houve formas antigas de desenvolvimento popular: 1253 *algadrom*, fins do XIV *algadram*. Reingressa em 1410 como *alcatram*, grafado *alcatrão* no XVI. No Vigo do séc. XVIII, o P. Sobreira dá *alcatrém*, também tardo, árabe popular segundo a imela. Há derivações que nos distrairiam: *alcatra* “fedor penetrante”, *alcatrear* “apestar”.

O explodir do alcatrão surge noutra notícia do P. Sobreira: em Riba d’Ávia no séc. XVIII chamavam de *alquitram* (óbvia castelhanização de *alcatram*) uma mistura de pez, sebo, resina e azeite, usada em fogos de artifício. Dessa mesma casta é decerto o da trave.

Donde esta aceção? Lê-se na Primeira Crónica Geral, que cito na tradução galega, edição R. Lorenzo: “*chêas de fogo greguisco // et dizenlli en aravigo fogo d’algadrã*,” (f.º 251bR *in fine*, 251bV). É no tempo de Fernando o Santo, e logo o *algadram* e o seu significado “fogo grego” em árabe cabe datá-los na primeira metade do século XIII.

A fascinante história do fogo grego, que adiou vários séculos a queda do Império Bizantino, fica fora deste espaço. Mas não posso deixar de salientar a longa memória do artifício, que a presente palavra documenta, memória que prova o fascínio que no seu tempo provocou, nos muçulmanos (que o sofreram, e emprestaram a palavra dous séculos depois de desusar-se) e também nos galegos, que usam guardar tantos séculos umas antigalhas de antes de descobrir-se a pólvora.

ALIÁS, DONDE VEM?

No dicionário de J. P. Machado leio que o advérbio *aliás* viria do latino *aliās*. Geraldo da Cunha repete-o, e coincide em que teria entrado por via erudita. Certo, *aliās* por via popular teria dado o paroxítono **alhas*.

Em latim era advérbio de tempo, “outra vez, noutro tempo”; e depois na fala popular mudou para advérbio de lugar, “noutro sítio”, e desde Plínio o Velho, para de modo, “de outra maneira”.

Ora bem, neste dossiê há circunstâncias obscuras:

1) Se veio por via erudita, o valor devera ser o clássico, temporal, mas o uso constante desde os primeiros documentos é de modo.

2) Do indissimulável deslocamento do tom não vi explicações. Se palavra erudita, talvez nascesse de estudantes competentes em latim, mas nada autoriza a supor que lhe dessem, nem faceciosamente nem a sério, uma fingida pronúncia francesa. Cumpre revisar as opiniões apressadas e transitar outras vias para dar com hipóteses mais firmes, sem medo das equívocações.

COMECEMOS DE NOVO

A primeira documentação é do séc. XVI, o que insinua surgir entre a renascença e tal século e roboraria o cariz culto dos utentes do advérbio. É século a registar as últimas documentações de muitas palavras arcaicas, do período galego-português. Eis que tal encruzilhada brinda uma hipótese que talvez atine. A locução seria

al hi hás,

quer dizer, “outra cousa aí tens”. A locução triplamente arcaica – e portanto desprezada – teria atingido um súbito salvo-conduto para subsistir na etimologia “erudita”, etimologia popular de cunho letrado. Os cultos, ao não reconhecer ou não querer reconhecer a locução popular, em ouvindo-a creram ver nela o latino *aliās*.

Al (do lat. antigo e popular *alid*, clássico *aliud*) invisibiliza-se depois do séc. XVI, bem que surja às vezes nos adágios e se saiba da sua latência nos dialetos, por caso galegos, onde vigora no XVII, soa no XVIII e chega a ler-se no final do *Conto Galego* de Rosalia de Castro. No castelhano, o rechaço de Juan de Valdés, no *Diálogo de la Lengua*, adverte-nos do cariz rústico que o tingia.

I ou *hi* (cruzamento do lat. *ibī* com *hīc*) chega ao mesmo século XVI, e o verbo *haver* com o valor do nosso *ter* (verbo principal como em latim) chega também ao XVI.

Al, *i* e *hás* por “tens” já eram arcaicos, rústicos, sem brilho nem prestígio. E arcaico, escassamente apolíneo, era o uso do tratamento familiar por *tu* fora do âmbito íntimo. Nessas condições, o disfarce latino varria a falta de prestígio e permitia o uso em qualquer contexto. O tempo varreu os ecos a vibrar ao pronunciar e escutar as três palavras, mas pode-se imaginar, palida-mente, os abismos linguísticos que separavam esses falantes.

ALPENDRE

Coromines aceitara a etimologia *appendix* de G. de Diego, por via semierudita, mas nas notas pendia à origem céltica, através do latim vulgar ou de falares franceses. O mais antigo registado é *alpende*, em zonas leonesas perto da Galiza; o R é repercussão da líquida. Formas gálicas são prov. *apèns* “tecto como beiral”, gascão *apent* “id.”, Limoges *alapent* “id.”, inseparáveis do franco-provençal *talapent* “beirado”, que Jud tirou do célt. *TALOPENNO- “triângulo superior da fachada”, valor próximo de “beiral”. Abrange TALO- “fronte” e o gaulês PENNOS “cabeça; fim”. Daí bretão *talbenn* “id.”. O irlandês médio *tulchind* “fronte” foi o mais arcaico céltico goidélico *TALOK^WENNO-. Este e *TALOPENNO- eram “cabeça ou fim da frente, fachada”.

Como se perdeu o T-? Contribuiria o opacar de TALO-, mas cuido que se tirou por no T- ver-se o demonstrativo feminino que no acusativo (TAN) valia “para”⁴. Coromines chega a dizer no DCECH, *alpende*: “Ante a impossibilidade de explicar a queda do T- e a mudança vocálica, deverá ver-se o franco-prov. *talapent* qual único descendente desta palavra céltica, e mirar Limoges *alapens* como cruzamento de *talapent* e *appendix*; bem que quiçá *talapent* também se usou em gascão, o que convida a revisar o meu cepticismo a respeito da origem céltica de *alpend(r)e*”.

Visto *alboio*, *albó*, cuido *alpendre* ser fruto do latim de origem gaulesa *arepennis*, medida de superfície. A questão é semântica, mas a evolução fónica é simples. O românico **arpenne* fez-se *arpende*, *arpiende*, *alpende* “medida de superfície” (Fuero Juzgo) e francês *arpent* “id.”. *Arepenne* é analisável: “diante dos confins”, com ARE e o adjetivo em I de PENNOS “cabeça, fim, confim”, logo “capital ou do limite”. De momento a imaginação é livre. Se *AREBOUNON foi “diante da fachada”, talvez AREPENNIS fosse “(terra) diante da casa até a vedação; eido, quintal”.

AMENAR

“produzir muito fruto” e “parir muitos fillos”

Isaac A. Estraviz publicou em 2014 um grosso volume com o léxico do seu torrão: *Os falares dos concelhos de Trasmiras e Qualedro*, que regista exaustivamente quanta palavra topou nesse espaço do galego tradicional, da comarca da Lima, no sul de Ourense. Nessa obra dei com o verbo do título, documentado apenas no leste de Trasmiras. Vou citar textualmente, mas desenvolvendo as abreviaturas dos lugares:

Amenar, v. Tr. (1) Produzir muito fruto uma terra: “*ist’ano amenou moito a leira*” (no Castelo, lugar da freguesia de Vila de Rei, e nesta própria freguesia de Vila de Rei). (2) Parir muitos fillos uma fêmea (em Seixas, outro lugar de Vila de Rei).

Soa próximo do adjetivo *ameno*, palavra erudita muito usada do origem latina (*amoenus*) que entrou na Renascença. Mas o seu sentido não se presta a nenhum cruzamento. O verbo é nitidamente do velho fundo rural, e carece dos harmónicos poéticos do adjetivo renascentista. A meu ver aqui há outro derivado do antigo célt. *MENNO- “pequeno”, visto em *meninho*, e que mais exatamente teria o valor de “cria”. *Amenar* logo é sinónimo de *procriar*. A data da formação fica obscura. O A- protético pode ser céltico ou latino; latina e céltica era a preposição AD. Aliás, a primeira conjugação, hoje a única produtiva, também não dá pistas. Limito-me logo a reconstruir o étimo imediato da palavra popular isolada: *AMMENNĀ-, que se pode situar antes da queda dos L, N e D intervocálicos e da simplificação das geminadas, isto é, nos três últimos séculos do primeiro milénio da nossa era.

⁴ Eis topónimos como *Tamugem*, *Tavorda*, *Tavares*, *Taveirós*, estudados no livro d’*As Tribos Calaicas*, aos que se podem acrescentar muitos outros na península: *Tamames*, *Tamayo*, *Tavera* e tantos outros.

Contudo, pelo contexto do céltico final, pendo a crer que é um céltico anterior, *ADMENNĀ- “procriar; parir”. E creio-o pelo documentado valor intensivo que a preposição tinha no céltico, cf. antropónimo *Admata*, que sempre foi traduzido “muito boa”. A luz desta palavra – resgatada quando parecia condenada a desaparecer sem deixar rasto – alumia um canto obscuro, o de *meninho/menino* firmando e salvando a sua memória.

ANCARES

Os montanhese da Serra dos Ancares, da estirpe dos *GÉGORROI BÉRGEDĪ “esquentados da Montanha (Berzo-*Bérgedon)”, subsistiram livres do poder imperial, como aldeia de Asterix nunca submissa, segundo se deduz de Floro (II 33, 49) e Orósio (IV 212, 4). Foi realmente assim? Isso se deduz do nome *Ancares*. O que significa? Plural não é; não há tema *ancar-*, latino ou céltico. Será o híbrido **Ancarīs*, caso ablativo-locativo⁵ latino do plural sobre um célt. *ANKARO-, fácil de traduzir: prefixo negativo AN- (indo-europeu **h₂-*, lat. *in-*, germ. *un-*, gr. *α-*), adj. KARO- “amante”, raiz **kā-* “desejar, gostar; amar” (Pokorny 515).

À margem de incertezas, consta o elemento antroponímico céltico *Caro-*, *-carus*, de valor ativo (em vez do passivo do lat. *cārus*), cf. germ. **χōrō-* (gót. *hors*, ingl. *whore*, alem. *hure*), letão *kārs*. Sem dificuldades, fora a filiação indo-europeia⁶. Logo *ANKARO- é “que não ama”. Mas, que quer dizer que não amam? É que não eram humanos? Isolados, eram “os que não amam, recusam, [a lei romana comum]”, o que é coerente com o dito por Floro e Orósio. Andado o tempo, e a causa já esquecida, o isolamento passaria para ténue discriminação social, quase subliminal, ao herdar a gente dos vales a identidade romana. A gente do chão afastava-se dos montanhese, como mostra Rosalia⁷. Ficaram aí até hoje, fracos mas dignos, guardando usos, arquitetura, não a língua. A camada céltica quase na tona sai no sobrenome *Deiros*, só da zona, do célt. *DĀRIOS (cf. gaél. *Dáire*), teónimo que na Irlanda medieval virou em avoengo tribal. Daí os *Δαρῖνοι* de Ptolomeu (no sul de *Antrim-Aon Traim* e norte de *An Dún-Down*) e outros étnicos, como *Dáirine* (< *DĀRIONION)⁸.

ANDRADE

Não sei se se estudou antes de eu ter-lhe comunicado a etimologia à Sr.^a Julieta Drummond de Andrade, filha do grande poeta carioca, quando diretora do Centro de Estudos Brasileiros de Buenos Aires. É nome de duas aldeias nos concelhos de Santiago de Compostela e Santo Amaro (Ourense) e de uma freguesia, solar da linhagem galega no concelho de Ponte d’Eume (Corunha). A genealogia fala de *Androge*, companha de Desidério, último rei longobardo, ao vir combater os mouros no séc. VIII, mas isso não resiste à análise linguística, não sei se a histórica. Rumo certo e fruto dá a gramática histórica: célt. *ANDE-RĀTI- “grã muralha, baluarte, fortaleza”. Prefixo é *NDE-⁹ ou *ANDE-¹⁰, intensivo: *anderoudos* “bem vermelho” (Holder, I 145), *andecavi* “bem fortes” (Holder, III 612), etc. (*andecamulos*, *andecombogius*, *andetrogirix*). Tovar uniu *NDE-BELTS, cifra de *Indibilis*, *Indebelis*, *Ανδοβάλης*, letra ibérica A-DA-BE-L-S, nome do adail ilérgete, híbrido celto-basco com valor de “mui negro”. Coromines aduz *Andévalo* (< *ANDÉWĀLON “la gran muralla”)¹¹.

⁵ Caso frequente na latinidade medieval, sobretudo na toponímia.

⁶ O céltico regista o tema *kar-* “amar”, denominativo, de *Ā* breve na raiz, às avessas do *Ā* longo da maioria indo-europeia (só tocário-A tem também *Ā* breve: *krant*, par do célt. **karant-* “amado, desejado”). Para Calvert Watkins viria da linguagem infantil.

⁷ Em *Roxinha qual sol dourado* de Cantares Galegos, poema inspirado nos versos populares *Enque che som da montanha, enque che som montanhesa, / enque che som, não me pesa*.

⁸ T. F. O’Rahilly, *Early Irish History and Mythology*, Dublin, 1976, p. 7. Esse “antepassado” *DĀRIOS “arreitado” era epíteto do deus *Ēsus-Ogmios*, homólogo do *Agnis*, *Hefestos* e outros soberanos “enérgicos”, dionisiaco-varunianos, cf. G. Dumézil. A raiz ie. **dh₂-* envolvia a noção da atividade genesiaca masculina, cf. gaél. *dáir* “*inire vaccam*”, gr. *θρόσκω* “saltar, precipitar-se sobre”, gr. *θροός* “sémen”, scr. *dhāra* “corrente; semente”.

⁹ H. Pedersen, *Vergleichende Grammatik der Keltischen Sprachen*, 2 v., Göttingen, 1909, 1913.

¹⁰ Rudolf Thurneysen, *Handbuch des Altirischen*, I 473.

¹¹ Joan Coromines, *Topica Hesperica*, Gredos, Madrid, 1972, I, 77 e II, 227.

A outra parte (RĀTIS, g. *RĀTOIS) está no gaulês *ratin* ac., no velho nome de Estrasburgo, *Argentorāte-Argentorātum* (e no atual *Argentré*) e no étimo de Carpentras, *CARBANTORĀTE-. Hoje vive no gael. *ráth* “fortress, rampart”, e daí o ingl. *rath*.

Tanto um pancéltico ANDE quanto um ANDE só britónico (de *NDE-; é incerto o goidélico antigo daí ter dado *ENDE) junto de *RĀTIS, g. RĀTOIS, brindam a base *ANDERĀTI-, que, com a síncope do E pretónico e a sonorização do -T-, leva irresistivelmente para *Andrade*. Velhos castros continuaram habitados trás a romanização, como nos casos dos topónimos em *-óbre*.

ARAÚJO

Mais conhecido como sobrenome, na origem é topónimo. Vê-se duas vezes na Baixa Lima e em Alhariz, em Ourense. Há uma freguesia e três lugares no concelho de Lóvios, na beira destra do rio *Cavaleiro*. Este põe-nos na pista; como veremos, vem roborar uma velha raia intertribal, a dos *equésios* com os *coilérenos*, uma matéria proto-histórica fascinante que não é propriamente daqui.

Araújo tem de vir do protótipo *ĀRADŪSIO-, que parece adjetivo neutro substantivado, interpretável no céltico antigo. Significará “lugar da passagem”, cf. gaél. *árad* m. “passagem; acesso; escada; andas, padiola”, o qual recua ao céltico *ĀRADOS “passagem”. Ao tema *ĀRADO- acrescenta a desinência -ISIO- de adjetivos, que em união da vogal temática produziria o Ū longo, com detalhes dialetais a debate.

Raiz de *ĀRADOS é *per- “conduzir, levar” (Pokorny 810-816; vars. *pr-, *por-, *pōr-), do germ. *ferþuz > fjord (*per-), gr. πόρος “viagem, passagem” (*por-) e latinos *portus*, *porta* e *portō* (*pr-). Se *ĀRADOS (< ie. *pōr-adho-s) era “passagem, acesso”, *ĀRADŪSION decerto seria “o (vau?) da passagem”.

As raias tribais não são o intuito presente, mas para ver a congruência desta etimologia quadra dizer que os *Araújo* estão no território dos *equésios*, cujo nome céltico quer dizer “cavaleiros”. E estão na beira direita do rio *Cavaleiro*. Logo *Cavaleiro* traduz *equésio*-*EKWĒSIOS, em tempo românico ainda bilíngue. Os que traduziram teriam de ser os da outra beira, os *coilérenos*-*KOILÉRĒNOI.

ARGALHO, ARGALHAR

Hoje são palavras apenas galegas, dantes seriam de todo o domínio. O dicionário de Estravis define-nos: “*argalhar*, v. tr. 1) Inventar mentiras. Mentir. 2) Armar ou promover emburlosos. 3) Discorrer inventando, ou contos ou histórias. 4) Conceber um plano com finalidade prática”. E “*argalho*, s. m. 1) Enredo, embuste. 2) Nisco (parte mínima de uma cousa)”.

O P. Sarmiento já dera com a etimologia no século XVIII. Torno ao caso porque dista de ser conhecida, e a dispersão de aceções nos léxicos revela o olvido dessa origem. *Argalho* é primeiro, e *argalhar* é verbo denominativo. Aquele supõe o vulg. **argalium*, vindo do grego medieval ἀργαλεῖον (clássico ἐργαλεῖον) “ferramenta; instrumento” vindo de ἔργον “obra”.

O processo semântico será portanto igual ao de *maquinar*, denominativo de *máquina*, e próximo dos de *urdir* e *tramar*. Todos significaram “obrar” e ao cabo adquiriram conotações negativas. *Máquina* é uma ferramenta mais ou menos complexa, e o verbo *maquinar* foi “obrar”. *Urdir* e *tramar* foram especializações de “tecer”, já um obrar especial.

AROÚÇA

Escrevem-no *Arousa* por estar na terra galega de *sesseio*¹² mantido. Num texto do ano 912 lê-se *Arauz*, com Z que tenta refletir o som sibilante africadado surdo. Antes cri num *ARAUSĀ (ou *ARAUSIĀ, que decerto teria dado **Arouja*), mas M. Santalha notou-me que nos textos velhos usavam sempre o Z para figurar sibilantes africadas, como no italiano. Ele supunha um *ARAUTIA. Daí se deduz que cumpre escrever *Arouça*. É certo no essencial, só matizo o étimo ser antes *ARAUTSIA, fruto regular de *ARAUSTIĀ. É que, com poucas exceções, o céltico sofrera a metátese -ST- > -TS-. Com *ARAUTSIA temos a explicação completa.

¹² Simplificação, sem interdentalizar, das antigas sibilantes africadas, em territórios sujeitos ao influxo das isoglossas castelhanas.

Arouça evoca *Arausiō* (célt. *ARAUSIŪ, -SIONOS), velho nome de Orange, que Thurneysen explicou pelo ant. irlandês *ara* m. “fontes da cabeça”. Os gaélicos viam aí um composto: “*ara .i. ar áui...*” (“*ara, id est, ante a orelha*”). O irl. *au*, g. *ae* n. “fontes (da cabeça)”, é de *AUSOS, g. AUSESOS, tema em *-es-*. A glosa citada dantes soaria: *ARAUSOS, *id est, ARE AUSOS* (< **pári-ausos*). São parentes indo-europeus os gr. *παρειά*, lésbico *παρᾶνα*, “face, meixela” (< **pári-ausa*).

*ARAUSTIĀ inclui a preposição ARE “ante, diante de”, o tema puro AUS- “orelha” e a desinência feminina de participio -TIĀ. A desinência de participio supõe *ARAUS- ter virado em tema verbal, Logo implica que *ARAUSTIĀ era “a orelhada” ou “a que está sita ante a orelha”. “Orelha” é metáfora topográfica da península da *Barbança*. Repare-se em que *Arouça* é dado só a ria, à ilha, a *Vila-Nova de Arouça* e a *Vila-Garcia de Arouça*, todas quatro a leste da Barbança. Nem Cambados, ao sul, nem o resto da beira-mar do Salnês levam o apelido. ARE valia “ante”, mas também (e primeiro) fora “a leste de”, “para ao sol nas-cente”. *Arouça* era sim “ante a orelha, ante a Barbança”, mas também, mais precisamente, “a leste da península da Barbança”.

ARRE!

A interjeição é uma categoria hoje banida da linguística. Da geral sim, mas não da histórica. Coromines cria esta ser de origem expressiva, e decerto assim se sente. Ora bem, a nédia limpeza da área do tipo, quase sem interpenetração com os tipos vizinhos e a transparência etimológica dalguns¹³, dá a pensar se não haverá uma raiz esquecida, causa eficiente da limpa área de (*h*)*arre*, (*h*)*árri* Coromines mostra a interjeição ser ouvida por todo o Mediterrâneo ocidental: Hispânia, sul da França, Itália e o Magrebe. Fora este (herdeiro do árabe hispânico), a área vem ser o sul do mundo céltico. Hoje ao norte da área – centro na geografia linguística – não existe, mas a falta dever-se-á à inovação própria das áreas cênticas. Os rastros serão as palavras gálicas que Coromines cita no DCECeH (*arre*, nota 4): antigos *ha(r)rier* “achamer (terme de chasse)” e *harer, arer, haler*, e atual *harasser* “acossar”, de suposta origem interjetiva.

Arre! vem da preposição e prefixo céltico ARE “ante, diante de; a leste de”, de **pári*. Fácil ver a função adverbial, só ou com imperativo: “*adiante!, vai adiante!*” Mesmo noutras hipóteses há um obrigado influxo paretimológico do ARE real. Donde vem a aspiração inicial onde a fonologia a admite? E a multiplicação do som vibrante? A tensão expiratória alongou o A- e fez cair a vogal final (já neutra pelo tom: ie. **pári* > célt. ARE). A queda do E final é comum. ARE passou a *ār!*, que depois tomou *-e* secundário, mas não antes de o som vibrante, neutralizado no cabo de sílaba, vir ser representado pelo termo múltiplo. Sem entrar na fonologia diacrónica céltica, é razoável supor que, mesmo se o representante do arquifonema não fosse o múltiplo, a só função interjetiva pede reforço. A aspiração inicial noutras línguas é condicionada foneticamente pelo esforço expiratório. O atraso das cordas pelo impulso articulatorio explica o H-, aliás de tantas interjeições homólogas (*hü, hup, haide*) e também no *arr(e)* de línguas que não têm o fonema H no sistema fonológico.

A etimologia alumia a história da língua e abre caminho para ver a origem da interjeição *irra!*, frequente em Portugal e no Brasil, a meu ver sequela desta.

ARREAR E O CÉLTICO NO IMPÉRIO

Costuma repetir-se a etimologia de Gamillscheg: vulg. *ARREDARE, do gótico **rēps* “conselho; provisão”, que provavelmente existiu, segundo as outras línguas germânicas, da raiz ie. **rē-* “dotar”¹⁴. Contudo, apesar dos esforços, não dá clara a evolução do significado. À simples vista vê-se uma semântica complexa, que multiplica as entradas nos dicionários. Coromines sustém – atinadamente a meu ver – a unidade original das aceções de *arrear* e as de *arriar* (só diferentes na escrita).

Semântica

É família pan-românica (fora o romeno). Agrupemos os dados dos romances hispânicos:

a) A cifra é “pôr arreios, aparelhar”; e daí veio “enfeitar, adornar, ataviar”. De “enfeitar-se” vem “jactar-se”. Os textos medievais falam-nos sempre de cavalgaduras; os *arreios* som de cavalos, asnos e carruagens.

¹³ V. g. ingl. *gee!*, afim a *to go*, germ. **gai-*, **gá-*, ie. **ghē*.

¹⁴ *Romania Germanica* I, Berlin, 1934, p. 364.

b) Sói unir-se *arriar* a *arrear*. Para Meyer-Lübke aquele veio do catalão. Hoje é “abaixar (velas, bandeiras, cabos); fazer descer”. Coromines nota nos primeiros textos também ser “erguer vela por uma banda”. Logo foi antes “preparar (chegada ou partida)”.

c) *Arrear* “incitar cavalgadas” não se vê em português. Das falas e do galego; daí *arrieiro* (XVII *arreeiro*). É “golpear, bourar (a fio, *arreo*)”, galego e castelhano. *Arreo* “a fio” (*a reio* é má grafia), dura e é deverbais do *arrear*, depois adverbializado. Alguns tiram *arrear* de *arre!*, que não é o ponto de partida (V. *arre!* aqui).

d) Coromines prova (sem tirar consequências) *adrede* vir do gót. **at rēd* (acusativo) ou **at rēda* (dativo) “por conselho; deliberadamente” (DCECeH, *adrede*). Como é que **at rēd(a)* poderia latinizar-se duplamente e a par no mesmo idioma? Por que tanto *adrede* quanto *arreo* “a fio” são autóctones. Tentemos ordená-lo.

Reconstrução do étimo

Arrear (*arriar*), os pares castelhano e catalão, o prov. *arrezar*, o fr. ant. *areer* e o it. *arredare* acusam o vulg. **ARREDARE*, ao que não ponho quantidades. Cf. fr. *arroi* (deverbais do ant. *areer*), virá de **ARRĒDĀRE*, que não é latim velho. Nos inícios da linguística diacrónica era fácil os autores apelarem ao germânico, por hipotético que fosse. Mas já não é possível, apesar do cómodo atual. O étimo **ARRĒDĀRE* “aparelhar, arranjar (partida; secundariamente, chegada), sobretudo com cavalgadas” é certo. Temos longe do nó semântico do alem. *rat*, abstrato demais. Associação livre leva a qualquer parte, mas há-se provar a via percorrida.

Novo rumo

E. A. Roberts¹⁵ reduz o cast. *arrear* ao germânico **raidjan*, raiz ie. **reidh-* “montar” (“viajar em carro” > “cavalgar”), céltica, germânica e báltica. Não sei quem inovou a semântica, a meu ver com tino. Mas do ie. **reidh-* e **roidh-*, o germânico tem os frutos **rīd-* e **raid-*, que não dão **ARRĒDĀRE* por mais malabares que se façam. No império o germ. **raidjan* daria **raediare*, talvez **raedare*, nunca **rēdare*, de som diverso.

A tese gótica põe o empréstimo entre soldados do Império para explicar a difusão e amplidão semântica. Em tal teatro ilumina melhor o surgir da palavra (nem latina antiga nem romena) a mais extensa das línguas faladas no Império de Ocidente, que era o céltico.

O irlandês antigo *riad* “facto de ir em carro ou a cavalo” (logo “viagem, curso, carreira”) foi antes **RĒDĀ* (< **reidh-*). O par gaulês passara ao latim *rēda* “espécie de carruagem”. Tem a palavra a vila de *Eporedia*, hoje *Ivrea*, no NO da Itália (“a das carreiras de cavalos”) e no antropónimo *Eporedorix* “rei das carreiras de cavalos”. *Riad* é substantivo e nome verbal. O verbo é *réidid* “vai em carro, viaja” (**RĒDETI*).

O verbo céltico fazia muitos derivados por prefixação. Embora no gaélico antigo só se veja um com *imb-* (< *AMBÍ-* “arredor”), é difícil *ARE*, a preposição mais geral, não matizar o tema. É obrigado imaginar o **ARE-RĒDĀ-*, lit. “pré-cursar” ou “preparar viagem com cavalarias”, passado foneticamente a **ARREDA-*, cf. *Aremorica* a *Armorica* de César, em céltico e românico. Continuamos em terreno hipotético, sem prova final, mas há maior verossimilhança e clareza assim que se repassem os dados românicos, sobretudo medievais, onde a relação com os cavalos domina:

- 1) O verbo céltico **ARE-RĒDĀ-* significaria “preparar viagem com cavalos”.
- 2) Passaria foneticamente a **ARREDA-*, de RR geminado, depois múltiplo.
- 3) Esparsa no ocidente bilíngue, passou ao vulg. como **ARREDARE* no tempo imperial, sem distinção de longas e breves, sim de abertas e fechadas. Pela passagem pelo latim, responde ao sistema românico e não transparece o sistema céltico de longas abertas e breves fechadas.
- 4) “Preparar viagem com cavalos” inclui muitas operações:

a) “Pôr correame e sela” e “jungir ao carro” deu o mero *arrear* “pôr arreios, aparelhar”. Modernamente e a custo pela memória residual da origem, metaforizou-se em “enfeitar(-se)”, e este depois em “jactar-se”, pela presunção do que se apura e açacala.

b) “Dispor-se a partir fustigando cavalo” (cruzado com *ARE!* > *arre!*) foi *arrear* “estimular cavalgada”, que decaiu em português, mas com pegadas certas, como *arrieiro*. Daí também *arrear* “bater a fio”, hoje não

¹⁵ *Dicc. Etim. Indoeuropeo de la Lengua Castellana*, Alianza, Madrid, 1996.

português, mas vivo em galego e no adv. *arreio* “a fio”, deverbal no que haverá outros contributos¹⁶. *Arrear* não é de *arre*, bem que inclua o comum ARE; conver-giram mercê dos sons afins e a vizinhança semântica.

c) Aplicado por metáfora às viagens náuticas, foi dantes “dispor a partida”. A técnica do velame visava juntamente esse momento e o da chegada. Afinal no uso prevaleceria o momento final da viagem, que talvez concita mais ansiedade no navegante: hoje é só “abaixar velas, bandeiras, etc.” Tal será a origem de *arriar*, qualquer que seja o lugar em que primeiro se desenvolveu.

ARREDOR DO VOCABULÁRIO DO CALÇADO

(*tamancos, samancas, chancos, chancas, socas, socos, sapatos, sapatas, sapatões, pata, abarcas* e *sub-* > *cha-*, *sa-*)

1) TAMANCOS, -AS e SAMANCAS, -OS

Pasma a flutuação inicial, pois sem dúvida na origem é uma palavra só, a nomear o calçado rústico de coiro com base de pau, bem que às vezes as formas femininas hoje sejam *socas* todas de madeira. Como é frequente nas palavras do torrão, as documentações primeiras são tardias, em Sarmiento e Morais. Coromines cria-as de origem pré-romana e vira rastros alterados nas falas moçárabes medievais. As terras do uso atual roboram o cariz arcaico: as Galizas dos dous lados do Minho, os Açores, a Serra da Estrela.

Em Portugal dominam *tamanco* e *tamanca*, que pouco distinguem. Nas terras arcaicas parecem sinónimos. Como ainda no norte, o feminino era dantes aumentativo. Nos falares galegos amiúdam *samanco* e *samanca*, sobretudo no sul; a grafia S- (dantes Ç-) cobre a pronúncia interdental Þ, gerada pelo anterior fonema africado (Ĉ ou TS), por difusão de uma isoglossa castelhana. Ainda há os transmontanos *chamanco* e *chamanca*. Se entendi, Coromines cria as formas de inicial africada (ou interdental) virem de se cruzar com sinónimos desse tipo: *chancos, çapata...* Cruzamentos são possíveis, mas é incoerente supor dous ou três na mesma palavra. A africada tem a chave etimológica, por um rumo mais complexo do suposto.

A flutuação inicial: Vem da metátese céltica ST > TS. Este TS fez-se fonema em gaulês, grafado com a letra local Ð. A grafia latina, sem letras *ad hoc*, ocultou as realizações. Intervocálicas, grafavam-se -SS-: *vassallus*, gaulês *WATSALLOS ou *WAPSALLOS (protocélt. *WO-STALLOS < *upo-stallo-). Na península as vozes românicas de origem céltica apontam para étimos nos que TS passara a Þ. Só daí pode vir o românico T no castelhano *mayueta* “morango”, do célt. *MAIOÞA “a (baga) de maio” (híbrido latino-céltico) ou “a (baga) maior que (outras)”, do anterior *MAIOSTĀ, que sai de cotejar paralelos bascos, provençais, franco-provençais e cisalpinos. O *Betanços* galego foi *WEÞANTIO- “*substantium*, que está (mais) abaixo”, de um *WOTSANTION, de *WOSTANTION, indo-europeu *upo-stantion¹⁷. Inicial: Hubschmied uniu *toco* e cast. *tocón* ao fr. *souche*, do célt. *TSUKKĀ, irmão do germ. *stokk*, o que Coromines viu aceitável e que roborava o pendor hispano à solução TS > Þ > românico T: *TSUKKO- > *ÞUKKO- > proto-românico *tocco- > *toco*.

Nas neocélticas, TS- em geral dá S- e às vezes T-, sem se ver as regras da distribuição. S- vem da perda da oclusão de TS-. T- supõe TS- ter passado a Þ-, mudança fonética, não fonológica, que algures muito durou. Momento e detalhes de Þ > T são incertos. *Mayueta* e *Betanços* insinuam ser ao entrar ao românico, mas os gaélicos *tá* “é, está” e *tamon* “tronco de árvore”¹⁸ apoiam a mudança esporádica dentro do céltico.

*ÞAMANKO- < *TSAMANKO- < *STAMANKO-: *Tamanco-tamanca* vem de *ÞAMANKO-. *Samanco-samanca* (< *çamanco-çamanca*), de *TSAMANKO-. Palatalizado este, deu *chamanco-chamanca*. Cumpre partir de *TSAMANKO-. Coromines cria -ANKO- ser pré-romano, o que isola *TSAM- e faz deduzirmos o protocélt. *STAM-ANKO-, que evoca os ecos célticos de *stā-/*stā- “estar em pé”, com grau breve e acrés-cimo -M- nas neocélticas¹⁹. Vejamos em Vendryes:

¹⁶ Convergiria um *AD-RĒDĀ “muito correr” ou “muito emitir (golpes)”.

¹⁷ *Betanços* está abaixo, perto do mar, no caminho que desde Meijão do Vento vai por Avegondo a Mavegondo, passa ao oeste de Culhergondo e acaba em Betanços.

¹⁸ *Tá* de *ÞĀTI de *stāti, e *tamon* de *ÞAMONOS < *stamonos.

¹⁹ Ecos doutro grau, sem acrés-cimo, também têm ST > TS. Eis os gaélicos: a) *tá* “é, está”, forma tónica do verbo de existência, só 3ª sg. pres. de ind., tão próxima da raiz nos romanços hespéricos. A história seria: indo-europeu *stāti > protocélt. *STĀTI > célt.

a) No britónico há galês *saf* [*sav*], verbal e nominal, “estar em pé” e “força de resistência”, bretão *sav*, cónnico *sef* “erguer-se” e adv. “em pé”, todos os quais vêm do tema protocéltico *STĀM-.

b) O gaélico ampliou o sentido verbal como o românico no tema simples e em derivados. Daí *samaig* “pôr, fixar, estabelecer” com Ā e M, do denomina-tivo protocéltico *STĀMO-SAGI- “procurar (*SAGI-) estar, pôr, em pé”. E o visto *tamon* (*PAMONOS < *stamonos).

Além do céltico, *stam- > *stam- está nos gregos στάμνος “cântaro”, dativo plural σταμίνεσσι “montantes, esteios, do castelo dum navio”, e o ant. alto alem. *stam* “talo, caule”. Têm grau longo e acréscimo M o scr. *sthāman* “posição; força”, o grego στήμων “cadeia de tecedor” e o latim *stāmen* “id.”. Logo no protocéltico comum havia o tema verbal *STAM- que em geral passou para *TSAM-, que pudera grafar-se *ĈAM-, pois que o som africado era fonema, de realização fonética vária. Não se ver ecos neocélticos de *TSAMANKO- nada diz da sua realidade, cf. as leis da degradação léxica que estuda a glotocronologia. Que podia significar? Pelo visto é fácil imaginar o sentido “aquilo de estar em pé, não deitado”, “o que serve para estar em pé e caminhar”, o que é semanti-camente congruente.

2) CHANCAS

Chanca é “perna alta e magra” e “calçado grande tosco”. Em plural e na segunda aceção o valor flutua. Em Portugal domina “tamancos, calçado de base de pau”; na Galiza são mormente as socas todas de madeira. Parente é *sanco*, só “perna alta e magra; canela das aves”. *Sanca* é transmontano e antigo.

Ainda ecoa a etimologia *planca* de Cornu, Nunes e Leite, mas há tempo que se viu não convir aos outros romances com homólogos com CH- ou X-. Coromines (e Muratori, G. Meyer, Meyer-Lübke e Pisani) cria que vinha do irânico *zanga-* “perna, nomeadamente entre joelho e pé”. Ora, os ecos greco-latinos que eles supõem vir daí são sempre algum tipo de calçado. É possível a metonímia de “calçado” por “perna”, mas pasma a univocidade da mudança. Aliás, também pasma as formas iranianas terem sempre consoantes sonoras e os supostos ecos românicos somente surdas. Não há jogos malabares que pos-sam ocultar a limpeza desses factos.

Os dous factos levam para a ideia de cruzamento. Que pôde dar-se entre o irânico *zanga-* (o sentido “perna” é certo) e os célticos *TSANKO- “calça-do”, *TSANKĀ “calçado grande”, vizinhos de *TSAMANKO-. “Os calçados altos foram importação oriental e irânica na Antiguidade clássica” diz Coromines; isso quase obrigava o surgir da metonímia “perna” > “calçado”. Ante a nova palavra, no oeste europeu de língua céltica houve assimilação paretimológica a ensurdecer as consoantes de *zanga-*, ao serem perante, quer do lat. *stāre*, quer do célt. *stam-*, mais a desinência céltica *-ANKO-.

Haver pares no sul da Itália sugere que *TSANKO- e *TSANKĀ, criados no oeste celto-latino, daí passaram ao baixo-latim geral. O tipo estende-se hoje pela península, Itália e sul da França. Detalhes que escapam neste cenário pouco documentado, mas *STA-, em vez de *STAM-, parece uma das substituições próprias das línguas em conflito. O flutuar de *chancas* e *sanco-sanca* é o de *chamancos*, *tamancos*, *samancas*. Ao lado de *TSANKO- e *TSANKĀ cabe ver os palatalizados *TŠANKO- e *TŠANKĀ já antigos, mas é incerta a data da mudança. O S de TS era dorsal, não um mero deslize fonético. Uma data românica é mais provável.

3) SOCAS e SOCOS

Antes *çocas* e *çocos*. Calçado rústico próprio do norte hispano e itálico. Na Galiza os *socos* são de pau e coiro, as *socas* só de pau. Sói ver-se aí o evoluir semântico do étimo, lat. *soccus* “calçado ligeiro dos gregos, próprio da comédia”, talvez do gr. σύκχος, de possível origem anatólia. De “calçado ligeiro” passaria a “calçado pobre, elementar”, por associação à comédia. O riso diminui o objeto e a comédia tinge-se do efeito do riso.

A questão é ver donde vem a africana românica apegada ao étimo. Dantes grafava-se *çocas*, *çocos*, *çuecos* e o italiano tem *zoccoli*. Justo as terras onde é unívoco o valor “calçado rústico”. Apesar de a africana surda ser geral, não há razões para crer que no étimo estivesse oculta. Se a ocultação era possível no latim, o grego tinha letras para as africanas.

ant. *TSĀT/ *PĀTI > protogaél. *TĀT > gaél. *tá*. b) O depoente *siss-* “ter-se em pé”, paralelo do latino *sistō* “ponho, coloco”: ie. **sistā-* > protocélt. *SISTĀ- > célt. *SITSĀ-/*SISSĀ- > proto-gaél. *SISSA- > gaél. *siss-*.

J. U. Hubschmied foi primeiro a tirar fr. *souche*, cat. *soca* e o nosso *toco*, todos de madeira, de um gaulês *TSUKKĀ, irmão do germ. *stokk*. *Toco* vem de *ÞUKKO-, e *souche* e *socas*, de *TSUKKĀ, com diversa solução da africada inicial, sem que se veja a razão das diferenças, nem a data e condições da mudança Þ > T, em *socas* não produzida. A diferente evolução procuraria evitar a homofonia com a sequela de confusão. Isso reforça a ideia de as realizações TS e Þ ainda não ser fonológicas, mas pensas a sê-lo, e que se deram os passos finais nesse rumo ao passar ao românico. Parece-me claro que o lat. *soccus* tomou sentido e pronúncia africada pelo cruzamento com este céltico *TSUKKĀ ou *TSUKKO-.

4) SAPATOS, SAPATAS, SAPATÕES

É família esparsa na Hispânia (cat. *sabata*, cast. *zapato*, basco *zapatu*), Gália (prov. *sabata*, fr. *savate* “sapato velho”) e Itália (*ciabatta* “sapato velho”). Coromines viu os textos mais velhos ser hispanos e sempre começaram por africada: *çapatas*, *çapatões-çapatones* e *çapatos*, nessa ordem de frequência. E viu que o grupo de russo dial. *čobot*, polaco *czobot*, ucraniano *čobit* e tártaro de Kazan *čabata* nada têm com o grupo ocidental, e as similitudes serem meras miragens. Também não cria nas etimologias anteriores, pendendo à hipótese onomatopeica. A meu ver a resposta do enigma é simples.

Etimologia de *sapatões* e *sapata*: *Çapato* é regressivo de *çapatões*, cf. a velha frequência. *Çapatões* foi um vulgaríssimo **suppatones*, quer dizer, **sub-pattones*, que suscitava fácil o mais breve **suppatta*. *Çapata* rivalizou com *çapatões-çapatones* e venceu em catalão, provençal, francês e italiano. Três questões põe o étimo: duas graves e a terceira menos abstrusa mas não menos desatendida:

- a) a revirada fortuna do prefixo *sub-* nos romances hispanos,
- b) a obscura etimologia de *pata* e
- c) a precisa semântica do conjunto.

Destino do prefixo *sub-* nos romances hespéricos: Reconheceu-se o lat. *sub-* nos bem obscuros *chafundar* (*suffundare*), *chafurdar* (de **chafurgar*?), *chapodar* (*supputare*) e quiçá em *chapuzar* (se de *chapuçar*). No castelhano fez-se *so-*, *son-*, *sa-*, *za-*, *zan-* e *cha(n)*. Apesar disto, uma suposta interferência da língua árabe nas sibilantes adiou a análise da causa de aqui surgirem tais africadas.

Quadra o dito de *socas*, *chancas* e *samancas*. O lat. *sub-* misturou-se, no oeste do Império, amiúde com o resultado céltico do indo-europeu **stā-/stə-* “estar em pé”, que era *TSA-. Explica a confusão semântica a vizinhança dos pés com a posição ereta e o nível térreo. É ocioso estender-se.

Etimologia de *pata*: O DCECeH já insinua a etimologia a expor, mas – é curioso – não a explicita. Breve, o étimo óbvio, o vulg. **patta*, é fruto na boca de bilíngues do mal ouvido vulg. **platta* “chata”. Será jocosa alusão à planta do pé. O tipo **pauta* “pata, garra” será o mesmo a respeito de *plautus* “pé chato”, reduzido por os falantes célticos reconhecer mal o grupo consonântico. Não creio no vínculo genético entre **patta* e **pauta*, como não há entre **platta* e *plautus*. Mas a vizinhança semântica e fônica à força devia enleá-los.

Hispana e gálica, não é céltica, sim latina vulgar do Império ocidental bilíngue. Onde há pegada céltica é no género de **patta*, adj. substantivado que supõe um nome feminino, talvez o célt. *KOXSĀ “pé, perna”.

***Sub-pattones e *sub-patta:** Deita luz o tipo principal das Gálias, o seu paralelo perfeito. O francês *soulier*, antes *soller*, e o provençal ant. *sotlar*, vêm do lat. vulg. **subtēlāre* (M.-L. 8397), lat. (*calceus*) *subtālāris*. No baixo-lat. S. Isidoro define: *subtelaris* (*calceus*) “calçado para a planta do pé”. Por sua vez *subtelaris* (ou *sotularis*) criam-no do baixo-lat. *subtel* “cavidade na planta do pé”. Isso envolve a noção dum calçado a cobrir a parte inferior do pé, dado vago que nada diz do feitio. *Tālāris* é o adjetivo de *tālus*, *tālī* “astrágalo”, depois “tornozelo” e “calcanhar”. Era logo metonímia do pé, o que ao cabo quer dizer *pata*. Entre *patta* e *tālus* só difere o tom rude daquele, que reflete no cariz pejorativo dos ecos de **sub-patta* no francês.

Sub-pattones*-suppattones*, como *subtelares* (*calceī*), era “os de embaixo do pé”. Mas **suppattones* e **suttelares* não seguiram paralelos. Por quê? O **sottelares* ouvido soava latino e o *so-* logo ficou. Às avessas, o lat. *patta*, vulgarismo provincial, creu-se parte da língua de substrato, e a paretimologia estendeu-se ao prefixo, que se viu do *TSA- local. Criam *patta* ser palavra céltica? Notá-lo-ia os derivados terem passado ao céltico insular. No séc. X, Cormac traz o gaél. *patu* “lebre”, que supõe o britónico *PATTŪ, PATTONOS, “de grandes patas”. Mesmo radical há no galês *pathew* “leirão”. As duas espécies têm longas patas traseiras.

**Suppattones*, isto é, **sub-pattones* “os de embaixo do pé”, e o derivado **suppatta*, no instante de cunhar-se no latim vulg. soavam **soppattones* e **soppatta*. No longo tempo da mudança linguística, teve a fortuna de fazer-se geral, mesmo entre não latinos. Deu-se logo a substituição paretimológica do prefixo *sub-* pelo tema da fala local que aí se cria ver, o tema *TSA-. Nestas terras pronto a lenição céltica passou ao baixo-latim e ao românico incipiente, e surgiram logo **çapatones* e **çapata*.

5) ABARCAS

É de todas as línguas hespéricas e mais que milenar. Para Coromines era pré-romana de origem desconhecida. Talvez uma nova análise ajude a dissipar as trevas. Ele negava a tese de Schuchardt e Sainéan de vir de *barca*, por ser antigo o A- protético e pelo feitio antigo do calçado. Aceitou os nomes dos calçados às vezes virem dos de embarcações e mesmo pôs casos novos, mas arguiu ser de calçados grandes, amplos, o que não são as abarcas atuais, e que a velhice do A-, clara no -V- do *avarcas* medieval, descartava tal étimo.

Certo que a palavra surge com A- no cabo do séc. X, mas, em palavra pré-romana, que é o que sabemos dela no primeiro milénio, o do bilinguismo? O argumento só prova o étimo ser *ABARKA nos primeiros documentos. Nada sabemos de cruzamentos possíveis nos longos mil anos prévios. Do feitio pré-histórico do calçado nada se sabe, salvo por conjectura e comparação.

Incertezas velhas, certezas novas e a etimologia de *barca*: *ABARKA não é *barca*, mas desta também não há etimologia certa. A usual tira *barca* de um lat. **bārica*, do greco-egípcio βᾶρις, que pelo ano 200 passaria a *barca*, cf. um epígrafe do Algarve de então; na gíria náutica teria viajado à outra ponta do Mediterrâneo. Na península aparecem os primeiros casos, já com síncope da vogal postónica. A meu ver é etimologia incerta e inverossímil, e cumpre não ter medo das altas autoridades que a sustentaram.

Quadra buscar na língua que hoje sabemos foi geral na península antes do latim, como materna ou franca, a céltica antiga. As neocélticas têm ecos da raiz **bhares-/bhores-* “ponta” (Pokorny 109), vindos do céltico ant. BARRO- “alto”, que ecoa em regra **bharso-*. Muitos querem reduzir BARROS ao substantivo “cume, ponta”, mas são muitos os exemplos dele como adjetivo.

Calaico era *cibarci* “os deste lado da beira” e o topónimo galego *Barcala*, de *BARKALLĀ “(terra) ribeirinha”, que contém *BARKO- “ribeirinho”, de um anterior **bharsko-*. E *barca* talvez fora o feminino deste substantivado, *(NĀWĀ) BARKĀ “(nave) ribeirinha”. Estas considerações apenas vêm ao caso para mostrar como nesta matéria se costuma conjecturar demais.

Cruzamentos possíveis, recursos epistemológicos: No tão obscuro primeiro milénio houve muitos factos, hoje invisíveis, dos que ao certo não cabe afirmar nem negar nada. Se possíveis e verossímeis, as conjecturas farão convicção se factos posteriores derem coerentes com o tenteado nas trevas. É certo muitos nomes de calçado virem dos de embarcações, e *abarca* parece-se muito com *barca*. No diglósico céltico imperial haver inúmeros cruzamentos. Eis o vulg. **abbraccare* que deu *abarcar*, presente na semântica de *abarcas* históricas. Antes é provável cruzar-se com *ABĀ “água”, o que acorda com pré-históricas abarcas de pau, boas na lama. Coromines negava-as, baseado no testemunho do século XII e nos usos maioritários atuais, em geral de coiro. Mas há testemunhos que não oculta: em Astúrias e Santander chamam de *abarcas* as socas de madeira. E na Galiza, ao menos em Mondonhedo. E noutras zonas galegas designa o calçado de coiro e pau.

ÁSCUA, É CASTELHANISMO?

(*brasa, áscuara, ascueira, ascuar*)

A nossa falta de textos medievais de *áscua* (o primeiro no séc. XVII) ante os castelhanos (do séc. XII) levou a julgá-la empréstimo. Coromines, entre o DCELC e os acréscimos do DCECeH, não teve a fortuna de ver os dados galegos que lhe teriam mudado opinião. Não aduzo novos; os atuais chegam para ver uma história diversa da corrente. Do inverossímil étimo basco já falou ele. Ora, diferir para a língua ibérica, da que pouco se sabe, é substituir uma incerteza por outra. A ser iberismo, seria aragonês e catalão, e não há rasto. Quadra estudá-lo nas falas locais e farejar derivados. Em castelhano a popularidade de *áscua* é algo moderna, e cresce sobre *brasa*, nota Coromines. Pode supor-se um uso anterior restrito, menor à medida que se recua no tempo.

Ao invés, em português *brasa* vence, e *ásqua* parece acantoadado. Buscando o espaço dos derivados, eis o reino de Leão dos sécs. IX e X, a Galiza *lato sensu*, a Galécia. Coromines cita o ast. *áscuara* “ásqua” de Vigón. No galego, Eládio R. González nota *ascueira* (*ascoeira*) “soleira da porta do forno”, e no apêndice regista *ascuar* (*ascoar*) “queimar, tostar”: “*este pão está ascuado* (Lugo)”. Há novidades: *ascueira*, da funda cultura lareira; o verbo *ascuar*, algo divergente do valor atual de *ásqua*, o que nota antiguidade. A velhice do verbo da Galiza do leste (= Galécia central) robora-a o ast. *áscuara*. Será proparóxitono velho; viu-se os nomes de sufixo átono -RO-, pré-romano, serem deverbais a tomar a 3ª sg. do pr. de indicativo. A derivação já não é produtiva, mas há muitos casos que notam grande vigor no tempo românico. *Áscuara* é “a que queima”. Em suma, os dados levam ao Noroeste o foco, afastam as teses basca e ibérica e repõem a germânica.

Inverossímil o étimo germânico? Sim se a deriva de *ásqua* se tivesse dado em castelhano, não em galego-português. Vejamo-lo no dicionário Kluge: o gót. *azgō* f. “cinza quente”, do indo-europeu **as-ghōn-*, não se ajusta, sobretudo se palavra firme no NO hispânico, onde entraram germanos ocidentais, suevos e vândalos hasdingos. Estes, como todos os germanos não godos, tinham formas homólogas vindas de **as-gōn-*; quer dizer, que germânico ocidental e nórdico acusam um protótipo **askōn-* f., vivo a inícios do séc. V, ao entrar na Galécia. A remissão usual aos primeiros textos germânicos, do séc. VIII, ofuscara os não-germanistas. A escrita mais velha é *aska* (alto alem. ant. e ant. nórdico). García de Diego, a flutuar entre étimos clássicos, põe *aska*. Não é o que quadra aguardar, sim o coerente suevo **askōn* f., que entraria ao baixo-latim galeco na forma **ascūna*. É provável nunca ter-se escrito. Será melhor pôr um proto-românico **áscona*.

Voz dos senhores, especializou-se no sentido a eles interessante, a forjadura de armas. *Ásqua* ainda é mais de ferreiros que de carvoeiros e cozinhas. **Áscona*, de origem sueva, ficou no centro da história peninsular quando a Galécia foi o reino de Leão. Depois, com as classes altas viajou para o Sul na reconquista, não sem receber o cunho de origem na queda portuguesa do N intervocálico. Ao cair o -N-, **áscona* passou a *ásqua* por dissimilação, cf. *sua*, *tua* e *boa* (de *sūa*, *tūa* e *bōna*). As grafias *áscoa*, *ascoeira* e *ascoar* não notavam O fechado, mas U aberto, não semiconsonântico; grafias a destacar a presença de hiato. O povo foi fiel ao vulg. *brasa* (v. *brasa* no DCECeH) e *ásqua* ficou fraco no seu solar. E nas novas terras ia crescendo a favor da expressividade inovadora e do favor social. Não é castelhanismo, em castelhano é velho galecismo.

ASSIONLHA

Na zona de Santiago de Compostela, o rios *Assionlha* e Tambre circundam os Montes da Velha. Há outros três lugares de nome *Assionlha* (sói aparecer *Sionlha*, separado o seu suposto artigo). Moralejo Lasso²⁰ viu *Assionlha* ser ultracorreção de **Assionha*, e este vir de *Asseconia*, mansão da via 19 do *Itinerário Antonino* (fins do III). Outros focaram para *Sigoeiro*, no Tambre, que Bouça Brei tirava do híbrido **Asseconāriu-*. Os pormenores podem ler-se nele, que, além da identificação, não etimologiza.

Asseconia virá de **EXS-EKWONIĀ(I)* “fora de **EKWONIĀ*”. *Assionlha* aldeia e *Sigoeiro* ficam justo fora da terra abrangida pelos rios que cingem os Montes da Velha. Que será **EKWONIĀ*? Decerto “terra de **EKWONĀ*”. E o que é **EKWONĀ*? A versão protogaélica e calaica do gaulês *ÉPONĀ* “a Égua Divina”, epíteto da Deusa como a da soberania, 1ª função de Dumézil. O cavalo é, dentre outros valores, instrumento de domínio²¹. Do meio dessa terra é *Nemenço*, de **NEMETION*, com nasal propagada, que será um adjetivo neutro que modifica um nome ignoto. Talvez seja “o do Santuário”. O espaço, então deserto, provavelmente povoado de cavalos selvagens, era apto para esse culto.

²⁰ A. Moralejo Lasso, op. cit., p. 242 e ss.

²¹ Outro rasto é *Taragonha*, Barbança, haplologia de **TARES-EKWONIĀ* “além de **EKWONIĀ*”.

ÁSTURES e ASTÚRIAS

O argumento fulcral de uma Galiza pré-romana é a sua tripartição, com a vila de Nemetóbriga no centro. Os *ártabros* eram os “setentrionais”²², o que dalgum jeito já se sabia. Além desse significado básico, cremos que o nome servia para designar os habitantes da entidade em tempo romano conhecida como *conventus lucensis*. *Artabroi* era “setentrionais”, e além disso, na *Kalláikia*, no tempo romano passou a ser o que *lucēnses*. As dificuldades de Plínio com o nome *artabri*²³ acusam a influência da ideologia do Império.

Por que supomos essoutra aceção? No sul da *Kalláikia* vimos surgir um conjunto similar ao dos *ártabros*. Falo nos *gróvios*, que, se damos crédito a Mela (único peninsular entre os que tratam da nossa antiguidade [Estrabom, Mela, Plínio e Ptolomeu]), ocupavam toda a costa do convento bracarense. Quando estudamos a etimologia de *gróvio-*, chegamos a concluir serem “os da terra quente, do sul”. Portanto já se insinuava os *ástures* ou *ásturoi* serem “os do Nascente ou Oriente”. A articulação dos nomes e significados é óbvia.

Não sei se alguém já emitiu a ideia que vou desenvolver. Custa crer ninguém ter suspeitado o nexa com a raiz ie. **us-/aus-/āus-*. Cuido *ástures* ter de ser derivado atemático (frequente em céltico²⁴), de **ASTURĀ* “aurora, nascente”, ie. **austerā*. **ASTURĀ* será par do germânico comum **Austrō-* (cf. anglo-sax. *Ēastre / Ēostre*), teónimo vinculado com **austro-* “para leste” e com **austo-* “no leste” (cf. o inglês *east*, por caso). A família indo-europeia é imensa. Além de germânica, é índia, grega, báltica e itálica. A gens *Aurelia* nota ser do dialeto sabino, pela origem da gens. O lat. *aurōra* (< **ausōsā*) é o caso mais claro, mas também estão *auster*, *-trī* e *austrālis*, *-e* (mudado o significado, segundo a condição de nome de vento).

Duas questões há: a elisão do uau e a forma do sufixo. Primeira, o céltico deslocava o uau dos ditongos decrescentes à sílaba seguinte, em condições às vezes sabidas: a) ante -S- intervocálico²⁵ e b) ante -R-, cf. latim, mas mais sistematicamente (célt. *tarwos* perante lat. *taurus*). Aqui não há metátese real do uau, mas contágio progressivo do timbre, o que no fundo é símil. Além disso, duas notas enquadram tais factos e fazem supor pendor geral para a eliminação de ditongos decrescentes: de um lado, o céltico ter pronto confundido ditongos longos e breves; doutro, uau e iode serem lábeis; fonologicamente seriam cridos alongamento da vogal, sobretudo do A. O sufixo era -TERO-, não -TRO-. No germânico há síncope, não anaptixe (também *austrālis*). O primeiro criava oposições binárias, o segundo servia para nomes de instrumento.

Outro testemunho céltico antigo desta raiz²⁶ é *Asturis / Austuris*, lugar que no final do Império de Ocidente figura na Nórlica, à beira do Danúbio, perto de *Vindobona*-Viena. É ablativo-locativo plural latino; logo tema em O ou A, o que o distingue de *astures*. De leve, pois que na tradição há o *regnum asturorum* a resgatar o tema *asturo-*. Estrabão foi preso de uma paretimologia com topónimos homófonos da Anatólia antiga²⁷.

Nestes preciosos testemunhos o tema tem ditongo em um, e não no outro. Estava em pleno processo de desaparecimento. Também há labialização da vogal postónica, antes da perda do uau; e há o sufixo na forma plena, inda que com troca do timbre vocálico. As duas formas são do séc. V: *Asturis*, a variante plena, na *Notitia Dignitatum Occidentalium* 34, 45, cf. Schulten. *Asturis* é algo posterior, da vida de S. Severino, escrita em latim por Eugíppio (I, 1 e 5). Não acedi ao texto, mas sendo o Apóstolo da Nórlica, antes ermitão e monge no Oriente no séc. V, escreveria o livro no séc. VI. Logo *Austuris* é anterior a *Asturis*, contra Schulten, que via aí um processo inverso de cunho etrusco (a teima etrusca levou-o a dar com inúmeros tesouros sem deixar-lhe

²² Cap. 16 do meu labor para o III Congr. Int. da Língua Galego-portuguesa na Galiza.

²³ História Natural, IV 114.

²⁴ Houve var. temática, cf. *regnum asturorum*, de *asturus* (< **ASTUROS*). Talvez maioritária, *ástures* sairia secundariamente do autóctone g. pl. *asturon*, lat. *asturum*.

²⁵ H. Lewis-H. Pedersen, *Celtic Grammar*, Göttingen, 1961, p. 8.

²⁶ Schulten uniu, a meu ver mal, o paroxítono *Astura* do Lácio e a série de topónimos gregos proparoxítonos, homófonos casuais ou paralelos remotos cuja revisão nos desviaria. É de destacar que o moderno oxítono *astur* tem de ser, quer regressão de Astúrias, quer leitura defeituosa do nome antigo por semiletrados; o -U- é breve, como prova *Astorga*, de *Asturica*, e os textos de Estrabão (Ἄστυρες e Ἄστουρες).

²⁷ A. Schulten, *Los cántabros y astures y su guerra con Roma*, Austral, Madrid, 1962, p. 88.

ver o só que anelava). Por adir outra Ástura às anatólicas, tira os topónimos nórdicos de um Ástura feminino e singular. Decerto pode ser tema em A, mas não singular. Talvez me equivoque, mas os casos de ablativo-locativo toponímico que lembro são todos variantes plurais de nominativos também plurais: *Aquis Granni, Sacris, Flaviis...* de *Aquae Granni, Sacrae, Flaviae...*

São etnónimos para “orientais”. Os celtas nórdicos eram os mais orientais do *continuum* europeu, fora os isolados de Panónia, Dácia e Anatólia. Língua e cultura germanas herdaram a extrema ao logo substituír as célticas. O germ. *AUSTRO-RĪKJA- (> alto alem. ant. *Ōstar-rīhi* > alem. *Österreich* “Áustria”) é decalque ou substituição, ao menos parcial, do precedente céltico.

É tradição ver em *ástures* um étnico tirado dum nome de rio *Astura*, que citam Floro (séc. I), Paulo Orósio (V) e Santo Isidoro (VI). O primeiro fala nele aquando a guerra cântabro-ástur. A vasta distância no tempo dos outros testemunhos fá-los suspeitos de livrescos ou, melhor, paretimológicos. Não há tal rio. Tem-se dito ser o *Esla*, mas Coromines provou concludentemente este só poder vir do *ÉSTULA que reconstrui e interpreta como adjetivo do célt. *ESTUS “cascata, ferveça”. O dito de Floro explica-se como paretimologia do topónimo real, *ÉSTULA, sob a influência do nome dos adversários de Roma, os *ástures* ou *ásturos*, que a cada passo devia nomear. Floro, como Plínio, não sabia céltico.

A segregação das Astúrias da Kalláikia começa quase inocente na historiografia latina como sequela do protagonismo dos calaicos ásturos na guerra de Roma contra as montanhese, dos anos 29-19 a.C. Depois seria longamente aproveitada para outras manipulações.

AVEGONDO, MAVEGONDO, CULHERGONDO, BETANÇOS, GUÍSAMO E BERGONDO

Estes nomes muito tempo me alucinaram, sem poder acreditar o que percebia. Cuido que devem ver-se juntos e nessa ordem por razões semânticas. Indo no caminho que desce do *Meijão* (*Mesom*) do *Vento* a *Betanços*, há um lugar de nome enigmático, *Avegondo*, cujo étimo direi sem delonga por fazer parte duma estrutura que se explica ela mesma: céltico *AD-WEGÓNITON “para embaixo da Batalha ou Matança”. Eis a preposição AD, próxima da latina; a preposição WE “sub”, variante hispana de WO (< **upo*); e *GONITON, deverbal do tema *GONI- “ferir, abater; combater, matar”, bem documentado na Galiza. Este é da raiz **g^when-* “combater; abater”, cf. germ. **gunþiō* “combate”, gr. φόνοϛ “matança; homicídio” ou lat. (*dē*)/*fendō*, (*of*)/*fendō*. Em gaél. há *guin* (< *GONI) “ferida, abatimento” substantivo e nome verbal de *gonim* “eu firo, abato”.

Quatro quilómetros avante é *Mavegondo*, que foi *MA-WEGÓNITON. O gaél. *ma* é conjunção condicional. As condicionais usam vir de advérbios de afirmação, cf. lat. *sīc* > *sī*, gr. εἰ. O valor afirmativo, reforçador, suposto no céltico mais antigo está na partícula enclítica sânscrita *-smal-smā* “assim, precisamente”, talvez no *-met* do lat. *egomet*. *MA-WEGÓNITON logo significará “precisamente embaixo da Batalha”.

Já no lugar justo, quadra mirar arredor. Dos pontos cardeais julgava-se serem “abaixo” o Norte, etimologicamente “inferior; infernal”, e o Oeste, onde o sol desce. Eram logo “arriba” Sul meridiano e Leste a elevar-se. Perpendicularmente à direita, sueste, temos *Culhergondo*, de *KUKLEUROGÓNITON “a Batalha famosa (= “a batalha da que se ouviu”)”. Entre *Mavegondo* e *Culhergondo* há *Meangos* (**mediānicōs*), que reforça a estrutura. A raia do concelho de *Avegondo* faz rodeio ectoplásmico para abranger *Culhergondo*, que aliás ficara fora; roborava a dura tradicional de uma raia velha. Além dele, o lugar de *Cins*, híbr. **cinīs*, ablativo-loc. lat. do célt. *KINĀ “a deste lado”, a respeito de *Culhergondo*. A seguir desde *Mavegondo*, afinal está *Betanços*, do célt. *WEPANTION “*substantium*, que está abaixo”, ie. **upo-sthantiom*. Vê-se do que é que está mais abaixo. É estrutura coerente que quer guardar a memória de uma Batalha de singular valor. Antes de ver o sentido dos vestígios, deitemos uma olhada num caso similar, em zona próxima, com o que talvez se articule.

Junto da autopista do Atlântico, no concelho de *Bergondo*, a uns 6 km. a oeste de *Betanços*, está *Guísamo*. Não há voz românica autóctone dessa inicial; de palavras de origem germânica é, sem ser o caso. Aliás, a desinência é igual à dos superlativos célticos. Donde virá *Gui*-? De *GONI-, com queda do N, metafonia do I no O e elisão do ditongo a surgir. Logo foi *GONÍSAMON “a Batalhíssima, Matancíssima”, ou melhor, “a Batalha mais grande”. Desinências de adjetivo em substantivos não são estranhas; dão-se na procura de força

expressiva. Além de *Guísamo*, seguindo para o norte, chega-se a **Bergondo**, que virá de *WERGÓNITON “além da Batalha”, com o célt. WER “sobre”, cf. o lat. *super-* em *supertamarícos*. Eis outra estrutura.

Logo na zona existia a memória de duas batalhas ou matanças, uma delas “a mais grande” e a outra “a de larga fama”. De que se trata? Para vê-lo chega ler um manual de mitologia céltica. Os gaélicos guardaram a memória de duas batalhas míticas, a primeira e a segunda Batalha de *Mag Tuired* (ingl. *Moytirra*). Tem-se discutido se dantes foram uma depois duplicada, se uma foi histórica e a outra mítica, e ainda houve outras teorias. Hoje julga-se as duas serem míticas e coexistentes. Na primeira, *Cét-cath Maige Tuired*, os deuses recém-vindos conquistam a terra. É fase final de um mito de criação, melhor, de começo do mundo (pois não concebiam a criação *ex nihilo*). Esta era a batalha dos deuses com os gigantes do caos.

Na segunda das batalhas, chamada *Cath Dédenach Maige Tuired* ou *Cath Tánaiste Maige Tuired*, os deuses da 1ª e a 2ª funções lutam contra os da 3ª, mas a guerra acaba em armistício e pacífica convivência. Logo é o paralelo céltico da batalha dos Asir e Vanir nórdicos na *Edda*. Não abundemos; veja-se a obra de Dumézil (e aqui acautelamos contra as opiniões mitológicas de T. F. O’Rahilly, aliás meritíssimo historiador).

Dissemos a localização irlandesa das batalhas na geografia ser efeito tardio da evemerização. Ora, já nos registos mais antigos, só tarde alterados, os irlandeses punham as duas na freguesia de Kilmactranny, nos arredores do lago Arrow, em Sligo. Convido a debruçar-se no mapa da Irlanda. Pasma a semelhança do sítio com o da estrutura calaica que vimos de desvendar. O seio marinho entre Connacht e Ulster parece-se com o das rias da Corunha, Betanços, Ares e Ferrol, os dous virados ao noroeste. O testemunho calaico, insubornável na antiga língua que o suporta, dirime a questão mitológica e faz recuar para o tempo pancéltico o conteúdo do mito das duas batalhas e o uso de localizá-las. O uso, aliás, dá-se por todas as partes: Estige, Averno, etc.

A leitura da estrutura calaica não acaba. Põe a perspetiva do que vem do sul e vai a Betanços ou Corunha, e envolve boa parte dos ártabros. Se a estrutura fosse só dos *bríngantes*, viria do seu centro, da Corunha. Se fosse dos distantes *brigantes* do oeste a peregrinar ao centro, viria no rumo de oeste a leste. Se nos pomos na peregrina hipótese de um eco trazido por uns gaélicos imigrantes numa época remota do céltico antigo, seria estrutura estática, como na tradição gaélica (na Escócia, colonizada de irlandeses, não a vejo reproduzida). Logo a perspetiva do sul confirmaria ser património do conjunto dos ártabros, ao menos.

Qual será a equivalência gaélica da “mais grande, matancíssima”?, isto é, de *GONÍSAMON? A primeira, a criacional, acabada em rota total dos Fir Bolg-Gigantes, seria a de *Guísamo*, a próxima do mar, lugar de desembarco. A outra, mais desenvolvida na Irlanda, mais conhecida e narrada (o que quadra com “famosa”) seria a de *Culhergondo*, a da maior mediterraneidade.

A estrutura geográfica calaica tem todo o cariz da autoctonia e é mais complexa do que a gaélica, que põe as duas batalhas num lugar. Mesmo tem aparência de mais antiga que a insular. O qual pode vir a significar um empréstimo do sul ao norte. Mas não abundemos em matérias que só aos irlandeses parecem interessar.

BABORDO, BOMBORDO, BALBORDO

(*estibordo, balbor, balbúrdio, balborda, balbúrdia, balburdiar, balbordar*)

A náutica germânica deu os nomes europeus dos costados das embarcações: baixo-alem. e neerl. *bakboord*, anglo-saxónio *bæcbord*, nórd. *bakborði* “bordo posterior”, e baixo-alem. e neerl. *stūrboord*, anglo-saxónio *stēorbord*, nórd. *stjörnbordí* “bordo do leme”. Leme aí era um remo de grande pá escorado na parte traseira destra da barca. *Estibordo* “o bordo do leme” é a banda direita. O piloto ou timoneiro maneja o leme de costas viradas à esquerda, “bordo posterior” a ele, o bombordo. É tipo de governo não exclusivo e vê-se alhures.

Disse-se *babordo-bombordo* ter vindo do neerlandês, através do francês *bâbord*. Por geografia é possível, e provável, a Normandia ser o teatro. Mas choca aceitá-lo sem ver o papel pioneiro da náutica portuguesa, e os primeiros textos portugueses ser anteriores aos franceses. O francês *babort* é de 1484. Em português há *babos* em 1416²⁸, e *babordo* arredor de 1450²⁹. O italiano *babordo* sai em tradução do português de 1510;

²⁸ *Descobrimientos Portugueses*, ed. J. Martins da Silva Marques, Lisboa, 1944, I, p. 242.

²⁹ Azurara, Gomes Eanes de, *Crónica de D. Pedro de Meneses*, *Inéd. Hist.*, vol. VII, p. 536.

babordo logo durava nesses anos. Outra versão de português para italiano, de 1578, *buonbordo*, mostra antes desse ano ter surgido o mod. *bombordo*, através da labialização da vogal primeira e da paretimologia que **bobordo* impunha. Apesar de a esquerda ter menor honra no protocolo náutico formal. Em suma, a palavra entrou a inícios do séc. XV (*babós* nota a hesitação do instante da entrada). Mais estável, *babordo* dura até meados do séc. XVI. Então a labialização produz a paretimologia e surge definitivamente *bombordo*.

A história náutica é cheia de lacunas. Factos grossos deduzem-se por conjectura. Na náutica menor, fluvial e lacustre, pior; o que não chegou a hoje ou sai de achado arqueológico, é como se não existisse. Busquei a história dos governalhos e não achei. Soube a navegação fluvial no norte da península basear-se na técnica náutica germana³⁰, e na costa haver uma posterior, mediterrânea. Quadra dar o salto e supor que o uso de governar barcas de costas à banda esquerda subsistiu muitos séculos, se não nos chegou.

Por que *balbordo* aqui? Eládio R. González define: 1º) ruído, algazarra, gritaria, alarido, confusão, desordem, tumulto (tópicos herdados), e 2º) *ruído longe, como de vento que açouta os arvoredos; estrondo, como trovão prolongado; fragor, qual de tempestade; estrépito, qual de mar encolerizado, etc.* Acaso *balbordo* será “rumor longe, prolongado e surdo” o velho *babordo* guardado na Galiza com paretimologia das palavras eruditas *balbo* e *balbuciar*? O timoneiro da barca, de costas à esquerda, ao governar usa vista e ouvido; com a vista controla estibordo, proa e popa. Da esquerda, do *bombordo*, ouve só os rumores que ao vivo pinta E. R. González. O galego *babordo*, isolado do port. *bombordo*, perdia o núcleo semântico, a nota espacial, deixando no centro o que antes foram meras conotações, os rumores do *bombordo*.

O *balbordo*, cheio do rumor da marinha, tem variações: *balbor*, *balbúrdia*, *balborda*, *balbúrdio* e verbos *balburdiar* e *balbordar*. Qual será a palavra primitiva? De *balbordo* (e vars.) o primeiro rasto sabido vem no *Catálogo de Voces y Frases de la Lengua Gallega*, do P. Sarmiento, redigido por 1745 (ali no fólho 150r., cf. Pensado). Lê-se duas vezes: “*Balbordo*. Ruído, zumbido, v.g.: allí hay un gran *balbordo* o *mormurio* de gentes que hablan” (110v.). Depois reenvia *balbordo* a *barbalhoar* “falar atropeladamente” (124r.). Os lexicógrafos repetirão vocábulo e definição, sem as precisões de E. R. González.

Balbor, só galego, Carré define-o “rumor, ruído confuso”. E. R. González, “zumbido como de colmeal: *balbor de colmeias*”. É a forma que acusa mais a paretimologia de *balbo*, erudito frequente. *Balbor* surgirá por haplogia justo naquele sintagma: *balbordo de colmeias* > *balbor de colmeias*.

Balbúrdia é usual em português. Vem na 2ª edição de Morais, de 1813. Nota o influxo de *balbuciar*, que os dicionários dão como étimo possível. Nessa edição vem *balborda*, que não vejo no léxico de A. Buarque de Holanda. De *balborda* virá *balbúrdia*, com I epentético e metafonia. Brasil não ter *balborda* diz o português não tê-lo no séc. XVI. *Balbúrdia*, comum na literatura, terá entrado ali justamente por via escrita. *Balborda* hoje é em Portugal “tumulto, desordem”, mais plástico, espacial, que *balbúrdia*, que ainda é “acústico”.

Perto é galego *balburdio* (R. González e F. Grande) de I epentético e metafonia, cf. *balbúrdia*. Daí *balburdiar* “fazer *balbúrdia*”. Definições e ordem sugerem derivar a “confundir, misturar”. *Balbordar* é deverbal galego, “falar alegremente várias pessoas com algazarra e gritos”, “zubar, fazer ruído contínuo e bronco tempestade, vento, trovão, etc.” (E. R. González). Do enfadonho enumerar surge a precedência de *balbordo* e o cariz secundário do resto. A cadeia, de cabos sabidos no neerl. *bakboord* e em *balburdiar*, tem elos hipotéticos, mas, se há congruência, a hipótese pode manter-se. Onde, quando, nasce *balbordo*? Quando muda semanticamente? *Babordo* durou na Galiza e Norte português após o séc. XVI. *Babordo* é a **bobordo* > *bombordo* o que o galego *balor* é a *bolor*. As condições sociais galegas nos sécs. XVII e XVIII fariam perder peso à palavra. A conotação independizada, fez novo nó semântico com a herança e o fonossilabismo de *balbo* e *balbuciar*.

BADUAR

Palavra apenas galega, registam-na no séc. XIX Marcial Valadares, da Estrada, e Leiras Pulpeiro, que era de Mondonhedo. Definem “falar muito e sem senso”. Apesar de registada tarde, deve ser voz patrimonial do fundo latino. A etimologia dá bastante clara ao se dar com o étimo, que na verdade é difícil de encontrar nos dicionários latinos: o hápax *bātulus*, que o dicionário Ernout-Meillet me revelou:

³⁰ Encicl. Int. FOCUS, Sá da Costa Editora, Lisboa, 1965/ 70, I, p. 390.

“**Bātulus, -a, -um:** Gloss. et gramm., cf. Martyr., GLK VII 167, 10, *quae nusquam nisi in diuersis cottidianis glossematibus reperri... batulus μογίλαλος*. Emprunt au gr. βάταλος, βάπταλος.”

Se entendi, está num texto de Martyrius (mártir tardio, no séc. IV, no Vale de Non, perto de Trento), cf. a edição de H. Keil dos gramáticos latinos. *Bātulus* explica-se aí pelo gr. μογίλαλος “gago, que fala a custo”. Latinizaria o gr. βάταλος, justamente na época dos irmãos Martyrius e Alexandrus, vindos da Capadócia para Itália, onde trataram Ambrósio em Milão.

Baduar vem de **bātulāre*, denominativo de *bātulus*. Ora bem, se *bātulus* tivesse eco românico deveria vir dar um *bado*, palavra que Eládio Rodríguez González com efeito regista na fala do Ribeiro de Ávia. Mas *bado* quer dizer “mimo ou tolerância excessiva com um pequeno” e “importância brindada a uma trivialidade que não a merece”. É possível articular esse plexo semântico?

Cuido que no étimo a função expressiva já dominava. Se em vez da definição médica ou psicológica, em *bātulus* pomos os valores “que fala (articula) a custo” ou “que diz cousas desassidas, imprudentes”, quer dizer, o vago “que fala mal”, teremos já uma cifra para abranger o conjunto dos vocábulos nesta família: *bado, baduar, baduada, badua, badueiro...*

BAIONA

A *Baiona* de Ponte Vedra teve outros nomes. *Erizana* foi o mais comum e Afonso VII fixou-o em *Baiona*, mas foram provavelmente paralelos. *Baiona* é velho, e o étimo é **BADIOGNĀ*, diminutivo feminino de **BADIO-*, donde gaél. *buide* “amarelo”, de vogal tónica labializada. **BADIOGNĀ*, “a amarelinha”, deu o românico **Badionna*, donde *Baiona* diretamente. O célt. **BADIO-* é par do latim *badius*, de provável origem osca.

Quadra tirar o asterisco de *BADIO-* por causa dos gauleses *Baiocasses* (*Badiocasses*), *Bodiocasses* (*Bayeux*) “os das loiras cabeleiras”, cujo par gaélico foi *buidechass*. A velha **BADIOGNĀ* estava no castelo do Monte Real, dantes o *Monte (do) Boi*, nome ainda vivo na *Ponta do Boi* da península. Esse *Monte Boi* nada tem de *vacum*; virá de **MONIOS BADIĪ* “monte de **BADION*”. O **BADION* “(país, povo) amarelo” alude à cor do sol-pôr, que na costa ocidental dava notas religiosas pagãs.

BARDA

**Bhardhā*: Acaso no céltico hespérico há rastros do indo-europeu **bhardhā* “barba”? Na indo-europeística cumpre a cautela, mas a hipótese parece certa. Fora o grego, todos os ramos do indo-europeu mostram ecos de **bhardhā*. É latino, germânico, báltico, eslavo e ilírio.

O **latim** *barba* vem do itálico **farfā*, que primeiro deu um **farbā*, depois assimilado regressivamente. O italiano *farfecchie* “bigode”, de origem osco-umbra, apoia a reconstrução do itálico comum (Ernout-Meillet).

O **germânico** **barða* só continua no ramo ocidental: anglo-saxónio e inglês *beard*, ant. frisio *berd*, antigo alto alemão e alem. *bart*, neerlandês médio *baert*, moderno *baard*. No nórdico houve vestígios; o islandês antigo *barda* era tanto “barba” quanto “machado”.

Em **báltico** foi o velho prussiano *bordus*, está no letão *bārda* e nos lituanos *barzdà* e *barzdótas* “barbudo”.

No **eslavo** antigo foi *brada* e hoje é o russo *borodá*, polaco *broda*, servo-croata *brada*.

Em **ilírio**, pouco conhecido, há rastros bastante claros na antroponímia.

A ausência no **grego** pudera ir com o mistério de παρθένος “virgem”, cujo étimo **bhardhénos* ainda não tem clara explicação semântica. Talvez haja relação com a polissemia da palavra pela que, além de “barba”, em germânico e eslavo às vezes é “machado”. Conjetura-se os dous significados simbolizar a autoridade patriarcal. Para além de **bhardhā*, a raiz envolvida seria **bher-* “ferver; surgir” (Pokorny 132-133).

Se é itálico, germânico, báltico, eslavo e ilírio, a custo não seria do **céltico**, que confinava com quase todos. Primeira ideia a vir é o laço com o gaulês *bardos* “poeta ou cantor”, logo “o barbas” ou “o barbudo”. Mas é miragem: Pokorny e Jones veem outra origem em *bardos*: **g^wř-dho-* ou ***g^wř²-dho-* “o que louva”; Campanile propõe **g^wř-dhes* “o que oferece cantos de louvor” (**dhē-* “pôr” e raiz **g^wer²-* “louvar [em voz alta]”).

O hispânico *barda*: É dos romances hispanos, gascão, parte do Languedoc e sardo, matizados no valor. É sempre sebe, vedação ou cerca rústica de ramos ou silvas enlaçados. Já sebe viva, já artificial, já coberta no alto de taipa. Em português prima a aceção “cerca de ramos e silvas”. O castelhano prefere a de “coberta sobre as taipas”. Em catalão domina “barreira portátil para guardar o gado”. E em todas as partes há aceções a ultrapassar as primeiras. E metafóricas: na Patagónia dizem *barda* à ladeira alcantilada ou barrancosa.

Gamillscheg atinou ao unir o gascão *barta* “silveira, soutinho emaranhado”, ultracorreção de *barda*, numa língua que sonoriza as oclusivas trás uma nasal ou líquida. Mas não ao tirá-lo de um célt. *WRAD-, baseado no galês *gwraidd* “tronco, raiz”, que, como diz Coromines, não explica fonética nem semântica. Rohlfers crera ser *barra* com a evolução -RR- > -RD- vista em palavras pré-romanas. Aí o que falha, a meu ver, é a etimologia de *barra*, que é outra, e parcialmente também a semântica.

A pesquisa tem poucas vias. A gramática histórica pode pôr um étimo, o célt. *BARDĀ “barba”, que só dará verossímil se quadrar semanticamente. Reconduzamos a busca aos documentos da nossa língua. Duas palavras poderiam brindar-nos luz:

a) ***Gilbarbeira*** (*Ruscus aculeatus*) é uma liliácea ornamental, de caules verdes escuros e folhas em ponta com bagas vermelhas, que em Portugal faz parte dos ornatos natalinos. Na arcaica Galiza dizem-lhe de ***gilbarda***, ***gilbardeira*** (também *gilbarbeira*, mas menos). *Gilbarda* predomina na terra de Ourense e *gilbardeira* em Ponte Vedra. Em latim era *Jovis barba*, donde também o francês *joubarbe*.

Coromines viu a refração e supôs o curso **juisbarba* > **gizbarba* > **girbarba*, dissimilado em *gilbarba*. A explicar o -D-, pensou que *gilbarba* se cruzara com *barda* ou *albarda*. Mas, qual a razão do cruzamento? Há razões encontradas. Por ter puas e usar-se para proteger a carne dos ratos, pode haver cruzamento secundário com *barda* “cerca”, cf. o nome italiano, *pungitopo*. Mas também é certo por vez primeira termos aqui vínculo explícito entre *barba* e *barda*, para os galegos equivalentes. *Barba* é muito mais frequente que *barda* para supor um deslocamento obrigado.

b) ***Bardo***: No português comum *bardo* é um sinónimo que também significa “barba”. O sentido primeiro é “cerca”, e “cerca emaranhada”, uma nota que parece essencial. Mas a par também significa “barba”. A mera proximidade fónica não pode justificar o trânsito. É refração mínima e quase subliminal, que pode decerto passar inadvertida ou supor-se trivial.

O céltico *BARDĀ no contexto românico: Podemos continuar a complicá-lo, buscando explicações difíceis do que tem resposta simples. Na altura, cuidado mais produtivo pôr a hipótese “*barda*, eco longe do célt. *BARDĀ”, que talvez deixa deitar uma olhadela na avaliação que as barbas mereciam no tempo céltico final. No original “sebe de silvas”, há duas notas essenciais. Em “sebe, cerca”, a noção de “vedação nas margens”; em “silva”, a de “vegetal selvagem, espinhento e hostil”. Dito doutro jeito, o valor básico é “linde, vedação de silva, planta pungente e emaranhada”. Aliás, o latim aplica o plural *barbas* com frequência aos filamentos vegetais e animais: as *barbas* do milho, as *barbas* das penas, as *barbas* das espigas. O peixe *barbo*, o *barbalho* ou raiz filamentosa. A ideia das *barbas* como não civilizadas nem humanas já é romana: *barbam hominum*, *barbas pecudum dicimus*.

As barbas viam-se como vegetação selvagem, símbolo da natureza, o “cru” de Levy-Strauss. Associavam barbas a desleixo e sarilho emaranhado. Valoração que coincide com a influência romana, na que a rapa das barbas era signo e símbolo de civilização. Algo assim se deduz do românico *grenha*, ant. *grenhom*, vindo do céltico *GRANNIŪ, GRANNIONOS ou *GRENNIŪ, GRENNIONOS “pelo da cabeça ou cara”.

BARONHA, NEBRA, NOAL, PORTO DE OZOM, RÓ e RÓIS fazem conjunto

Mela disse trás o rio Tâmaris vir o porto de *Ebora*³¹. Antes de situá-lo é preciso traduzir. ÉBORĀ era “a do teixo”, de *EBOROS “teixo”, em latim grafado *eburus*. O teixo, perenifólio e longevo, sacratíssimo no orbe céltico, associava-se aos ritos funerais como símbolo de ressurreição³². No Norte faz papel igual ao do cipreste no Mediterrâneo. Onde era *Ebora*? Em *Nebra*, cujo N- é resto da prep. EN. Não é porto; sim tecido sacro, o porto era o *Porto de Ozom* (grafado *Porto do Som*). *Ozom* vem de *OKIONON “Divino Linde”³³.

É claro ser esta a sacra beira ocidental, onde criam as almas embarcar para seguir o curso do sol, num dos jeitos de conceber o Além, aqui vivo por riba de outros por causa da posição geográfica. Entre *Nebra* e *Porto de Ozom* é *Noal* (< lat. **Nōnāle*- “de *Nōna*”). *Nōna* era uma das três Parcas³⁴. *Ebora* era um sagrado souto de teixos; e **Nonalis*, talvez lugar de sacrifícios e ritos; *Porto de Ozom* (*OKIONON ou *KAUNOS OKIONĪ “Porto da Sacra Beira”) seria tanto embarcadero real quanto mítico. No conjunto sobranceia *Baronha*, nome de castro e de aldeia, iluminados pelo gaél. *báire* m. “rumo; viagem; intuito” (*BĀRIOS), do ie. **bhōr-io*-, grau longo da raiz **bher*- “levar”. Foi *BĀRIONIĀ “a do Divino Rumo [para o Além]”.

A ria de Noia recebe águas do Tambre (*Tâmaris-Tâmara* “Tenebrosa”), o rio das negras águas dos mortos. Sempre cri esta noção ser sequela trivial do mito do rio infranqueável, limite entre cosmos e caos. Contudo, aqui há um destaque especial, ao receber sem menoscabo visível o beneplácito dos mesmos ribeirinhos. É que, além de rio de ferveças e corredeiras, corria ao oeste como o sol para desaguar no oceano onde veneravam o Sol poente, e criam as almas embarcar para o Além. Assim *Tâmara* vai com ÉBORĀ-*Nonalis*-OKIONON-BĀRIONIĀ. E com a aldeia de *Ró* (Noia) e o concelho de *Róis*, no leste desta terra, os dous procedentes do célt. ROUDO- “vermelho”, cor do sangue, que foi do luto na pré-história, com vestígios ainda³⁵.

BARREGÃ

Em *Fornelos de Montes*, no leste da comarca de Vigo, há um rio que parece alumiar o enigma da etimologia de *barregã* “concupina”. Chamam-no *Barragán* por causa do *barragán* castelhano, que alterou o vocalismo átono. Mas deve se escrever *Barregã*, como o apelativo. Os nomes de rios foram quase sempre lá teónimos femininos, epítetos da deusa céltica, e como feminino deve grafar-se este. Vem coincidir, ao menos na forma, com *barregã* “concupina”, do qual se emitiram várias etimologias.

Descarto um vínculo com *barregana* “tecido forte de lã”, de origem árabe, em português palavra moderna, que não se pode unir semanticamente. Coromines cria o cast. *barragán* “moço valente” – inseparável de *barregã* – vir do gót. **barika*, *barikans* “homem livre apto para combater”, diminutivo de **baro* “id.” e descrevia da origem pré-romana pela desinência -*an*, em castelhano própria de germanismos. Mas não exclusiva; casos desse perfil há nas duas línguas que não o são: eis os nossos antigos *pram*, *capítam*, *escrivam*.

³¹ *De Chorographia*, III 11.

³² Dito galês: o homem vive 81 anos, o cervo 243, o melro 729, a águia 2187, o salmão 6561, o teixo 19.683, o mundo 59.049. A progressão geométrica explica as *Eboras*.

³³ *Ozom*, *Oza*, *Ozão* vêm de *OKIĀ “borda; ângulo, canto, esquina” (> hápax gaél. *ochae* “oco da axila”). *Ochair* (< *OKRIS f.) há o valor básico “borda”; os pares greco-latinos são “outeiro, cume”; raiz **ak*- “agudo, afiado”. Na Galiza é “linde; beira”.

³⁴ Démões do nascimento: *Nona* “de nove meses”, *Decuma* “do décimo, 1º da vida” e *Morta* “distribuidora de bens”. Assimilaram-se às Moiras. *Nona* colheu o valor da hora nona, a de deitar-se. *Decuma* de final de série e *Morta* de morte, com a que nada tinha.

³⁵ *Ró* < *ROUDO-; *Róis* < *ROUDĪS (híbr. em ablativo-locativo latino; em célt. *ROUDOBO). Era paradoxalmente vida na morte (ressurreição) entre outros valores. No mesolítico era usual tingir os defuntos de vermelho, e mais no neolítico. Depois substituiu-se a pintura por panos. O corpo de Heitor fora envolto em túnicas purpúreas. As romanas em sinal de dó punham na cabeça a *rica*, um pano vermelho. Esquecera-se que tingir de vermelho o rosto do *triumphator* era no princípio ritual fúnebre destinado a deter os danos dos espíritos dos inimigos mortos no combate. Ainda hoje se põe panos vermelhos na missa de defuntos por um pontífice.

Dizia ele que o -RR- viria de cruzamentos com *barra, barro, barril*... A meu ver, não há cruzamento, é da família. A de **baro* tem um -R- só, e outros ecos mantêm-no. O argumento talvez pudera volver-se, mas eis que surge o potamónimo, que leva a ver no feminino a forma original, lá decerto teónimo. Como teónimo regista-se o tema *Barrek-* (veja-se *Barrozo*) – que T. F. O’Rahilly aduziu e Coromines não conhecera –, de valor duplo, físico e metafórico, “montanhês” e “altivo”. O étimo imediato, **Barrekāna*, é híbrido de desinência latina, circunstância que o afasta do tempo céltico e vem sugerir a semântica de *barregã*.

Como unir cast. *barragán* “moço valente” e port. *barregã* “concubina”? No tempo soberano **BARREKĀ* equivalia a *BRIGANTĪ*, então talvez mais notado o valor físico, “da montanha”. No tempo bilíngue, o qualificativo de “montanhês-alto”, antes nobre, já era ambíguo; além de “montanhês” também era “rude, selvagem; arcaico, não romanizado, civilizado, assimilado”. Nos varões era garantia de virtude combativa; no caso das fêmeas, sinal de uma primitiva liberdade sexual, conotada de pré-cristã.

Além da sua fortuna nos tempos médios, o rio *Barregã* no longe tempo soberano provavelmente levava o nome **BARREKĀ*, epíteto da deusa céltica pagã, a Mãe Terra. O valor era duplo, “montanhês” e “excelsa”, sem conflito e em íntima associação. A integração no tempo bilíngue não era possível. A memória do mitologema, guardada por celtófonos mal romanizados, trouxe a adequação do híbrido **Barrekāna*, que ao cabo sobreviveu pela progressiva e rápida opacidade.

BARROZO

O tema pré-romano **BARRO-* leva a terreno perigoso. Convoca uma família românica numerosa de tão óbvio ar de parentesco que os romanistas terão suspeitado serem sereias e recusaram avançar. Mas Bruch, Dauzat e outros arriscaram-se. E fá-lo-ei aqui, confiado em andar bom caminho.

A raiz indo-europeia **bhar(s)-* tem larga progénie. Com vogal temática deu o célt. *BARRO-* (< **bharso-*), “alto” no velho britânico³⁶. O irl. *barr* “cume, ponta; fronde; cabeleira”, sempre substantivo, tolhe aceitar um *barro-* adjetivo. Mas só desde “(parte) superior, alta” se aclara a polissemia gaélica e o variar do género. *BARRO-* foi substantivo e adjetivo, “montanha; cume” e “alto”, cf. romances de substrato céltico. Daí *barra* “vara, pau”, *barreira* “limite”, *barra* “baixio arenoso”, talvez *barro* “argila”. É claro o primeiro: “alta”, a modificar palavra céltica feminina de “madeira” ou “ramo”. *Barreira* “linde” é “linde de barras”. *Barra* “baixio” é “(areia) alta”. *Barro* “argila” é difícil; aludirá a sítios altos (encostas) donde se tira por evitar alagamentos.

Tento etimologizar o *Barrozo*, comarca de Trás-os-Montes. Seria dantes voz comum: na Galiza do norte dizem também de *barrosos* aos canteiros de Cotobade. Sendo planaltos o Barrozo e Cotobade, creio *barroso* (*barrozo*) ter sido “montanhês”. Os de Ponte Vedra também são *barrocos*, o que põe outra linha de pesquisa.

O’Rahilly identificara os *Uí Bairrche* da Irlanda média (**AWIOI BARREKIĀS* “netos de *BARREKĀ*”) com os *brígantes* que Ptolomeu põe no sueste da Irlanda³⁷. A equação é também britana. Dos *brigantes* de Carlisle é o epígrafe a *M(ARTI) BARREKI*. Tal *BARREXS* (tema *BARREK-*³⁸) “Marte dos montes ou M. excelso”³⁹ e **BARREKĀ* “deusa da montanha ou excelsa”, os dous dos *brígantes*, mostram sugestivamente o vínculo de *BARRO-* e *BRIG-* (**bhars-* e **bhṛgh-* notam “altura”). Onde O’Rahilly fala nos *Uí Bairrche*, diz o *Bairrche* espido ser “terra dos *Uí Bairrche*” e reconstrui **BARREKION*.

O *Barrozo-Barroso* tem de vir de **BARROKION*, neutro como território. O tom gaélico na vogal primeira, sincopante, tira certeza à postónica suposta por O’Rahilly. O testemunho calaico tira a incerteza da postónica gaélica. **BARROKION* “país de montanha” desvenda o enigma. Tão pasmosa surpresa opaca um pouco a questão ortográfica do topónimo e do numeroso sobrenome, que já não seria “cheio de barro”.

³⁶ A. Tovar, op. cit., a citar Vendryes, *Revue Celtique*, XLIV, 1927, pp. 221 e ss. Não pude consultar; perdeu-se no Inst. de Linguística da Univ. de Buenos Aires trás os ’70, onde a vira anos há.

³⁷ *Early Irish History and Mythology*, Dublin, 1976, p. 37.

³⁸ *BARR(O)-* e suf. *-EK-*, igual ao de patronímicos hispanos. Indo-europeu, transmitiu-o o céltico.

³⁹ O “Marte montanhês” conflui com o da montanha calaica (*Marti Tileno*). Marte é *interpretatio romana* do célt. *NŌDŪS*, irl. *Núadu*, par do védico *Mitrá*, na *Kallaikia* com o epíteto *Cossus* (célt. *KOSSOS* “Companheiro [de Lugus]”, do ie. **ko(m)-stho-s*).

BEÃO [BEOM]

Diz Estrabão o rio Lima também ser chamado Βελιῶνα-*Beliōna* (acusativo sem nasal). O tema BELION- é o célt. *BELIŪ, BELIONOS. Não é contraditório supor célticos tanto LIMIĀ quanto *BELIŪ. Este sobrevive em *Beão-Beom*, que não é o rio, era a lagoa Antela, na que o rio nascia e que já não existe, por dessecagem. *BELIŪ era a lagoa, então lago, e LIMIĀ o rio. Donde *BELIŪ? No gaélico houve *bile* “(grande) árvore (sagrada)”, neutro cujo étimo é *BELION, BELĪ⁴⁰. Entre este *BELIO- e o BELION- da toponímia medeia o N. Aquele era substantivo, este adjetivo. *BELIŪ seria (LOKU) BELIŪ, “(Lago) da Grande Árvore Sagrada”, traduzindo o adjetivo por uma perífrase desenvolvida. Apesar do longevos de certas árvores, desta nada sobrevive: caso de ter durado, encarregaram-se dela romanos, evangelizadores ou dessecadores modernos.

BECO

Apenas sei da dúvida etimologia de Leite de Vasconcelos: *via* mais *-eco*. Em geral julgado de origem incerta, debate-se qual é a correta definição histórica, isto é, se é dado essencial ter saída ou não. A opinião que vou dar ajudaria a responder a questão.

Os estudos célticos deixam aplicar a gramática histórica mais ingénuas. Fácil é ver o protótipo *BECCO-, que leva para o latim *beccus*, registado desde Suetónio, donde o fr. *bec* e o nosso *bico* (cruzado com *picar*), que pacificamente se julga vindo do céltico, cf. gaulês *Beccō*.

Palavra latina popular é *bucca*, de sons e sentido próximos, que substituiu o lat. *os, oris*. *Bucca* também é do céltico, cf. *Buccus, Buccō* e *Bucciō*. Aonde chega tal proximidade? Coromines e Hubschmied provaram os E e O breves célticos ser fechados ao invés dos latinos, abertos. Há confusões nos ecos românicos pelas convenções gráficas e as datas dos empréstimos. Varia o timbre dos ecos de *beccus* segundo tenham passado diretamente do céltico aos romances ou tenham passado pela peneira do latim.

A meu ver no céltico *beccus* e *bucca* eram *BEKKOS e *BOKKĀ. Além dos géneros, vê-se que mostram a indo-europeia alternância apofónica ou de laringais, o que nota o parentesco. Para firmá-lo cumpriria dar no étimo indo-europeu, mas não vejo a raiz adequada. É possível estarmos ante vozes de origem expressiva, conforme a constante gemação.

Qual o primeiro valor do plexo, “focinho” ou “boca”? *Beco* “ruela curta e estreita” terá sido “*boca* tangente a uma rua”, cf. cast. *bocacalle*. Ao perder-se a consciência etimológica de *beco* no valor próprio, ficou aberta a via, pela metafonia e acréscimo expressivo do I agudo, para cruzar-se *beco* e *pico* em *bico*. No caso de *beco* “ruela” não houve cruzamento, a palavra ficou fóssil. Se atinei, há *becos sem saída*, sobretudo metafóricos, e *becos* que a têm.

BÉTICA, CÉLTICA ESQUECIDA

(CABRA, CÓRDOVA, HUELVA, OSSONŌBA, SEVILHA, BAETIS)

Andaluzia sempre foi vista como Oriente em Ocidente, mesmo antes da onda islâmica. Cádiz e Málaga são dados certos da velha presença do Mediterrâneo oriental nas terras do sol-pôr. Mas no interior as incógnitas deixavam campar a fantasia. Tartéssios e outras mitologias disputavam encarniçadamente o vazio. Estavam aí os ignorados de sempre, os povos de língua céltica. Nem a arqueologia nem as notícias antigas saciavam. A linguística histórica deveu dar a chave para varrer o longo olvido. Surpreendidos vemos a luz nova que vai a cair na cena. Eis as etimologias de Séneca e Argantónio, depois as que Coromines topou na Serra de Andévalo. Mais tarde abalou-me *Igabrum*, o nome velho da vila de Cabra. Já na pista, peguei a buscar e cuido ter achado as origens de Córdoba, Huelva e outros nomes rematados em *-uba* átono. E as de Sevilha e Bétis. É conjunto desordenado, sem tripartição ou outra organização interna do vasto terri-tório. Junto os dados na ordem cronológica das pesquisas. Primeiro é preciso revisar o assunto da prótese de I móvil nos “iberismos”.

⁴⁰ De **bhel-* “florescer; brotar”. Da var. **bhlō-*: lat. *flōs, flōris*, célt. *BLĀTUS, germ. **blōmon*. O enunciado “florescer” escamota o centro “nascer vegetativa e viçosamente”, real em *BELION e frutos da var. **bhol-io-* (lat. *folium* e gr. φύλλον).

O FANTASMAL (H)I(S)- MÓBIL

Bezerro não pode separar-se do hispano-latino *ibex*, *-icis* “camurça”. Diz Coromines: “Sabido es que la desaparición de una I- es frecuente en los iberismos...” (DCECeH, *becerro*, nota 2). É, o I- aparece e desaparece em palavras do substrato e da toponímia hispana sem razão aparente.

A mobilidade sugere a vogal ser um pronome demonstrativo fraco ou já um artigo. Robora a presunção o antigo nome da cordovesa Cabra, *Igabrum*, de etimologia patente. Cabra foi, é, famosa pelo cordovão, coiro de cabra curtido suave e resistente. A fama sói ser atribuída à Córdova islâmica, mas era mais velha. *Igabrum* é céltico: gaélico *gabor* (irl. *gabhar*, escocês *gobhar*), galês *gafr* [gavr], córnico *gavar* e bretão *gabr* ou *gaffr*, vêm do ant. GABROS, registado em gaulês. É género epiceno, de toda a espécie, cf. *cabra*, epiceno feminino.

Como soava *Igabrum*, óbvia grafia latina? Os I e U breves latinos, laxos e algo abertos, equivaliam a E e O breves fechados célticos, cf. Coromines e Hubschmied. As nasais finais célticas eram fracas, realizadas na nasalidade da vogal prévia; usa-se grafá-las com -N. As escritas célticas seriam *ĒGABRON ou *IGABRON, neutro de valor similar ao atual. A meu ver cumpre escrever *I GABRON e verter “o (que é) caprino”. Além da alegria do achado, deixa-nos o corolário do demonstrativo-artigo. Que torna a aparecer no nome velho de Martos, Jaém, em zona sempre julgada ibera, que sai na forma dupla *Tucci* ou *Itucci* (gr. Τύκκε). É o céltico *I TUKKE “o (que é) crasso, pingue, gorduroso”, cf. *Tucca*, *tuccetum* e **tuccinum*. A gordura foi metáfora da riqueza; logo melhor fora traduzir “(oppidum) da riqueza, rico”.

Se buscamos etimologia céltica ao demonstrativo ou artigo, as neocélticas não ajudam. É no indo-europeu que há apoio: **i* / **ei* serviu a fazer demonstrativos em latim e germânico: latim *is*, *ea*, *id* e gótico *is*, *ita*. Tirando as inovações do feminino latino e dos neutros, ficam os protótipos **is* animado (depois masculino e feminino) e **i* inanimado (neutro). Guardemos isto.

CÓRDOVA, HUELVA E OUTRAS

Coromines viu o cabo átono de *Cordūba*, *Onūba-Onōba*, *Ossonōba*, *Mainōba*, ser o sufixo *-wa*⁴¹. Ainda que depois creu ver étimos bascos nos radicais, aquilo era inobjektável. O seu perfil indo-europeu diz onde buscar. *Cordūba* foi *KÓRDQWĀ, do tema *KORDO-. É o gaél. médio *crođ*, mod. *crođh*, “gado; riquezas, bens”, talvez com paralelo britónico⁴². Para Pedersen e Pokorny, o seu étimo *KRODOS teve metátese na primeira sílaba, cf. germ. **χerđō* (gót. *hairda*, ingl. *herd*, alem. *Herde*), scr. *čárdhas* e eslavo ant. *črēda*. Cumpre adir gr. κόρυς “montão”. Tudo leva para o indo-europeu (neogramático) **kordhos* e **kordhā*, de semântica afim à *gado* (mas inversa: “ganhado” > “tropa de animais”), de *pecúnia*, *pecúlio* (*pecu-*) e do germ. **fexu-* “gado”, donde o baixo-lat. *feudus*. De Córdova é Cabra, que antes fora *Igabrum*-I GABRON “o (oppidum) caprino”. Portanto *KÓRDQWĀ lá fora “a (vila) dos gados (ou rebanhos)”. Vejamos *ÓNQWĀ, *UXSÓNQWĀ e *MÁINQWĀ.

Do fácil ao difícil, vejamos *Ossonōba*, na costa ante Faro, no Algarve. O Mestre via impossível o céltico⁴³; o génio aí adormeceu. É claro termos *UXSÓNQWĀ. Por quê? Séculos depois (XII e XIII), os muçulmanos diziam-lhe *Ukšūnuba*. *Ossonōba* e *Ukšūnuba* acordam no célt. *UXSÓNQWĀ “a dos touros”. Inescusável é a grafia latina -SS-, e o inequívoco -KS- árabe, inconciliáveis com o protobasco *oso*. São ecos do célt. -XS- (fricativa velar surda + sibilante surda), fruto do indo-europeu *-ks-*. O ie. **uksén-* “touro” deu céltico *ÚXSŪ, UXSÓNOS (gaél. *oss*, galês *ych*, pl. *ychen*, córn. pl. *ohan*, bret. méd. pl. *ouhen*, mod. *oc’hen*), germânico **oḥson* (gót. *auhsa*, anglo-sax. *oxa*, alto alem. ant. *ohso*) e sânscrito *ukšán*.

*ÓNQWĀ é dúbio. Ideias abundam, mas o corpo reduzido resta certeza. Só por encher o vazio, traduzo “a (vila) da água”. Stokes supôs *ONO- para explicar os gaélicos *onfais* f. “mergulhar” e *onchú* “monstro aquático” (lit. “cão de água”). Também quadraria *ÁNQWĀ de A- labializado, cf. a variante gaél. *an* f., voz de glossário roborada pelo gaulês *anam* “*paludem*” do glossário de Endlicher, que recua a *ANĀ (*Anas*, o

⁴¹ *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas prerromanas de la Pen. Ibérica* - 1974, Univ. de Salamanca, 1976, pp. 123-124.

⁴² Galês *cordd* f. “tropa; família”. Incerto: pudera vir de *KORDĀ ou de *KORIIĀ.

⁴³ Op. cit., p. 124, linhas 15 e 16.

velho nome do Guadiana) e aparenta com o gót. *fani* “lameiro”, nórd. *fen* “paul”, etc. Se é que atinam os que veem Máinoba ter sucedido a Μαίνάκη, a mais ocidental colônia fócia, aí haveria paretimologia no céltico, *MAINOWĀ “a (vila) do tesouro (consagrado)”, de acordo com paralelos.

SEVILHA

Vimos ser provável o I móvel ser um demonstrativo fraco ou mesmo já artigo. E vimos ser casos neutros. Os casos animados, femininos e masculinos, deveriam ter o regular -S. Se damos com (H)IS-, teremos ocasião de verificar a hipótese. Eis *Hispalis*, o velho nome de Sevilha: não é latino e quadra duvidar da transcrição. A vigência do latim medieval como língua escrita tradicional, com o freio retardante da erudição, leva-nos a fitar na transcrição árabe, reflexo da popular. Apesar das complexidades do alifato, no caso o nome aparece como *Ixbília* إشبيلية. Daí se podem tirar algumas conclusões:

a) Descarta-se a aspiração inicial. O árabe, rico em consoantes laringeas, faríngeas e aspiradas, caso de havê-la não deixaria de refletir. Logo seria notação latina de ataque suave ou espírito fraco.

b) O árabe não ter oclusiva labial surda (P) nada diz da 2ª consoante. A língua original podia ter combinatoriamente pronúncia sonora e surda.

c) O I tónico é decerto um rasgo evolutivo do nome dentro do árabe, efeito da *imela* frequente no árabe hispano, pela qual um A passa para E, e às vezes para I.

d) No Império o povo pronunciava **Ispália* ou **Isbália*, com -A final como nota a forma árabe. A flutuação *Hispalis*-**Ispália* encerra a chave da etimologia.

Digo já: *Hispalis* oculta o céltico ***IS BALĪ** “a vila”. O genitivo ***ESIĀS BALIĀS**, e o resto da declinação, não podia entrar nos temas latinos. Vejamos o tema céltico em Ī longo, e a seguir a dificuldade de ***BALĪ**, ***BALIĀS** “vila”.

No indo-europeu (digo-lhe *neogramático* para simplificar) havia um tema feminino que em nominativo e acusativo sg. apresentava -I^p (I + vogal neutra ou laringal) e -IĀ no resto da declinação. O -I^p em sânscrito e céltico virou em -Ī, e em -IĀ em latim e grego. O rasgo céltico revelou-se no estudo do nome principal da grã deusa céltica, ***BRIGANTĪ**, g. ***BRIGANTIĀS**, conhecido na forma latina *Brigantia*, adaptação feita pelos bilíngues, ao recuar a língua local, mediante a nivelção da declinação “anómala”. Na tempo republicano da entrada do latim em Hispânia, a adequação levou outro rumo, respeitando o nominativo **BALI**, e adindo o -S do caso animado (e feminino). Mas por que ***BALĪ** com B-? Quais as razões para vertê-lo assim?

O céltico perdera o fonema P indo-europeu. O que depois não o recriou a partir de K^w (hispano-céltico e protogoidélico) tinha logo um amplo leque para realizar o B, não limitado pelo traço de surdez. Ao tempo, a nascente lenição das oclusivas intervocálicas criava uma oposição fonética, não fonológica, percebida apenas pelos forasteiros. Daí as transcrições latinas com P de palavras célticas de B etimológico. Caso claro é *Alpes*, céltico ***ALBES**, mas há outros; é bem claro o caso do Παλιόντιον-*Pelontium* de Ptolomeu, vivo no asturiano *Belôncio*, prova da tradição fonológica céltica. Neste caso a labial não era intervocálica.

Existiu ***BALĪ**, ***BALIĀS** “vila”? Eis o gaél. *baile* “lugar; povo, vila; herdade”, masculino. Caso claro é o nome oficial de Dublin, capital da Irlanda, *Baile Átha Cliath*, que foi ***BALIOS JĀTOUS KLĒTON** “a Vila do Vau das Paliçadas”. ***BALIOS** ser masculino não é dificuldade, flutuar o género é trivial. No indo-europeu cabe ver o étimo **bhwē-liio-*, raiz **bheu-*. Sevilha portanto foi lá no princípio meramente “a Vila”.

BAETIS

Cuido que foi ***BAITĪ**, g. **BAITIĀS**. Tem apoio neocéltico? Tem, mas requer esclarecimento pela distância cultural. Fácil é o género feminino; quase todos os potamónimos eram femininos, epítetos da Deusa. Os rios no orbe céltico eram limites, e nos vaus travavam as batalhas, de água na cinta. No imaginário medieval a cena virá ser nas pontes. Além disso, o *ethos* celta pedia no guerreiro o alarde amedrontador, como no samurai, ao invés do mundo atual de cunho cristão. Daí tantos nomes de rios conter os conceitos “louco” e “violento”, cf. Mera (***MERĀ**). O gaél. *baith* “louco, selvagem” foi célt. ***BAITO-**, cujo feminino era ***BAITĀ**, g. ***BAITĀS**, ou ***BAITĪ**, g. ***BAITIĀS**.

QUEM ERAM OS TURDULI E TURDETANI?

Tão ensarilhado anda na história que desatá-lo parece impossível. Repetem-se palavras a ocultar que nada se sabe, além das velhas notícias intraduzíveis. Schulten suscitou entusiasmo com a tese “*tartéssios, ramo dos etruscos*”, mas a alegria foi-se pelo esgoto, e cumpre recomeçar. Somente o microscópio linguístico trará luz, analisando o tema que fica ao tirar as desinências de *Turduli* e *Turdetani*. Sempre junto dos *Celtici* da Bética do oeste, é fácil vê-los parte dos *túrones* ou **túrodes* célticos. Nos registos vê-se seu percurso.

1º) Bem que Ptolomeu (II d.C.) não é o mais antigo autor a citá-los, a sua notícia (II, 11, 22) pode julgar-se a do lar original da tribo. Situa *túrones* no NO da Bavária, alto vale do Meno, ao sul dos *Chatti* de Hessen, terra em paz julgada âmbito da cultura céltica.

2º) Depois surge boa parte da tribo ao sul do Loire, na *Turena* (*Touraine* e *Turenne*), centrada em *Túrones* (*Tours*). Será o ramo de mais vasta fama, pelos seus filhos Gregório e Martinho.

3º) De qualquer desses sítios (ou doutros) veio à Hispânia, talvez a inícios do IV a.C., a onda dos **túrodes* (**turodeloi* > lat. *turduli*) a tomar a Bética (Sevilha, parte de Huelva e Cádiz) junto dos *celtici* (“armados de lança”). Diz Estrabão (III, 1, 6) que tinham leis e crónicas de 6000 versos⁴⁴, o que vai com o que César diz do ensino druídico e a tradição insular. Tanto tempo se creram tartéssios, para Schulten etruscos, que a identidade céltica ficou invisível. Diz Estrabão (III, 3, 5): “arredor dele [cabo Nério] moram os Célticos, parentes dos do Anas. Dizem que eles e os Túrdulos invadindo lá [extremo NO] tiveram dissensos trás passar o Lima. Além do dissenso, morto o chefe, ficaram aí esparsos. Daí dizer-se Esquecimento o rio”⁴⁵. A tradição (que Posidónio toma-a de “*célticos*” ou *túrones*) na fonte seria uma epopeia; dista o tempo justo para ser o tipo de registo oral em verso, histórico e adornado, que as tribos usavam.

TÚRONES OU TÚRODES

Túrones eram os da Bavária (talvez lar original), os da Turena e do calaico *Turonion*. É nome da raiz **teuə-* “inchar-se; ser forte”, de grande futuro. No céltico deu TURO- “forte”, antropónimo hispano abundante. A ampliação nasal não é difícil; a explicar é a dental, mais incerta e menos documentada. Mas Τουροδῶν (g. pl.) é uma tribo calaica que Ptolomeu põe nos brácaros, confederação gróvia, calaica do Sul. Apesar das tortas coordenadas ptolemaicas, a qualificação de Βρακάριοι é útil. Estes **Τούροδες* são os de *Turonion*, brácaros, não os ártabros de *Tordoia*. Os dous temas (*Turod-* e *Túron-*) coincidem logo num ponto. Dizíamos *Turduli* (< **Turdeloi*) ser síncope de **Túrodeloi*, forçada pela desinência adida dos latinos. O mesmo no sinónimo *Turdētānī*, com a desinência complexa *-tānī*.

TÚRODES NO CÉLTICO INSULAR

Há uma palavra gaélica oportuna, oculta pela mudança vocálica e o disfarce semântico: *tuir* “pilar, coluna”, pl. *tuirid*, tema dental⁴⁶. Diz Vendryes “au figuré” ser também “sustento, suporte (falando de homem), herói, chefe”. Tiro o “figuré”. *Tuir* sofreu influxo de *tor* (< lat. *turris*) e de *túr* (< fr. *tour*), sobretudo no feminino. *Tuirid* foi **TÚRODES*, forma igual à de Ptolomeu. A relação com a raiz é clara: colunas e capitães têm de ser fortes e suportar tetos e povos com força suficiente. É palavra grande por ser parte do nome irlandês da batalha divina, a *Cath Maighe Tuired*, sempre vertida (também por mim) “a Batalha do Campo dos Pilares”, mas nada tolhe verter “Batalha do Campo dos Heróis”. Esses valores são inextricáveis no adjetivo *tuiredach* (< **TURODĀKO-*), “fornecido de colunas” e “poderoso”. V. *Etimologia de Hispânia*

⁴⁴ Outros têm 6000 anos: deve ler-se ἐπὼν em vez do ἐτόν dos códices.

⁴⁵ III, 3, 5: “περιοικοῦσι δ’ αὐτὴν Κελτικοί, συγγενεῖς τῶν ἐπὶ τῷ Ἄνα. καὶ γὰρ τούτους καὶ Τουροδούλους στρατεῦσαντας ἐκεῖσε στασιάσαι φασὶ μετὰ τὴν διάβασιν τοῦ Λιμαία ποταμοῦ· πρὸς δὲ τῇ στάσει καὶ ἀποβολῆς τοῦ ἡγεμόνος γενομένης, κατα μείναι σκεδασθέντας αὐτόθι· ἐκ τούτου δὲ καὶ τὸν ποταμὸν Λήθης ἀγορευθῆναι.”

⁴⁶ Em *tuirid* o primeiro I não soa; nota a palatalidade do R. O forte tom inicial fazia do segundo I uma vogal neutra, colorida de I pelo D palatal, palatalidade por sua vez vinda do E desinencial (*-des*), que tingiu o D antes de cair.

BINCHA

O galego *bincha* “borbulha; empola; bexiga” não tem de etimologia. É talvez parente de *bexiga*, que como os outros ecos românicos não vem do lat. clássico *vēsica*, mas do *vessica* também documentado. Ainda houve *vēnsica*, que será o antecedente imediato das outras formas.

Ernout-Meillet unem *vēsica* ao sânscrito *vastih* “bexiga” (< **wṛstis*) e ao alto alemão antigo *wanst* “pança, barriga” (< **wonst-*). *Vensica* apresenta a desinência céltica *-īca*, o que deixa uma base **wens-* comum com as palavras sânscrita e germânica, de momento sem clara raiz identificada.

Não é irracional propor uns étimos com sufixos diminutivos, latino *-cula* ou céltico *-TLĀ*, quer dizer, lat. **venscula* ou célt. **WENSTLĀ*. Provavelmente o último por causa da desinência. Vemos o grupo *-NSC-* no célt. **GANSKIO-*, que deu *gancho*, através de um intermédio **gancsio*. O tratamento do grupo é próximo do que se vê em *Sanctius* > *Sancho*.

O I tónico será fruto de o E breve do étimo, fechado em céltico, virar ainda mais fechado pela circunstância dupla de situar-se em sílaba travada com nasal e vir seguido de consoante palatal.

A pesquisa peca de construída, mas de momento não vejo nada melhor.

BISBARRA E CLĀ

(*bisbarra* “comarca”, *barra* “vara”, “baixio”, *barro* “argila”, *bairro* “sector urbano”, *bairro* “terra caliça”)

Coromines cria na origem céltica do galego *bisbarra* “comarca”. É composto certo de *barra* e um prefixo ou outro nome, acerca dos que ele emitiu várias hipóteses. A meu ver é o célt. *BARRO-* “alto” (**bhars-o-*), de vasta família. Em “(vara) alta”, “tranca para obstaculizar”, está o valor original. De *barra* vem *barreira*, que é “limite (de barras)”. *Barra* “baixio arenoso” vem de “(areia) alta”. E *barro* “argila” aludirá aos sítios pensos ou verticais donde se extrai, para evitar os alagamentos que a impermeabilidade dessa terra produz.

No século VIII o árabe vulg. *bārri* “externo, exterior” (étimo de *bairro* para Coromines) interferiu *barra*, junto do adv. *barra* “afora”, em Argélia substantivado, de valor *campo* (oposto à *vila*). Influuiu nas terras do Norte. Do inextricável cruzar testemunha *bairro* “parte da urbe”, como nota o outro *bairro* “terra caliça” (por *barro*). E o cruzamento é também bem provável em *barra*, não em *bisbarra*, que é parte do torrão mais imo.

A base de *bisbarra* será céltica e valerá “território”, qualquer que fosse o jeito em que tal valor se vincula a “alto”. Seria *barra* “altura; altura central” com o harmónico “pendor”, e daí “circuito”. Possibilidades há várias e documentos poucos, mas lembre-se ser usual nomear uma terra a partir das raiais: *comarca*, *contorno*, *arredores*, *distrito*. Benveniste mostrou o lat. *regio*, antes que “território”, ter sido “ponto atingido por uma linha *reta* traçada na terra ou no céu”. Além disso, “altura; altitude” articula-se com “fundura” e “extensão”, o que dispensa mais explicações.

Retendo o valor “território” de *-barra*, a primeira parte é questão menor. Talvez seja um híbr. *vīcī barra* “território da aldeia”. É melhor **WĒKE-BARRĀ*, composto céltico puro, similar ao **WĒKEBRIGAIKO(N)* “dos do castro do clā”, da inscrição de Rairiz de Veiga. Logo seria “território do clā”. A sequência evolutiva seria **WĒKE-BARRĀ* > românico **vezebárra* > *bez'barra* > *bisbarra*, que foneticamente soa [bizbarra].

BODE e GODALHO

Coromines uniu agudamente os quase sinónimos *bode*, *godalho* e o leonês *igüedo*. *Godalho*, antes que “bode”, é “cabrito crescido”. Aponto ser provável virem do étimo céltico sugerido para o mês EQVOS do calendário de Coligny e para o irl. *Eochaid*, g. *Echdach*⁴⁷: **EKWOTIS*, de **peku-potis* “senhor do gado”. Loth e Hubert criam o EQVOS calendar não aludir ao cavalo, mas ao bode, e ser a transcrição imperfeita de **EKU-OT-S*. Quanto a *Eochaid*, apresenta incertezas na evolução, mas não é a peça fulcral do caso.

⁴⁷ H. Hubert, *Les Celtes et l'expansion celtique jusqu'à l'époque de La Tène*, Paris, 1950, cap. III.

O certo é **peku-potis* explicar o scr. *pašupátih*. **EKWOTI-* no céltico é isso trás a queda do P, e serve a unir os nomes na sequência **EKWOTI-* > **egwode* > **ewode* > **(e)βode*. O tom fixa o uau (depois -B-), perdido em **equot-āculu-*, diminutivo híbrido, pelo deslocamento do tom. **Equot-āculu-* > **ecotaclu-* > *godalho*.

O leonês *igüedo* talvez não tem ditongação, e sim conservação do ditongo crescente com leve variação do timbre da vogal tónica. No final, Coromines via possível o trânsito -o > -e. Lembre-se a incerteza gerada na declinação céltica, mormente a atemática, ao dar com a latina. *Bode* guarda a base temática. *Igüedo* portanto mostraria a confusão na passagem do céltico ao latim pelo peso dos acusativos e genitivo-ablativos célticos (**EKWOTAN* e **EKWOTOS*), de desinências de vogais abertas, que punham nos latinizantes a ideia de o vocábulo ser de tema vocálico.

O EQVOS de Coligny era quase fevereiro, no gaélico *oimelc*, que é uma paretimologia do anterior *imbolc* (**AMBÍWOLKĀ* “circumpurificação”), que fala nas purificações de fevereiro. *Oimelc* compõe de *oí* “ovelha, carneiro” (**OWIS*) e *melg* “leite” (**MELGOS*, *MELGESOS*) e logo fala na lactância dos aninhos. O nexo de fevereiro e os rebanhos reforça a tese de Hubert sobre EQVOS.

Galego **BOH!**, cast. ¡**BAH!**

Há tempo que penso em defender o estudo etimológico de interjeições, a meu ver preterido pela opinião que nelas só dá peso à expressividade, factor que existe, mas que é secundário. Estou persuadido de muitas virem de vozes velhas ou antiquadas, pouco dá quão remota seja a data na que perderam significado. Uma mostra é o cast. *¡bah!*, do que Coromines disse ser de origem expressiva.

Daí o *boh!* galego. As duas interjeições são de menosprezo. Contêm o castelhano antigo *vá*, 3ª pessoa sg. presente de conjuntivo de *ir*, antiquada também nos falares galegos, vergados sob a influxo da língua oficial. *Vá* foi substituído pelo bissílabo *vaya* (e *vaia* em muitas falas galegas). Era elipse da locução “vá por Deus”, em cast. ant. “va por Dios”, mod. “vaya con Dios”, a despedir um esmoleiro. A energia depreciativa é proporcional ao olvido da origem verbal. Fases menos evoluídas do processo são visíveis nas interjeições cast. *¡vaya!* e galegas *vaite!*, *vaites!*, nas que ainda transparece a origem e onde a ironia domina o menosprezo.

A forma castelhana sai no Marquês de Ribas (1791-1865), cf. Coromines. A consciência etimológica foi-se com a elipse. Antes de sumir, sai no final do *mamotreto* III de *La Loçana Andaluza* (1524), de F. Delicado: “va, va, que en tal pararás”. É interjeição com valor verbal, mas pega a desprender-se: *pararás* é tratamento familiar de *tu*, 2ª pessoa singular, e *va* é trato distante, de verbo na 3ª pessoa.

O galego *vaites!*, é cruzamento de formas verbais: imperativo *vai-te!*, ordem clara não muito depreciativa, e *vais-te!*, indicativo muito mais urgente. O deslocar do S tolheu a precisa consciência da origem. Não dei com equivalente português, o que talvez caracteriza os génios de cada uma das línguas, e a incerta fortuna das falas galegas. E a grafia *vá*, seria acaso possível ou conveniente restaurá-la?

BOLO

(toponímico)

O *Bolo* é nome de uma comarca próxima de Trives, que nada tem com o comer. Certo é o étimo ter duplo L: **BOLLO-* ou **WOLLO-*. Parece-se com o **WOLÓBRIXS* (antes que **WOLÓBRIGĀ*) que o Ὠολόβριγα de C. Ptolomeu e o *valabricensis* de epígrafes deixam reconstruir. A geminação do L no étimo **WOLLO-* será expressiva, hipocorística, quer dizer, um recurso similar aos nossos diminutivos, frequente nas línguas indo-europeias antigas, onde alternava com a simplicidade.

**WOLÓBRIG-* não é o *Bolo*, que é da diocese de Astorga, herdeira do convento asturicense, entanto que os de **WOLÓBRIXS*, os *nemetates* (“que têm o *Nemeton*”), eram bracarenses.

O que procuro é traduzir. **WOLLO-* será o ie. **upolo-* “baixo, inferior”, adj. baseado na prep. **upo* “sub” (> célt. WO, WA, WE; irl. *fo*, galês *gwo*), tal qual o célt. (O)UXSELLO- “alto, superior” parte de **(e)ups*, cf. gr. ὕψι “arriba”, ὑψηλός “elevado”.

As vogais de *valabricensis* diferem por átonas. Eis o O breve temático dos primeiros membros em português (*francò-prussiano*). Deslocado o tom, tal O aberto, ora átono, passaria para A, como amiúde em galego.

Depois, o precedente WO- dissimila em WA- por harmonização. Em gaulês WO passa regularmente a WA: *vassallus* < **upo-sthā-*.

As palavras neocélticas para “baixo, inferior” hoje costumam ser derivados do ie. **pēd-su* “aos pés”, mas é clara a origem adverbial recente; para a noção na antiguidade deve-se supor outro adjetivo, que seria este *WOLO-, com a variante substantivada e afetiva *WOLLON.

*WOLÓBRIG- era logo “castro de abaixo, de juso”. E *WOLLON, aqui mais importante, será um neutro substantivado e, como pátria, afetivamente geminado desse mesmo adjetivo, e com o significado de “o (país) de abaixo, de juso”, *scilicet* “de abaixo” (= adjacente) de *Nemetóbriga*”.

BOLOARDO, BOLEARDO, BOLO, LARDO, PÃO-DE-LÓ

Para mim desde a infância o biscoito leve ou pão-de-ló foi *boleardo*. Minha família é de Santa Maria de Oia, entre Baiona e a Guarda, no sul de Ponte Vedra. *Boleardo* corre mesmo no castelhano local. Um dia quis ver donde vinha. O cariz francês da desinência fez-me pensar no fr. ant. *boloart*, *balouart*, hoje *boulevard*, donde *baluarte* e *bulevar*, tão divergentes. Cria-o García de Diego, sem base semântica, salvo que se deixe voar a imaginação em associação livre. Cumpria tentar outras vias e debruçar-se nos léxicos na procura de detalhes significativos e variantes formais a sugerir a resposta.

Primeiro a registá-lo foi F. X. Rodríguez, no séc. XIX. Seguida por muitos, a Real Academia Galega define: “Peça de doce que se faz com farinha, ovos, *manteiga* e açúcar, e recoberta deste último. Espécie de torta de grandes dimensões, e adorno ou figura de relevo acima, regularmente redonda, bem que em Baiona lhe dão feitiço triangular, e é obrigada de fim de festa numa boda com *regueifa*.” Dá os sinónimos *boloardo* e *regueifa*. É similar ao pão-de-ló ou biscoito doce, *com uma gordura*, dantes decerto *manteiga* (de leite). Há feitiços vários: o triangular, insólito, será velho. Sendo os doces para dias assinalados, dalgum jeito terão sentido religioso. O triângulo aludirá à Santíssima Trindade cristã, e além dela, talvez acuse pegadas das célticas e do trifuncionalismo indo-europeu. Agora no sul de Ponte Vedra, por influxo das *regueifas*, o *boleardo* tem hoje feitiço de rosca. Noutras partes triunfa o pendor natural à mera redondez. Nas vogais de *boleardo* obra talvez a paretimologia de *bolear* “arredondar”. Se tal, o *boloardo* de Tui, isolado e não dissimilado, será a forma mais antiga⁴⁸. Este é bolinho de iguais ingredientes. O hiato de *boloardo*, se é palavra antiga, nota consoante perdida, que seria L, N, D ou I consoante. Pendo a ver o étimo *BULLU-LĀRDU- “bolo gordo”, opinião que muda suposições aceitas do baixo-latim e proto-românico: sói se tirar *bolo* do *bola* românico. A meu ver derivou no baixo-latim. Detalhe mínimo digno de atenção.

Os léxicos consideram *lāridum-lārdum* um substantivo. Só o substantivo “banha”, e não adjetivo “gordo, chorudo”. Mas vemos: a) o neutro é próprio para substantivar adjetivos; b) Teodósio Macróbio (africano do séc. IV) regista *lārīda* sc. *carō*, onde é adjetivo feminino a modificar *carō*, *carnis*; e c) o primeiro documento do homólogo castelhano, em Juan Ruiz, mostra-o como adjetivo, mal que se forçasse a interpretação: “*mucho tocino lardo que non era salpreso*”. Coromines não via razões para julgá-lo adjetivo, como faziam em 1946 autores anglo-saxões⁴⁹, e põe uma vírgula entre *tocino* e *lardo*. Ora, *lardo* inda pode ser adjetivo em Portugal, e *larde* em francês é “(carne) lardeada”, óbvio eco da velha função dupla. Estes dados chegam para mostrar que era tanto substantivo quanto como adjetivo, com probabilidade de que originalmente fosse o segundo.

O reconstruído *BULLU-LĀRDU- “bolo gordo”, acorda com os elementos e com as cousas significadas. A zona do uso (Tui, Baiona, Redondela, Ponte Vedra) é homogénea. Talvez chegue à Corunha, se F. X. Rodríguez tomou do seu ambiente, o que não sei.

Logo é provável *boleardo* vir de *boloardo*, e este do baixo-lat. *BULLU-LĀRDU- “bolo gorduroso”, que documenta oportunamente a velhice da derivação de *bullā* para *BULLU-, anterior à simplificação e queda dos sons laterais intervocálicos, e que nos firma o *lārdū-* adjetivo, suposto na longe origem (aliás ignota) e do que o português ainda conserva rasto. Estas notícias não são triviais; alumiam cantos incertos e documentam num período do que não havia dados. *Pão-de-ló*, que será “pão de vento”, é do séc. XV. Mesmo se *ló* tivesse

⁴⁸ Em F. X. Rodríguez há outra aceção de *boloardo*, “fleimão gingival”, que será metáfora.

⁴⁹ Boggs, Kasten, Keniston e Richardson, *Tentative Dictionary of Medieval Spanish*, Chapel Hill, 1946.

chegado no século XII, quando o francês por primeira vez regista o étimo provável do nosso *ló*, a designação do pão doce não pode ser anterior. Com *boloardo*/*BULLU-LĀRDU- penetramos no ambiente do milénio anterior e aprendemos algo da sua cozinha, mais pesada do que as que vieram depois, algo mais “nouvelle cuisine”.

BOQUEIJOM-BOQUEIJÃO

Boqueijão, na Ulha, foi o célt. *BOKKĀSIONOS, que é *BOKKĀSIO- com o sufixo -(O)NO- de teónimos. *BOKKĀSIO- inclui o célt. *BOKKĀ “focinho” (> lat. *bucca*), e logo é paralelo do nosso *bocaça* ou do cast. *bocón*. Logo é o “Divino Falador”. Ora, se hoje “bocaça” soa ofensivo, na cultura céltica do alarde não era; o guerreiro *devia* ser jactancioso. Mas quem era o Divino Falador?

O guerreiro divino era *Táranis* “Trovão”, o deus céltico da guerra, da 2ª função de Dumézil, adorado nos montes, de cujos cumes fulminava o raio. Em *Boqueijão*, na raia com Vedra, está o monte sagrado, o *Pico Sagro*, ônfalos tribal que hoje querem fazer canteira. Ensinava Benveniste que *sacer* difere de *sanctus* e que se deve verter “terrível”. Logo aí morava o TĀRANIS *BOKKĀSIONOS “Trovão, o Divino Alardeador”, venerado no seu “Monte Terrível”, donde gostava de lançar os seus raios.

BORRIFAR

“Rociar, orvalhar, molhar com pequenas gotas, salpicar; chuveiscar” é a síntese das definições. Palavra básica do idioma, a documentação mais velha conhecida é do séc. XIV. Como étimo fala-se de *borra*, do baixo-lat. *burra* “resíduos de lã ou sólidos suspensos num líquido”, o que a meu ver não é semanticamente congruente. O vínculo, se existe, é ténue.

Coromines cria aí andar o catalão ocidental dos Pireneus *borrufa* “vento que traz neve”, que viria para Galiza pela via náutica. Na Galiza há *barrufa* “névoa” e *barrufar* (P. Sarmento). Figueiredo regista-os como antigos e dialetais, e aparentados com *borrifar*, que é muito mais geral nas duas beiras do Minho, mas com os sentidos assinalados.

O problema é *borra* “filamentos; sedimentos”, e a desinênciã *-ifar*, rara e inexplicada. Aqui, mais uma vez, Coromines abriu caminho. O gr. βορέας “vento do norte” entrou no latim e teve ecos românicos. A par dele havia o ático βορρᾶς, em Tucídides, que passou ao latim no *borras* da Ítala, Prudêncio e Paulino de Nola. Apesar das abonações, *borras* não se vê no Du Cange nem no Ernout-Meillet. Daí veio o *borrasca* italiano, catalão, português e castelhano. Meyer-Lübke (REW, 1219) cria todos vir do italiano. Coromines e Zaccaria, com fundadas razões, criam na origem hispânica.

A meu ver virá de um vulgar **borriflāre* “soprar o vento norte”, um composto de *borras* e *flāre* “soprar”. **Borras flāt* “o Norte sopra” teria de dar **borriflāre*. O tema *borra-*, a ficar interno o A no composto, sofreu a degradação vocálica do latim, onde toda breve interna numa sílaba aberta vira em I.

Fruto de **borriflāre* devia ser **borrechar*, cf. *achar* (*afflāre*) ou *inchar* (*inflāre*). Por que não foi? A meu ver, *-fla-* passaria para *-ffa-*, com geminação expressiva. Sem família etimológica nítida, o F, expressivo do sopro, acrescentou tal valor pela geminação, ao tempo que perdia o L por uma espécie de dissimilação. Logo **borriflāre* deu lugar ao étimo imediato **borriffar*.

Não cabe descartar a autoctonia de *barrufa* e *barrufar*. Têm alterações vocálicas, decerto desde posições átonas. **Borriffar* daria regular **borrefar*. Numa língua de vocalismo lábil é fácil ver o R abrir foneticamente o O, e o E redondear-se por causa do F. Quanto a *borrifar*, o E fechado dissimilou ante as vogais laterais: O, foneticamente aberto, e A. A variante *esborrifar* talvez é antiga. É possível imaginar um prévio **ex borri flāre*, talvez mal formado, mas com a lógica de contacto da linguagem.

BOURAR

Bourar “golpear, em ser vivo e com ruído”, é galego geral, transmontano e talvez doutras partes. Transitivo indireto: “*Bourou nele*”. Aparece no P. Sarmiento. *Boirar* (Sobreira e Pintos) é de Ponte Vedra, até Ribadavia. Suspeito-o esparso pelo Norte ocidental. Sarmiento, Sobreira, Filgueira, E. R. González dizem ser “tundar em ser vivo”. Sobreira, Valadares, L. Pulpeiro, Filgueira, R. González e Elígio Ribas destacam “com ruído”.

Mais frequente e antigo é *bourar*. A monotongação de OU no padrão português será a causa da variante que comutou OU em OI com o intuito de não perder oposições. Se assim, o *boirar* pontevedrês ecoa a intensa comunicação marinheira com Portugal.

Na etimologia quadra confiar no testemunho neocéltico. O gaél. *buailid* (*bualaid*) “il frappe, bat, attaque” foi unido à raiz **bhau-* “bater” (Pokorny 112; Calvert Watkins **bhau-*, de **bhe₂u-*), frequente em germânico. Aliás, Vendryes cria na fonossimbólica **beu-* (Pokorny 97-98), que “dá termos expressivos de gritos e golpes”. As duas raízes se cruzariam no céltico, cf. as definições de *bourar*. O mero “il frappe...” gaélico talvez deva algo aos vizinhos germânicos⁵⁰. *Buailid* vem de *BOULETI, do tema *BOUL-EIO-. Do grau zero há *buille* (< *builne*) “golpe”, de *BULNIĀ.

Há *bourear* “alvorotar; trafegar; bulhar” em todos os léxicos. Se afim a *bourar*, só guardou a nota semântica do ruído, relação firmada ao ler no apêndice a E. R. González que no Courel e Lâncara é “falar com som alto e confuso”, ruído diverso. Firma-se mais em Lobeira, Lima, “bater com ruído e eco”, com as duas notas (Elígio Ribas). Logo *bourear* (melhor **bouriar*) seria mais velho e próximo de *BOULEIO-, com R por L: *BOUREIO- > românico **bauriare* > *bouriar* > *bourar* por elisão do iode, ou *boirar* pela metátese com substituição do uau. A pesquisa deve continuar.

BOUTA e BOSTA

O galego *bouta* parece do oeste (F. X. Rodríguez e M. Valadares, séc. XIX): “bosta diluída em água e outros elementos que estendiam nas eiras para fazer um verniz impermeável que na malha evitasse o pó”. Secundariamente é “a farinha apegada à capa do moinho” e também “resistência excessiva do grão que entorpece o andar da roda nele”. J. Hubschmied⁵¹ julgou-o celtismo por guardar o ditongo de *BOU- “boi”, o que não ecoou, talvez pela hura desinência; o T pede resposta que o T geminado não dá. Dão-na cast. *mayueta* “morango” e galego *Betanços*, com o quase geral trato paralelo de ST no céltico (ie. ST > célt. TS > PS > P ou SS). Coromines tirou *mayueta* do híbrido *MAIOPĀ, de *MAIOSTĀ⁵². Eu tirara *Betanços* de um céltico *WEĀANTIO(N), de *WOSTANTION, ie. **upo-sthantiom* “*substantium*; que é mais abaixo”.

Bouta foi *BOUPĀ “(bosta) bovina”, antes *BOUSTĀ, f. do adjetivo *BOUSTO- “bovino”, cujo neutro substantivado está para os mais no bronze de Botorrita: *bouštom*, “estábulo de bois”, o que é possível e provável, sem deixar de ser uma substantivação.

BOSTA

Isto também alumia *bosta*, tido por regressão de *bostar* (glossas), de dúbia latinidade. Não era clássico e algo terá com o nome púnico *Bostar*, segundo o Ernout-Meillet. Aquele *bostar* “estábulo” cruza as vozes púnica, céltica e as latinas próximas, com o fruto da paretimologia. No séc. I fluuavam muitas variantes das línguas do Império. A mudança céltica do ST, geral na fonética, tardou a fonologizar-se. Por conservadorismo ou pela fonologia das línguas defrontadas, às vezes ST ficou, mesmo no protogaélico. Daí algures durar o velho *BOUSTO- “bovino”, sem mudar o ST e com ditongo guarda-do, que no séc. I a.C.⁵³ passaria ao latim como **būstu-* “rebanho de bois”, com rastros toponímicos (*Busto*, *Bustos*, *Bustelo*, cast. *Busto*, *Bustillo*)⁵⁴.

⁵⁰ Cf. ingl. *to beat*, do germânico **bautan*, e outras formas.

⁵¹ *Enciclopedia Lingüística Hispánica* (ELH), Tomo I, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1960, p. 139.

⁵² DCECeH, *mayueta*.

⁵³ No séc. I dC. teria passado a AU ou EU.

⁵⁴ DCECeH, *bosta*. Distinguir **būstu-* “manada de bois” com *būstum* “crematório de cadáveres; monumento funerário”, do vulg.

O céltico com ST (mas com a monotongação [OU > Ō] ocorrida no séc. I) durava nas terras fiéis à língua na forma *BŌSTO-, cujo feminino *BŌSTĀ explica o galego-português (e daí o castelhano americano) *bosta*, sem apelo às regressões de *bostar* ou de *bostal*.

A par, o céltico montanhês resistente, isolado e sem letrados, manteve ditongo e fonologizou a mudança do grupo consonântico: *BOUPĀ > *bouta*.

Em suma, *BOUSTO- *trifurcou-se*. O substantivado BOUSTON passou ao lat. vulg. *būstum* “rebanho de bois”. No céltico crepuscular, o feminino *BOUSTĀ andou duas vias diferentes. O mais esperso reduziu o ditongo (como o português central e do sul) e manteve ST, talvez por influxo externo, dando *BŌSTĀ, donde *bosta*. O céltico mais longinquo e isolado manteve o ditongo e fonologizou a mudança fonética geral; daí o *BOUPĀ, donde *bouta*. *Last but not the least*, vê-se os celtismos ficar acantoados nos campos semânticos mais vis, o que não é novo nos processos diglóticos, muitos deles bem próximos de nós.

BRAGA

Braga ao cabo vem de *Brac̄ara*, como mostra o melhor latim escrito. Mas, na verdade, daí teríamos regularmente um **Brágara*, que não é. No baixo-latim aparecem formas dissimiladas, *Brac̄ala* e *Brac̄ana*. De uma destas, talvez da primeira, veio a portuguesa antiga *Brágaa*. Uma dúvida surge no cast. antigo *Brágana*, que será secundário, vindo do baixo-latim ou de falsa decodificação nessa língua. *Brac̄ara* é o célt. BRĀKARĀ, feminino sg. do étnico *BRĀKAROI, lat. *brācārī*, da tribo da vila. *BRĀKAROI é metáfora da virilidade baseada nas calças. É alarde próprio dos etnónimos, ainda viçoso. Mas então a metáfora não era velha: na Europa antiga as calças eram típicas dos celtas. Romanos e gregos não as usavam, sim persas e citas, povos afeitos a cavalgar. As mulheres celtas que o queriam podiam fazê-lo, mas não sendo usual, as calças vieram ser atributo sexual secundário masculino.

Os nomes vêm do das calças, BRĀKES, que passou ao lat. *brāces* (depois *brācae*, por causa do acusativo céltico atemático). A origem deste é obscura. Compartem-no céltico e germânico (**brōk*), e pensa-se num empréstimo ao segundo; dantes as calças eram próprias dos gauleses. No indo-europeu seria talvez **bhrāk-*.

O eco neocéltico do sufixo átono -RO-, trás A, E e U, tem função coletiva, mas em *BRĀKAROI não é claro. Também pode ser um sufixo de agente e traduzir-se “os calçados”, o que dá expressivo. E pode ver-se em *BRĀKA-, nom o tema nominal, mas o verbal denominativo “calçar”, o que convergiria com a outra tradução. Os detalhes escapam, mas ao cabo o resultado é certo.

BRASIL

O étimo de *Brasil* continua a debate tão só pela complexidade da selva em que é preciso embrenhar-se ao se dar com as cartas náuticas de datas anteriores à descoberta. Ana Donnard com os seus trabalhos abriu-me o horizonte. Ocorre-me que quadra articular a opinião oficial ou vigente, a do pau-brasil, com a da ilha Brasil: Será outra paretimologia a demonstrar a força impura desses cruzamentos na gênese das palavras. Breve, a *Ilha Brasil* das cartas náuticas – um hápax, nome isolado e opaco de origem misteriosa – tinha de enlear-se à força na etimologia popular do *pau-brasil*, qualquer que aí fosse a origem de *brasil*, a meu ver de *brasa*. É explicação simples e congruente. Os mareantes do séc. XVI decerto atentavam para uma cartografia que anunciava maravilhas. E os falantes, menos ilustrados, criam que o nome da terra aludia à árvore. Mas não nasceu daí, mas da ciência misteriosa dos navegantes, usualmente de acesso restringido.

A ilha *Brasil* sai na cartografia medieval como *Hy Brasil*, com muitas variantes. Eis as cartas de 1325 (de Angelino Dulcert *Bracile*), 1436 (carta de Andrea Bianco *Insula de Brasil*), 1480 (carta catalã *Illa de Brasil*). Não vou referir tais antecedentes; cingir-me-ei aos dados gaélicos, que em geral não vejo citados com precisão. É aí que posso brindar algo, espigado no magnífico vocabulário de Vendryes.

**būrō*, tirado de *amb-ūrō*, analisado *am-būrō*: “*proprie dicitur locus in quo mortuus est combustus e sepultus diciturque bustum, quasi bene ustum; ubi uero combustus quis tantummodo, alibi uero et sepultus, is locus ab urendo uostrina uocatur, sed modo busta sepulcra appellamus*” (Festus, 29, 7).

Hy Brasil reflete o gaélico *Uí Breasail* “descendentes de Breasal”. *Breasail* é genitivo de *Breasal*, *Bresal*, nome de um herói cuja forma mais antiga documentada é *Bressual*. Vendryes tira-o de *bres* “combate”, tema feminino em *Ā*, isto é, do protogaélico *BRITSĀ ou *BRISSĀ, céltico mais antigo *BRISTĀ, por sua vez do indo-europeu **bhristā*. Logo o antropónimo *Breasal* (e *Bressual*) recua ao composto *BRISSÓWALOS “forte na batalha”. Apeetece ter mais informes deste herói mítico, mas há poucos e esparsos na toponímia e fianhos de lendas isoladas, de todo insuficientes. Contudo, a firmeza e consistência da cartografia – que gerou o nome de uma terra no novo mundo – nota uma vigência firme na Irlanda anterior a Cromwell, suficiente para dar irradiada entre os navegantes europeus. Oxalá os eruditos irlandeses possam ampliar a informação.

BRÁULIO

Eis outro enigma antropónimo. Apesar do vago perfil latino ou germânico, não é destes domínios. Nem da Itália nem dos vizinhos, inclusive Catalunha e Aragão. Apenas do velho reino de Leão, quer dizer, da Galécia medieval. E não é germânico, apesar de Gutierre Tibon, que aí vê um *Brandila* foneticamente impossível. É geral e frequente em galego-português; e do leonês passou ao castelhano, onde é americano e filipino.

Documentação antiga e variantes formais

M. Pidal (*Orígenes del español*, § 60) traz textos velhos do Reino de Leão, com um curioso BO interno, que M. Pidal chama anti-hiático: 944 *Brabolio*, patronímico *Braboliz*, 1097 *Brabolio*. Como no ant. cast. *Burraca* (por *Urraca*), BO/BU é aí grafia do uau, fonema ausente nos romances, mas vivo no misterioso céltico do cabo do primeiro milénio. Os anos 944 e 1097 notam precisamente o final do sistema linguístico céltico da cornija cantábrica. Se nem é latino nem germânico, é no céltico onde cumpre buscar.

Bráulio na forma atual será de tradição (semi)erudita, não de todo popular. Diz Flórez na *España Sagrada* (e repete M. Pidal) no baixo-latim se declinar *Braulio*, *Braulionis*, e logo ser tema em nasal. Ao esvair-se a língua na que se cunhou, a frequência do nominativo-vocativo fez a perda do **Brauliom* ou **Braulhom*, quer dizer, o eco românico do acusativo latino. Eco popular existiu: no guia telefónico de Buenos Aires (2001) há um *Luís N. Braullón*, que creio de origem galega ou leonesa. Uma vista rápida na Rede dos guias telefónicos do estado espanhol não me revelou outros casos, o que lamento.

*BRAUNIŪ, BRAUNIONOS

Firme a base, proponho o célt. *BRAUNIŪ, BRAUNIONOS, que ao passar ao baixo-latim dissimila em L o primeiro N por causa do segundo, e deu *Braulio*, *Braulionis*. Que significa? O tema *BRAUNION- analisa-se *BRAUN- e sufixo -ION-. O que é BRAUN-? O *Lexique Étymologique de l'Irlandais Ancien* de Vendryes diz ser o étimo do gaél. ant. *brao*, g. *broon* “mó, moinho de mão”. Com galês *breuan*, córn. *brou* e bret. *breo*, vem do céltico *BRĀWŪ, BRĀUNOS, e este do indo-europeu **gr^wāwō*, *gr^wawnos* (os mais recentes põem **gr^wreH_{uon}*). O pancéltico *BRĀWŪ, BRĀUNOS vai com scr. *grāvan* “mó ou pedra para premer o soma”, arm. *erkan* “mó”, gót. *-q^uairnus* (*asilu-q^uairnus* “moinho de asno”), ant. isl. *kvern*, anglo-saxónio *cwearn*, ingl. *quern*, hol. *kweern*, ant. alto alem. *quirn(a)*, lit. *girn*, eslavo ant. *žrŭny*, russo *zhernov*, polaco *żarna* e tocário B *kärwenne*. Portanto, esse *BRAUNIŪ, BRAUNIONOS significaria “moleiro, o do moinho”.

Semântica: Difícil é ver – mas possível – por que caminhos o apelativo “moleiro” ganhou prestígio para virar antropónimo. Caso similar ao do ferreiro, julgado mago poderoso em todas as culturas? O moleiro seria também um bruxo poderoso. É mais provável a chave estar na ideologia social que Dumézil desvendou. Será o eco e representação da chamada terceira função, quer dizer, da massa social produtora de riqueza e privada de acesso ao poder. Logo faria uma estrutura com *Garcia* e com *Ordonho*, onde *Garcia* (v. aqui) ecoa a 1ª função, de sábios e soberanos, entanto que *Ordonho* ecoa a 2ª, a dos guerreiros donos da força. Mais uma vez maravilha debruçar-se nesse remoto mundo, sempre tão longe e a par tão perto de nós.

BRINCAR

D. Carolina Michaelis cria que *brincar* “divertir-se; gracejar” vinha de *brinco* “joia; pingente”, e este do lat. *vinculum* “atadura”. Através da aceção “anel”, os velhos *vinco* e *vincro* ou o atual *brinco* passariam a “brinquedo de infantes”, e depois *brinco* cobraría notas de jogo. Afinal viria *brincar* “saltar”, hoje única aceção do cast. *brincar*, que Coromines cria empréstimo do nosso. Tal caminho parece-me tortura semântica. O cast.

brincar “saltar” – se empréstimo; cuidado que o é –, nessa aceção retrata a dominante ao tempo de entrada. É preciso transitar outra via semântica e analisar variáveis. Cuido certo *brinco* vir de *vinculum*, mas também parece certo ter havido atração paretimológica entre *brinco* e um *brincar* de outra origem.

Schuchardt viu uma origem céltica em *brincar*. O gaélico *lingim* “eu salto” foi dantes também “eu bailo”, e viria de um anterior **blingim* (**BLENGĀMI* < **plangōmi*) à vista do pretérito *leblang* / *leblaing* (com *l*-analógico + **eblang* < indo-europeu **peplang-*). A perda do P- às vezes tardava mais do que se supôs, como se viu no sul das Gálias e Hispânia. O fr. *bringuer* “saltar” e o lemosim *bringà* “saltar de alegria” (Mistral) convêm pelo sentido e não têm o -C-, que na península substituiu o -G- por paretimologia com *brinco*.

Rejeitou essa opinião Coromines, entre outros. Ele não podia dar muito espaço a um caso que o distraía do catalão, onde há *blincar* “dobrar”, de tão próximos sons, e que é que é de *vinculum*. Para rejeitar baseava-se na suposta posição contrária de Thurneysen. Mas na verdade este duvidava sem negar e apenas declarara sua perplexidade. Na póstuma edição de *A Grammar of Old Irish* (preparada em 1938, aparecida em 1946) pendia já a tirá-lo da raiz **plāng-* e a supor que o B de *leblang* vinha de P indo-europeu.

A meu ver *brincar* vem do híbr. celto-latino **eblengāre*, tirado do pretérito do verbo “saltar, bailar”, que depois se cruzou com *vincro*, *brinco*. Quanto ao nexa entre as noções de “saltar” e “bailar”, é bem sabido no latim; *saltare* era um dos verbos para “bailar”. No campo céltico há muitos indícios que assinalam o mesmo, com a reserva de que se refere principalmente a bailes masculinos, nomeadamente os guerreiros.

A PÓVOA DO BROLHÃO

A leste da Terra de Lemos, o *Brolhão* era selva de caça. A *Póvoa do Brolhão* foi a vila que depois aí se alçou. Hoje nomeia concelho, freguesia e lugar. Ser *povoa* (*charta popula*) nota ter sido (re)fundada na reconquista; talvez sem mais antecedente que vilas latinas ou germanas. Castro houve: *Castro-Sante*, de **Castrum Sancti* ou **Castrum Sanctiī*. Importa havê-lo, mas o modificador pode diferir: “Castro do Santo” ou “de Sancho”? Aquilo traduzirá o céltico; isto, medieval, é do tempo de *Sanctius* (*Sancho*).

Essa *Póvoa* é do *Brolhão*, do célt. **BROGILONOS* “Souto divino, por excelência” (**BROGILONOS* > **Broīlono-* > **Brolhōō* > *Brolhom* > *Brolhão*). Sem sufixo é **BROGILOS* “país fronteiro”, diminutivo do gaulês *BROGIS*, étimo do fr. *breuil* “souto denso, de caça”. *BROGIS* é do célt. **MROGIS*, cf. gaél. ant. *mruig*, par do germ. **markaz* e do lat. *margō*. A metátese e apofonia *mrog-* na raiz **merg-* é frequente em céltico. Ser florestadas as fronteiras fez a via semântica “terra fronteira” > “souto” > “caçadoiro”. Tal qual *breuil*, o *Brolhão* foi “caçadoiro, couso”⁵⁵. Robora sê-lo o regato *Couso*, que por *Lamaigreja* vai para a *Póvoa*.

BURDO

Burdo “grosseiro” crê-se vindo do castelhano por causa do tardo da documentação, e pela semântica, que não provoca apreço. Prova ser autóctone e denegrado o galego *palaburdo* “papa-natas”, termo pejorativo que virá de um **Paai-Lãa-Burdo*, qual *pailão* de **Paai-Lãa* e *paila-rocas* de **Paai-Lãa-Rocas*. E também *burdalho* “burdo” e *burdalha* “ovelha de lã burda”, passados do português ao castelhano, como se deduz da desinência. Certo que é no castelhano onde se vê *burdo* ter-se primeiro aplicado a ovelhas e lãs grosseiras, quer dizer, as que não são da raça meirinha. Mas sai aí pelo valor económico que tiveram em Castela.

Simple é supô-lo do lat. *burdus* “asneiro, híbrido de cavalo e burra”, palavra imperial julgada céltica pelo Ernout-Meillet. Coromines recusa o étimo *brutus* e quase aceita *burdus*. E mesmo imagina o castelhano não

⁵⁵ Paralelo é *floresta*, do fr. ant. *forest*, hoje *forêt*, de étimo julgado incerto. *Floresta* mostra cruzamento com *flor*, provocado pelo reflexo da líquida. *Forest* (séc. VII) (e o baixo-lat. *forestis*) significava “souto espesso; caçadoiro”. Gamillscheg tirou-o do germ. **forhist*, colet. de *furha* “pinheiro”: paretimologia já de francos perante *forest* ou *forestis*. Mas é melhor tirá-lo de *foris*, *is* f., pl. *forēs*, *-ium* “porta (da casa)”, pop. **fora* (acus. **forās*). Daí com a desinência de *agrestis* e *silvestris* fez-se o baixo-lat. *forestis*. Germanistas e romanistas só veem o francês, mas é também do provençal, onde o valor vai com a tese latina: “aldeia em despovoado”, logo “de fora da vila” (nesta luz o fr. *forest-forêt* é “souto de fora, para a raia”). O provençal não nota árvores. Só o francês tem uma sequência igual à de **MROGIS*: “fronteira; território marginal” > “souto” (> “caçadoiro”). O sentido “de fora” é claro no catalão barcelonês *forester* [*furasté*], mal escrito *foraster* (cat. ocid. *forester*). Daí o port. *forasteiro*, cast. *forastero*, sempre “estrangeiro; pessoa de fora”, que nunca foram “silvático”, “selvagem” ou “gente do bosque”.

mudar U por O por vir do português, mas recua e recusa tal origem por aqui faltar textos antigos. O de *burdus* depende da suposta irregularidade vocálica. O galo-românico tem O tónico a suceder o Ū breve latino, cf. prov. e cat. *bord* “bastardo”. Mas em português há metafoia do U final, e há pouco que se sabe o céltico ter durado no norte peninsular até perto do ano 1000, o que abre horizontes no léxico pré-romano, *muitas vezes passado diretamente do céltico final ao românico*.

BURDUS: *Burdus* é “asneiro, híbrido” e o românico *burdo* foi primeiro de ovelhas de raça não meirinha. É fácil supor um célt. *BORDOS – donde *burdus* – que significou “cruzado, misturado; cruzamento, mistura”. Para atingir certeza deve revisar-se a série dos ecos românicos que se lhe têm suposto.

Ant. **BORDÉGÃO**, cast. BURDÉGANO: Viterbo não acentua o hápax *bordégão*, definido “vil, baixo, zote, rústico”. Coromines une o castelhano *burdegano* “asneiro”. É, *bordégão* era proparoxítono. A mudança de sentido é a de *burdus* e *burdo*. Ao desaparecer as palavras para designar os desprezados híbridos afinal ficam reduzidas às notas expressivas. *Bordégão* e *burdegano* têm o sufixo átono -ÃO e logo virão do *burdecanus* de Du Cange. O alto alem. ant. *burdiuhîn* “asneiro” parece latinismo e suporá um galo-latino **burdicīnus*.

BORDÉUS: *Bordéus* vem do lat. *Burdigāla*, de origem céltica⁵⁶. Em céltico a forma seria *BORDĪ-GALĀ, singular feminino. Houve neutro *BORDĪGALON, latinizado *burdigalum*, cf. Du Cange: “BURDIGALUM. locus arundinibus seu cannis circumsaeptus, quo pisces capiuntur et servantur” (“lugar rodeado de canas no que os peixes são colhidos e guardados”). Os caneiros e caniçadas fluviais ainda há pouco serviam a pescar. A palavra sobrevive no prov. *bordiga*, que passou ao fr. *bordigue* ou *bourdigue*. O que é *GALĀ? Daí vem o gaél. ant. *gal* “valour, fighting, war”, ant. bretão *gal* “puissance”. Em categorias dessa cultura, quadra defini-lo como “valor jactancioso, alarde dissuasor pronto ao ataque”. GALON muda género e modula a semântica. *BORDĪ é genitivo de *BORDOS. *BORDĪ GALON logo é “luta (alvoroto) da mistura [das águas]”, lit. “da mistura [das águas] (BORDĪ) a luta [alvoroto] (GALON)”: Caneiros e caniçadas são as confluências onde os peixes a alvorotar parecem lutar. Escapa o sentido exato em Bordéus. Caniçada? Fervura das águas?

Firma-o *Tavorda*, Tominho. Foi *TA- BORDA- “para a mistura”, a aludir ao confluir do Brinha, em cuja beira está *Tavorda*, com o Minho. Mudar género era trivial em céltico para matizes e flexões. Com tema A não há a metafoia de *burdo*, mas U latino e O céltico dão O românico. Etimologia de *BORDOS? Cumpre achar a raiz, que pudera ser a 7ª **bher-* de Pokorny, “to plait, weave; tramar, tecer” (137-138).

CABAÇA e CÁGADO

Coromines mostrou *cágado*⁵⁷ e *cabaça* (*lagenaria siceraria*) serem palavras aparentadas. Comparados com os seus homólogos castelhanos *galápago* e *calabaza*, levam para uns étimos pré-romanos *KALÁPPĀKOS e *KALAPÁKKIĀ⁵⁸, de relação bastante clara: esta vem daquele: “a (planta) similar a um *KALÁPPAKOS ou quelónio”. É sugestivo e estimulante, mas ficam várias incógnitas por desvendar. Como explicar o deslocamento de tom e a geminação? E que fazem aí esses P, difíceis de explicar em palavras da área céltica?

Se *KALAPÁKKIĀ veio de *KALÁPPĀKOS, começemos por este. Se tiro a desinência -(Ā)KO-, fica o tema KALAP-. Em Pokorny (e Köbler) há a raiz **klep-* “agachar, ocultar”, extensão da 4ª raiz **kel-*, de igual sentido (v. *cala*). Ou por anaptixe (**k^hlep*), ou por o L ser soante (**kl-ep*), explica-se KALAP-, cōngruo com a carapaça dos quelónios, que os oculta e protege. Essa raiz é verbal e dela viria um adjetivo **kalapnós* “que oculta”, que explica subsistir o P, pois que no céltico um pretónico -PN- dava -PP-⁵⁹, cf. DRAPPOS “pano”, de um **drapnós*. Aqui a geminação seria original antes que hipocorística. Portanto *KALÁPPĀKOS seria “o (animal) da casca ou coiraça que oculta e protege”.

⁵⁶ Descarto já tirá-lo do basco *burdiña* “ferro”.

⁵⁷ O sentido de *cágado* no português comum sempre foi “quelónio de lagoa ou paul”. Nos falares galegos opacou-se, acantoadado para “girino”. Aí o *cágado* é dito em geral *sapo concho*.

⁵⁸ *KALÁPPAKOS > proto-românico **calápago* > **calágapo* > **calágado* > *caágado* > *cágado*. *KALAPÁKKIA > **calabaça* > *caabaça* > *cabaça*. Cast. *galápago* sofre a mudança latina do K > G.

⁵⁹ Josef Bruch, *Zeitschrift für Romanische Philologie* XLI, pp. 687.

Em *KALAPÁKKIĀ o tom mudA pelo acréscimo de -IĀ ao proparoxítono *KALÁPPĀKO-. É difícil o tom recuar além da proparoxitonia. Suponho igual dificuldade no céltico peninsular. O deslocar da geminação é mais difícil. Em geral era expressiva, fora os casos etimológicos, cf. Brüch. Pesará mais a facilidade quando postónica, qual no italiano, que tanto a usa. Não distingo consoantes geminadas lídimas, fonológicas, repartíveis em sílabas diversas, de consoantes longas, não sempre postónicas. *KALÁPPĀKOS é “o (animal) da coiraça que oculta”, e *KALAPÁKKIĀ, “a (planta) similar ao *KALÁPPĀKOS”.

CAFUA E CAFURNA, DONDE VÊM?

(E *cafualha*, *calabouço*, *gafua*, *bafua*, *foia*, *foio*, *fojo*, *furna*, *cala*, *Califórnia*)

Ser nado em Buenos Aires fez-me ver *cafua* sera irmão do cast. *calabozo*, donde o nosso *calabouço*. Na gíria portenha ou *lunfardo*, *cafua*, vindo da vasta imigração galega ou do Brasil, é um dos sinónimos mais viçosos de *cadeia* ou *prisão*. Na gíria regista-se desde 1898, no sainete de E. García Velloso, *Gabino el mayoral*. Bem que conhecido, pelo cariz não passou à língua portenha comum e guarda saibo carcerário. Eruditos da nossa língua viram-lhe origem africana, pela semelhança de *cafundó* e *cafuné*, mas os valores diferem. Se às vezes coincidem, será pela gravitação das palavras africanas para *cafua*, que é antiga, como já vira Machado.

Regista-se em Moraes: “antro, cova, esconderijo; morada mísera, choça; prisão”. No Brasil “quarto escuro para castigo de colegiais”. Arcaica é a galega “choça de torrões e palha no monte ou longe de casas”, com as variantes *cafuga*, *-go*, de G anti-hiático ou ultracorreto. Daí vêm *cafualha* e *cafualhada* “gentualha”, com as flutuações *gafua* e *bafua* “cafua” e “gente desprezível”; o primeiro cruzado com *gafu* e o segundo com *bafo*.

Que tem aí o cast. *calabozo*? Lamentei o DCELC não incluir *cafua*; ajudara na questão das interferências entre lat. *fovea* e vulgs. **fodia* ou **fodium*. Breve, *cafua* virá de **cala fodia*, próxima do **calafodium* que Coromines cria étimo de *calabozo*. O diverso trato do -F- deve-se ao cariz analisável da voz antes de cair o L. **Cala fodia* é composto de *cala* “abrigo, refúgio” e **fodia* “escavada”. Aquele é a velha voz pré-romana, que passou estádios e viçosa dura em Galiza e Portugal. O segundo é certo; eis *foia* e *foio* “fojo para fazer carvão”, íntimos demais para viagens culturais.

Fodia* podia ser bissílabo ou trissílabo. Bissílabo, masculino ou neutro, deu *fojo*; o trissílabo **fodiia* veio ser *foia*, quando isolado. No sintagma **cala fodia*, com **fodia* trissílabo (*fodiia*), houve soldagem trás a sonorização e a queda das oclusivas intervocálicas: **calafoiia*. Lá bifurcaram *-foia* e o *fodia* solto. Este guarda o iode e abriu o O: *fôia*. Em composição cai por absorção ou dissimilação vocálica, donde **calafua*, cf. *sua* e **ARTIONA-* (*sua*, *Arçua*). Nos últimos séculos do anterior milénio dá-se a queda do -L- intervocálico e daí o surto do inda não registado **caafua*, donde *cafua*. Vinculam-se **cafua e **cafurna**?

Machado intuiu o nexu, mas adiou o estudo. Coromines une *furna* e *cafurna* (e ignora *cafua*) e destaca *furna* não poder distar do leonês *fúrnia*, do mesmo valor, que virá de **fornia*, por *fornix* “arco, abóbada”, depois “túnel; penedo cavo; rocha socavada”. O nominativo feminino passou a *fornis*, e este, como *Næbis-Næbia*, a **fornia*. Ao propor **cala fodia* para étimo de *cafua*, vimos *cala* ter de durar como palavra independente no primeiro milénio, antes da queda do -L- intervocálico. Nada obsta para ver um **cala fornia* “abrigo cavo, abobadado”. Também aqui o F- subsistia pela consciência de composição.

O valor “socavão do mar nos alcantis” dura no galego e seria de Portugal. Seria prevalente, e ficaria a não ter diminuído o corpo da voz pela queda do L. *Cala* passa por castelhanismo. Ser castelhano, catalão, provençal e italiano ajudou a reinstalar nosso *cala*, mas é possível, no comércio linguístico, durar memória letrada. Eis *Portucale* e *Caladunum*. Coromines cria *cala* vir desde Provença, mas são muitos testemunhos da velha voz na românica Callaecia para aceitar essa opinião. *Cala* no sentido lato de “abrigo” vivia viçoso no anterior milénio na nossa terra, o que me faz preferir **cala fornia* às outras hipóteses. A *Califórnia* dos livros de cavalaria viria da consciência erudita da origem de **caafurna* ou **caafúrnia*, com a influência de *calidus* e *furnus*. Do fundo mais imo, súbita irrompe uma palavra tida por recém-vinda da África. Nela vive a palavra mais velha que possamos farejar, CALA “refúgio, abrigo; lar; pátria”, ao cabo a raiz de Galiza e Portugal⁶⁰.

⁶⁰ Célt. KALLAIKIA > lat. *Gallaecia* > port. *Galiza*. Não geminado *KALĀ > híbr. **Portu-Cala* > lat. *portucale* > secundário *Portucale* > port. *Portugal*, e *KALĀ > (*Vila Nova de*) *Gaia*.

CALA

Cala “enseada” tem étimo claro, o pré-romano *KALĀ. De que língua falarei depois. Hoje é românico peninsular, provençal e italiano. O francês *cale* veio do provençal, mas houve um autóctone **chale*, como nota o diminutivo *chalet*. O nosso *cala*, vivo antes da queda do L intervocálico, restaurou-se por influxo erudito ou castelhano. O valor era “abrigo”, a abranger enseadas e choças de montanha. É na nossa língua emblemático por fazer parte dos nomes de *Galiza* e *Portugal*. Apesar de sabidos, revisemos estes casos.

Portugal

*KALĀ foi o nome da calaica vila do Porto. E ecoa na (*Vila Nova de*) *Gaia* e no baixo-lat. *portucalensis*. E (*Vila Nova de*) de *Gaia* guarda *KALĀ. Este no latim oral virara regularmente em **Gala*, que depois, pela perda do L, foi **Gaa*. Este, pela crítica perda de corpo fónico, solidou o bissilabismo mediante I anti-hiático. KALĀ aqui é um “abrigo de navios, porto”.

Na língua latina ou proto-românica, *KALĀ fora substituído na alta Idade Média pelo não documentado híbrido **Portu-Cala*, que o duplica. A metonímia fez o nome do reino: o *comitatus portucalensis* “condado com cabeça no Porto” virou no *regnum portucalensis* “reino de Portugal”. Desse *portucalensis* saiu um novo positivo *Portucale*, donde *Portugal*. O preservado -C- de *portucalensis*, que é da língua autóctone, nota que a memória letrada da forma se tinha mantido muito tempo.

Galiza

O caso de Galiza é mais complexo. Supõe a variante geminada *KALLĀ, o “abrigo” carregado de emoção, “Terra, pátria”, cf. a geminação hipocorística do indo-europeu. Daí o adjetivo KALLAIKO- “terrantês, da Terra”, e daí por sua vez KALLAIKIĀ “a terra dos da Terra”, ουροβόπος a morder o rabo. Este pôde ter-se gerado desde o anterior, através do curso histórico que envolvia a dignificação de conquistador e vencidos. Fosse ou não o orgulho de Décimo Júnio Bruto o paradoxal disparador do caso, certo é que a KALLAIKIĀ como ente político existiu antes da conquista, como cuido ter provado no livro d’*As Tribos Calaicas*. Além destas grandes palavras, há outros rastos de *KALĀ: *cabaça*, *cafua* e outros, a ver-se alhures. O que é que eu gostaria de descobrir é a etimologia pré-romana de *KALĀ, cujo -Ā devo justificar.

Etimologia indo-europeia de *KALĀ?

Supus que *KALA viria de uma língua pré-céltica, mesmo pré-indoeuropeia, o que me dava cómodo. Lera o asserto no *Manual de Linguística Românica* de Vidos, que se repetia, mesmo no mestre Coromines. Certo de o céltico ser a língua pré-romana da Galiza, chegava-me nele ver o transmissor. Mas a visão das origens indo-europeias transtrocou-se, primeiro com Colin Renfrew e depois com a teoria da continuidade paleolítica. Na verdade, ora já não vejo as razões do anterior cómodo. Ao revisá-lo, cuido haver uma possível etimologia indo-europeia, nomeadamente céltica.

O vocalismo A explica-se no céltico. Dado o valor “abrigo” de todas as formas, chega rebuscar no elenco de Pokorny para dar com a raiz congruente. A meu ver, é a quarta das raízes *kel-*, a de “cobrir, ocultar” (pág. 554, ed. 1959), aqui no vocalismo zero, **k̑l-*. Lembre-se que no céltico o *l* soante ante vogal virara em *al*. Aí temos o protótipo neogramático **k̑lā*, ou o **k̑leH₂*, conforme os autores atuais que incluem as laringais.

Este árduo exercício não serve só a filiar a palavra. Também deita uma olhada no fundo semântico, o que é mais interessante. A ideia de abrigo, cobertura protetora, unida ao morfema de género feminino (na reconstrução com laringais é sufixo), aponta com clareza para a noção anterior de “matriz, seio”. Há paralelos por todas as partes, mas cingindo-nos à nossa língua, quadra destacar que nela o sinónimo mais popular de *útero* é o arcaico *madre*. E é de salientar a pagã *Mãe Terra* ser ainda hoje nome usado para nomear o torrão pátrio. E uma enseada é um *seio* na costa do mar, e um *chalet* foi nos tempos idos uma cova, a imagem plástica mais clara da terra como seio.

Abre-se horizonte tão fascinante que vão seria tentar esgotá-lo aqui agora. De momento chegue dizer que é verossímil o protótipo **k̑lā*, ou **k̑leH₂*, ter sido “seio (materno), matriz, madre” e, metaforicamente, “Mãe Terra, torrão próprio”. Ao menos tal foi o valor que tinha no céltico calaico. Os ramos são inúmeros como as conexões neurológicas. Para não sumir-nos na vertigem, vemos aqui duas palavras vinculadas entre si, tal qual Coromines nos mostrou: *cabaça* e *cágado*. Entre si, e também com o caso atual.

CALHOBRE

Como se chamava o castro de Santiago? Não será novo, mas anda oculto. Leio que, em Compostela, as ruas das Órfãs, Caldeiraria e Preguntoiro se chamaram dantes *rua de Calhobre* ⁶¹. Há vários *Calhobre* na Galiza que puderam ser aludidos, mas na rua que fazem a das Órfãs, a de Caldeiraria e o Preguntoiro converge a *rua do Castro*, em ponto onde talvez houve porta, pela encruzilhada de Gelmírez. Logo pôde ter sido o nome do castro de Santiago. No séc. IV (dos enterramentos escavados na Catedral) seria quase deserto, mas a memória pôde ter sido longa. É nome suscetível de muitas interpretações, mas não omitirei a hipótese por temor.

No mapa da vila pode ver-se a pegada de um muro velho: a rua da Virgem a da *Cerca*, a rua das Rodas, a Costa Velha, Costa de São Francisco, a das Carretas, rua da Trindade, Entre-*Cercas*, rua da Senra e Fonte de Santo António, abrangendo as portas Faxeira, de Maçarelos e do Caminho. Dentro desse circuito iria o muro castrejo, junto da rua de *Calhobre* e da Azevicharia, talvez com porta em Cinco Ruas. Os historiadores poderão opinar do muro melhor do que eu. Ora, lançada a hipótese, passarei a analisar esse nome de *Calhobre*. O étimo não é difícil. Será *KALIÓBRIXS “castro do Galo”. Alumia-o o gaél. *cailech* “galo” (*KALIĀKOS), próximo, não idêntico. Fa-lo verossímil haver mais pegadas de um galo mítico no arredor. *Conjo* virá de um *KANOGIO- ou *KANODIO-. O tema radical não tem a incerteza da desinência, é “canoro”, condição sempre atribuída ao galo, com paralelos nas línguas indo-europeias, cf. alem. *Hahn*, germ. **hanan-*, lit. “canoro”.

CALHOS e CALHOVAR

Calhos “tripas” vir do castelhano é etimologia que não persuade. Decerto lhe ajuda a atual ausência da palavra em português, tanto quanto a enganosa facilidade do étimo *callum* em castelhano. Mas devera-nos acautelar o facto de o castelhano aí alterar a constante semântica de o guisado de tripas nomear-se pelo nome das abdominais. A meu ver, *calhos* não é castelhanismo galego, ao invés *callos* é galeguismo em castelhano, fixado mercê da paretimológica ajuda do local *callo* “calo”. Para certificá-lo é mister ver se *coāgulum* vive na Galiza no sentido de “abomaso, estômago coagular dos ruminantes, coalheira”, junto do sentido “substância coagulante”, que, ao predominar, fez a ruína do primeiro, próximo e ambíguo.

O cast. *cuajo* é “abomaso” e “coalho”; os moçarábicos *quwályo* e *qályo* (Aben-Buclárix) são a coalheira dos camelos. E fr. *caillette* e it. *caglio* são o mesmo. Acaso há rastros de *calho-coalho* “abomaso” no galego, além do que tentamos provar? Eis a locução *ter calho*, similar a “ter valor”, que em tantas partes se diz *ter tripas*, *ter estômago*. Similar é o cast. *tener redaños*, no semântico e no visceral. Bem que *ter calho* parece dominar, diz-se também *ter calheira* e *ter calheiro*, o que mostra já termos a equação. É preciso continuar? *Calhoa* em galego é “mulher preguiçosa, que não faz nada”; antes seria “ventruda, barriguda”, depois “que não bole pelo peso da barriga”.

Murguia traz *calhouvar* “comer *calhouvada*”. *Calhouvada* é: 1º “comida nojenta, asquerosa”; 2º “um café carregado de aguardente queimada” (Lugo); 3º “tisana”; 4º “grande quantidade de comida ou aferventado”. *Calhouvar* é de **calhouvo* ou **calhouva*, de **coāgulu- albu-* ou **coāgula alba*. Dos calhos são os brancos (coalheira branca) os aptos para cozinhar. O curso seria “coalheira branca apta para cozinhar” > “guisado de coalheira” > “mau guisado, detestável”. Logo venceu o factor expressivo e perdeu-se a denotação original.

Do trecho de Mateo Alemán onde primeiro aparece o cast. *callos*, conclui Coromines *callos* ser as partes duras dos intestinos (DCECH, I 773). Sinto o filial incómodo de entender o oposto: “revoltijos hechos de las tripas, com algo de los callos del vientre”.

CALUGA

Nos dicionários portugueses é “cachaço de porco”, e nas arcaicas falas galegas, meramente “cachaço”. Não vejo outra etimologia que o insuficiente lat. *collum*, além da de Coromines (DCECeH, *cogote*). Aí se vê a erudição e rapidez com que às vezes devia trabalhar o grande mestre nos campos distantes do seu fulcral intuito, o catalão. Partia da sua opinião da origem de *pescoço* (a meu ver errada; ver *maragota*), e do caste-

⁶¹ Abelardo Moralejo Lasso, *Toponímia Gallega y Leonesa*, Edit. Pico Sacro, Santiago, 1977, pp. 51 e 76, n. 9.

lhano dialetal *nucla*, donde **cugla* > **cluga*, que sofreria anaptixe. Não é preciso insistir muito nela ao dar com algo mais simples, bem que sumido na escuridão do substrato.

A reconstruir o monstro com os recursos da gramática histórica, damos num *KALLŪKA, que merece ser analisado. Primeiro separemos a desinência -ŪKO-, que o mesmo Coromines viu em vozes de origem céltica: *tarugo* (*TARŪKON), fr. *charrue* (*KARRŪKĀ) e algumas outras⁶².

O que nos leva a buscar no céltico uma base do provável tema *KALLO-. Aí há uma palavra pancéltica: o gaélico *calad* “duro, pouco generoso; cruel, severo, forte”, ant. bretão *calat*, méd. *calet* “duro (sentido próprio), cruel, severo”, moderno *kaled*, galês *caled* “duro” e “avaro”, cónnico *cales*, *calas*, *calys*, gaulês *Caleti* e *Caletes*, étnicos. Vendryes (do *Lexique Étymologique de l'Irlandais Ancien* tomo os dados) cria-os derivados em -et- da raiz **kal-* (Pokorny 524) “dureza física, em especial a da pele”, cf. lat. *callum*, metaforicamente *callere* “endurecer-se”. Em céltico há formas com L duplo, precisas nesta etimologia, v. g. KALLIOS “testículo” (dureza metafórica), presente no gaulês *callio-marcus* “tussilagem”, planta também chamada “unha de cavalo”, e com ecos em galês *caill*, pl. *ceilliau*, e em bretão *kell*.

Se se firmar a condição só céltica do sufixo -ŪKO-, ficará descartado uma derivação românica de *callum*. Quanto a mim, tenho certeza de aqui termos o céltico *KALLŪKĀ “cachaço, cerviz” maravilhosamente preservado na língua galego-portuguesa.

CANHOTA

E O PAGANISMO REMANENTE

Dados conhecidos: J. P. Machado vincula *canhoto* a *canga*, e logo com o lat. *canis*, cf. J. I. Louro⁶³. Apesar disso, o grupo continua obscuro e cumpre revisar os dados galegos. Sobretudo desenrolar o ríspido fundo semântico, de crua religiosidade popular. No português comum é usual o adjetivo *canhoto* “hábil com a mão esquerda”. Nas falas galegas é mormente apelativo, “pé com raízes de uma árvore morta”. A denegrição é comum. Lexicalmente é eco claro do vulg. **cania* “cadela”, mas semanticamente falta a explicação cabal.

Qual é primeiro? *Canhota* será primeiro elo na cadeia da família de *canho*, *canhoto*, *acanhado*, etc. O denegrir viria do arquétipo da *cadela*, que une feminidade e Mundo Inferior. É um caso para a história das religiões e a psicologia do inconsciente coletivo – não genético, sim linguístico –, mas tentarei fazer uma síntese.

***CANIOTTA:** Pasma perceber que *canhota* vem de *CANIOTTA, isto é, de **cania* “cadela” com o aumentativo -OTTO-. É, a “Grande Cadela” com o arripio blasfematório que isso ora produz. Vamos por partes. No arquétipo da cadela salientam dous aspectos: a numinosidade feminina e o Mundo Inferior dos mortos.

A numinosidade vive no fundo da cultura, vizinho da natureza. A Natureza Criada, a Terra, vê-se como ente feminino diverso do Absoluto, o Céu, sentido masculino. A Deusa Mãe pagã recebia tanto homenagens de amor quanto de temor, cõngruos com a natureza plural, às vezes terrível, vária como as fases da lua, a figurar as idades: crescente, donzela; cheia, mãe; decrescente, avó sábia... e a nova, senhora dos mortos. Dumézil nota a Deusa única do velho mundo indo-europeu ter valências afins às especialidades trifuncionais dos deuses varões. Além das da lua, tinha uma infernal, diversa das outras, a associar feminidade e mundo dos mortos.

Ecoss blasfemos: Vinho novo rompe odres velhos. Maria Mãe de Deus herdou as imagens numinosas femininas. De facto figura a Criação; no imaginário popular são uma. No medievo, François Villon podia dizer sem escândalo ainda a polivalência da Nossa Senhora: *Dame du ciel, regente terrienne./ Emperiere des infernaux palus...* Mas com a ruptura dos tempos modernos o arquétipo da feminidade no mundo dos mortos deu pábulos ao paradoxo de fé da blasfêmia. Os pagãos tinham (os índios têm) clara consciência da ambiguidade da natureza; a imagem carecia (carece) do eco blasfematório. Nós temos, tenho, incomodidade ao tratar esta palavra.

Perspetivas: Ponhamos tempo e espaço a atenuar a rispidez. Na Roma pagã era Lupa (inda é a *Gran Perra* do castelhano). Longe no espaço e perto no tempo, é a negra Cáli índia, terrível e obscena, Natureza feroz e Mundo Inferior voraz. Está na versão celta que em nós bole e nutre pesadelos; a Senhora do Mundo Inferior (e Deusa da Guerra) era *MORIRĪGANĪ “Rainha de Espetros”.

⁶² Em vozes em geral dialetais no castelhano: *mollugo* (DCECEH, *muelle*), *samarugo* e *talugo* (em *talud*).

⁶³ *Boletim de Filologia*, Lisboa, XII, p. 277.

Quando surge a blasfêmia? Perdemos *canha* “cadela”, que ainda vive no italiano *cagna*, provençal *canha* e rético *chagna*, mas há *canha* “bebedeira”, sequela óbvia. O mesmo silêncio documental (até inícios do séc. XIX) nota o eco blasfemo, impróprio de textos decorosos. A divergência das palavras subsistentes também sugere a antiguidade. No primeiro milênio durariam contos populares da “Lupa”, inócuos enquanto não se enlearam com o saber teológico (antes do surgir popular da veneração mariana), vivos para agitar arquétipos, não para alterar a cosmovisão dominante.⁶⁴

CARA

Coromines pendeu primeiro a supor a origem pré-romana, apesar de que Diez, Meyer-Lübke e Wartburg criam o étimo ser o grego arcaico *κάρα* “cabeça”, depois só poético. Cuido que atinara no princípio: é voz da Europa atlântica de substrato céltico, sem rastros justo onde a influência grega devia de ser mais intensa, centro e sul da Itália e Roménia. O peso das autoridades vergou a intuição prima, e tentou apoiar a tese grega unindo a vaidade dos *milites gloriosi* com honrosas feridas faciais e a erudição de oficiais cultos, tudo o qual não satisfaz.

Chega debruçar-se no léxico gaélico antigo de Vendryes para ver o ant. gaél. *cáer* f. “baga; massa de metal fundido; bala, bola”, que vem do célt. *KAIRĀ, cujo valor primeiro seria “bola”. De *cáer* vem *cáerthann*, o nome das sorveiras europeias (sobretudo da *sorbus aucuparia*, árvore sagrada dos druidas), do que consta a forma ogâmica, genitivo CAIRATINI (< *KAIRĀTENĪ), isto é, célt. *KAIRĀTENOS, que seria “(árvore) das bagas ou bolinhas”. Nas falas britônicas a árvore tem nomes afins: galês *cerddin*, córnico *cerden* e bretão *kerzin*, de vocalismo diverso: KARĀ. A britônico e AI gaélico. Há uma via para integrá-los; o gaél. *KAIRĀ é metátese do anterior *KARIĀ, adjetivo de *KARĀ, idêntico ao gr. *κάρα*. *KAIRĀ será derivado de valor similar ao do positivo, recurso expressivo frequente. As formas britônicas virão da variante primitiva.

O que é primeiro, “cabeça” ou “bola”? Será “cabeça” se vem da raiz **ker-* / *kerə-* “cabeça, corno, parte alta do corpo” (Pokorny 574-77), geral no indo-europeu. A metonímia “cabeça” > “cara” é trivial. Se assim, o valor neocéltico “bola” é metáfora secundária, já consolidada no céltico primitivo.

CARALHO

As palavras “obscenas” raro veem-se nos dicionários. Com dano da pesquisa, porque em regra têm valiosos dados do substrato ausentes noutros níveis. A locução interjetiva *arre, caralho!* parece vir do substrato, nas partes e no conjunto. Supõe *ARE, KARALIE! “adiante, cabeçudo!”, mudado na vogal final por analogia no tempo românico. É possível, e provável, antes ser *ARE, KARALIĀ! Para ARE > *arre*, veja-se esta.

Quanto a *caralho*, a meu ver é derivado do célt. *KARĀ, étimo do nosso *cara* (veja-se), que primeiro seria “cabeça”, e depois “cara” por metonímia. O hápax grego *κάρα* não seria outro que um celtismo esporádico. O flutuar do género é caso semântico que requer estudo psicanalítico, que me excede. Contudo quadra talvez conjecturar que aí tenhamos o valor aumentativo do feminino no léxico tradicional. Apesar do masculino atual, *caralha* dura como nome de peixe, com género que lá seria primitivo. Aliás, quadra trazer à baila a mudança de *cabeça* para o metafórico *cabeço*.

Que sufixo, *KARĀTLO- (*CARACŪLU-) ou *KARĀLIO-? Diminutivo? Adjetivação? Há razões encontradas. O baixo latim leva a *caralius*, mais articulado psicologicamente com o aumentativo do feminino antigo que suponho. E contudo, quadra ter em conta que o gaél. *moth* faz parte da família de *mut* “curto” (*MUTOS e *MUTTO-). Enfim, cinjo-me a propor a hipótese, que de momento vejo sem obstáculos e congruente.

⁶⁴ A infâmia arquetípica apegou-se ao menosprezo universal da mão esquerda nos derivados *canho, canhoto*. O menosprezo vem de todas as culturas terem nascido no hemisfério boreal, onde para assinalar os pontos cardeais dantes se defrontava o sol nascente no leste. Dessarte leste era “adiante”, oeste era “atrás”, sul, “mão direita” e norte, “mão esquerda”. O Norte era aziago, cheio de frio, inferior e infernal na etimologia germânica, oposto ao sol zenital. Daí *acanhhar*, que nota qualquer menoscabo. Na Galiza o sentido de *canhota* ficou acantado, e as vozes afins, esquecidas. Hoje é “o que fica da árvore morta”, e, por causa do cast. *caña* “cana”, alguns caules. A árvore sacra viu-se desrespeitada: *da árvore caída...*

CARIMBO

“selo”

Vem-se falando de origem africana, do quimbundo *ka'rimbu* “pequena marca”. Coromines descreve disso e via o quimbundo vindo do português. A documentação é do séc. XIX. Ele tem dados para traçar a história. Vê a origem no ár. *qâlib* “molde, forma”, que deixou ecos sobretudo na náutica: cast. *gálibo* “modelo para fazer peças de navio” (1526), cat. *gàlib* “estrutura geral do navio; comportar-se de uma pessoa” (fins do XIV), port. *calime* “estrutura do navio”, *galimo*, etc. A mudança do tom vem pelos verbos *galibar*, *galivar*, *galimar*. Veja-se no DCECeH, *calibre*. *Calibre* entra neste caso. *Gálibo* e *gàlib* são também “arco de ferro qual U inverso que serve a comprovar que os trens com carga máxima podem circular pelos túneis e sob as pontes”.

Ora, Friedrich Kluyver cria que *calibre* vinha pelo italiano *calibro* XVII “aparelho para calcular o tamanho da arma de fogo adequada para disparar projéteis ou calcular o peso do projétil quando só se sabia o tamanho da arma”, do lat. *chalybs*, *-ybis* “aço”. No séc. XVI já seria o aro metálico para medir o tamanho dos projéteis. O tom deslocado viria do francês. A meu ver há cruzar inextricável dos dous étimos, uma paretimologia, em que a matéria pôde ser árabe e a semântica a da palavra latina (“aço” > “ferro”).

Os técnicos ecos locais vêm diretos do árabe. Aliás, *calibre*, cruzado com *chalybs*, viria do francês, que o tomaria do it. *calibro*, onde o explica o desenvolvimento da artilharia. Mas a linguagem náutica e a da antiga artilharia ficaram acantoadas e havia um hiato entre estas palavras e *carimbo*.

No castelhano americano (marginal e arcaico) há vozes que salvam o hiato: Cuba *calimba* e *carimba* “ferro de marcar animais”, *calimbar* “ferrar”, *calimbo* “qualidade, marca”, Bolívia *carimbo* “*calimba*”, Peru *carimba* e *carimbar* (desus.) e Bolívia, Peru, Porto Rico e Uruguai *carimbo* “ferro de marcar escravos” (desus.).

Fácil é passar de “ferro de marcar” a “selo” e de “aço” a “ferro”. Um empréstimo do Brasil aos territórios vizinhos é possível, mas não em Cuba e Porto Rico. Falantes do quimbundo nas ilhas? Mas o nexos com *calibre*, *calime*, não é obviável. Sim pôde haver cruzamento paretimológico do *ka'rimbu* quimbundo quando os coitados escravos eram ferrados e ouviam a palavra maldita.

O passo “ferro de marcar” > “selo” deu-se sem culpa, mas suspeito subliminal sentimento nos filólogos que o estudaram; no étimo africano talvez entreviram compensação. *Qâlib* > **calibe* e *chalybe-* > **calibe* ou **calibo* deviam cruzar-se. O rotacismo (*calibo* > *caribo*) é frequente, e a nasalação do I tem casos em muitas línguas.

CARRAGEM

Carragem deu-me a cismar. Os léxicos galegos aceitam tacitamente o étimo ant. fr. *corages* (mod. *courage*). Este entrou no castelhano, no valor de “ira, enfado”, principal no medievo sobre o etimológico de “valentia”. Não sei a razão da mudança de sentido, mas sabe-se que atingiu as falas galegas, que ainda usam *coragem* “valentia” e “ira”. A par de *coragem*, *carragem* é somente “ira, raiva, indignação”. Coromines – que eu saiba, único a estudar a voz – atribui a mudança esporádica *cor-* > *carr-* ao influxo de *carregar* (o rosto) e de *carranca*, *carrancudo*. Há deriva dupla, na forma e no sentido.

Creio que não cabe afastar *carragem* de *carranha* e *carranca*, de *cão*. Coromines coligiu os dados: arag. *carraña* “ira, enojo”, paralelo de *carragem*, que virá de **cañarra*; este do pré-histórico **canha* “cadela”. A explicação pode convir ao nosso *carranha*, que é também “côdea de pão; muco seco; sujidade; pessoa áspera que se enfada por todo; avaro”, valores derivados que se deixam integrar. *Carranca* também virá de *cão*, sem excluir o influxo de *carcannum*; os cruzamentos abundam na zona. Muito pesará o plexo semântico: a palavra que vale “coleira de cão com agulhões de ferro” e “rosto carregado, sombrio” enlaça no sentido com *cão*. *Carranca* algo deverá a *cão*, ao menos na constituição definitiva das duas primeiras sílabas do fruto português de *carcannum*, se este foi o ponto inicial.

Carragem virá de *carranha* “ira, raiva, semelhante à dum cão”. Na mudança de *carranha* haverá influxo de *coragem*, que não seria o ponto de origem. *Coragem* daria a redução total ao campo psicológico mais a desinência. *Carranha*, que já não é “ira, raiva”, cf. aragonês *carraña*, virá de **canharra*, isto é, de **canha* com sufixo *-arra*. Bem que a hipótese atine, para ser aceita será preciso fundá-la noutros apoios. Nada obsta ver em *carranca* – mesmo vindo diretamente de *carcannum* – o rasto do fantasmal **cãarra*, de **can-arra*.

CENREIRA, SENREIRA e XENREIRA

Desde Gil Vicente escreve-se *cenreira*. Não sei a extensão atual do uso em Portugal. Bom fora documentá-la na zona que guarda as africadas antigas. Da Galiza dou testemunho da coexistência de *xenreira* e *senreira* e o predomínio da primeira, talvez pela paretimologia de *genro*. Se a flutuação foi só fonética, deveramos pender a julgar S- a única cifra possível de escritas e pronúncias. Logo o C- viria do preconceito etimológico que o vincula a *cines*, *cineris*. Se assim, a palavra seria apenas das Rias Baixas, que “sesseiam”, e faltaria no galego restante, que lá manteve as africadas e depois as interdentalizou com a onda castelhana. É improvável, pois é palavra viva, básica do galego moderno geral, segundo os registos mais que no português comum. Recusados *genro* e **cendra*-**cenra*, apenas fica *senra*, galego oriental e leonês, equivalente do português comum *seara* (< célt. **SENÁRĀ*; aquele do celto-latino **SĒNERA*). Testemunharia conflitos patrimoniais pelo regime da **SENÁRĀ-seara-senra*, expressados num derivado do nome desta instituição.

CERVANTES

Cervantes é sobrenome famoso de origem toponímica. A etimologia é dúbia. Pende-se a tirá-lo de *cervo*, mas é miragem: não parece haver o tema verbal que se supõe ao tirar a desinência. E não creio termos nas mãos um plural de tema consonântico. A experiência mostra os mais dos topónimos findados em -ES virem de ablativos-locativos latinos plurais. Aceitando -o pode ver-se o étimo dos sítios, concelho, rio e nome de família famoso.

A meu ver é híbrido celto-latino **CERBANTIĪS*. Sem flexão, fica o tema **KERBANTIO-*, com desinência complexa de adjetivo sobre a de particípio presente, e o tema verbal indo-europeu **(s)kerba-* “cortar, talhar; rachar”, como no gaél. *cerbaid* “ele talha”, gaél. *cerb* “cortante, agudo, afiado; cortador, açougueiro, *boucher*”. É pois verbo denominativo da raiz ie. **(s)ker-* “cortar”, com o acréscimo *-bho-*. O significado geral do híbrido será “nos que talham”, e referir-se-á às atividades desarborizadoras da tribo local, nos Ancares.

CHANCAS

Chanca é “perna alta e magra” e também “calçado grande tosco”. No plural e na 2ª aceção o valor flutua. Em Portugal domina o sentido “tamancos, calçado de base de pau”; na Galiza são em geral socas todas de madeira. Parente é *sanco* “perna alta e magra; canela das aves”. *Sanca* é velho e transmontano.

Só repetir-se o étimo *planca* de Cornu, Nunes e Leite, mas há tempo que se viu que não quadra aos outros romances com homólogos com CH- ou X-. Coromines (junto de Muratori, G. Meyer, Meyer-Lübke e Pisani) cria virem do irânico *zanga-* “perna, nomeadamente entre joelho e pé”. Ora bem, os ecos greco-latinos que se supõe vir daí sempre são um tipo de calçado. A metonímia de “calçado” por “perna” é possível, mas pasma a univocidade da mu-dança. E pasma as formas iranianas sempre ter consoantes sonoras e os ecos românicos supostos somente apresentar surdas. Nenhum jogo malabar ocultará estes factos.

Os dados levam à ideia de cruzamento, dado entre o irânico *zanga-* (de realidade e valor “perna” certos) e célticos **TSANKO-* “calçado”, **TSANKĀ* “calçado grande”, vizinhos de **TSAMANKO-*. “Os calçados altos foram importação oriental e irânica na Antiguidade clássica” diz Coromines; isso determinaria a metonímia “perna” > “calçado”. Ante a nova voz, no oeste houve assimilação paretimológica que ensurdeceu as consoantes de *zanga-*, ao crer-se ter, já lat. *stāre*, já *stam-* céltico, com a desinência céltica **-ANKO-*.

Ter pares o sul da Itália insinua **TSANKO-* e **TSANKĀ*, nados no oeste bilíngue celto-latino, ter passado já ao latim vulgar. O tipo estende-se pela península, Itália e sul da França. Há detalhes a escapar, mas **STA-* em vez de **STAM-*, é das substituições próprias das línguas em conflito. Quanto ao hesitar de *chancas* e *sanco-sanca* é o de *chamancos*, *tamancos* e *samancas*. A par de **TSANKO-* e **TSANKĀ* pode ver-se já no tempo antigo os palatalizados **TŠANKO-* e **TŠANKĀ*, mas a data da mudança é incerta. O S de TS era dorsal, logo não é um simples deslizamento fonético. É provável a data românica. V. *Arredor do vocabulário do calçado*

CHOIO

O frequente galego *choio* passou ao castelhano europeu na forma de gíria *chollo* “pechincha”, aí escrito com LL ultracorreto por causa da perda no séc. XX das laterais. *Choio* tem vasta série de aceções: *negócio; trato; trabalho; assunto amoroso*, que é possível acrescentar com matizes. A palavra perdeu o nexa com a família etimológica. Vem de uma voz antiquada, que ainda vive em cantos rurais: o verbo *choir* “fechar” das Cantigas de Sta. Maria. Bastante reduzido perdura no galego *choer* “fechar (herdade, porta ou janela); cercar com muro de pedra ou com valado; encerrar o gado na corte”. É óbvio fruto do lat. *claudĕre*.

Coromines viu **choo* ser deverbal desse *choir*. Os falares guardaram-no com I epêntetico para desfazer o hiato. Onde não foi tão preciso é na explicação semântica. O **choo-choio* não é uma loja fechada, antes um trato fechado. Da noção de trato fechado é a de “contrato” (nomeadamente verbal). Daí são “trabalho”, “compra e venda”, e “trato conveniente ao comprador, pechincha”. “Assunto amoroso” é também acordo de partes. Só quadra destacar a boa fortuna da palavra apesar da perda do elo primeiro.

A PROSÁPIA DE CIAR E A LARGA PARENTELA

ciar “remar para atrás”, *cia-voga*, *ciar* “ter ciúmes”, *cear* “recuar”, *cia* “osso”, *cé!*, *cea!*, *ceaqui!*, *boh!*, cast. *jce!*, *jche!*, cat. *xe!*
1. A origem de *ciar* “remar para trás” é incerta. Os dicionários etimológicos declaram-no vindo do castelhano por ter aí registos mais antigos⁶⁵. É ignorar a deficiente conservação das nossas fontes, roborada em casos de autoctonia certa sem documentos antigos. Mas desde 1968 é pública a datação de *ceavoga*, derivado, (mod. *cia-voga*) no século XV, na *Crónica do descobrimento e conquista da Guiné*, de Gomes Eanes de Zurara, morto em 1474⁶⁶. Os étimos que recusa Coromines⁶⁷ decerto não persuadem. É palavra náutica das línguas hispanas e mediterrâneas: português, castelhano, catalão, provençal, genovês, > itálico, veneziano, croata, grego e mesmo turco. A comparação (v. DCECH II, 59) dá um protótipo de sibilante inicial africada⁶⁸.

Há poucas pistas: cariz náutico, africada inicial e vocalismo. O da náutica nota qualquer língua; só recua a candidatura castelhana. A passagem da inicial de africada a fricativa é fácil; a inversa, difícil. Descem a probabilidade do provençal (sem textos antigos) e as das línguas orientais, fora o veneziano, de africada. Só ficam português, catalão e veneziano. Sobranceia o catalão: o português não é mediterrâneo de todo (o teatro seria o óbice para atribuir-lho) e o veneziano está isolado com registos tardos.

2. Sem mais, devéramos pegar a pesquisar no catalão, mas o português é a só língua com variações vocálicas cronologicamente distribuíveis. Em português velho era *cear/ceiar* e o derivado *ceavoga*, em vez dos atuais *ciar* e *cia-voga*. Não vale arguir a labilidade vocálica da língua: a var. *ceiar* (Moraes) ancora firmemente o timbre antigo da primeira vogal.

Coromines sugeriu origem portuguesa (loc. cit.): lat. *zelāre* através de *ciar(-se)* “ter ciúmes”, mas mudou-a pelo cast ant. *cia* “osso do quadril”, doutra origem. Não viu as vogais antigas no português, que é preciso integrar e que estão justamente na documentação antiga que nós ora já temos (o *ceavoga* de da Zurara).

Ciar vem de *cear*, mudança trivial em português, que procura desfazer hiatos: *alumear* > *alumiar*. Há casos de conservação (*nomear*) e de ziguezagueio (*cambiare* > *cambear-cambar* > *cambiar*), de explicação pontual, mas em *cear* a dissimilação era obrigada por causa de *cear* “tomar ceia” e do ant. *cear* (mod. *ciar*) “sentir ou

⁶⁵ Autores da 1ª metade do séc. XV, segundo Coromines (DCECH II, 59, sub *ciar*).

⁶⁶ R. Lorenzo, *Sobre Cronologia do Vocabulário Galego-português*, Vigo, 1968. E Maria A. Tavares Carbonell Pico, *A Terminologia Naval Portuguesa anterior a 1460* (cita-o J. S. Crespo Pozo, que não consigna o ano da edição).

⁶⁷ Lat. *secāre* “cortar (as águas)” foi étimo de D’Ovidio e Baist. Para Meyer-Lübke, Rohlf s e Gamillscheg, seria o gaulês ou celtolatinho **seliare*. “Sólo podrían justificarse fonéticamente si el vocablo en todos los romances procediera del francés, cuando todo prueba lo contrario”. “El fr. *scier* en nuestra acepción náutica es palabra poco castiza, pues Jal afirma que en francés se dice *culer* o *nager a culer*; los testimonios más antiguos son los de Duez (1674) y Cotgrave (1611), que traen la ortografía *sier*. Tratándose de vocablo integrante de la terminología náutica mediterránea ha de ser italianismo o acaso provenzalismo” (Coromines, loc. cit.).

⁶⁸ Port., cast., cat. *ciar*, veneziano ant. *ziare* (mod. *siare*). As fricativas podem vir das africadas; o contrário é inverossímil. As formas de sibilante palatal, genovês *sciare*, > it. *sciare*, > croata *šijat*, propagadas desde o genovês sobre formas com *s-* (como it. ant. *siare*), são claramente posteriores.

manifestar ciúmes” (não é *cear-ciar* “remar para trás”). Se *cear* precede *ciar*, cumpre optar uma de duas: ou *cear* é independente das formas forasteiras com I e o coincidir semântico é fortuito, ou as formas forasteiras vêm do port. *ciar*. Formas não portuguesas com I há já no séc. XV (cat., it.) entanto que o port. *cear* chega a meados do XVI, o que argui contra o português. É que um é a escrita, com a inércia do sistema fonológico, outro a realização, muito mais ao ter os forasteiros sistemas vocálicos diferentes aos do emissor. *Cear* para os portugueses tinha fonema E (à parte se tónico era aberto ou fechado) e isso escreviam, enquanto aí realizavam sons mais fechados do aceitado noutros sistemas para fonemas homologáveis. Os forasteiros aí viam seu fonema I. Afinal a analogia (talvez a retroalimentação desde outras línguas) espalhou o timbre I mesmo nas formas rizotónicas do português.

3. Parece logo que o cariz náutico do termo, e sobretudo a fundura diacrónica do vocalismo, apontam para a origem portuguesa. Se se parte daí, deve excluir-se o *cia* “osso do quadril”⁶⁹ por também não acordar com o vocalismo primitivo em português. Partamos da forma *cear* como mais velha. Conserva-se até hoje no léxico agrário dos falares galegos. Nos dicionários galegos (já no Cuveiro Pinhol), *cear* é: a) “ciar, remar para trás”, b) “recuar, retroceder em geral” e c) “fazer recuar o armento que puxa o arado ou o carro”. A 1ª aceção – em Cuveiro Pinhol e Estravis, não em R. González, Carré e F. Grande –, é dúbia e não a vi confirmada noutros informantes. A meu ver homologa as duas variantes, com ajuda da forma próxima e da semântica comum de “retrocesso”. Mas nenhum marujo diz *cear* “remar para trás”. A 2ª (1ª em Estraviz), generalização, é de surgir espontâneo, e acusa influxo do castelhano, que também generaliza, ao invés do português comum. A 3ª é claramente o sentido real e verossimilmente primitivo.

Crespo Pozo traz variantes formais e semânticas. De Fernández Pousa re-colhe *acear* e informa em Verim conviver *cear* e *ciar* no mesmo plano, com um *ciar* “recuar os bois”. E em Padrão dar-se, com “sesseio”, *ciar* “dar volta ao carro”, matiz que se dá um pouco por todas as partes em *cear*.

4. Pelo visto o sentido real de *cear*, velho e atual, foi e é “fazer recuar os bois jungidos”, que já antes passara ao geral “recuar”, depois a “remar para atrás”. Na boca dos marujos *cear* passou a *ciar*. É, *ciar* é dos marinhos e *cear* dos lavradores, sem que contaminações alterem o quadro. Já cabe perguntar donde virá *cear*. O falante sente vínculo com a interjeição *cé!* (à margem de se certo ou paretimológico), para fazer recuar os bois no tiro: *cé, boi!*, já no P. Sarmiento. Nos dicionários não há variantes (E. R. González, Carré, F. Grande) até Estravis, que nota o nexa nas variantes que põe, *cea!* e *ceaqui!*, baseadas nos usos modernos. *Cea!* é ou parece paretimologia em *cé!* sob influxo de *cear*, bem que a precedência dada a *cea!* note ter-se por imperativo de *cear*, e logo *cé!* ser secundário. A ordem será inversa: *cé* deu *cear*. *Ceaqui!* será causa de *cea!*, por falsa segmentação: *cé aqui!* > *ceaqui!* > *cea aqui!* Em *cea* foi factor concorrente nalgumas falas a progressiva substituição analógica da desinência *-é* por *ea* (*marea* em vez de *maré*; *grea* por dial. *gré*, por *grei*; *chaminéa* por *chaminé*; etc.). Pela autoridade de Sarmiento e da tradição, cremos que *cé!* é a só forma antiga e que dela vem em data românica o verbo *cear*⁷⁰.

5. **Etimologia de *cé!***: Pensei em fazer a defesa do estudo etimológico das interjeições, postergado pela opinião que só reconhece peso na gênese aos factores expressivos. Sei deles e de algumas ter nado de sons eficazmente simbólicos, mas persuadido estou de as mais virem de velhas palavras, pouco dá quão remota seja a data em que perdem a função original. Eis o gal. *boh!*, do cast. *bah!*, boa mostra do que digo⁷¹. Mas não é mister

⁶⁹ Do vulg. *scia*, lat. *ischia*, *ischiorum* “ossos do cadril”, por sua vez do gr. *ισχία*, -ῶν.

⁷⁰ Uma paretimologia de *cé!* num *ciar* vindo de fora, que daria *cear* entre lavradores, não tem fundamento; é do mundo náutico português que surgem os testemunhos primeiros com *-e-*.

⁷¹ Gal. *boh!*, cast. *¡bah!*, interjeições de forte menosprezo, vêm do antigo *vá*, 3ª pessoa sg. do presente de conjuntivo de *ir*, antiquada em castelhano e nos falares galegos sob o seu influxo, e substituída pelo bissílabo *vaya* (e *vaia*). A energia depreciativa está em razão direta ao olvido da origem verbal. Fases menos evoluídas do processo são as interjeições galegas *vaite*, *vaites*, *vaiche*, *vaiches* e a cast. *vaya*, nas que ainda transparece a origem e a ironia supera o menosprezo. No fundo há locuções como “vá por Deus”, com que se despede um esmoleiro. Em castelhano a ortografia atual surge no Marquês de Ribas (inícios do séc. XIX), cf. Coromines. A forma etimológica (ainda verbal, mas já interjetiva) vê-se na última frase do *mamotreto* III de *La Loçana Andaluza* (1524), de F. Delicado: “va, va, que en tal parará”.

abundar na etimologia de *cé!*, que agora vejo fundada na autoridade do P. Sarmiento, que sabia donde vinha há dous séculos ⁷²: *Cé!* vem do lat. *cēde*, imperativo sg. de *cēdere*, de semântica complexa.

Cēdō, *-is*, *cessī*, *cessum*, *cēdere* era primeiro “andar, ir, vir”, marcha em sentido lato. Tal amplidão, amiúde ambígua, fazia a rareza na escrita e o desenvolvimento de aceções especiais com regimes próprios; depois a formação de derivados e compostos de sentido mais preciso.

A comum 2ª aceção foi “ir-se (embora), retirar-se”, próxima da 3ª, “ceder o passo a alguém, retirar-se ante”. Interessa a 4ª, “cessar, deixar de, deter-se”, e a geral de “ceder, afrouxar ante outrem, conceder”. Há outras menos relevantes ao nosso fim: “chegar a, ir parar”, “virar, transformar-se em” e longo elenco que desvia ⁷³. Logo o imperativo *cēde!*, por abrangente e incluir o gesto, era mais penso a durar do que o resto do verbo simples e a passar a interjeição, trás isolado e vazado de valor verbal. Umás traduções podem achar-nos da expressividade no popular e arcaico latim republicano: *anda!*, *vai!*, *vem!*; *vai-te!*, *arreda!*; *deixa!*, *para!*, *detém-te!* Para o nosso *cé!* cumpre reter *para!*, *detém-te!* e sobretudo *arreda!*, que ainda não são o que *recua!*, mas andam perto. As fontes não deixam saber se já era *recua!* Se inda não, perto estava e a passagem será românica. Suspeito-o implícito no verbo simples.

A vaga amplidão da aceção 1ª acrescia os possíveis usos na língua coloquial, onde contexto e gestos se unem para a comunicação eficaz e breve (fez a fortuna de *cēde* na língua oral e o esquecimento de *cēdere* na escrita). Mas em níveis formais é necessária a precisão linguística, o que gera uma pletora de derivados e compostos não passados aos romances por não arreigados na língua popular. Mesmo *cēdō* quase não tem eco românico, mas aí a razão era inversa, a perda de prestígio na língua formal. Os derivados volveriam quase todos por via erudita. Sublinho que os derivados, de um lado, são mais da língua formal que da coloquial, e doutro, que inda lhe podemos ver o cariz recente, a presença rara no latim galeco. Para “recuar”, a palavra clássica era *recēdō*, que não deixou pegada. *Retrocēdō*, do século II, também não podia deixar rasto no latim galeco. Daí pensar que em *cēde!* já palpitava *recēde!*, isto é, “recua, retrocede, vai para trás”. Outros valores, opostos às vezes, não desapareceram (vê-los-emos nas interjeições homólogas dos domínios vizinhos, em 3. 6.), mas aqui foram-se eclipsando a prol de “recua”. *Cēde* seria *çēde* no Império e no românico galeco *çēde*. E seria *çee* no galego-português antigo, e *cé!* no médio e moderno.

6. Há irmãos de *cé* noutros domínios? Voz tão breve pede apoio comparativo.

6. 1. Eis o cast. ant. *jce!*, para chamar ou deter, os valores de *cēde* vagos no *cé!* galego. Era *anda*, *vem*; *detém-te*, *para*. Coromines aduz testemunhos literários dos sécs. XV, XVI e XVII ⁷⁴. A pátria dos autores (Rojas, Tirso, Cervantes) não sai de Madrid e Toledo; logo pode ser o local moçárabico. A ser lídimo castelhano, o D imediato postónico ficaria (é imaginável outra via: perda do *-e* final e a pronúncia popular alternante que prevaleceu no castelhano platino, em *tomá*, por *tomad*: *ced(e)* > *ce*).

Com Amado Alonso, Coromines crê *ce* ser desenvolvimento de *tsss*, som para chamar. Ora, *tsss*, *št* ou *čst* continuam a usar-se sem adir vogal. No castelhano rioplatense *chistar* (gerado desde *čst*, para chamar) vive firme, mas o som de facto articulado, nunca vocaliza. Pode arguir-se a vogal ser simples convenção gráfica, mas logo tal *jce!* ficaria só, isolado do *cé!* galego, de vogal certa, e dos *che* e *xe* que veremos, também de claro centro vocálico. Logo aqui ao mais cabe falar de reforço fonossimbólico numa raiz léxica. Quadra avançar mantendo a congruência com a ideia aventurada.

⁷² *Coleção de Voces y Frases Gallegas*, 405, e no *Catálogo de Voces y Frases Gallegas*, 221 v. Edição de J. L. Pensado, que subcreve a etimologia do P. Sarmiento nos seus *Estudios Etimológicos Galaicoportugueses*, Univ. de Salamanca, 1965, p. 77. Lê-se *cē* na *Coleção*, *cé* no *Catálogo*. Não sei se é hesitar do autor ou do editor; será do primeiro. Meus dados falam de E aberto.

⁷³ V. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*, de Ernout-Meillet, Klincksieck, Paris, 4ª edição, 1967.

⁷⁴ DCECH II, sub *jce!*. Abunda na *Celestina*: “¡Ce! ¡ce! ¡ce!” (Clássicos Castellanos I 60. 3), pedindo silêncio; “Pármeno, detente. ¡Ce!, ¡escucha que hablan estos!” (I 88.21), também para fazer calar a par que se chama; “¡Ce! Señora Celestina: poco as aguijado.” (I 127. 12), mero vocat.; “¡Ce, amigo, que se va todo a perder!” (I 178. 16), vocat., em frase talvez folclórica pois conjura o demo; “¡Ce, señor! ¿Cómo es tu nombre?” (II 82. 21), vocat. Em Tirso serve a chamar a atenção do interlocutor ao introduzir a pergunta: “Ce: ¿es el conde?” (*El Vergonzoso en Palacio*, III, 1263) e “Ce, ¿a quién digo?” (*El Burlador de Sevilla*, II, 252). Em Cervantes só o derivado *cecear* “chamar alguém dizendo *jce!*” (Quixote I, XLIII).

6. 2. É coerente unir os *che* rioplatense, hondurenho, venezolano, o fantasmal andaluz, e o *xe* (*čę*) do catalão de Valência. Coromines diz que a identidade de usos do *che* platino e do *xe* valenciano não pode ser casual, como não pode sê-lo a proximidade com o *ce* moçárabico-castelhano que vimos de ver. Atentemos para essas interjeições. O *che* hondurenho e venezolano para Coromines é como “não me importa, pouco me dá”. O *che* rioplatense e o *xe* valenciano servem a dirigir-se ao que se dá trato familiar, com a peculiaridade de sentir-lhes valor pronominal, de pronomes pessoais de 2ª com função só vocativa: designam o interlocutor. Quanto ao fugidio *che* andaluz, os registos escasseiam, mas a não ter existido, não é menos certo que devêramos imaginá-lo para explicar os *che* americanos, que não podem ser indígenas. Contudo vem em *La Lozana Andaluza* (1524), do cordovês Francisco Delicado ⁷⁵, e em andaluzes modernos citados por Amado e Coromines ⁷⁶. O *che* andaluz é às vezes vocativo, outras desaprobatório, cf. platino-valenciano e hondurenho-venezolano.

Amado Alonso cuidava o *che* vir de *ce* e a mudança dar-se ao se perder a africção da sibilante C, tentando manter o factor expressivo com uma africção ainda possível⁷⁷. Põe *ce* e *che* em sequência cronológica, mas os dados não acordam. O que notam é a partição territorial: *ce* de Madrid e Toledo, *che* de Córdova e Sevilha (e Valência). O toledano Rojas e o cordovês Delicado nasceram no ano 1475. Logo o cast. andaluz de fins do séc. XV e inícios do XVI era fonologicamente mais arcaico que o castelhano do domínio original. O cordovês Delicado tem *che* e Rojas *ce*. O madrilenho Tirso, na primeira parte do XVII, em plena crise de sibilantes, conserva *ce*. É partição geográfica: *ce* e *che* são paralelas de dialetos diversos.

6. 3. Deixemos o fonossimbolismo e vejamos a diferença semântica das cinco interjeições: *ce* vocativo toledano-madrilenho; *che* platino e *xe* valenciano, vo-cativo-pronominais; *che* centro-americano, desaprobativo de rechaço indiferente; *che* andaluz, vocativo e desaprobatório, segundo o caso. As formas vocativas, com matices, deixam-se reunir; as desaprobativas ou depreciativas acordam como derivações de *cēde* nos valores “vai-te, arreda, deixa”. É incerto se no *che* andaluz os valores estavam misturados ou partidos territorialmente. Ajudaria uma pesquisa das pátrias dos colonos platinos, hondurenhos e venezolanos. À margem de detalhes, patenteia-se o nexa com *cēde*. Os escassos vestígios românicos de *cēdere* acordam com as formas isoladas, próprias de línguas arcaicas como o português e os falares moçárabicos.

6. 4. Moçárabicos *ce*, *che*, e *xe*? É, *c^e,ⁱ* latino deu *č* (ou *ž*) em moçárabe, qual em quase toda a parte. Se passou o estádio é debatido. Para Amado Alonso⁷⁸, também em moçárabe teria passado rápido a S. Certo que na toponímia e nos glosários árabes coexistem formas de *ch* (*č*) e *c* vindas de *c^e,ⁱ*. Se guardar *č* é atribuível ao árabe antes que ao moçárabe, como quer, teremos mais topónimos com *ch* na Andaluzia e Valência (e Alentejo e Algarve) que no norte. No sul fixou-se *č*, opondo *ce* toledano-madrilenho a *che-xe* andaluz-valenciano⁷⁹.

Inda se debate se aí havia sonorização das oclusivas surdas intervocálicas e – o que interessa mais – queda ou amolecimento das sonoras. É, havia, mas flutuantes. Cumpre lembrar o carácter verbal e a frequência de uso, que pendem para a queda. Caso moçárabe oportuno é o de *vai* (“vai-se meu coraçon de mib”), de *vadit*.

7. CONCLUSÕES: O enigma de *ciar*, que se cria vindo de fora, não o é. Nestas pesquisas valora-se o galego e mais uma vez a importância da náutica portuguesa. E adianta a visão do latim vulgar e o peso léxico das interjeições opacas. Mitos locais qual o *che* rioplatense e o *xe* valenciano saíam iluminados.

⁷⁵ Citado por Amado Alonso, em *Nueva Revista de Filología Hispánica* I, México, p. 6: “El normal *ce*, clásico (de llamada, de silencio, de advertencia) es por lo menos una vez *che* en *La Lozana Andaluza* de Francisco Delicado, 1534 [sic]: “y si queréis ver si uno es verdaderamente español hazé que diga *chupale, che, vellaco*”.

⁷⁶ Vejam-se em RFH, XX, 74 e DCECH II, sub *ıce!*

⁷⁷ Revista de Filología Española, XX, 74.

⁷⁸ Revista de Filología Hispánica VIII, p. 72.

⁷⁹ Sanchis Guarner, na *Enciclopedia Lingüística Hispánica* I, Madrid, 1960, p. 293 a 342.

CORAÇÃO

O étimo exato de *coração* e cast. *corazón* (ant. *coraçon*) anda incerto. As propostas não dão: CŪRĀTIŌ, por razões semânticas e fonéticas; *CORĀTIŌ não explica o Ç do castelhano antigo; nem também *CORICIŌ, pela mesma razão que tolhe o anterior. Escuso criticá-las e remito ao DCECH de Coromines. No castelhano antigo teriam Z, que não surge antes da grande mutação de sibilantes recolhida na reforma ortográfica do séc. XVIII. A única forma é *coraçon*, com Ç surdo, depois interdentalizado e modernamente grafado com Z.

Uma sugestão de Coromines, que ele não seguiu, pôs-me a cismar e assim imaginei a história que narrarei na ordem cronológica. Os celtas hispanos constrangidos a falar latim, como todo falante de duas línguas próximas, tentavam adequar os conteúdos novos nos vasos do idioma anterior, colhendo dentre os sinónimos da língua nova os similares aos da própria, mesmo formando palavras novas se o novo sistema permitia. O nome céltico do coração era *KRADION (Pedersen) ou *KRIDION (Thurneysen, Pokorny), neutro em -O. Pouco dá o timbre da primeira vogal; são certos o I ou iode e o O da parte final. O clássico *cor*, *cordis* punha dificuldades. O vulg. *cor*, **coris* venceu nos domínios francês, catalão e italiano, e talvez correu nos celtas hispanos. Mas entre estes venceu uma voz de novo cunho: *CORDIŌ, CORDIŌNIS, de ar mais familiar por manter o tema *cord-*, e, com acréscimo da desinência latina de *RĒNIŌ, RĒNIŌNIS “rim”, recobrar o encontro vocálico da forma céltica. Além disso, o vocábulo – da língua técnica médica? –, nota melhor a vínculo com tantos derivados da mesma família, *vēcordia*, *socordia*, **concordium* (Meyer-Lübke), *discordia*, *miser cordia*, *praecordia*, *prāvicordia*, *torticordius*, *verticordia*.

*CORDIŌ, CORDIŌNIS passaria a **corçom*, tanto na nossa língua quanto no protocastelhano. Veja-se o *Manual de Gramática Histórica Española* de M. Pidal, § 53. Eis delida a dificuldade das hipóteses anteriores. Até aqui todo é hipotético, verossímil mas reconstruído. Há elos registados? Lamento não ter um dicionário histórico português para comprovar a antiguidade da palavra que julgo ser testemunha indireta de **corçom*. Falo em *descorçoar*, crido síncope indigna de atenção, e que será arcaísmo pasmosamente preservado.

Corçom*, como se percebe articulando o Ç africado, sofre anaptixe trás o R. Ausente do latim escrito, era fácil a deriva. A vogal neutra que surge (cor²çom*) toma o timbre das vogais vizinhas, firmando a harmonia vocálica existente: **coroçom*. Eis o português *descoroçoar*, julgado talvez uma deturpação de **descoroçoar*. Mas este só pode sair por analogia, como aconteceu em castelhano, que não tem aquelas formas antigas.

Estes fósseis vemo-los numa tela sincrônica, projetados a par; da sua sequência temporal apenas cabe conjecturar. Se procuramos aproximar-nos de uma congruência razoável, ajuda-nos um moçarábico *qūrusūn* “erva do coração”, que Coromines cita de Asín, editor dum glossário moçarábico talvez hispalense de arredor do 1100. Não é galego-português e é algo incerto pela transcrição do alfabeto árabe, mas isso não nos descorçoar.

O curso culmina na total abertura da vogal anaptíctica. Movimento inverso ao anterior? Impõe-no foneticamente o -R-. Em passando o O átono a aberto, foi obrigada a dissimilação das vogais laterais foneticamente fechadas, tanto para adequar o sistema fonológico das átonas quanto por analogia, em contexto isolado, dos dous sufixos coligados -*aço* e -*om/-ão*. Rápido sai por todas as partes a forma histórica *coração*.

CORISTANCO

O nome deste concelho de Bergantinhos, Corunha, pôs perplexo Coromines. Na *Tópica Hespérica*⁸⁰, a falar no sufixo pré-romano -ANKO-, arrisca o étimo céltico *KON-EXS-TANKON, dissimilado, que conteria a raiz de *tanque* e *estancar*, mas não aquele sufixo. A dissimilação é possível, mas improvável.

Talvez há uma explicação mais simples. Se o que temos é sufixo – aumentativo, cf. ecos românicos⁸¹ –, tirando-o fica o tema -KORISTO-, no que teríamos o tema verbal *KOR- “pôr, plantar; lançar” (raiz *(s)ker-, Pokorny 935-38), e talvez a desinência -*isto*- dos superlativos índios, gregos e germânicos. Contudo, não temos documentos da desinência nos dialetos célticos tolhe avançar por este rumo.

⁸⁰ Tomo I, p. 19, nota 10.

⁸¹ Veja-se aqui *Naraío*.

No gaélico antigo há *cora*, dat. *coraid*, f. “paliçada, muro de pedras; caniçada de peixes”, tema em dental tirado do verbal; foi o céltico *KORET- “paliçada, valo defensivo”. No gaélico antigo houve contaminação – referi-lo seria longo – entre esses *KOR- de amplo espectro e o greco-latino *chorus* “coro”. Este, omnipresente na Idade Média, com seu conteúdo semântico “pluralizava” os objetos do verbo céltico. Consequência foi crescer no baixo-latim o derivado *chorista* para os termos singulares.

Galiza, na borda da România, nos séculos de convivência de céltico com latim, teria algo análogo. O tema *KOR- estava presente na Galiza. Na comarca da Estrada, perto de outros de nome *Ancorados*, há os lugares chamados *Curantes* e *Cora*. Aqueles iluminam estes. *Ancorados* na terra significa “implantados, fixados”. E logo traduzia o étimo dos *Curantes*, o célt. *KORANTES, o particípio presente de sentido passivo de *KOR-. *Cora* é o adjetivo *KORĀ “plantada”.

Há uma alta probabilidade de termos aqui o céltico final KORISTANKO-, que sofreu a paretimologia do baixo-lat. *chorista*, destinada a “singularizar” o objeto do verbo, que era um castro e é uma vila. A semântica é céltica, mas a forma acusa a influência latina. No céltico dos longes tempos soberanos o nome teria a forma *KORETANKON “o (Castro) da Grande Defesa”.

CORTEGADA e CORTEGAÇA

e o ensino pré-romano

Tem-se arguido os britônicos *Bangor* serem ecos de espaços drúidicos, e há razões etimológicas, geográficas e históricas. 1º) *Bangor* é pan-britônico, do étimo célt. *BĀNÓ-KOROS “luminoso-recinto”, logo próximo da *manzana de las luces* de Buenos Aires, também âmbito de ensino, e logo um provável arquétipo tradicional. 2º) Como os eremitas cristãos, os antecessores ocidentais, os druidas, buscavam lugares florestados, isolados e com boa água, para estudar e ensinar, cf. a tradição e as pesquisas. 3º) Os *Bangor* de Gales e Bretanha, e os *Beannchor* do Ulster e Connacht, surgem à história pelos mosteiros cristãos dos quais as vilas nasceram, que renovaram no lugar a função dos anteriores centros de ensino.

Na Galiza há bastantes *Cortegada* e *Cortegaça*. Eis a *Cortegada* de Silheda, a da alta Lima, a do país de Orriós e a da ilha na ria de Arouça. *Cortegaças* não há tantas, mas há uma em Valadouro e outra no vale do Avião. Cuido serem ecos de centros de ensino pré-cristão e pré-romano, isto é, de ensino drúidico. Asserto ousado pelas asneiras que a rareza de documentos e a consequente fantasia deram no campo. É difícil separar a pesquisa da léria dos fantásticos, e embrenhar-se aí é jogar pele e prestígio. Contudo, a atinar, o facto é tão pasmoso que justifica o risco. Muito mais no caso calaico, órfão dessas aventuras, mesmo das fantásticas.

Que diz a gramática histórica de *Cortegada*? No imediato vem de um lat. **cōrticāta*, aparentemente vindo do vulg. *cors*, *cortis* (clássico *cohors*, *cohortis*) “curral; cercado”. Ora bem, o derivado **cōrticāta* não se vê na România fora da Galiza. A meu ver seria latinização paretimológica do célt. GORTĪKĀ “cercado, recinto fechado”, da mesma raiz, e já registado no céltico peninsular. A raiz indo-europeia é **gher-* “colher, apanhar” (Pokorny 442-443), cf. lats. *hortus* e (*co*)*hors* e germ. **gardaz*, *gardon* (ingl. *yard*, alem. *garten*). Mas aqui não seria o tema nominal, mas o verbal, *GORTĪKĀ- “cercar”. Os particípios passivos terminavam em -TIO-, -TIĀ, em vez do -to-, -ta do latim. Portanto, a forma céltica seria *GORTĪKĀTIĀ “(terra) cercada, fechada”, que se latinizou duas vezes, com diversa intensidade. Primeiro foi **Cōrticātia*, com a desinência preservada, donde *Cortegaça*. Depois a latinização aprofundou-se em **Cōrticāta*, da qual vem *Cortegada*.

Além da história da palavra, vejamos algumas na sua circunstância: A *Cortegaça* de Valadouro, no curso alto do rio Ouro, estava na raia das tribos dos *álbiones* e os **iadovii-iadowioi*, logo era lugar deserto, isolado, florestado, de águas abundantes. A ilha de *Cortegada*, na ria de Arouça, isolada como ilha que é, ainda tem uma floresta antiga, de água própria, com todas as condições desses espaços de ensino. A *Cortegada* ao norte do rio *Mente*, em Trás-os-Montes, faz dessa zona, entre o *Mente* e o rio *Camba*, uma antiga terra-de-ninguém.

O rio *Arnoia* deságua no Minho no concelho de *Cortegada*. Esta está sita nas beiras, velhas raias, logo foi dantes um lugar isolado e silvático. Não longe daí, *Cela-Nova* foi de facto um druidato cristão, fundado por São Rosendo para se purificar, à maneira da antiguidade e da Idade Média, em sítios longes e tranquilos. A pesquisa deve prosseguir; no entanto, estou persuadido de que ao cabo virá roborar a hipótese.

DEGORAR

Palavra galega para “desejar avidamente” com variantes *degarar* e *degoirar*. *Degorar* sai antes, no séc. XIX. A unidade funda-se na definição comum. Qual a original? Será *degorar*. Verbo da 1ª conjugação, nos falares galegos o rizotónico O aberto passa a A em posição átona, cf. *satenta* por *setenta* de *sete*. E Coromines já vira *degoirar* ser cruzamento com *agoirar*. Aí via o lat. *devorare*⁸², com reserva justa pois *devorar* é voz erudita da Renascença; sem razão para a total substituição de V por G. Ao cabo o sentido difere. A meu ver *degorar* é verbo românico de origem céltica, caso complexo por haver aí dous étimos possíveis, de duas raízes diversas.

a) Um é *GOR- “aquecer”, da raiz *g^{wh}er-/*g^{wh}or- (Pokorny 479) de todo o indo-europeu. Coromines notou na Idade Média hispana soar *gorare “incubar” (antes “aquecer”), origem do atual *gorar* “incubar malogradamente”. *GOR- “aquecer” dura nas línguas neocélticas, no medievo “aquecer”, hoje só “incubar”. Em antigo castelhano houve os prefixados *agorar* e *engorar* “incubar”; logo não parece ousado propor para *degorar* o étimo *DĪGOR-, paralelo a *DĪWASSO-, étimo de *devasso* para Coromines⁸³, com o prefixo e preposição DĪ, cf. lat. *dē*. É de recordar que “aquecer-se” é também “excitar-se”. O cast. *calentarse* é também “excitar-se” (em geral, não só “sexualmente” como diz o DRAE).

b) Outra raiz dá mais tentadora, *gher-/*ghor- “desejar; to desire, yearn for” (Pokorny 440), registada em indo-irânico, grego, itálico, germânico e **céltico**.

Possível e provável é as duas raízes se misturarem, como se verá. Porque em céltico as duas confundiram-se na forma única *GER-/ *GOR-. A confusão trouxe a íntima mistura dos sentidos, mais inextricável que amera paretimologia. Logo convém reconstruir um único *DĪGOR-, nutrido semanticamente das duas raízes. Talvez a mistura nos chegou nos *aquecer-se*, *aquentar-se* e *esquentar-se* metafóricos, e no *calentarse* castelhano.

A semântica de *GOR- não se reduziu a “desejar” e “aquecer-se”. Esta última aceção, por caso, abrange toda classe de paixões, nomeadamente a fúria. Um testemunho calaico quadra aduzir porque documenta o tema duplo e enriquece a memória da tribo que morava dous mil atrás nas comarcas atuais de *Valdeorras*, o *Berzo*, *Serra do Courel* e os *Ancares*. Falo nos que em latim diziam *gigurri*, em céltico *GEGORROI “esquentados”.

QUEM ERAM OS DESLEIGADOS?

É palavra do discurso galeguista, cheia de carga emotiva, para doestar os que não amam e prestam lealdade à identidade nacional. Virá de um uso popular geral, difícil de ver, pois a lexicografia galega nasce de par com o galeguismo político, o que supõe interferências na mesma fonte. Suponho que a pesquisa de usos locais dará indícios do valor primo, e logo da origem, que não vi nenhures, pois a insinuação de vir de *lei*, explícita em C. Pozo⁸⁴, implícita nos lexicógrafos anteriores⁸⁵, não tem rigor e é mero eco da sílaba *-lei-*. Pus-me a cismar e vadiiei por hipóteses reviradas até dar com a que vou expor, que agora me parece trivial.

Ausente do P. Sarmiento no séc. XVIII, surge no XIX em F. X. Rodríguez: “sem amor à pátria, à família”. Outros repetem-no matizado: Cuveiro Pinhol “el que no tiene ley ni amor”, Carré “desleal, ingrato”, Eládio R. González “descastado”. E chega ao Estravis: “desleal” (infiel, traidor), “ingrato” (mal-agradecido, etc.), “descastado” (desnaturado, desamorado, etc.). Mais preciso é Crespo Pozo, não por aclarar o sentido pelas palavras castelhanas com que traduz *desleigado* (as vistas: *desamorado*, *descastado*, *desleal*, *ingrato*), mas pelos dados sobre lugares em que a palavra vive na língua coloquial: Ourense em geral e Ginzo de Ambia em particular. Quadra adir Ginzo de Lima, segundo informante direto; e a zona compostelana (daí era F. X. Rodríguez, mas C. Garcia não o anota no léxico local) e também Redondela (donde era C. Pozo, que, à margem das localizações, dá-lhe nota de “mais comum” em *desleal*, *desamorado* e *ingrato*).

⁸² DCECeH, *voraz*.

⁸³ DCECeH, *gastar*.

⁸⁴ *Nueva Contribución a un Vocabulario Castellano-Gallego*, II, p. 420, sub *ingrato*.

⁸⁵ Por caso, em Cuveiro Pinhol ao definir “que no tiene ley”, em Carré com “desleal”.

Trás tenteios, cheguei ao óbvio: a derivação de *leigo*. Contudo, as várias aceções e matizes da palavra não me deixavam ver a articulação do prefixo negativo e o cariz de participio. O gr. λαός “povo” tem o adjetivo λαϊκός “do povo”, que passou ao lat. *laicus*. Deste é o nosso *leigo*, adj. e subst., essencialmente excludente. Segundo o excluído, as aceções. Sem prejuízo do solapar-se, cabe enumerar: 1º “que não tem ordens sacras”, 2º “que não fez votos monásticos”, 3º “sacerdote que não fez votos monásticos, sacerdote secular”, 4º “que fez votos monásticos, mas sem opção às ordens sacras”, e 5º “religioso com opção às ordens sacras, mas ainda não ordenado”. Cinco aceções no âmbito eclesial. Acrescentemos “pessoa do povo cristão não pertencente à hierarquia eclesiástica”, “iletrado, não conhecedor” e “partidário de excluir a religião dos âmbitos públicos”. “Não clérigo” nos dicionários simplifica, mas escamoteia os usos concretos e logo a ocasião de entender a génese da voz. Qual a aceção pertinente?

Aí *leigo* é “irmão que fez votos sem opção às ordens sacras”. *Leigo* por *irmão monástico* é galego vivo. *Desleigado* logo era “irmão leigo desertor, apóstata, que lança o hábito às ervas”. Na Galiza tridentina seria frequente, como alhures, a profissão dos lavradores iletrados sem opção às ordens. Nesse espaço a profissão pouco respondia a razões de vocação, para muitos era mero meio de subsistência. Em todas as épocas algo, e mais no séc. XVIII e primeira parte do XIX, no quadro das desamortizações dos bens eclesiásticos, deveram dar-se deserções, que nesse ambiente social, cultural e jurídico, tão próximo e tão longe de nós, implicavam ruptura e ostracismo, excomunhão e infâmia. Das palavras para “desertor”, escolheu-se esta, alusiva a irmãos leigos, que quadrava à realidade social do campo galego, guarda da língua. Havia deserções de clérigos, mas eram menos. Nos irmãos leigos, o número e a indefensão por falta de letras agravavam a imagem. Leio Pio X ter restaurado normas pelas que os irmãos leigos sem opção às ordens, trás seis anos dos votos simples perpétuos, deviam fazer os solenes, mas só se chegados à idade de trinta (não antes, sob pena de nulidade), *para evitar as frequentes deserções que algures havia*.

Desleigado foi nome que o povo dava aos irmãos leigos, saídos dele, que desertavam da vida monástica sem ânimo de volver e sem processo canónico de exclausuração. Os que deixavam de ser *leigos* (no sentido que lhe davam à palavra no galego médio) recebiam uma qualificação, objetiva então quando unívoca, que tinha por sinónimos “desertor”, “apóstata” e ainda conotações de “infame” e “excomungado”.

DOUDO, O POSSESSO

Mudado por *doido* na mor parte do domínio, primeiro onde OU monotongou. A comutação procurava manter oposições, mas Galiza não o fez. Nela Sarmento regista *doudo* no Morrazo e Sobreira no oeste ourensano, e depois não abunda. Voz expressiva, registada tarde (inícios do séc. XVI), julgaram-na de origem obscura; H. Meier, Malkiel e Coromines buscaram em vão. Casos desesperados pedem mudar o rumo. Creio-a pré-romana, talvez do célt. final *DÓWITO- “cativo, possuído”, antes “escravo”, contido nos hispanos *Dovido*, *Doveto*, *Dovida*, *Dovetos*, *Doviterus*, *Doviderus*, *Doiderus*, *Dovidena*, *Dovidona*, *Doidena*, etc. E *Dovilo*. Coromines viu ser nomes de servos⁸⁶, próximos do gr. δοῦλος “servo”, que pelo micénico sabemos vir de **dowelo*-.

A δοῦλος não se lhe vê origem indo-europeia por não se lembrar a velha palavra gaélica *doír* “servo”, adj. em -O- e -Ā-, de *DOWIRO-. Vendryes-Lambert viam aí o prefixo pejorativo *DU- mais WIROS “homem”, mas não há paralelos do conceito “sub-homem” para designar o escravo. O de “servo” vai por outras vias, em geral sinónimos de “moço”. Holder e Tovar isolaram o tema *dowi*-, que traduzia “forte”; não teve eco.

Quadra insistir na semântica. A meu ver é indo-europeu, da raiz **deu*- “fazer, realizar; reverenciar, honrar” (Pokorny 218). Daí há palavras várias como *bom*, *belo*, *bonito*, *beato*, do grau zero e valor “útil, eficaz”⁸⁷. A noção basilar é “ação eficaz (ao serviço daquele a quem se deve)”. Aqui há grau pleno, acréscimo I, e quiçá tema verbal do qual *DÓWITO- seria deverbal. Naqueles nomes há outros sufixos, simples ou não: -TERO-, -TON-, -TĒNO- e -LON-. Os lats. *Mauricaptus* e *mente captus* equivalem a *doudo*. *Maurī captus* é “possesso do *Mouro*”, aliás, “enfitecido; preso do *Escuro* (demonização usual dos deuses pagãos)”, na prática o imbecil.

⁸⁶ *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca, 1976, p. 381 e ss.

⁸⁷ De **dw-enos* é *bonus*, e dele *bom*. *Bonito* é de *bom*. *Belo*, de *bellus*, antes o diminutivo **duellos*, de **dw-enelo*-. *Beatus*, de *beare* “ser bento”, de **dweyeto*-. Todos com raiz no grau zero.

Mentecapto (*mente captus* “posse na mente”) é palavra erudita baixo-latina. O doudo era um *diminuído* na sua capacidade mental pela posse morbosa de um espírito ou demo. *DÓWITO- no Império sofreu a lenição da oclusiva intervocálica, e passou ao românico que lhe nascia paralelo: *DÓWITO- > *DÓWIDO. Robora a proparoxítona o topónimo galego *Dodro*, que vem de *DÓWIT(E)RO-. Depois *DÓWIDO deu *DOUDO ainda dentro do céltico, como se deduz do uau.

V. também *O mais antigo vocabulário da insânia*.

DOURO

É *Durius* em Plínio o Velho e Pompónio Mela. Δούριος em Estrabão, Δορίος em Cláudio Ptolomeu e Apiano, e Δόριος para Dião Cássio. É preciso pôr ordem nesta variedade com equações fonéticas por riba das fonologias. O que os latinos grafavam U soava como o O breve fechado céltico, cf. Hubschmied e Coromines. O OY no tempo de Estrabão equivalia ao U latino longo. E o ómicro de Ptolomeu-Apiano era O breve aberto. Enfim, o Ω do escrupuloso Dião Cássio nota uma vogal longa.

Breve, para integrar esta caótica assembleia de vogais cumpre pôr o calaico *(RĒNOS) DWORIOS, não *DORIOS, com O tónico breve fechado. O ómega de Cássio tenta verter o ditongo crescente nas fonologias latina e grega. O que significa? Parece um adjetivo de *DWORES “portas”, o que leva para o sentido “das portas”. O indo-europeu **dhwer-* usava-se no plural e com a vogal O, **dhwores*. *(RĒNOS) DWORIOS era logo “o (Rio) das Portas”.

O “Rio das Portas” põe a questão do que estas portas abriam. Apesar de passar a Celtibéria, aí nada divide. *Portas* começa a ser ao afluir ao Esla. Portanto, a etimologia alumia a questão da raia calaico-lusitana. “Rio das Portas” foi o nome que lusitanos e calaicos davam ao Grande Limite. Logo firma o sul da Kalláikia e o norte da Lusitânia.⁸⁸

DOZO

Dozo é sobrenome galego e foi um topónimo praticamente desaparecido, que só subsiste na freguesia de *Santa Marinha Dozo*, (deve escrever-se *Santa Marinha de Ozo*, como se verá. A perda do topónimo na memória coletiva levou alguns a escrevê-lo *Santa Mariña de Dozo*, o que é um erro explicável.

A documentação mostra que a sibilante foi uma africada sonora e que cumpre a grafia Z. alguns sobrenomes e topónimos similares orientam a busca. Cito na ortografia deturpada ao uso: apelidos *Osán* ou *Ozán* e os topónimos *Oza*, *Castro Dozón* y *Porto do Son* [porto dosõ]. Sem prejuízo da pronúncia local, a ortografia internacional é *Ozão*, *Castro de Ozão* e *Porto de Ozão*.

A etimologia baseia-se na gramática histórica céltica e depois na românica. *Oza* vem do céltico *OKIĀ “borda” e “ângulo, canto, esquina”, que deu o hápax gaélico *ochae* “oco da axila” (Vendryes), da raiz **ak-/ok-* “angular, sharp; stone” (Pokorny 18-22). Também gaél *ochair* (< *OKRIS f.) “borda”. Os homólogos greco-latinos têm sentido de “oiutero, monte, cume”. Na Galiza sói significar “linde, ourela”.

Ozom-Ozão supõe o étimo *OKIONON “Divino Limite”, com o sufixo átono de excelência ou divindade (Benveniste). *Castro de Ozão* está na montanha que separa a Deza pontevedresa do norte de Ourense. *Porto de Ozão* (escrevem Porto do Son) era o Divino Limite ocidental donde na Idade Média criam embarcarem as almas para as ilhas dos Vivos seguindo o curso do sol. Aí está o castro de *Baronha*, iluminado pelol gaélico *báire* m. “rumo; viagem; propósito” (< *BĀRIOS), por sua vez de **bhōr-io-*, grau longo flexionado de **bher-* “levar”. *Baronha* era *BĀRIONIĀ “a do Divino Rumo [ao Além]”.

É interessante, mas desviei-me do mais simplea *OZO, que certamente vem de *OKIO-, provavelmente um neutro toponímico (*OKION) que aludiria a uma fronteira clânica, concretamente algum menir ou anta.

⁸⁸ Sem ser paralelo perfeito, estão perto das danubianas *Portas de Ferro*, tradução do velho *Isarnodūrum*, de *ĪSARNÓDWORON. Este *-durum* na Gália sói ser segundo membro de composto em nomes de vila, onde é mera metonímia.

ÉÇARO

Li o Sr. Lago Vilaverde explicar o topónimo galego *Éçaro* pelo ant. gaél. *ess* “cachoeira, ferverça”, mod. *eas*. Coromines já vira esse nome céltico na península ao analisar o nome do rio *Esla* (*Tópica Hespérica*). Notou que *Esla* tinha o mesmo étimo dos galegos *Esto*, *Éstoa*, célt. *ÉSTULĀ, adjetivo f. sobre *ESTUS “queda-d’água”, tema em U. A etimologia aclarou a questão do tema no céltico, ao menos no calaico. O genitivo de *ess* era *esso* ou *essa*, que podia ser de tema U ou tema I: célt. *ESTOUS ou *ESTOIS. Os celtistas insulares supunham-no em I e reconstruíam *(p)esti-. A raiz supõe-se sem certeza ser a 2ª *pet-* de Pokorny (pp. 825-6) “cair” (para Ernout-Meillet *ped-). A queda do P indo-europeu e acréscimo do sufixo coletivo -(e)stu- dá esse *ESTUS, de *ped-stu. A intensa erosão da raiz, praticamente ausente, não ajuda muito neste caso.

A **grafia *Éçaro***: Não conheço grafias medievais do *Éçaro*, que haverá, e sem certeza é que proponho *Éçaro*. Mas cumpre escrever, e portanto conjecturar. A sibilante, africada ou não, não era sonora; as hipóteses visíveis o excluem. Fricativa ou africada? Se fricativa, deve pôr-se duplo SS. Ora, *Éçaro* está em terra “sesseante”, o que notaria o Z da grafia usual ser ultracorreção que tenta corrigir a pronúncia lídima, socialmente proscrita. O Ç é compromisso que foca o nível atual da ortografia galego-portuguesa sem ir ao fundo.

Sufixos átonos: Pudera ter o sufixo átono *-ro*, de *pícaro*. Muitos nomes parecem baseados na 3ª pessoa sg. do presente indicativo de verbos vivos ou extintos com tal sufixo: *pícaro* “o que pica”. Isto leva ao substrato. O céltico tinha um sufixo de coletivos -RON, cf. gaél. *clocher*, *clochar* “rima de pedras”, de *cloch* “pedra” (*KLOKĀ e *KLOKĀRON). No calaico final mesclou-se com o pronome relativo céltico (-IOS, -IĀ, -IOD), inviável no românico por enclítico e átono⁸⁹: sob a forma do sufixo nominal -RON durou a função dos pronomes relativos adidos a temas verbais.

*ÉSSĀRON, *ÉPĀRON ou *ÉTSĀRON

Aqui não vejo um tema verbal. Apesar da dura redução da raiz (cf. *teima*), em *ESTUS quadra ver a presença do sufixo coletivo, congruente com o pendor a falar nas plurais “águas”. *ESTUS é de *(p)ed-, reduzido ao extremo, mais o sufixo -(E)STU-. Fixado o tema e decorridos os séculos, é possível termos o novo acréscimo de outro sufixo de coletivos, isto é, *E-STU- mais -(Ā)RON). Tenha-se em conta que é uma queda-d’água singular: o Jalhas lança as águas no mar de mais de trinta metros de altura. É hipótese obscura, mas cônica.

Há um escolho. O indo-europeu -ST- no céltico quase sempre muda para -TS-, sem ainda ver-se a lei que o regulava. Há bastantes casos de hesitação, nos que cabe suspeitar uma distribuição cronológica, interferida pelos cataclismos sofridos nos falares célticos, que quebraram a força centrípeta da norma culta. *Esla* e *Éçaro* seriam casos da hesitação: *Esla* vem de *ESTULĀ, mas também pudera ser fruto de *ESSULĀ ou *EPULĀ, ecos fonéticos previsíveis do *ETSULĀ, de *ESTULĀ. Mas esse não foi o caso tal qual notam os galegos *Esto* e *Éstoa*, que fotografam o estado anterior à síncope. Ora, em *Éçaro* parece preciso supor o contrário. No cabo norte, a fala céltica final, mais duradoira e lábil, nota *ÉSSĀRON ou *ÉPĀRON, frutos de *ÉTSĀRON, vindo de *ÉSTĀRON. Em suma, de momento cuido que *Éçaro* vem do céltico calaico *ESSĀRON “grande queda-d’água”, fruto de um indo-europeu *ped-stu- + *ārom*.

ENGADO E ENGODO, QUE TÊM COM ENGAR?

E *engadar*, *engodar*, *enguado*, *enguadar*, *inguado*, *engolir*, *inguaria*, *iguaria*; *ínguas*, *êngoas*, etc., *farejar*, *faro*. O galego *engado* “cevo” pegou a correr na escrita de renovadores da língua com mais vontade que armas. O lídimo uso metafórico desorbitou-se e, por diferenciação, *engado* e *engadar* vieram verter automaticamente os casts. *encanto*, *encantar*, como se não fossem também português puro. Acrescia à incerteza os *engodo* e *engodar* do português comum não ter etimologia. Quadra adir os *enguado* e *enguadar* asturianos ocidentais, óbvios parentes, e o galego *inguado* “sardinha esmagada e desfeita com água que se deita ao mar como isca da sarda ou cavala”⁹⁰, com metafonia regular. *Engodo*, *engado*, *enguado* e *inguado* valem o que *cevo* e *isca* (*cibus*, *ēscā*). Virão de étimo de valor “comida, alimento” ou melhor “comido”, se o cariz de participação é certo.

⁸⁹ Veja-se aqui *gândara*.

⁹⁰ Segundo Carré, que era da Corunha.

Qual o protótipo? Talvez *enguado*, *inguado*. Não existindo a voz galega *inguado*, poderia pensar-se o ast. *enguado* ser ditongação do port. *engodo*, o que deixa fora o maioritário galego *engado*. Este nota o pendor português a reduzir encontros vocálicos que vão a ditongos crescentes, fora as restituições cultas. O galego, cedo órfão de norma, deixou-se ao pendor popular da elisão do uau.

Engodo é mais difícil. Primeiro foi *enguado*; o derivado *enguar* fácil passou a *engodar* (-ua- > -o- em posição átona, cf. *quantia* > *contia*: *inguado*, *enguado* > *enguar* > *engodar* > *engodo*. O regressivo *engodo* afinal substituiu *enguado*, a cabeça da série, de pronúncia incômoda. *Inguado* (*ingoado*), do galego que sofre ditongos crescentes, nota metafonia do uau. *Enguado* supõe encontro vocálico sem ditongo e quatro sílabas. À margem do *enguado* ast. – será galego, não leonês –, mesmo assim se deverá pôr tal forma como protótipo das variantes do domínio galego estrito. Pôr asterisco é excessivo.

Enguado, *inguado*, são protótipos, mas ainda não temos étimo. Podem vir, pelo românico **engolado*, do vulg. **ingulātu-*, part. do **ingulāre* “engolir” que Wagner deduziu⁹¹, irmão do **ingulīre* que, cruzado com voz com -ll-, deu *engolir*⁹². **Ingulāre* e **ingulīre* vêm de *gula* “gorja”. Por divergir as conjugações desses verbos, Coromines descrevia terem-se formado no vulgar e cria-os frutos românicos de **gola* (< lat. *gula*), bem que velhos. O argumento era bom, mas ora o conjunto das palavras em questão parece alterar as premissas.

Falamos no particípio *enguado*, *inguado*. Houve logo um *inguar*? Seria de esperar. É possível **engolar(e)* passar a **engoar*, trissílabo, e daí a **inguar*, com ditongo e metafonia. Guardar -uar é frequente e regular. A inflexão *eng-* > *ing-* dá-se mesmo sem ditongo: *vingar*, *pingar*. **Inguar* hoje não existe. O que há e ecoará **ingulāre* é *engar*, verbo enigmático, coincidente com o retrato esperável no sucessor de **ingulāre*.

Vejam uma possível interferência que explicaria a falta de **inguar*. Falo no reflexo de *inguen*, *inguinis* “ingurgitamento dos gânglios, nomeadamente nas virilhas; virilhas”, que veio coincidir com **inguar*. Quadra lembrar o pl. *inguina* ter dado *ínguas*, que hoje no português é só “ingurgitamento, bubão”, mas que dantes também seria “virilhas”, como ainda hoje em galego⁹³. De “virilhas”, além de *ínguas*, há mais nomes locais, arcaicos e leoneses: *êngoas*, *êngolas*, *englas*, etc. Ao cruzarem-se **êngona* (< *inguina*) mais **engolar* trás a perda dos N e L intervocálicos, a homofonia e o leve superpor semântico (ingurgitamento = ato de engolir) deram dupla consequência, primeiro confusão, depois rejeito; confusão e ulterior consternação pelas zonas inconciliáveis. Daí preferir-se, e ao cabo triunfar, as formas dialetais unívocas do mesmo **ingulāre*. O E-português supõe em *engar* perda precoce do uau. Como se deu a perda?

Engar não é regressivo do *engado*; o galego parece tê-lo esquecido e desenvolveu o secundário *engadar*. A meu ver há nivelação analógica desde as antigas formas fortes, rizotónicas, dos presentes, os tempos mais usados pelos caçadores e outros utentes rurais que guardaram *engar*. A acentuação verbal latino-vulgar a fins do anterior milênio, nem provada nem negada, é provável. Lembremos formas sincopadas *cobro*, *colgo*, casos como *dôrmio* > *durmo*, e mesmo o testemunho de línguas próximas, castelhano ou leonês, mais aceleradas (sem prejuízo de coexistir as formas antigas com as que recusam cedo a acentuação proparoxítona). Enfim, quadra supor um presente indicativo **êngoo*, **êngoas*, **êngoa*, **êngoam* (passado a **engo*, **engas*, **enga*, **engam*) e também o presente conjuntivo **êngoe* > **êngue* > *engue*, etc. Dos **engo*, *engue*, etc. sairia *engar*. É hipotético, mas não é aí onde se funda a equação *inguado* / *engar*, mas em inescusáveis razões semânticas.

Quadra revisar a ordem e lindes das aceções de *engar*. A fórmula breve mais feliz (e defetiva) é “habituar (-se) (a)”. Mas não serve parar; escamotearia-se aceções que ultrapassam o cariz de derivado dessa cifra. Inda aparece a deriva em “afeiçoar-se com alguém, amistar-se”, “preferir (um pasto) a caça”, mesmo “teimar”. O último vai com outro grupo de aceções que não acusam nexos de origem, “apertar, pegar com alguém, trazê-lo entre dentes” (Moraes), “contrariar, atormentar, apertar com alguém” (Vieira), “altercar, recalçar” (Lima, Barroso). A 3ª aceção de vínculo obscuro é “começar (trabalho)”.

⁹¹ Max L. Wagner em *Sache, Ort und Wort, Festschrift für Jakob Jud (Festschrift Jud)*, Zurique, 1943, p. 559.

⁹² Veja-se DCECH II, sub *engullir*.

⁹³ Distraiu-se Machado ao dizer *íngua* ser palavra erudita: “via culta”. Apesar da exígua documentação antiga, não pode ser erudita, vem do plural *inguina* (> **êngona* > *êngoa* > *íngua*).

Para integrar tudo há um paralelo perfeito noutra língua: o cast. *cebar*, que na América castelhana junta os valores de *cevar* e *engar*. *Cebar* ostenta esta série de aceções, mais ou menos cronológica: “alimentar”, “alimentar animais”, “engordá-los”, “alimentar fogo, lume, moinho”, “alimentar com erva-mate a cabaça da que se bebe”, “pôr isca, cevar” (pouco usado), “alimentar com pólvora arma de fogo, foguete, etc.”, “pôr máquina em movimento” (= “fazer pegar a funcionar”), “fomentar uma paixão” (“nutri-la”), “penetrar (parafuso)” (“alimentar” > “fazer engolir”), “habituar-se ao alimento” (América; não dicionarizado, mas comum: *el tigre está cebado*), “encarniçar-se, assanhar-se”. O amplo plexo, desenvolver de verbo para “alimentar”, é fruto de um curso que com matizes se dá em qualquer língua. Pode representar-se assim:

alimentar(-se) > habituar(-se) ao alimento > a) *habituar(-se)*
 > b) começar a habituar(-se) ao alimento > *começar*
 > c) habituar-se a uma preia > *encarniçar-se*

Deixamos as etimologias anteriores de *engar* por não dilatar o já extenso caso. Podem ver-se no verbete *inquina* do DCECH (ou DCELC, mas Coromines depois deixou a ideia de vincular *engar* a *inquina*). Todas desleixam aspectos semânticos. *Inīquāre* (*aliquem*) da Sr^a. C. Michaëlis e *enecāre* de Cornu e Viana partem de “encarniçar(-se)”, que é inverossímil. Mais o *indicāre* de Wartburg. O cast. ant. *yengo* “livre, não escravo”, insinuado por Coromines, não integra o conjunto dos sentidos, além de ser impróprio um empréstimo em zona léxica íntima. Há objeções fonéticas para cada proposta, mas o óbice fulcral estriba em não contarem com a semântica. O vulg. **ingulāre* (pede data latina: **êngoo* < **ingūlo*), popular, vivo, cru, chocante, não passa para a escrita e foi aplicado a animais, geralmente de caça e pesca. O verbo próximo que ocultava mais o radical *gula*, **ingulīre*, algures chega a constituir-se em palavra básica aplicável a humanos.

**Ingulāre* deu românico **engolare*, que o oeste guardou até cair os N e L intervocálicos. Caídos, **inguar* (< *engoar* < *engolar*) e *ingua(s)* (< *êngoa* < *êngona* < *inquina*), interferiram-se mutuamente, ruindo **inguar* e substituindo *inguas* por *virilhas*. *Inguar*, antes de esvaír-se, deu *inguaría* “(prato de) comida, manjar”, hápax em manuscrito de Sá de Miranda, cf. Wagner, o qual, falto de chefe de família, caiu na paretimologia do ant. *iguar* (mod. *igualar*), qual se fosse “porção de cada comensal” e mudou em *iguaria*. O coirmão **ingulīre*, já sem parente visível, disfarçou-se de membro da família de *collum* e tomou o *-ll-* deste, donde o nosso *engolir*.

Mas **inguar* não se foi de todo; adequou-se. O particípio *enguado*, *inguado*, subsistiu. Aquele mantinha o E- por influxo do novo infinitivo dialetal, analógico, *engar*, que herdou os usos da caça e da pesca. *Enguado*, *inguado*, sem família visível (*engar* venatório; *enguado* piscatório) continuaram a errar e chegaram ao visto. A romanística fruirá a olhada, se atinar. Beneficia-se também nosso domínio; só integrando pôde arborar-se a hipótese. Esparsos os dados são enigmáticos, como ainda são *faro* e *farejar* nos dicionários etimológicos da língua, apesar de Coromines ter identificado o étimo: *fera* > **ferejar* > *farejar* > *faro*.

ENTERQUINAR,

CATALANISMO GALEGO NÃO DOCUMENTADO EM CATALÃO

Flutua. Carré e R. González dão *entirquinar* e *entirquinência*. Este também *interquenaar* e *interquenência*. Carvalho Calero dá *interquinência*. As definições variam: *entirquinar* “disputar, porfiar”, *entirquinência*, “disputa”, *interquenaar* “obstaculizar, estorvar; molestar”, *interquenência*, “obstáculo, inconveniente, embaraço; moléstia, enfado, fastio”. Palavra expressiva de valor e vogais lábeis, ecoa um empréstimo mal digerido, sem espelho onde se refletir. Virá do catalão antigo **enterquí* (ou **enterquina*), e este de *enterc* “teso, rígido, duro; teimudo”, de verbal de *entercar*, ou do hápax *enterca* “uno de los malos usos de que se libieron los payeses catalanes de *remença* en el séc. XV” (Coromines). O sufixo catalão *-í, -ina* faz diminutivos de nomes a notar modo, matéria, espécie ou procedência⁹⁴. Os abusos irritam e cabe conjecturar que o sentido primeiro fosse “enfastiar, irritar”, o secundário, “obstaculizar” e “disputar, porfiar”. Logo deveu haver um galego **enterquina* perdido. Ignoro a circunstância do empréstimo. Peregrinos medievais? Pescadores catalães no séc. XVIII? Talvez isto. Nem há prefixo *inter-* nem é palavra erudita (latina não é). Quadra escrevê-la melhor. Apesar da obscuridão tem curso e testemunha a história do comércio cultural galego na época média.

⁹⁴ F. de B. Moll, *Gramática Histórica Catalana*, Gredos, Madrid, 1952, □ 407.

ESCADEVAS

E A DEUSA DAS SOMBRAS

Um dos maiores abalos da minha vida teve-o ao analisar o nome do rio que corre por *Guitiriz*, o *Escadevas*. Aí dei com duas vias: a) *(RĒNOS, SRUTUS) SKĀTÓ-DĒWĀS “(rio) da Deusa-das-Sombras”, composto bimenbre de *SKĀTON (neut. sg.) “sombra; reflexo; fantasma” e DĒWĀ em genitivo; ou b) *(RĒNOS, SRUTUS) SKĀTON DĒWĀS, de SKĀTON genitivo plural, o que é quase igual construído doutro jeito. A Deusa das Sombras é pois a Senhora do Mundo Inferior, a *MORIRĪGANĪ da Irlanda antiga.

O partido de Vilalva, e mais *Guitiriz*, mostra vestígios da devoção à deusa céltica como Senhora do Mundo Inferior. Raia provincial é a *Serra da Loba*, onde nasce o rio Lavrada⁹⁵. *Lupa* era a deusa latina dos infernos. Do cabo sul do concelho é *Negradas*: **Nigrātās* é metaforicamente “enlutadas”. Pintaram-me o *Guitiriz* balneário, que não vi, como paradisíaco, com a só tacha do cheiro a enxofre, sempre unido a Mundo Inferior⁹⁶.

Nos Curveiros, Trás-Parga, perto de *Guitiriz*, em 1910 achou-se a lápide a COVENTENA⁹⁷. Monteagudo cria-a oferta de um soldado galeco que traria a devoção de Britânia. Ali, perto do Vallum Hadriani, há vários epígrafes à KOWENTĒNA⁹⁸. Pode analisar-se: KO(M)-⁹⁹, raiz ie. **wen-* “desejo; desejar” e sufixo -ĒNĀ. É “a da reunião amorosa”, mas cumpre pôr o contexto.

O ano novo céltico começava o 1º de SAMONIS (“reunião”), quase 1º de novembro. Ecoam-no *Todos os Santos* e *Hallowe’en*. SAMONIS deu gaél. *samuin, samain*, hoje *samhain* [sãuñ]. Os celtas, e outros, iniciavam os ciclos na metade escura: o dia no sol-pôr e o ano no início do inverno (boreal)¹⁰⁰.

O mês (e festival) chamava-se SAMONIS “reunião”: era a reunião amorosa, na beira de um rio no Mundo Inferior, da deusa única céltica, como Senhora do Mundo Inferior e da Guerra (*MORIRĪGANĪ “Rainha de Espetros”) e *Teutatis*, deus da tribo, pai dos homens e Senhor do Mundo Inferior, nomes velhos dos irlandeses *Morrighain* e *Dagda*, gauleses *Sucellos* e *Herecura* e peninsulares *Endovellicos* e *Atégena*. A reunião tinha a importante sequela de a deusa ministrar depois ao amante os segredos para vencer na próxima batalha mítica. A *SKĀTÓDĒWĀ KOWENTĒNĀ é a *Deusa das Sombras* e a *da Reunião Amorosa*. Os próximos *Guitiriz* e Trás-Parga integram e consolidam os dados. Entre si e com *Negradas*, o cheiro a enxofre e a *Serra da Loba*. Não é ousado dizer que os nossos avós pagãos punham no *Escadevas* a cena do mítico conúbio.

Lavandeira é um arroio a nascer em *Friol*. É palavra latina mil vezes repetida. Em todos os países que foram parte do mundo céltico dura mais ou menos viva a memória de uma feminina figura fantasmal que de noite lava as roupas, as armas ou os corpos dos que pronto vão morrer. Na Escócia dizem ser mu-lheres mortas de parto, condenadas a lavar o tempo que deveram ter vivido, o que é secundário. É *Morrighain* e *Lavandeiras* as *Lâmias* que os rústicos *appellant in fluminibus*, cf. *Martinho de Dume*. Em gaélico dizem-lhe *bean-nighe*.

⁹⁵ O *Lavrada* não é de *lavar*, é variante do *LÁBRONĀ “divina Faladora” de várias Célticas, sob a paretimologia de *laborare*; ou talvez do participio *LABRATIĀ “Falada” (sentido ativo).

⁹⁶ Atribui-se à memória bíblica do vale Ge-Hinnom; será símbolo universal, fundado no cheiro.

⁹⁷ Lê-se CONVETENE. O primeiro N inseriu-se por paretimologia de *conventus*. Tem -E por -AI de dat. sg. V. o meu *Dos três Lugoves Arquienos...*, *Grial*, Vigo, nº 59, e *Agália*, nº 31, 1992, '9. 2.

⁹⁸ Na fonte de Carrowburgh, muro de Hadriano, é COVENTINA, primícias da grafia VV por uau (séc. II ou III d.C.) Aí a deusa deita-se numa folha de lírio-d'água a flutuar (*Newcastle upon Tyne*).

⁹⁹ Prefixo, prevérbio e prep. de companhia. No céltico o som nasal caía ante W. A raiz **wen-* (cf. lat. *venus, venenum* [< **venesnom* “poção amorosa”]) é frequente em célt.: *WENIĀ “parentesco; família”, *Venta* teón. e topón. britânico (*Venta Icenorum* Caister, *Venta Silurum* Caerwent, *Venta Belgarum* Winchester).

¹⁰⁰ O festival caía no tempo já frio em que, trás a colheita, se preparava a próxima sementeira. Lembre-se que o festival se associava ao *ar*. *Água, fogo, terra* e *ar* não eram só de gregos pré-socráticos; eram categorias da realidade dos indo-europeus e doutras culturas. *AMBÍWOLKĀ (“circumpurificação”), pelo 1º de fevereiro, era da *água*. *BELTONIOS (“[mes] da morte [do ano escuro]”) girava arredor dos *fogos* de primavera, no 1º de maio. *LUGUNĀSTADĀ (“matrimónio de Lugus”) celebrava as bodas com a *Terra* o 1º de agosto. SAMONIS tinha pois que ver com o *ar*, quer dizer, com os espíritos.

ESCÓCIA e ESCOCÊS

O étimo de *Escócia* e *escocês* declaram-no ignoto. O gaélico *scot* “irlandês” (plural *scuit*, dativo pl. *scottaib*) vem do baixo-lat. *scottus* ou *scotus* (circa 400). De *scottus* vêm ingl. *scot* [skòt], alto alem. ant. *scotto* (alem. *Schotte*), hol. médio *Schotte*, mod. *Schot*. E o castelhano *escueto* e o português *escoteiro* (< **scottariu-*), cf. Coromines (DCECeH, *escueto*). Tal baixo-latim não tem étimo sabido. Antes e depois do *scottus* popular, o mais frequente na escrita era *scōtus*, donde o ant. fr. *escot* e o it. *scoto*. A causa de tal alternância? Parece que a língua original tinha dificuldades ao verter-se ao baixo-lat. O latim falado do séc. I d.C. não distinguia vogais longas de breves, e substituíra a oposição com o timbre fechado das que foram longas e o aberto das breves. *Scottus* e *scōtus* foram duas tentativas para refletir um O longo aberto não latino. *Scōtus* tinha o óbice do O longo latino *fechado*. *Scottus* evitava o empenho com o aberto O breve latino. Aliás, o T geminado alongava a sílaba, logrando equivalência acústica com a vogal longa que cuido ver no original.

Quadra ver o étimo *SKŌTU- de Ō aberto. Como explicá-lo? E donde virá? *Scottus-scōtus* no primeiro milênio designava os irlandeses. Só depois se deu aos caledônios, trás a vinda dos irlandeses fundadores do reino de Dál Riata, que trouxeram a língua gaélica para Escócia arredor do ano 500. A palavra *Scottus-scōtus* nasceria na Britânia bilíngue celto-latina, que de muito antes sofria invasões irlandesas pela costa do poente. Breve, nasceu no céltico britano, dele passaria ao latim local, deste ao latim continental e às germânicas.

Os empréstimos datam-se entre o séc. I d.C. e arredores do 400, o tempo dos primeiros registos. Desde o séc. I o céltico britânico virara o Ā céltico em Ō aberto. Há palavra céltica desse perfil? Justamente *SKŌTO- é a antiga forma britana de *SKĀTON, étimo do gaélico *scáth*, galês *ysgawd*, córnico antigo *scod*, bretão antigo *scot* e moderno *skeud*. O Ā de *SKĀTON vem do indo-europeu Ō, diverso do O breve das palavras parentes nas outras línguas indo-europeias (gr. σκότος “escuridão”, gót. *skadus*, ingl. *shadow*).

Além de “sombra”, os neocélticos *scáth*, *ysgawd*, etc. são “fantasma”. Os piratas pagãos de Erim, hirsutos irmãos dos britanos semi-romanizados e já cristãos, eram chamados por estes de “fantasmas” pelo arrepio que produziam, ou pela tinteira de guerra que ainda usavam, como eles mesmos anos atrás.

DE ESGUELHA

Surpreende não topar a etimologia de *esquelha*, apesar de parecer obrigada. Terei passado por algo óbvio para todos? É que não logro tirar da mente o que dita a gramática histórica: o vulgar **exiguicula*, diminutivo feminino do adjetivo *exiguus*, *a*, *um*, vindo de *exigō* no sentido técnico de “pesar, estimar o peso”. O Ernout-Meillet define “exatamente pesado”, depois “demasiado estritamente pesado”, para acabar sendo “escasso, estreito”. A de *esquelha* é uma olhada “estreitinha”, ao invés da ampla e direta. O conteúdo semântico pede naturalmente a forma diminutiva. A falta de vocalização no X tolhe dar na solução? Sabe-se às vezes haver assimilação¹⁰¹, se intervocálico, e que *ex-*, qual prefixo, dá sempre *es-*. A estranheza cresce ao saber que, às avessas, o étimo *exiguu-* não foi obscuro em *esguio*, onde decerto era mais obscuro trás o sufixo *-io*.

Apesar de *esguio* ser adjetivo concreto, não creio *-io* ser sufixo romance, é evolução direta da base latina. O romance *-io* faz substantivos coletivos (*gentio*, *mulherio*) e abstraídos doutros nomes (*amorio*, *poderio*). A base aqui será **exigūvu-*, que no vulgar galego partilharia com **exiguculu-* posições deixadas por *exiguu-*, do que não se veem ecos diretos. O *exiguu-* teria dado **essêgo* ou **essigo*. O nexos de *esguio* e *exiguu-* já foi visto, o de *esquelha* não. Terá parte naquele caso a proximidade de imagens gráficas?

Estes dados interessam na reconstrução do latim vulgar, nomeadamente da Galécia e da Lusitânia. Nessa via, talvez interessem outras palavras de ar similar e pontos de contato semântico, como *esqueirar*, *esqueiro* (frequente na Galiza), *esqueirço*, *esquechar*, etc. Cabe destacar na Galiza também haver *de esquelho*, o que aponta a existência em data pré-literária do adj. **esquelho*, *-a* “estreitinho, muito justo”.

¹⁰¹ J. J. Nunes, *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*, § 43, 1º, IV.

ESPASANDIM

Parece galego, esperso por Portugal e Brasil. Há variante *Espasadim*, provavelmente originária. Virá do greco-latino *spatha*, não pelo catalão *espasa* “espada”; a desinência não o admite. Será metátese de *Espadassim*, que não é outro que o fr. *spadassin* “espadachim”, registado em Rabelais por primeira vez, e logo entrado na nossa língua não há muito. *Spadassin* sabe-se vir do italiano *spadaccino*, derivado do aumentativo *spadaccia*.

ESQUERDA

Coromines já se debruçara no étimo, sem ultrapassar o limiar dos corolários obrigados; tolhia-lho a vertigem e a obriga de brindar o tempo ao catalão. *Esquerdo*, -a é do céltico final do norte hespérico *EXS-KERRO-, adjetivo tirado do adv. *EXS-KERRĀS “proveniente, vindo do lado da [mão] ruim”. É um étimo nítido, mas implica haver um céltico hespérico no arredor do ano 1000, arriscado facto a provar que parece irreal.

A ETIMOLOGIA BASCA: Último a explicar pelo basco foi Tovar¹⁰², que contestou os reparos com casos raros que salvariam os escolhos, mas dá na perda do final do seu étimo **esku-erdi* “meia mão”, que via em *esquerdo*, *izquierdo*. Mas alhures as palavras afins não têm RD: cat. *esquerre*, -a; Languedoque *esquer*, -a; gascão *quer* ou *esquerr*. No séc. XX, Meyer-Lübke, Rohlf, Blondheim e Coromines explicaram o passo RR > RD em palavras pré-romanas: arag. *bardo*, de *barro*, e *churro*, *churdo* (melhor do que *xurro* e *xurdo*). Os casos pré-romanos são duros, mas um latino nota a mudança: todos aceitam *cerda* vir do vulg. *cirra*¹⁰³.

A ETIMOLOGIA CÉLTICA NO DCELC: Coromines dizia antes de 1954¹⁰⁴: “Pero tampoco la de *oker* [étimo *esku oker* de Mahn] es segura, pues cuesta verdaderamente creer que no haya relación entre *izquierdo-esquer(re)-querr* y el tipo céltico KERRO-: irl. med. *cerr* “izquierdo, torcido”, mod. *cearr* “left-handed, wrong”, gaél. *cearr* “wrong, awkward”, probablemente afín al lat. *cerritus* “demente”... “fácilmente podría concebirse que en hablas mezcladas de tipo celtibérico se formara el híbrido ESKU KERRO- > ESKERRO- y que pronunciándose éste con S céltica, de tipo predorsal, fuese reproducido como *ezkerr* (z vasca = s predorsal) al tomarlo en préstamo los vascos. De todos modos la falta de palatalización de la K neolatina nos obligaría a admitir que los romances no lo heredarían de su substrato iberocelta y lo tomarían del vasco; aun el aranês *querr* < célt. KERRO- habría debido pasar por un habla local vascoide. Proceso de transmisión complicado – celta + ibero-vasco > celtibérico > vasco > romance – aunque no inconcebible en noción tan expuesta a interdicciones lingüísticas, que afectan más al material indígena que al importado.”

Eis o labirinto que alçou por causa de dous estorvos: a) a falta de palatalização da oclusiva, e b) a origem da sílaba *es-* acrescida. Seguía atado à origem basca, ora mediata. Mas *ezker* sim é palavra basca, e tomada do céltico hespérico, por muito tempo língua franca dos bascos com os vizinhos.¹⁰⁵

NOVIDADES NO SUBSTRATO HESPÉRICO: Surge a pasmosa história do céltico hespérico. Invisível antes, agora sabemos que durou até arredor do ano mil nos montanhese da cornija cantábrica, e da montanha pirenaica (aí língua franca popular), algo mais em cantos isolados, como os Ancares. A etimologia de *Orraca* pôs data ao final dessa língua dos montanhese e sobretudo mostrou ela ter uma fonologia radicalmente diversa da românica. Possuía o grupo inicial WR-, inexistente na fonologia dos sistemas vizinhos. Se o célt. KERRO- forneceu o nó da palavra, por que seria obrigado ser basca a sílaba precedente? Por que não buscar elemento congruente com KERRO-? Esse elemento será a preposição célt. EXS, de ablativo, cf. lat. *ex*.

*EXS-KERRĀS traduzimo-lo “proveniente da [mão] ruim, estropiada”. A preposição nota o modificado ser um nome substantivo. *KERRO- é adjetivo; logo deve supor-se um passo anterior, que será um feminino substantivado. É coerente imaginar que seria *[LĀMĀ] KERRĀ “(mão) ruim”.

¹⁰² *Difusión de la palabra vasca esker “izquierdo” y de su significado*, em *El Euskera y sus pa-rientes*, Minotauro, Madrid, 1959.

¹⁰³ Célt. -RR- sói vir de -RS-. Era geminado, não múltiplo: R + fronteira silábica + R simples, que passa a múltiplo ou a -RD-.

¹⁰⁴ DCELC, nota 8 de *izquierdo*, in *fine*.

¹⁰⁵ *Pamplona y algunos misterios de su etimología*, em *Boletín de la Fundación Vasco Argentina “Juan de Garay”*, nº 4, Buenos Aires, 1996, e em *As Tribos Calaiças*, Edições da Galiza, Barcelona, 2008. Aqui trás *Orraca*.

DATAÇÃO: A falta de palatalização só nota a passagem às línguas românicas ter-se dado trás o séc. VI, com o processo concluído. Não é preciso apelar aos últimos casos datáveis do céltico, quase reduzidos a *Orraca*. Coromines põe na entrada de *izquierdo*: “El hecho pudo ocurrir en la época visigoda, cuando estaba cerrado el proceso de palatalización de la C^o, pero todavía no se había terminado la diptongación de la E abierta. La discrepancia entre la vocal tónica del cast. *izquierdo* y el arag. *esquerro* sugiere que el préstamo tendría lugar en fecha ya próxima al cierre de este proceso fonético.”

CONCLUSÕES: A mão sinistra é presa de interdições e substituições; sempre se nomeia com palavras tiradas de línguas marginais (é assunto dos limiares da cultura que aqui não cabe desenvolver). Daí ter-se pensado no basco; do céltico pouco se sabia. Mas não é normal uma língua isolada (basco) inçar território tão vasto (Ibéria toda, sul das Gálias). Mais marginal (e mais esparso) era o céltico final, de marginalidade patente no facto de não nos ter chegado. Mas durou oculto o tempo suficiente para deixar o testemunho desta palavra. O basco *ezker*, sem étimo interno, vê-se agora ser outro celtismo dos tantos que aí se têm encontrado.

ESTOURAR

Um coco da etimologia portuguesa é *estourar*, julgado “de origem incerta” e cheio de construções laboriosas. A meu ver a resposta é tão insolitamente fácil que penso termos estado a ver a nudez do rei e ninguém quer querido confessá-lo. *Estourar* vem do latim *instaurare*, conforme a gramática histórica. A frequência atual do *instaurar* erudito tolhe ver que o valor do *instaurare* latino não era o desse reflexo erudito.

A origem de *instaurare* é incerta para Ernout-Meillet. Antes do Império era “renovar, recomeçar, reparar, restaurar”. Parece um velho termo técnico do ritual religioso pagão, cujo valor original na fala sacerdotal era “substituir, renovar (cerimónia, sacrifício, malogrado)”. Cf. as glosas *αναβεοῖ* e *renovat*, o sentido na língua comum cabe cifrá-lo em *renovar*. No Império, o valor deu contrário ao prefixo *in-* e criou-se *restaurare* (cf. *instituō*, *restituō*) para substituí-lo no velho sentido. É então que *instaurare* passou a ser “oferecer (por vez primeira), estabelecer”. Este último significado é o do nosso *instaurar* erudito. Mas no latim galeco, vindo da Bética, velho latim republicano, o seu valor era o primeiro naquela língua comum, “renovar”. Aferremo-nos à língua comum antiga: *instaurare* = “renovar”.

É mister dizer mais? A curso semântico é claro. Na língua antiga, o termo podia aplicar-se ao início do ciclo anual dos vegetais, como para nós *renovar* coincide com *rebentar*. Na língua popular, *instaurare*, como entre nós *renovar*, podia ser metaforicamente “deitar os vegetais rebentos ou renovos”. *Rebentar* (lat. **repentāre* “sair de repente”) veio ser o mesmo, porque na imaginação campesina o brotar tinha uma força, uma potência quase numinosa. Além disso, esse brotar às vezes tem as características físicas do estalo. *Estourar* passaria pelas três etapas, ancorando ao cabo na última: “renovar” > “rebentar” > “estalar”. *Rebentar* é pedra angular para vê-lo, pela sua polissemia. O *estoirar* do centro e sul de Portugal (hoje geral) é evolução de *estourar*, que está em Camões e é uso vivo de *estourar* no Norte e no galego, que não comutam os ditongos *ou/oi*, fora poucas excepções, como *louro-loiro* e *soidade-saudade*, frutos de difusão antiga.

ESTROINA

Sai a fins do séc. XIX (1881 ou 1890), definido “extravagante, boémio, doidivasas; amigo de pândegas, dissipador, perdulário”. Nas falas galegas abona-o Aníbal Otero, no séc. XX. Para J. P. Machado seria deverbal de *estroinar* “fazer estroinices, atos de estroina”; *estroinar* viria do vulg. **extraordinare* “fazer cousas extraordinárias”, com pouco apoio. O certo é **ordiniare*, donde veio o antigo *ordinhar* “dispor, falando em Deus; ordenar, sagrar na hierarquia eclesiástica” e cast. *ordeñar* “mungir”. Logo fruto de vera ser **estrordinhar*. Na tarda documentação vê-se não ser voz de letrados; de vera ter a evolução regular das palavras patrimoniais.

O dicionário da Porto Editora sugere vínculo com o cast. *trueno*, que, entre outras aceções, é sinónimo de *calavera* “dissipador, perdulário”. Lá imaginara eu isso. Supus *estroinar* ser fruto irregular de *estrondear*, aliás, um verbo de obscura história. Dificuldades há; não é normal o grupo ND se reduzir a N, pudera ser caso de gíria. A ditongação da desinência *-ear* e a metátese vocálica apontam uma data moderna. Cabe ver o direto *estrondear* > **estrondiar* > *estroinar*, ou, com mudança ND > N, **estronear* > **estroniar* > *estroinar*. A pesquisa deve continuar, mas, a meu ver, a semântica do caso garante andar no rumo bom.

□ R □ D E U, R I B A D E U □ □ S P □ R □ □ □ S

O rio Eu foi o eixo do território da tribo dos álbiones no mar Cantábrico. Prova-o a obscura etimologia desse brevíssimo potamónimo *Eu*. Os testemunhos mostram o registo mais velho, lá nos inícios do segundo milénio, na forma **Ribadeuve*, isto é, (*Riba do rio*) *Euve*. Há um *Ripadeuve* sem data, já em parte latinizado; o *Ripam euve* de 1182, também latinizado de leve; e um *Ripa Evii*, de 1143. Como é que *Ribadeuve* passou a *Ribadeu*? Tal qual lat. *ubi* deu o medieval *u*, através de **uve*, **uv*. O rasto deste **uv* palpita no fruto *u-la?*, *u-lo?*, onde a forma arcaica do artigo (ou pronome, segundo os casos) pede tal **uv* a tolher a elisão intervocálica. Assim é que **Ribadeuve* perde a sílaba última a fins do séc. XII. Antes não se veem nem **Euve* nem *Eu* isolados, pelo que quadraria suspeitar estas duas formas serem tiradas secundariamente de **Ribadeuve*.

Mas na beira ocidental da ria do Eu, perto de *Ribadeu*, há uma aldeia de nome *Ove*. *Ribadeu* pôde ser um anexo acrescido deste *Ove*. Em 1182, o rei de Leão D. Fernando II desloca para *Ribadeu* a sé mindoniense, talvez daí vinda ou talvez então fundada. Certo parece o vínculo entre *Ove* e (*Ribad*)*euve*. **Ove* será fruto de um hipotético **Ouve*, tal qual *paupere* deu *pobre* em vez de **poubre*, e como *scalpru-* tem dado *escopro* em vez de dar um **escoupro*. Com efeito, o ditongo velar seguido de oclusiva labial sempre monotonga. Ora, pondo juntos **(Ribad)euve* e **Ouve* vê-se os dous terem sido um mesmo vocábulo, depois bifurcado. Quadra propor o proto-românico **(Riba de) Ouve*. Desse **Ribadouve* saiu *Ribadeuve* por dissimilação. O **Ouve* isolado, de timbre tónico mais firme e mais arcaico, sofreu monotongação.

O étimo de **Ouve* deveu de ser **ALBI* ou **ALBII*. Será **ALBII*, genitivo do neutro **ALBION* “mundo”, donde o galês *elfydd* “mundo, terra, país”, e o epíteto *ALBIÓRIXS* do Marte gaulês. Também roborá **ALBII* acordar com o *álbiones* que Plínio põe tras o Návia. **ALBION* e *ÁLBIONES* vêm do indo-europeu **albho-* “branco”, que foi céltico. Por caso em *Alpes*, latinização de um célt. **ALBES* “[montes] brancos”, enxurdecido o B no latim por diferença fonológica.

ALBION equivale a “claro (santo, amado) cosmos; pátria, mundo próprio”. O nome *ÁLBIONES* da tribo local logo significará “donos do Mundo”. No nome do rio, da vila e da aldeia, **ALBII* modifica vários nomes perdidos. O rio Eu terá sido lá **[ABONĀ] ALBIĪ* “Divina Água ou Rio do Mundo”; *Ribadeu* virá do latino *Ripa Albii* “ribeira do Mundo” (dantes o célt. **BARKALLĀ ALBIĪ*); e *Ove* (através de **Ouve*), de um *ALBIĪ* só, mas antes modificaria algo como “capital” ou “centro”. *Veigadeu* (antes *Veiga de Ribadeu*), na beira leste do rio perto da foz, virá de **Vadica Ripae Albii* (cuido que neste caso G. de Diego atinou no étimo de *veiga*), provável tradução de um céltico *RITUS* (ou *JĀTUS*) *BARKALLĀS ALBIĪ* “Vau da ribeira do Mundo”.

FACA

O étimo lat. *falcula* “foucinho” teve recuo geral por razões de gramática histórica. No DCECeH, Coromines nota que daria **falcha*; um dissimilado **facula*, **falha*. E um hipotético **faccula* dera **facha*. E com exagero fala na “absoluta” inverossimilhança do **facca* regressivo, étimo imediato necessário se é palavra antiga.

A hipótese árabe foi justamente recusada por J. P. Machado. Germânicas não há. Baist e Coromines têm homologado esta *faca* com *faca* “hacaneia”, com semântica fraca e cronologia forçada. E as etimologias pré-romanas do prof. Coromines pendem da sua tese do “sorotapto”, a meu ver superada.

É preciso partir de novo, com olhada ingénua. Documentos antigos não há, mas consta a palavra existir arredor do ano 1500, como testemunha G. Fernández de Oviedo (1478-1557). A área geográfica da palavra, com centro em Portugal, chega pelo sul até o catalão de Alicante; a leste está em Salamanca e Extremadura; no norte, na Galiza está ao menos desde o século XVIII, cf. o P. Sarmiento.

O significado varia. Hoje na língua padrão é o termo geral para “cutelo”, mas cuido isso ser moderno. As zonas marginais, logo arcaicas, definem “navalha grande, curvada de leve”. *Faca* como uma das três partes do talher é ideia bastante nova (não anterior ao séc. XVIII), o que tolheria a compreensão do sentido antigo.

Entre 1500 e o latim só medeiam o árabe e as línguas germânicas, que não dão explicação. Falta pois ver se existiu aquele vulg. **facca*. Meyer-Lübke mostrou muitíssimas palavras latinas que não vêm nos textos. Por consequência, de partida não se pode objetar uma base **facca*, imediatamente necessária.

Origens de lats. *falx* “fouce” e *falcūla* “foucinho”: Cria-se *falcula* vir de *falx*, mas Niedermann¹⁰⁶ susteve que o latim tomou *falcūla* em data remota de uma língua itálica (para ele lígur). E que, sentido como diminutivo por causa da desinência (-*cula* < -*tlā*), que aí era sufixo de instrumento, extrairia secundariamente *falx*. Sem desenvolver o longo artigo, quadra resumir: Tucídides, falando da fundação de Messina, diz que o primeiro nome desta vila fora Ζάγκλη, lá pronunciado [ðâḡklē], porque o lugar que ocupava tinha feito de *fouce*, instrumento que os sículos chamavam ζάγκλον (*ðâḡklon). Cria Niedermann os sículos serem lígures, o que pouco nos dá; mas sim pesa o sículo ζάγκλον (*ðâḡklon) significar “foucinho”.

Ora, o fr. ant. *dail*, mod. *daille* “fouce” e o cat. *dall*, *dalla* “gadanha” vêm de uns **daklo-*, **daklā*, os ecos imediatos de **ðältlo-*, **ðältlā*, dissimilado o primeiro dos L consecutivos. Debate-se a que língua pertenceria **ðältlo-*. A meu ver era do céltico. Mais relevante é que o sículo **ðâḡklon* nota dissimilação diferente, sem a elisão do L, e com a sua substituição pelo nasal ð, de articulação velar como a oclusiva seguinte.

As questões no campo proto-indo-europeu: Rodeiam-nos as trevas e cumpre andar por vias novas. Enquanto não sejam regularizadas epistemologicamente, farei o caminho a partir do que os indo-europeístas já reconstruíram. A raiz **dhel-* “curva; cavidade” de J. Pokorny é **d^hel-* no elenco mais moderno de Köbler. Parece boa base para instrumento como a fouce, que desde que se sabe apresenta gume cavo, de dimensões várias, com ou sem dentes. Niedermann cita muitas vezes para “fouce” com etimologia “cortar”. Apesar da sua recusa, também põe honestamente algumas que envolvem a noção “curvo”: scr. *parṣuh* “fouce”, antes “costa, osso curvo do peito”, e macedónio ἀγκάλις “fouce” e “braço curvado”.

O passo seguinte é pôr um étimo proto-indo-europeu **d^heltlo-*, **d^heltlā*, com sufixo de instrumento -*tlo-* (alternante com -*tro-*). A consoante inicial, oclusiva aspirada, fez-se fricativa no indo-europeu ocidental, cf. ζάγκλον, pronunciado [ðâḡklon]¹⁰⁷. Depois o sufixo -*tlo-* no itálico passa a -*clo-*, quase sem exceções, passo dado por todas as partes, nomeadamente no românico (*vetulus* > vulg. *veclus* > *velho*). A senda ora trifurca. O itálico **ðelklo-* ou **ðalklo-* sofreu dissimilações: 1) o sículo ζάγκλον-ðâḡklon trocou lateral por nasal, velar pela oclusiva seguinte; 2) o **daklo-* e **daklā*, cisalpino e transalpino, diretamente elidiram o primeiro L; e 3) a língua indeterminada que emprestou ao latim optou a assimilação regressiva do L implosivo: **ðakklo-*.

Ascoli notara como *dh-* passou no itálico comum a *ð-*, que depois ensurdeceu na interdental *þ-*, que por sua vez em latim se fez *f-*. Chega-se assim à *falcula* anaptíctica. A par de *falcula*, com menos frequência vê-se a escrita *facula*. Esta esconde a realização **faccula*, não refletida na escrita pela função expressiva das antigas geminadas, que fez só se escreverem em acréscimos morfológicos (*ad* + *prehendō* > *apprehendō*). Se Niederman atinou ao ver em *falx* uma regressão de **falcula*, nada obsta para ver, no arcaico e popular latim bético, a mesma operação neste popular *faccula*, dando logo **facca*, donde depois o atual *faca*, que só se distingue do foucinho em ter o gume no lado oposto, o convexo.

Porque cresce *faca* sobre *cutelo*? O génio da língua quer brevidade e prefere clareza vocálica e consonântica (ditongo pretónico instável: *cuitelo* > *cutelo*). Antes do talher, como cutelo ou navalha de curva leve (o que é ainda na periferia), a palavra *faca* tinha grande força expressiva. Tratar de jeito diverso os dados coligidos pelo prof. Coromines não é parricídio; é homenagem sincera, que deve estender-se aos profs. A. Coelho e A. Gonçalves Viana, primeiros a opinar no sentido aqui reivindicado e que a meu ver foram mal defendidos.

FORASTEIRO, FLORESTA

Floresta vem do ant. francês *forest*, mod. *forêt*, com repercussão da líquida, que consolidou a paretimologia de *flor*. O fr. *forest* (séc. VII) e o baixo-lat. *forestis* eram “souto espesso; caçadoiro”. Gamillscheg tirava-os do germ. **forhist*, coletivo de *furha* “pinheiro”, mas é paretimologia já dos francos ante *forest* ou *forestis*. *Forest* virá de *foris*, -*is* f., pl. *forēs*, -*ium* “porta (da casa)” (pop. **fora* [acus. **forās*]). Com a desinência de *agrestis* e de *silvestris* fez-se o baixo-lat. *forestis*. Germanistas e romanistas só veem o francês, mas também

¹⁰⁶ Max Niedermann, *Essais d'étymologie et de critique verbale latines*, Neuchâtel, 1918, p. 17.

¹⁰⁷ Está em questão o valor da letra Z no alfabeto grego antigo. Dizia-se ser lá ZD, sibilante sonora e oclusiva dental sonora, mas viu-se que também figurava Ž ou DŽ (cf. *zoelae*-*JUGELĀS). A meu ver era signo de sons fricativos dentais sonoros, quer dizer, Ð, ZÐ, DŽ e outros similares.

é provençal, língua onde tem o valor da tese latina: “aldeia em despovoado”, portanto “de fora da vila” (fr. *forest-forêt* é logo “souto de fora, para a raia”). O provençal não fala em árvores. No francês a sequência é a mesma que apresenta o céltico *MROGIS: “fronteira; território marginal” > “souto” (> “caçadouro”) ¹⁰⁸. O significado “de fora” é claro no nosso *forasteiro*, vindo do cat. de Barcelona *forester* [*furästé*] ¹⁰⁹. Sempre *forasteiro* é “estrangeiro; pessoa de fora”, nunca “silvático”, “selvagem” ou “gente do bosque”.

FRANGO

Parece ter primeira documentação nas Cantigas de Sta. Maria (edição Lapa 35. 30). Na Galiza *frango* recuou no uso. A etimologia é obscura. D. C. Michaëlis tirava-o de *franco*, sem persuadir. Há quem do lat. *frangere* “partir”. A meu ver apenas aparece verossímil a opinião de Coromines ¹¹⁰, que veremos. *Frango* vem do ant. *frângão* (registado no séc. III, e vivo na escrita) através de *frângõo*. *Frângão* vem do não registado *frângano*, sem asterisco por *franganum* ser baixo-lat. do séc. III e por *frângano* vir roborado pelos derivados *franganito*, *franganote* e sobrenome leonês *Franganillo*. *Franga* é do velho *frângãa* e diminutivos comuns são *frangainha* e *frangainho*. Coromines via “un tipo prerromano *FRA(N)GĀNOS “cacareador”, acaso céltico, si se le hallara raiz SREG- o SRENG-” ⁹⁶. Com génio quase encerra o caso sem logrã-lo de todo, mas deixou dados para acabar a pesquisa. Vejamos o grupo consonântico inicial e a raiz. Fica fora o “sufixo átono” -ĀNO.

1) *Fr-* pôde vir do *sr-* indo-europeu, cf. lats. *frīgus* e *frāgum* (< **srīgos* e **srāgom*). *Sr-* era céltico, mas as neocélticas mudaram, nas britónicas para *fr-*. O céltico calaico (e hespérico em geral) guardava-o, mas as vozes que o tinham ao passar ao românico mudaram para *fr-*: galego *frouma* “agulha de pinheiro seca” (v.), de *SROUMA “que flui ou cai” ¹¹¹. Viu Coromines o cat. *flumaire* “corrente ingente” vir de *SROUMA MAGENON através de **frūmageno*, com haplologia, passagem de *sr-* a *fr-* e paretimologia do lat. *flumen* ¹¹². E fr. *se renfrogner* “amuar-se”, ant. *froignier* “torcer o nariz”, do célt. *SROKNĀ “nariz”, étimo de *fronha*.

2) Que raiz? No elenco de Julius Pokorny vejo possível a raiz **spergh-/spregh-/spreng-* “to hurry, jump, spring” (998), que, trás a queda céltica do P, foi *SERG-, *SREG- e *SRENG-. Não sei se era verbo temático. De qualquer jeito, houve o verbo SRENG(A)- “apressar-se; saltar”. Veremos a semântica que propõe.

3) Que desinência? Um sufixo átono pré-romano dos elencados por M. Pidal? Esse elenco é um saco de incógnitas onde podem ocultar-se ao menos três ou quatro sufixos conhecidos: a) -ĀNOS, adjetivante, que podia ser átono; b) -ĀRO-, que nos ecos neocélticos apenas faz coletivos neutros; e c) -IOS, o pronome relativo, que era enclítico. Dos últimos em GĀNDARA ver-se-ão detalhes de como se misturaram no declínio do céltico. Houve -ĀNO-? Não parece. Irá aí a sequência de *Braga*? Há pouca segurança. ¹¹³

Há uma série de étimos possíveis ou prováveis: quer *SRĒNGĀNOS ou *SRĒNGĀROS “apressado, saltador”, quer *SRĒNGĀ-IOS “o que se apressa ou salta”. Todos de vogal tónica nasal de articulação laxa aberta, como no português do norte ou no francês, ao invés das nasais do português padrão. Descreio ser “cacarejador”. Meu olhar, urbano, é os frangos não ressaír pela voz. O galo, a galinha e mesmo os pintos têm vozes próprias. A raiz põe outro rumo. Dous mil anos atrás, o *gallus gallus domesticus*, sem a imobilização dos atuais viveiros industriais, estaria muito mais perto do coirmão selvagem, ainda vivo no sul da Ásia, o *gallus gallus bankiva*, com capacidade de voo – breve – para se abrigar. Mesmo os galos e galinhas de campo atuais têm assomos de voo rasante. E é conhecida a vivacidade de todas as crias de animais a respeito dos adultos. Assim é como creio que na soberania céltica o *SRĒNGĀNOS, *SRĒNGĀROS ou *SRĒNGĀ-IOS, o filhote crescido da galinha, seria lá chamado de “súbito saltador, quase voador”, pela rapidez de movimentos.

¹⁰⁸ V. topónimo *Brolhão*.

¹⁰⁹ Devera escrever-se *forester* como no cat. ocid. A pronúncia orient. não diferiria.

¹¹⁰ DCECeH, sub *francolín*, nota 2.

¹¹¹ Cujo ditongo passou direto da fala pré-romana ao românico sem passar pelo latim, que reduziria o ditongo a -Ū- longo.

¹¹² Actas del I Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica, Salamanca, 1976, pp. 159 a 163.

¹¹³ Em latim é *Brācara*, do célt. BRĀKARĀ. *Brācara* dissimilou em **Brācala*. Daí o *Bráгаа* medieval. Mas **Brācala* também deu *Brācana*, no ant. castelhano *Brágana*. No neocéltico os ecos do sufixo átono -RO- têm função coletiva, não é sufixo de agente. Um céltico *BRĀKAROI poderia contê-lo e traduzir-se “os calçados”, mas é incerto.

FROUMA, TRUMA, ESTRUME

Grande mérito de Coromines foi notar o catalão *flumaire* “corrente ingente” vir do pré-romano *SROUMA MAGENON, por um **frūmageno-*, com haplogogia, passagem céltica e itálica de *sr-* a *fr-* e paretimologia do lat. *flumen*¹¹⁴. Coromines via origem sorotáptica, indo-europeia precéltica na sua terminologia, mas nada na locução obsta à celticidade, fora o contexto. *SROUMA também deu o galego *frouma* “agulha de pinheiro seca ou caída”. O neutro *SROUMA queria dizer “o que flui ou cai” e no ditongo testemunha o vocábulo ter passado direto do pré-romano ao românico sem passo pelo latim imperial, que reduziria o ditongo a -Ū- longo.

Além dessa variante, há uma deriva diferente nalguns dialetos célticos: bretão antigo *strum* “fluxo (de leite)”, com STR- de SR-, cf. o germânico. De outra fala céltica ou do suevo virá o sinónimo *truma* “frouma”, que C. Poço registou no Morrazo. Pudera ser que esse *STRŪMA se tenha misturado com a família do lat. *sternere*, na palavra *estrume*. Esta é de *estrar*, mas onde é “frouma” em vez de “esterco” ou “cama de animal”, etc. talvez devamos falar de confusão. Conforme Crespo Pozo, é “frouma” em Poio e Porrinho.

GAITA

E A COMPLEXIDADE DA PESQUISA ETIMOLÓGICA

Persuade Coromines na etimologia de *gaita* “instrumento de vento com fole”, voz hispana esparsa no mundo. É de um germânico entrado no séc. V, quer suevo, quer gótico, talvez os dous. O germânico **gaitaz* “cabra e cabrito” era *gaitz* no gótico Úlfilas. Feminino, o dativo mantinha o A final; é natural se fazer um românico GAITA, em data tarda ao já não passar AI a EI. O suevo, ocidental, antes da 2ª mutação consonântica tinha a mesma forma. O fole faz-se do coiro duradoiro do cabrito, e dele vêm os nomes dela. Hispânia e recantos da Itália ostrogoda guardam o germânico; os dialetos franceses, formas de *capra*.

Coromines acerta, mas todo saber é um corte na realidade, a simplificação forçosa de factos que a história, paulatina e vagarosa, vai desvendando. O que surge sempre é mais complexo do que se supunha. Eis o súbito saber que o céltico durou no Norte hispano até arredor do ano 1000, cf. a etimologia de *Orraca*, que nota uma língua goidélica. Acrescento conjeturas persuasivas.

O gót. *gaitz* de Úlfilas é “cabra” e “cabrito”. Depois os derivados germânicos são “cabra”: anglo-saxónio *gāt*, ant. alto alem. *geiz*, nórd. ant. *geit*. O germ. **gaitaz* vem de **ghaidos*, cf. lat. *haedus* “cabrito”. Este nota o arcaísmo e o padrão semântico no que os nomes dos caprinos novos, mais interessantes aos humanos, se deslizam à designação genérica. O céltico era ponte entre latim e germânico. Uma voz dos extremos geográficos devia ser do centro. É razoável pôr o céltico antigo *GAIDOS “cabrito”. Existiu no calaico?

Os genéricos neocélticos vêm de *GABROS, masculino epiceno de ulterior explicação incerta. Há ramos indo-europeus que supõem **kapros* para vários animais machos. Coromines insinua vir de **kappros*. Além de detalhes, a sílaba GA- pode vir do influxo do hipotético es provável, *GAIDOS, que se parece com *gaitz*.

O que pasma é outro: o gaélico *gaoth* “vento” foi *gaeth*, que no irlandês mais antigo fora *gáith*, que recua ao protótipo *GĀITĀ, ainda não visto em britónico ou gaulês¹¹⁵. MacBain via a raiz **ghei-* “fazer mover; ven-

¹¹⁴ Actas del I Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica, Sala-manca, 1976, pp. 159 a 163.

¹¹⁵ Está no códice de inícios do séc. IX que foi do mosteiro de Bobbio, hojr na Bibliotheca Ambrosiana de Milão. Texto latino, poemas e glosas gaélicas são de Diarmait neto de Áed Rón, *an[a]chorita et religionis doctor totius Hiberniae*, morto em 825. Eis quatro versos do caso a falar no açoute normando que duraria dous séculos.

Is acher in gaith in-nocht;	<i>Bem violento é o vento nesta noite;</i>	<i>Lit.: “É pungente o vento esta noite;</i>
Fu.fúasna fairggae findfolt:	<i>abala o alto-mar alvas guedelhas:</i>	<i>abala o mar aberto branco-cabelo:</i>
Ni.ágór réimm Mora Minn	<i>não creio que hoje corra nosso mar</i>	<i>não temo incursão do (pelo) Mar Claro (Mar deIrlanda)</i>
dond láechraid lainn úa Lochlind.	<i>a banda decorada de Noruega.</i>	<i>pelas soldadescas ávidas de Escandinávia”.</i>

Antiquação literal

ESTI ĀCRIS SINDĀ GĀITĀ SINDĀI-NOXTI;
WO WO-UD-ESS-ANĀT WERGIWIOS WINDOWOLTON:
NE ĀGŪR RĒDSMEN MOROIS MENĪ
DŪ LAIKORĒDĀS LASNOIS AU LOKULANDĀS

Antiquação verossímil

KROUDIĀ ESTI GĀITĀ IIĀI-NOXTI;
WO-ESSANĀT WERGIWIOS WINDOWOLTON:
NE ĀGŪR RĒDSMEN MOROIS MENĪ
LAIKORĒDĀS LASNOIS LOKULANDĀS

daval” (Pokorny 424-425 “to drive, throw; to wound” e 425-426 “snow; winter”). Daí lat. *hiems* “inverno” (**ghi-em-s*, grau zero). Que entendiam os autóctones ao dizer *gaita*? “Vento”? “Cabrito”? O étimo germânico é certo. E é claro que houve uma paretimologia – etimologia dos montanhese iletrados em latim e falantes do céltico final – pela qual o *gait(a)* ouvido dos germanos era imediato aceite para a cousa, o instrumento, por aí serem reconhecer a oportuna palavra própria ***GĀITĀ**, que significava “vento”.

Outro corolário é provar a subsistência do céltico nesse milénio. Não há outro jeito para explicar o ditongo AI intacto através de um tempo em que devia dar EI na nossa língua, e E em castelhano e outros romances. Eis *ghetta*, *ghetla* “cabra” de Rovereto e Comelico, citados por Coromines, de Gamillscheg.

GÂNDARA

Crida voz pré-romana, continua a incerteza de que língua. É quase só galega, com algum caso na Montanha de Santander. Jud unira *gândara* e o alpino ***GANDA** “encosta pedregosa”. Os Hubschmied tiravam-na do ant. gaél. *ganem* “areia” (***GANIMĀ**). O certo é que chega ver um léxico gaélico para dar no étimo cóngruo: gaél. escocês *gann*, irl. ant. *gann*, dantes *gand* “scarce; escasso”, célt. ***GANDO-**, cf. scr. *gandháyate* “danar”, *gandha* m. “cheiro (do apodrecido)”, litu. *gendù* “danar, estropiar” (Stokes). No fundo é o adj. f. ***GANDĀ** “danada, > estéril, escassa”, ao que ***GANDARĀ** agrega o sufixo átono -RO, de coletivos, como os gaélicos *clocher*, *clochar* “moreia de pedras” de *cloch* “pedra” (antigos ***KLOKĀ**, ***KLOKĀRON**).¹¹⁶

GARCIA

Schuchardt, Pedersen e Meyer-Lübke criam *Garcia* vir do basco: ou de **hartze-a* “o urso”, de origem céltica (Schuchardt, Pedersen), ou de **kartze-a* autóctone (Meyer-Lübke). Põem medo tamanhos vultos, mas não cabe calar. Michelena, autoridade em basco, repete a opinião adversa de Luchaire. Em basco “urso” é (*h*)*artz*, mas a derivação romance não se entende. Como a aspirada se faz G-? Como nunca uma variante proparoxítone? Muitos creem basco *Garcia*, mas aparece em Leão, em velha data. Tudo muda pondo um étimo ***KARKÍDIĀ**, abstrato sobre o adj. célt. ***KARKIDIO-** “garçal, de garça”, por sua vez vindo de ***KARKIĀ**, étimo de *garça* estabelecido por Coromines no DCECeH. Portanto significaria algo como “garçalidade”. Para vê-lo é preciso lembrar o simbolismo muito positivo da ave na antiguidade e na Idade Média, emblema de muitas virtudes. Estar no país basco explica-se pela antiga extensão do céltico na península, bem testemunhada. No norte, oeste e centro era língua materna, mas nas zonas não indo-europeias era a língua franca popular.

Vocabulário

ācer, *ācris*, *ācre* “áspero” (lat.)

āg- tema verbal “temer”

an- tema verbal “soprar”

au prep. de ablativo “de, desde”

esti 3ª pess. pres. ind. “é”

gāitā f.-ā “vento”

laikorēdā, *-ās* f.-ā “bando guerreiro”

laikos, *-ī* m.-o “guerreiro”

lasnis, *-i* “sôfrego, ávido”

loku, *lokous* n.-u “lago; fiordo; ria”

Lokulandā f.-ā “Escandinávia; país dos fiordos”

meno- “claro, manifesto”

mori, *morois* n.-i “mar”

ne “não”

noxs, *noxtos* f.-t “noite”

rēdsmen, *-mens* n.-n “incursão, razia”

sindos, *sindā*, *sin(de)* pron “esse, essa, isso”, étimo do artigo gaélico.

udessan- tema verbal “suspirar, exalar”

Wergiwios (Ptolomeu) “Oceano [Atlântico]” lit. “em ação; tormentoso”

windowoltos m.-o “cabeleira branca”

wo-essan- verbo “abalar, sacudir”

¹¹⁶ O céltico -RO- deu a forma ao nosso sufixo *-ro*, do que *pícaro* é paradigma. Tão frequente na península, une-se a temas verbais, vivos ou caducos, exatamente à 3ª pessoa de presente de indicativo; *pícaro* vale “que pica”. Logo tem a função do relativo céltico, átono e enclítico, -IOS, -IĀ, IOD, estranho em latim e românico. No tempo celta haveria ***GANDĀTI-IĀ** ou ***GANDĀTI-IJĀ** “a que é danada, escassa” (“está danada-a que”). Pelo latim virou em ***GANDĀT-IA**, depois ****GANDĀTS-IA**, complexo perante o simples ***GANDA**. Isto e o raro relativo deram no atalho da substituição pelo sufixo nominal coletivo, de acústica fácil e também de certa afinidade semântica, pois que a *gândara* é um pedregal.

GERÊS

O topónimo ecoa o nome da tribo que no tempo soberano morava na serra entre o Lima e o curso alto e médio do Cávado. Plínio chama de *Coelerni* os que para Ptolomeu eram os *Κοιλέρινοι ou *Κοιλέρηνοι (nos textos em genitivo plural, Κοιλερηνώων ou Κοιλερηνώων). Ptolomeu dá-lhes a vila de Κοιλιόβριγα, nas transcrições latinas *Caelerinorum Caeliobriga*. Na pedra de Chaves (79 dC., da morte de Vespasiano e erupção do Vesúbio), também se lê *Coelerni*. A notícia de Plínio, morto na erupção, terá sido pouco anterior. Ptolomeu, posterior (séc. II d.C.), transcreve fontes antigas.

Etimologia do etnónimo: Plínio e a pedra sugerem *coelerni* ter o tom no segundo E (I dC.). Ptolomeu (de fontes velhas), que entre R e N elide-se vogal. Das vogais dos códices ptolemaicos prefiro o explicável Ē. Sem -ĒNO-, sufixo céltico de adjetivo, fica *KOILERO-, abstrato ou coletivo em -RO- átono, de KOILO- “magro”, cf. ant. gaél. *coil*, depois *cáel*, “id.”, e o antropónimo hispano *Coilos*, g. *Coili* (CIL II 4963. 8 = 6246.2).

Sabe-se da obriga céltica de magreza nos varões ¹¹⁷. Logo *KOILERO- é “o país (urbe?) da magreza” e *KOILÉRĒNOI “os da magreza”, com os harmónicos de “vivazes, espertos”. Pelo valor coletivo de -RO-, *KOILERO- é “(clã?, vila?) dos magros” e *KOILÉRĒNOI, “os do clã, vila, dos magros”. Ao cabo, apenas é claro o nó encomiástico KOILO-. Quanto à vila que Ptolomeu lhes dá, tem KOILO- com outra derivação. Seria *KOILIÓBRIXS “o castro da magreza (esperteza, vivacidade)”. Pode referir-se a um deus de epíteto local KOILOS, próprio para Lugus, deus da agudeza intelectual.

Serra do Gerês: As fontes põem-nos junto dos *bibali*. A vizinhança – talvez alfabética – levou-me a buscar no arredor, e aí dei com a Serra do *Gerês*, de dous ramos. Um, raiano (em Ourense soa [šurés] de labialização pretónica), vai da *Portela de Omem* ao monte *Fonte-Fria*, onde nascem o rio *Cavaleiro* (ao norte) e o *Cávado* (ao sudoeste). O outro ramo paralelo da serra corre todo em Portugal, parte em Braga, parte em Vila Real.

Ponho a hipótese cronologicamente. O fonema céltico K’ passa em latim para G, sem uma explicação clara, cf. *Callaicia* > *Gallaecia*, e *gladius*, *gubernare* e tantas outras vozes importadas. Logo quadra ver a evolução latina no céltico *KOILÉRĒNO-, à margem ou sob a tradição gráfica dos textos gregos. A forma latina não documentada é *goelereo-, rápido substituída por *gelerni, a causa da anomalia em latim do -ÉRĒNO- e da vizinhança amiga do sufixo latino -erno-.

Dando salto regular, se agora adimos a desinência -ēnsis ao *goelero- ou *KOILERO- acima visto, temos *goelereñsis. Este adjetivo *goelereñsis dá em regra o proto-românico *Gelerense, que para fins do primeiro milénio cristão, já com a queda do L intervocálico, deu primeiro *Geerês e depois *Gerês!* Parece portanto um rasto toponímico certo. *Gerês* vem sem dúvida daí e significava “terra dos *goelerni-KOILÉRĒNOI”.

O MISTÉRIO DO GATO

Gache!, *cacho*, *cachorro*, *cão*, *cadelo*, *agachar*, *gacho*, *cachar*, *acachar*, *cachear*, *cacheiro*, *gacheiro*, *cachaça*, *cache!*, *caçapo* e *acaçapar*. Alhures falei das interjeições hoje opacas de estrutura complexa e vimos a possível origem léxica. Pois bem, nos *Cantares* de Rosalia topamos com uma delas: *gache!*, *gáchi!*, para afugentar os gatos. *Gache!* está no P. Sarmiento (Col. VFG, p. 252) e o carácter geral no galego reflete em todos os dicionários (de Cuveiro Pinhol, Carré, R. González, F. Grande e Estraviz; léxicos locais de Henríquez Salido e Garcia). Variantes leves: com *gache!* há *gáchi!*, *gáchis!*, *gach!*, com ou sem pronúncia fricativo-velar surda da inicial.

Se persuadidos da origem léxica tentamos descobrir o étimo, vê-se surgir uma breve série de formas. Sem as não fundadas em dicionários latinos, fica *gattuli, similar ao *gattula* de Oribásio (“ατταγην” = francolim, galinácea si-milar à perdiz), var. f. de *cattulus*, étimo de *cacho(rro)*. **Cattulus* é a forma vulgar (afetiva) de *catulus* “cachorro, cria de animal”, “cria de cão, cadelo”. A interjeição *gattuli será nominativo plural, uma elipse de *gattuli hic sunt!* ou similar, para advertir a circunstâncias, que ao tempo escorrentava a turma felina.

¹¹⁷ Estrabão (IV 4,6): “para Éforo, os gauleses procuram não ser gordos nem barrigudos; ao moço que passa de certa medida de cinta prefixada impõem multa.” Apesar de Ernout-Meillet, lat. *gurdus* “pesado; néscio” é voz hispanocéltica, cf. Quintiliano (I 5, 57) e gaulês *Gurdonicus*. De *g^wurdho-, raiz *g^werē- “pesado”. Note-se o tom em raiz de palavras alhures nobres, por caso, scr. *gurúh*.

Ao opacar-se a palavra, trás interjecionalizada, ficou tão só o último aspecto e função, o afugentamento. Será **gattuli* diminutivo de *gattus-cattus* “gato”? Separemos as questões:

a) A **alternância** latina C-/G- parece dar-se em palavras importadas. Para Ernout-Meillet, o latim reproduzia por G- as oclusivas prepalatais doutras línguas, fonologicamente não homologáveis com as próprias velares surdas: célt. *k'allaikos* > gr. *καλλαϊκός*, lat. *gallaecus*. Isto sugere *catulus* e família serem empréstimos, o que não é provável; ou ter sido reputados tais, opinião mais verossímil à que volveremos.

b) A **geminção** de **cattulus* é hipocorística, expressiva, de função próxima da dos nossos diminutivos. Dá conta dos sentimentos que as crias suscitam. A geminção afetiva é um fenómeno que explica casos como a alternância *kalaikos-kallaikos* e a origem do sufixo proto-românico *-itto-*.

c) O **sentido original** de *catulus*. Para Ernout-Meillet primeiro foi “cria animal em geral”; depois, por paretimologia de *canēs*, *-is*, passou a “cria de cão”.

d) A **etimologia** de *catulus*. Para Ernout-Meillet é incerta de todo, pois que se descarta o vínculo com *canēs*.

Tornamos ao nexa de **gattuli* com *gattus-cattus* “gato”. Lecoy, a falar do cast. *cacho* “peixe barbo”, cria o étimo **cattulus* ser diminutivo de *cattus* “gato”. Coromines descrevia por ser *cattus* tardio, e arcaico o sufixo (DCECH I, 729, n.6). É, mas, insistindo no nexa que a realidade de *gache!* põe, perguntemo-nos que haverá se invertemos os termos e consideramos *cattus* um derivado regressivo, falsa regressão de **cattulus*?

Lembre-se *catulus* e **cattulus* serem “cachorro” e “cachorro de cão”. Um fenómeno que pede muito espaço é o facto de que pequenos mamíferos, quadrúpedes, penugentos, de espécie ignota, amiúde recebam, por falta de um específico, o nome de “cãozinhos, cadelinhos”. O gato, vindo da África nos últimos séculos antigos, era animal exótico. Logo bem pôde receber o nome **cattulus*, quer com valor de “cachorro” (o primeiro contato doméstico dá-se com as crias), quer como “cadelinho”, quer com os dous unidos. O galego *gache!*, de étimo **gattuli*, vem reforçar a atribuição e a sequência *catulus* > **cattulus* > **gattulus* > *gattus* (*cattus*).

Nenhuma outra hipótese firme se-vê. Indo-europeia não há. Fala-se de origem céltica, africana ou fonosimbólica. Esta não persuade; a africana parte do provável berço do animal e busca apoio em formas similares de línguas desse continente, que ao cabo poderiam ter origem latina. A céltica parte da antiguidade das formas insulares atuais, que recuam além do séc. V. Mas, ao não surgir elo indo-europeu, cai-se na incerteza de qual seria a língua donde o céltico foi tomar.

A alternância da oclusiva inicial aponta a origem extralatina das vozes, e é aí onde o factor céltico emerge. Coromines nota no céltico abundar a formação de hipocorísticos de antropónimos, compostos bimembres em geral, pela redução ao primeiro dos membros com geminção expressiva da consoante intervocálica. Muitos continham *Catu-* “combate”. O mais frequente é *Cattos*, hipocorístico de *Caturix* (“rei do combate”), paralelo a *Eppos*, de *Eporēdorīxs* (“rei da carreira de cavalos”). O peso daquele *Cattos* transparece no étnico germânico *chatti*. Bem que havia formas afins, como *Cattonios*, importa mais *Cattos*, antropónimo familiar e afetuoso, que traz algo do valor “agressivo, combatente” a par do tom carinhoso. Por força, em terras bilíngues, o nome enlear-se-ia na forma latina similar: *cattus*, de **cattulus*, onde se sentia desinência de diminutivo. Ao crescer a cria felina na casa e ter crias próprias, passava para *cattus* por falsa regressão. O antropónimo céltico e o nome latino do cachorro não se uniriam imediato; nas terras bilíngues, deveram influir-se um a outro. O lat. *cattus* “gato” soaria como folclorização fabulística no animal, com harmónico “aguerrido”, do antropónimo céltico, e este, *Cattos*, antes de perder-se, cobraria matizes “felinos”.

“Aguerrido, agressivo” vai com o felino. *Cattus* era vulgar, mas pela paretimologia *Cattos* cobrou o som prepalatal surdo da oclusiva inicial. O sotaque céltico era bom em palavra popular expressiva. Depois houve bifurcação: onde a fonologia latina vencia, o C- prepalatal surdo passava a G-, cf. Ernout-Meillet; às avessas, onde o latim não pesava, no norte das Gálias, o C- velar latino foi substituído, em latim, pelo prepalatal surdo.

Gerados *cattus-gattus*, ainda havia a par de si os “diminutivos” **cattulus-gattulus*, dos que o primeiro era antigo, o verdadeiro primitivo, e o segundo uma variante de **cattulus* suscitada para reter a simetria com os “positivos”. Prova a verdade deste *gattulus*, além de *gache!*, -a o *gattula* de Oribásio.

Cattus-gattus já designava o gato doméstico (no início o montês) e por assimilação outros animais, nomeadamente aves. **Cattulus-gattulus* servia para as crias... do gato, do cão e de quanto animal queira vir emaranhar mais o embrulho. A meu ver é o único jeito de fazer coerente o cúmulo atrapalhado de dados que a questão põe. Que não acaba nas palavras tratadas.

No DCECH I, *agachar*, leio Sainean ter visto, em trabalhos que não li, os nexos de **cattulus-gattulus* com *gacho*, *agachar*. Devo revisá-los por não ser opinião comum. O étimo vigente de *agachar* (**coactāre*, frequentativo de *cogere*), é pacífico, mas nas línguas hispanas não cerra, qual destaca Coromines. A incoerência vai-se ao tirá-lo de *gacho*, adjetivo antiquado para “abaixado, inclinado para baixo”¹¹⁸, como no castelhano, que seria “pequeno, que não levanta do chão”, substantivo “cachorro”. *Gacho* será variante de *cacho*, ao que não sei se pôr asterisco. O galego *gacho* ir com *cacho* sabe-se pelo arag. *cacho*, cat. *catx* e outros com o valor de “inclinado para abaixo”.

Coromines vê no cast. *gacho* um deverbais de *agachar*, por tarde surgir a primeira vez. A dificuldade salva-se com as razões que esgrime para explicar o também tardo primeiro documento de *agachar*: forte carácter expressivo, popular, impróprio da língua escrita formal. Cariz mais forte no nome que no verbo denominativo, mais abstrato, onde a memória da cousa, do cachorro, era mais débil, o que permitiu a entrada precoce na escrita. Isto supõe a existência antiga de *gacho* “cachorro”, não registada mas verossímil. *Agachar* lá seria “fazer-se o **gacho*; fazer-se pequeno”, “ocultar-se”. O valor atual é “vergar-se; encolher-se; ocultar-se”. (A)*cachar* “esconder” é-lhe inseparável. Tiram-no do fr. *acher*, que viria de um lat. **coacticare*. Descreio da etimologia, criada para dar autoctonia ao verbo francês. É certo que os dous verbos galego-portugueses são mais próximos, fónica e semanticamente, o que tolhe separá-los. O paralelo com *caçapo-acaçapar* não é casual. **Gacho-agachar* seriam “cachorro” e “fazer-se pequeno, como cachorro”, tal qual *caçapo-acaçapar* são “cria de coelho” e “fazer-se pequeno, como caçapo”.

Daí também: *cacheiro* “que se esconde”; *gacheiro* (São Jurjo de Piquim) “pessoa ou animal pequeno que cabe onde quer”, no Brasil (NE) “agachado, acaçapado”, (Paraíba) “estreito, apertado”; *cachear* “buscar o que é oculto” (antes “buscar o **cacho* oculto”). Mais duas palavras: cast. *gachas* “papas” e port. *cachaça*. Aquele fala nas papas “com mais líquido que farinha”, que são farinhas gachas, pousadas no fundo. Logo *cachaça* é “aguardente feita das *borras* do melaço”; a chave é *borras* (sedimentos, fezes que vão ao fundo). *Cachaça* “bebida feita de **cachos* ou **cachas*”, supõe um sinónimo preliterário de *borras*, ou mera variante antiga do desusado adjetivo *gacho*: *borras* **cachas*.

Antes de concluir, fora dos derivados de **cacho*/**gacho*, adj. ou subst., vejamos outro fóssil próximo de *gache!*: a interjeição *cache!*, para escorrentar os porcos, lat. puro **cattuli*. O porco era velho conhecido no orbe indo-europeu, o gato, um recém-chegado; daí a oposição **cattuli-gattuli*, na consoante do início. Dar à espécie o nome das crias, nota o interesse principal nos leitões e a deriva para os nomes destes na designação da espécie, cf. Benveniste¹¹⁹. Na família talvez uns sobejem e muitos faltem; importava atacar a questão, que Sainean lá descobrira e agora desenterramos ao dar no humilde *gache!*

CONCLUSÕES: Os dados galegos resolvem um difícil problema etimológico, a atingir várias línguas. Aliás, confirmam a importância das interjeições, fósseis linguísticos, para penetrar zonas doutro jeito inacessíveis. A atinar a hipótese, nova luz cai num grupo de vozes aparentadas e básicas, do cerne do idioma; eis *agachar*. O progresso logrado a partir da palavrinha – a atinar, insisto – obriga a revisar casos até agora supostamente ligados com o nosso, que não se lhe poderiam unir (salvo que de nós tomassem): falo no fr. *acher*.

¹¹⁸ Em galego com o valor do castelhano. Lugo e NE brasileiro *gacheiro* é do *gacho* velho. Outra testemunha é *gacha* “rede”.

¹¹⁹ Émile Benveniste, *Le Vocabulaire des Institutions indo-européennes*, 1969, Paris.

GUIAR

De etimologia incerta para Coromines, ele e outros supõem uma origem germânica por causa da consoante inicial¹²⁰. Mas, quase exclusivo do românico ocidental¹²¹ desde as origens, não tem étimo certo no germânico conhecido. Coromines estudou as relações entre os romances e viu em todos ser autóctone; logo o étimo era parte do latim vulgar. Mas cria que vinha numa forma germânica incerta. Seguiu a Bruckner, que via um gót. **widan*, baseado em *gawidan* “juntar”, cf. alto alem. ant. *giwëtan*, méd. *weten* “jungir (bois)”. Passaria de “juntar” a “acompanhar alguém garantindo a segurança”, aceção de textos jurídicos medievais; o trânsito vê-se alhures e noutras épocas. Daí a opinião de Meyer-Lübke de trocar o verbo **widan* pelo substantivo **wida* “guia que escolta um forasteiro”. É hipotético no quadro de uma palavra românica que hoje falta nas línguas germanas que não a tomaram do românico. A origem céltica fora insinuada, mas recusada sem muita análise.

A raiz envolvida é **wedh-* “levar, conduzir” (Pokorny 1115-1116), plena só em índio e céltico (e neocéltico). O germânico teve algo, mas com rareza perante a abundância do céltico. No gaélico antigo havia *fedid* “leva” (**WEDIST*) e *fedan*, *fednae* “guia; tropa guiada” (**WEDANĪ*, g. WEDANIĀS), vivo no gaélico *feadhainn* “gente; tropa”. Em galês há *gwedd* “equipa, junta”. O que se arguiu contra esta origem?

1) A passagem de W- a G^U- só poderia dar-se em vocábulos germânicos. Entrado do céltico ao latim vulgar do Império, o uau nesta língua viraria em V.

2) O I de *guiar* só pudera vir de Ī latino longo, o que descartam, ou de I germano, longo ou breve, que dura sempre nos germanismos do românico pelo seu mais tardo ingresso (séc. V).

As duas focam o tempo da entrada ao românico. A segunda é fraca; o E breve céltico era fechado, ao invés do latino e logo próximo do I. Além disso, elidido o D do étimo visto, a dissimilação da vogal era obrigada.

A primeira razão parece forte. *Guiar* é das origens românicas, o que indica entrada precoce. Já seria geral no século V ao entrarem os germanos, o que faz regressar a aporia da passagem do uau a V consoante.

Europa no primeiro milénio vivia uma situação linguística por muito tempo ignorada. Sabe-se que o céltico continental durou mais do que se cria e que em zonas de montanha se falou até perto do ano 1000. A sombra do céltico – o indo-europeu ocidental antes de se afastarem itálico e germânico – pairou silente nesse tempo.

Outro dado que pesa é a mudança de língua no séc. V, de céltico para germânico, dos centro-europeus do Império. Lá o germânico tinha um perfil mais próximo da língua que substituiria. Daí que o alto alemão possa ser definido como germânico de substrato céltico.

Assim é como o célt. **WEDĀ-* “conduzir” pôde entrar no germano e solidar naquele **widan*, que duraria pouco, não sem antes prender no proto-românico já sem censura latina e mercê do sublunar céltico final. O proto-românico misturava muitos arcaísmos latinos, e muitos *vulgarismos*, celtismos e germanismos. Isto é possível, mas hipotético demais. Parece melhor estoutra explicação:

O paralelo de *GASTAR*

Agora estou persuadido da origem céltica de *guiar*. É por causa do étimo do verbo *gastar*, de um tratamento paralelo na consoante inicial. *Gastar* tira-se pacificamente do latim *vastare* “devastar, arruinar”, que na baixa latinidade se articulou **wastare*, “por influência do germânico ocidental **wōstan* (alto alem. ant. *wuostan*) ou **wōstjan* (alem. *wüsten*)”, dizia Coromines. A explicação não provocou resistências porque as línguas envolvidas eram o latim e o germânico, as duas bem conhecidas e estudadas.

Guiar não fruiu desse cómodo. A língua céltica, por extensa que fosse lá, com a queda e o escasso peso político posterior dos seus utentes, deixou de ser objeto de estudos sistemáticos. Mas o tempo mudo e é claro que ela ilumina aquele longo e confuso período. A meu ver não há dúvida de que *guiar* e todos os cognados vêm do céltico **WEDĀ-* “conduzir”, opacado na inextricável mistura havida trás a ruína do império romano ocidental.

¹²⁰ DCECeH. *guiar*.

¹²¹ Também inglês e neerlandês, mas tomaram-no do românico.

GUIÇO (e GANCHO)

Coromines mostrou *gancho* vir do célt. *GANSKIO- “ramo”, qual o ant. gaél. *gésca*, os dous próximos do galo-românico *GANSKARIA, donde o fr. *jachère* “barbeito”. A fortuna do grupo *-nskio-* não difere da de *fascia* > *faixa*; há metátese de consoantes: *-scio-* > *-csio-* > *-χsio-* > *-išo-* ou *-ižo-*. Nota Coromines *gancho* estar próximo do de *Sanctius* > *Sancho*, com africada resultante surda: *GANSKIO- > **gancsio* > *ganço*.

Guiço “acha; ponta de ramo; restos de lenha”, galego e nortenho, seria no céltico hespérico um adjetivo de *GANSKIO-. Não é geral, mas Leite de Vasconcelos regista-o no Norte. A documentação recua ao séc. XVIII, no P. Sarmiento, que define “garavato; tição”. No séc. XIX, Reguera diz ser “fragmento de lenha”, e acrescenta a variante *guinço* (*guinzo*). Pintos e Rodríguez destacam a aceção de “chamiço”, e Rodríguez diz ser igual a *ganço*, variante de *gancho* banida da língua comum pela homofonia com *ganço* “ganho”, contudo viva nos falares galegos. Trazem *guinço* Reguera, Otero e C. Garcia, todos conhecedores do galego oriental.

A sílaba inicial *gui-* é rara em românico, e não é de latinismos, sim de germanismos: *guisa*, *Guilherme*... Mas temos visto o topónimo *Guísamo* não ser germânico, sim do céltico *GONÍSAMON “a Batalhíssima, a Matança mais grande”, do tema *GONI- “abater, ferir; combater”, raiz **g^when-* / **g^whon-* “abater; lutar”¹²². No céltico é nominal e verbal: o gaél. *guin* “abatimento, ferida” (*GONI)¹²³ é substantivo e nome verbal de *gonim* “eu firo, abato”.

Este tema explica *guiço-guinço*. A forma nasalada aponta regularmente para um étimo *GONITIO-, que será o particípio pretérito passivo do tema verbal *GONI, logo “abatido”. Junto do modificado suposto, temos *GANSKIO- GONITIO- “ramo abatido”, o que integra todas essas aceções de *guiço* recolhidas nos léxicos: “ramo pequeno, acha, lasca, sempre separados da árvore donde nasceram”.

Apesar dos riscos destas conjeturas, parece útil desenvolver os prováveis pormenores do curso evolutivo. A palavra caiu na corrente românica nos três derradeiros séculos do primeiro milênio, aquando caem os N intervocálicos. Ao mesmo tempo subsistia nas falas do céltico remanente dos cantos montanhesees. Com essa queda, o ditongo a surgir, alterado metafonicamente, ficou absorvido. A sequência seria assim:

*GONITIO- > século VI [**gũniitsu*] > século VIII [**g^ũĩtsu*]
> século X **guiinço* [*gĩĩtsu*] ou **guiiço* [*giĩtsu*]
> *guinço* [*gĩsu*] ou *guiço* [*gisu*]

GUIZO

É palavra pouco estudada, talvez pela cor infantil ou por supô-la expressiva. Nada vejo, fora uma associação vaga ao it. *guizzo*, de sentido bem diverso. De mais arraigo que *cascavel*, será mais antigo, apesar de ser tarda a documentação (1813). Nestas circunstâncias, cumpre fazer muitas conjeturas.

Primeira sílaba: A sílaba GUI- sói ver-se em palavras de origem germânica ou céltica, não latina. Quadra logo supor étimo dessas origens com uau inicial; o latim do Império já virara o uau, escrito V, em consoante bilabial. É possível *WI-. Certo que também pode ser qualquer outro étimo se anterior à queda dos D, L e N intervocálicos, produzida na segunda parte do primeiro milênio da era, logo num étimo começado por *GONI-, *GODI-, *GOLI-, *WONI-, *WODI- ou *WOLI-, conforme o que víramos em *guiço* e *Guísamo*.

Desinência: Foi -ITIU- ou -ICIU-, cf. *juízo*, cujo étimo *jūdicium* tem o tom no primeiro I, breve, que, com o último, deu um I longo trás cair o D.

Síntese: O elenco de combinações é excessivo para percorrê-lo. Quadra um salto audaz, confiando na boa fortuna. Primeiro a ocorrer é o célt. *WIDIKIO-, adjetivo do tema *WIDU-. Daí o gaél. ant. *fid*, g. *fedo* m.

¹²² Célt., germ., lat. e grega. De **g^whon-*: germ. **banōn* > ingl. *bane* “ruína”, alem. *bahn* “via (< “linha de messes abatidas”)", gr. φόνος “matança; homicídio”. De **g^wh₁-tiā-*: germ. **gunþiō* “combate”. De **g^when-do-*: lat. (*dē*)*fendō*, (*of*)*fendō*.

¹²³ Abundante na toponímia galega. Daí, entre outros, *Goim* [*Guín*], em Foz, Bande e a Lima.

“madeira; árvore; bosque” (*WIDUS, WIDOUS), da raiz **widhu-* (Pokorny 1177, Köbler 1409). Dessa mesma raiz é o ingl. *wood*, através do germ. **widuz*.

Guizo de pau? Por que não? Na história dos instrumentos musicais há protótipos não metálicos feitos de vagens secas. São similares às maracas ou maracás da América do Sul, que ainda se veem feitas de cabaças secas e pedrinhas ou grãos de milho no interior. Antes de celebrar, cumpre salvar um escolho: Do complexo “madeira-árvore-bosque”, que parte foi a semente a gerar as outras? Seria “madeira”, a matéria útil do tronco das árvores, que, além do durame, abrangia outras matérias lenhosas secas. É mais que intuição: a raiz **widhu-* (Pokorny 1177, Köbler 1408) parece variante quantitativa de **weidhu-* “separar, dividir” (Pokorny 1127, Köbler 1408), que ecoa em *dividir* e *vídua*. Em suma, apesar de conjectural, é provável *guizo* vir de *WIDIKIO- de sentido semelhante, mas muito mais arcaico, feito de vagens secas, talvez precedido de um *WIDUKIO-, que sofreu harmonização vocálica.

HISPÂNIA

As teses púnicas dão incertas. O artigo-demonstrativo visto em *Bética* e *Ignatius* brinda a saída. Do feito do demonstrativo anafórico indo-europeu, ele deu os pronomes pessoais neocélticos de 3ª, paralelos do lat. *ille* no românico. Eis a reconstrução de Lewis-Pedersen ¹²⁴ (negrito), preenchida de conjecturas:

	Singular			Plural		
	Masc.	Fem.	Neutro	Masc.	Fem.	Neutro
N	<i>is</i>	<i>sī</i>	<i>id / ido</i>	<i>ioi</i>	<i>iūs</i>	<i>ī</i>
V	<i>i</i>	<i>sī</i>	<i>id / ido</i>	<i>ioi</i>	<i>iūs</i>	<i>ī</i>
Ac	<i>in</i>	<i>sian, sīn</i>	<i>id / ido</i>	<i>sūs</i>	<i>sās</i>	<i>ī</i>
I	<i>iū</i>	<i>iā</i>	<i>iū</i>	<i>iobis</i>	<i>iābis?</i>	<i>iobis</i>
D	<i>iūi</i>	<i>iāi</i>	<i>iūi</i>	<i>iobo</i>	<i>iābo</i>	<i>iobo</i>
Ab	<i>iūd</i>	<i>esiās</i>	<i>iūd</i>	<i>iobo</i>	<i>iābo</i>	<i>iobo</i>
G	<i>esio</i>	<i>esiās</i>	<i>esio</i>	<i>eson</i>	<i>esān</i>	<i>eson</i>
L	<i>iio</i>	<i>iāi</i>	<i>iio</i>	<i>esu</i>	<i>esu</i>	<i>esu</i>

Cabe traduzir “este, esta, isto”. No neocéltico deu pronomes pessoais de 3ª. No céltico hespérico, ao menos da Bética, enfraqueceu para virar artigo, que aparece na forma mais arcaica, *is* masculino-feminino (animado) e *i* neutro (inanimado), o que decerto terá de pesar nas futuras reconstruções do céltico antigo. Eis o paradigma desse demonstrativo-artigo, com o dual:

	Singular			Plural			Dual		
	Masc.	Fem.	Neutro	Masc	Fem.	Neutro	Masc.	Fem.	Neutro
N	<i>is</i>	<i>is</i>	<i>i</i>	<i>ioi</i>	<i>iūs</i>	<i>ī</i>	<i>iou</i>	<i>iai</i>	<i>ioi</i>
V	<i>i</i>	<i>i</i>	<i>i</i>	<i>ioi</i>	<i>iūs</i>	<i>ī</i>	<i>iou</i>	<i>iai</i>	<i>ioi</i>
Ac	<i>in</i>	<i>in</i>	<i>i</i>	<i>sūs</i>	<i>sās</i>	<i>ī</i>	<i>iou</i>	<i>iai</i>	<i>ioi</i>
I	<i>iū</i>	<i>iā</i>	<i>iū</i>	<i>iobis</i>	<i>iābis</i>	<i>iobis</i>	<i>iobīn</i>	<i>iābīn</i>	<i>iobīn</i>
D	<i>iūi</i>	<i>iāi</i>	<i>iūi</i>	<i>iobo</i>	<i>iābo</i>	<i>iobo</i>	<i>iobīn</i>	<i>iābīn</i>	<i>iobīn</i>
Ab	<i>iūd</i>	<i>esiās</i>	<i>iūd</i>	<i>iobo</i>	<i>iābo</i>	<i>iobo</i>	<i>iobīn</i>	<i>iābīn</i>	<i>iobīn</i>
G	<i>esio</i>	<i>esiās</i>	<i>esio</i>	<i>eson</i>	<i>esān</i>	<i>eson</i>	<i>iou</i>	<i>iou</i>	<i>iou</i>
L	<i>iio</i>	<i>iāi</i>	<i>iio</i>	<i>esu</i>	<i>esu</i>	<i>esu</i>	<i>iou</i>	<i>iou</i>	<i>iou</i>

Difícil fora *Hispania* não coincidir no seu início com *Hispalis*. Nisso atinavam os antigos, de S.¹⁰ Isidoro de Sevilha para adiante. Na hipótese, isolado o artigo, fica por analisar um tema *-pânia*. Vale o dito em *Sevilha* da fortuna das labiais sonoras célticas nos ouvidos forasteiros. O céltico perdeu o fonema P indo-europeu. Os dialetos que não o recriaram a partir de K^W (hespérico e protogoidélico) tinham um leque amplo para realizar o B, não limitado pelo traço de surdez. Além disso, a incipiente lenição das oclusivas intervocálicas criava uma oposição fonética, não fonológica, só notada dos de fora.

¹²⁴ A *Concise Comparative Celtic Grammar*, Vandenhoeck & Ruprecht, Gotinga, 1961, p. 216.

Assim, os latinos punham P em vez de B nas palavras célticas importadas que ainda articulavam oclusivo esse B, por estar em posição não intervocálica. O caso mais notável é *Alpes*, célt. *ALBES, mas há outros, como o topónimo Παιλόντιον-*Paelontium*, em Ptolomeu, que hoje dura no asturiano *Belôncio*, o que prova termos tradição fonológica céltica. No caso de *Hispânia* a labial não era intervocálica.

Cumpro logo partir de -BANIA. E revisar a letra B dos léxicos neocélticos, sobretudo gaélicos, na busca dum adjetivo feminino de étimo *BĀNIĀ ou BĀNĪ que sirva para designar territórios. É busca é breve: dou apenas com o adj. gaél. *bán* “branco; brilhante”, “puro”, “verdadeiro”. Estas aceções falam no simbolismo da cor branca na cultura céltica. “Branco” era “belo” e a par “santo”. Caso similar em semântica e deriva é *Albio*, *Albionis* (*ALBIŪ, ALBIONOS), que também fala na cor branca. Os dous casos são variantes de um dos epítetos principais da deusa céltica, no fundo sempre uma Mãe Terra.

Bán foi *BĀNO-, indo-europeu *bhā-no- ou *bhō-no- (Vendryes), cf. anglo-sax. *bónian* “rendre brillant” e alem. *bohlen*. Raiz é *bhā- ou *bhē- “brilhar, luzir”, donde scr. *bhāti* “ele brilha”, *bhānam* “fulgor luminoso”, grs. Φάος “luz”, φαίω “faço visível”, φανερός “manifesto”, etc. *Bán* explica *IS BĀNĀ, que ainda não é *IS BĀNIĀ. Mas comutações de temas vocálicos e trânsitos entre substantivos e adjetivos eram frequentes no céltico. Tenho certeza de os moradores do Sul de língua céltica, velhos na Terra, lhe dizerem:

***IS BĀNIĀ, genitivo ESIĀS BĀNIĀS**
(ou ***IS BĀNĪ, genitivo ESIĀS BĀNIĀS**)
“a (Deusa) Branca”, decerto epíteto da Mãe Terra.

O nome lá limitar-se-ia à metade sul da península, primeira tocada dos romanos na luta contra Cartago. Logo a tradição muçulmana de chamar de *Espanha* a parte islâmica seria velha. Dantes seria o nome da Bética. Não ignoro os argumentos (não fechados, mas consistentes) para a defesa da tese semítica, mas cumpro pôr contexto. Cuido possível uma explicação que integre o complexo das pesquisas. Aceito os estudos dos semitistas, mas incluo um jogo de paretimologias. Os latinos herdaram *Hispania* dos púnicos no quadro bélico. Diz-se vir do púnico 'Y + SPNYH “ilha coelheira” (Bochart) ou 'Y + SPNYM “ilha dos coelhos” (Littmann). E corre a hipótese, púnica também, de na verdade ser “ilha ou costa do Norte”, mais verossímil. E os latinos herdaram a interpretação; criam no dos coelhos, como mostram Cícero, César, Plínio o Velho, Catão e Tito Lívio. Catulo é rotundo ao chamar à península de *cuniculosa*. Mas eram miragens. Os cartagineses, implantados na Bética, caíram numa (ou várias) e com seu protagonismo bélico transmitiram-na aos romanos.

ICO!, ICO!

É duplicação usual de uma das palavras *expressivas* (fr. *mot expressif*, alem. *lautsymbolisch Wort*), categoria de lindes vagos, vizinha de onomatopeias e interjeições. A interjeição, palavra-frase a notar o estado do ânimo diretamente, às vezes sem estrutura fonológica, não faria parte da linguística. A onomatopeia figura o som remedando-o com fonemas. As expressivas ou fonossimbólicas insinuam uma ideia pelo valor psicológico de vogais e consoantes; as vogais têm certo valor subliminal; eis o I, a sugerir algo pequeno. Dito isto, para não exagerar cabe destacar que os polissílabos com I a designar cousas pequenas não nasceram desse valor, só se enriquecem nele. Expressividade não dispensa a pesquisa, cf. *arre*, *irra*, *cé*, *boh*, etc., vozes que esqueceram a sua origem léxica. Não sei se os antropólogos o estudaram. O cariz infantil fará passar rápido por ele. A meu ver, além da repetição que imita o trote, não há nenhum som a evocar equitação. Deve buscar-se um étimo. Pode ajudar-nos o paralelo de *arre*, *burriquinho*, *arre!*, pois que já vimos a origem céltica do *arre*.

Ico parece-se com o lat. *equus*, mas latino não é. Do feminino *equa* veio *égua*, e cast. *yegua*, que vem de E aberto. Difere o timbre da vogal e a consoante sonora. Por aí não se vai ao porto. Mas tudo muda se em vez de latim temos céltico, a língua mais extensa entre os povos hispanos pré-romanos. No céltico não britónico (o falado na península) havia *ekwos, bem próximo do lat. *equus*, mas de E fechado. Partindo dele, chega-se ao I pela metafonia do U final. Aliás, a oclusiva surda de *ico!* recua a uma velha geminada. Nas línguas indo-europeias velhas as geminadas tinham a função expressiva dos diminutivos. Assim sai o étimo *ĒKKWU. Céltico? Pedersen explica que no tema em O do céltico antigo tardo as desinências de instrumental (-Ū), dativo e locativo (-ŪI) e ablativo (-ŪD) confluíram todas em -Ū. Logo o instrumental *ĒKWŪ “com o cavalo”, os dativo e locativo *ĒKWŪI “ao cavalo” e “no cavalo”, mais o ablativo *ĒKWŪD “desde o cavalo” deve-

ram cair juntos num *EKWŪ, que, com a geminada de afeto diminutivo, nos leva ao célt.*EKKWŪ, locativo ou instrumental, quer “no cavalo”, quer “com o cavalo”.

Ico, ico! é geral em todo o espaço hespérico. No castelhano sobranceia um rimado *jico, ico, caballito!*, a meu ver vindo do anterior *ico, ico, cavallico!*, vivo no navarro-aragonês, mas com ecos no oeste, cf. a festa do *Cavallico*, de Villarino Tras la Sierra, Samora, na raia com Portugal. Essa desinência *-ico*, tão longe de Aragão, não é casual; segundo a teoria das ondas é o testemunho original abrigado nas margens arcaizantes.

Logo houve *ÍKKU, ÍKKU, KABALLÍKKU! céltico da fase tarda. Fica à margem o estudo da origem do sufixo diminutivo *-IKKO*. Ponhamos já a forma românica posterior à simplificação das geminadas:

****icu, icu, cavalicu!***

IGNATIUS e INÁCIO

O étimo deste nome continua obscuro e ensarilhado. Há documentos latinos e gregos, mas estas línguas não brindam a explicação, o que levou alguns a ver aí empréstimos, quer do etrusco, quer do gálata.

a) No latim há o gentílico *Egnatius*, pouco esparso e sem etimologia. Talvez pré-romano, há pendor a atribuí-lo ao etrusco (Emidio De Felice), por similitude com *Ecnate, Ecnatna* (Tibon). Mas o etrusco continua sendo misterioso. No etrusco pôde ser celtismo, rodeado e devassado como estava pelo céltico. *Egnatius* em data arredada passou para *Ignatius*, sob a influxo paretimológico de *ignis* “fogo”, que continua a operar hoje, cf. os ingleses Charles Johnson e Linwood Sleight: *Ignatia, Ignatius (latin)* “fiery”.

b) E. G. Withycombe, conhecedor da história da Igreja, tira-o do grego Ἰγνάτιος, “of unknown etymology”, de Santo Inácio de Antioquia¹²⁵, bispo mártir sob Trajano, entre 104 (fim das guerras dácias) e 117 (morte de Trajano). Não é grego, pudera ser o latino visto, mas também pudera ser gálata.

Não seria válido seguir a não dar-se com muita frequência na Rússia (pelo bispo de Antioquia) e sobretudo em Ibéria, onde pega a registrar-se no séc. VIII, misturado com outro de origem pré-romana frequente entre bascos, *Enneko*, depois *Eneco, Enego e Iñigo*, com tom na primeira ou na segunda. Também houve *Ennekon-*.

Etimologia de ENNEKO(N) e IÑIGO

A indestrinçável confusão firmou-se na península com a veneração a Santo Inácio de Loyola, nascido Iñigo López de Recalde. *Ignatius* espargiu-se logo entre os católicos europeus: fr. *Ignace*, alem. *Ignaz*, it. *Ignazio* (Sicília e muito Sardenha), cat. *Ignasi* [iɲnàzi], ingl. *Inigo*. O pai do arquiteto inglês Inigo Jones assinava ele também *Enego* e no testamento chama ao filho de *Inigue*. Na família inglesa dos Preston, viscondes de Gormanstown, também correu *Jenico*, forma provençal de *Eneco* tomada do protocastelhano.

Parece basco mas é do fundo indo-europeu das Vascongadas. O proparoxítono *Enneko* ditongou o E tónico em data longe (é a primeira vogal a ditongar, mesmo no romeno, não no O), antes de sonorizar o *-C-* e palatalizar o *-NN-*. O prov. *Jenico* vem do protocastelhano navarro. O patronímico tem muitas variantes: *Énnequiz, Yénnequiz, Yéniguiz, Iñiguiz*, etc. Ante o silêncio de Michelena, descarto os intentos de dar-lhe étimo basco, e foco os rasgos indo-europeus da estrutura, entre eles a geminada e o tom proparoxítono firme. O que leva direto ao céltico *ÉTNEKO- “similar a um pássaro”, do célt. *ETNOS “pássaro”.

Etimologia de EGNATIUS, IGNATIUS

Excluo uma origem não indo-europeia. O tema *-gna-* e o sufixo *-tio-* têm nítido cariz indo-europeu. Crítica é a vogal inicial, repetida em Hispânia, que faz parte de um interrogante inda não atacado. A meu ver seria um artigo ou demonstrativo fraco do céltico hispano. Qualificado “ibérico”, o I “móvel” ficou sumido no saco das incógnitas. Eis uma série de “semitismos”, como *Hispânia* e *Hispalis*. Breve, será o demonstrativo-artigo animado IS, neutro I, às vezes percebido por forasteiros como ataque suave. Casos como *ibex, ibicis* (*I BĒK-), *bezerro* (*BĒK-ERRO-), *Itucci* e Τύκκε (*I TUKKE “o crasso, rico”) e *Igabrum* (*I GABRON “o caprino”)

¹²⁵ A Antakya turca. Romana no 64, foi a 3ª vila do Império, trás Roma e Alexandria. Aí nasceu o nome de *christianoi*.

“cabra”, do céltico *GABROS, notam o elemento “móvel” ter flexão de género e contextos indo-europeus. O espírito suave inicial talvez fazia parte da fonética céltica: no anel de ouro achado nas Ilhas Sies lê-se HE APRV, que talvez represente *I ABRŪ, escrito por alguém educado em latim. Proponho o célt. *I-GNĀTIO- “o que tem nascido”, neutro depois tornado masculino, do que toma o -S. Cisalpino, hespérico ou gálata, é difícil sabê-lo. Outro nome similar, netamente peninsular, *Idatius*, aponta a *I-DĀTIOS “o posto, oferecido”, que poderia ser glosado “o (aquilo) concedido pela graça divina”, da raiz indo-europeia *dhē-/dhō-/dhě- “pôr”.

INSÂNIA, O MAIS ANTIGO VOCABULÁRIO

(*doudo, louco, tolo, trosma*)

As palavras mais velhas para “insano” julgam-se de origem incerta. Visíveis são os étimos das latinas, das eruditas e das expressivas, o que nada nos diz de épocas recuadas mais interessantes. Ficam portanto fora do estudo os latinos *bobo*, *demente*, *imbecil*, *parvo*, o incerto *pateta*, os recentes *maluco*, *palerma*, e o expressivo *tonto*. No breve elenco tento ver pela etimologia o que os avós viam nas alterações mentais, noções que não são exclusivas do passado, pois hoje atuam nas estruturas profundas da língua, nas relações de sinonímia ¹²⁶.

DOUDO, O POSSESSO

Foi substituído por *doido* na mor parte do domínio, comutação que procura manter oposições e começou onde OU monotongou. Galiza não monotonga. Sarmento ouviu *doudo* no Morrazo; Sobreira, no leste de Ourense, sem muitos testemunhos posteriores. Voz expressiva e registada tarde (inícios do séc. XVI), julgou-se de origem obscura. Estudaram sem fruto H. Meier, Malkiel e Coromines. Casos desesperados pedem virar rumo.

Virá do céltico hispano final *DÓWITO- “cativo, possuído”, antes “escravo, servo”, cf. os nomes *Dovido*, *Doveto*, *Dovida*, *Dovetos*, *Doviterus*, *Doviderus*, *Doiderus*, *Dovidena*, *Dovidona*, *Doidena*, etc. E inda *Dovilo*. Coromines notou serem sempre nomes de servos ¹²⁷, próximos do gr. δούλος “escravo”, que pelo micénico se sabe vindo de *dowelo-.

A δούλος não lhe dão origem indo-europeia, talvez por não contar com a palavra gaélica para “servo”, *doír*, adj. em -O- e -Ā, que recua a *DOWIRO-. Vendryes-Lambert viam aí o prefixo pejorativo *DU-, e WIROS, “homem”. Mas uma alcunha “sub-homem” para nomear o escravo carece de paralelos; as alcunhas transitavam outras vias, em geral sinónimos de “moço, novo”.

Holder, seguido por Tovar, isolara o tema *dowi-*, que traduzia “forte”, sem mais eco. Para orientar-nos nas trevas quadra insistir na semântica. A meu ver é tema indo-europeu, da raiz *deu- “fazer, realizar; honrar, reverenciar” (Pokorny 218). Para entendê-lo é preciso integrar os sentidos pensando como os antigos. Dessa raiz há palavras tão várias como *bom*, *bonito*, *belo*, *beato*, do grau zero e valor “útil, eficaz” ¹²⁸. A noção basilar é “ação eficaz (ao serviço desse ao que se deve)”. Aqui temos o grau pleno, um acréscimo I, e aparentemente é um tema verbal do qual *DÓWITO- seria participio. Os nomes acima enumerados apresentam outros sufixos, uns simples e outros complexos: -TERO-, -TON-, -TĒNO- e -LON-.

Os latinos *Mauri-captus* e *mente captus* serão traduções de *doudo*. *Maurī captus* é “possesso do Mouro” ou “enfeitado; possesso do *Escuro* (demonificação usual dos deuses pagãos)”, na prática em geral aplicado aos imbecis ¹²⁹. O *mentecapto* (“possesso na mente”) é baixo-latim erudito. *Doudo* era portanto aquele sujeito *diminuído* na sua capacidade mental pela posse de um espírito ou demo. No Império, *DÓWITO- sofreria a lenição da oclusiva intervocálica, que passou ao romance que paralelamente estava a nascer: *DÓWITO- > *DÓWIDO. A proparoxítonia robora-a o topónimo galego *Dodro*, cujo étimo será *DÓWIT(E)RO-. Depois no céltico, *DÓWIDO daria *DOUDO como se deduz da conduta do uau.

¹²⁶ A linguística *profunda*, insinuada em Chomsky, ainda dista da autonomia epistemológica. Além da sintaxe, é a semântica decerto, a que pede uma verdadeira psicologia linguística.

¹²⁷ *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Sala-manca, 1976, p. 381 e ss.

¹²⁸ De *dw-enos veio *bonus*, e deste *bom*. *Bonito* vem de *bom*. *Belo* de *bellus*, diminutivo que foi *duellos, de *dw-enelo-. *Beatus*, de *beare* “ser bento”, de *dweyeto-. Raiz no grau zero.

¹²⁹ Originou o étnico leonês *maragato*, nome denegridor dado por vizinhos hostis.

LOUCO, O ILUMINADO

Coromines descrevia *louco* vir de *uluccus* “coruja, moucho”, pelo ditongo e por outras razões. Também não de *Glaucos* e *glaucus*, por razões semânticas. Do étimo árabe que propunha, no mesmo árabe não há certeza de que existisse. Português e castelhano supõem **laucu-*, cuja estrutura, excluído o árabe, pede buscar no campo indo-europeu. E aí apenas cabe o indo-europeu **leuko-* “claro; luzente, luzidio”, de todos os ramos com várias especializações, do que surgem três questões: **a)** existiu no céltico e no céltico hespérico?, **b)** como **leuko-* pôde mudar para **laucu-*?, e **c)** por que processo chegou a valer “insano”?

a) *Leuko-* foi de todas as célticas. De Hispânia, das Gálias Transalpina e Cisalpina e da Panónia. Estrabão, César, Plínio, Tácito e Ptolomeu falam-nos dos *Leuci*, tribo com capital no norte francês, em Toul, o *Tullum Leucorum* (< **TULLON LEUKON* “o buraco dos Leucos”). Panónio foi *Leucono-* topónimo de sítio incerto, que seria teónimo. Cabe adir o baixo-lat. *leuca-leuga*, de origem gaulesa, que primeiro lá seria “a (distância) clara (vista de um alto)”. Na Hispânia abunda o antropónimo *Loucios*, que já nota confusão do ditongo EU em OU, generalizada no séc. II. Uma inscrição do Berzo fala-nos numa centúria *Louciocelo*.

As neocélticas têm pegadas. O gaél. *lóchet* “relâmpago” aparece no gaulês *Leucetius*, *Loucetius*, epíteto do deus assimilado a Marte, Tárnis, o dono do lampo¹³⁰. O galês *llug* “luz” substantiva **LEUKO-*; e têm-no *am-lug* “óbvio” (< **AMBI-LEUKO-*) e *go-lug* “vista, visão: olhar” (< **WO-LEUKO-*).

b) Mudado EU em OU, **LOUKO-* tomou rumos vários nas neocélticas e no nosso céltico final. No céltico P, ou britónico, **LOUKO-* no séc. I passou para **LŪGO-*, de rápido curso ao *llug* atual. No gaélico, para o ano 400, **LOUKO-* já passara para **LŌKO-*, que, caso de ter subsistido, teria dado **luach*.

O céltico hespérico durou até arredor do 1000¹³¹ – dado inda não digerido na história da língua –, com grau de arcaísmo difícil de ver. O célt. LOUSĀ do séc. I fica quase igual nos falares galegos. Também **LOUKO-*. Caso de ter ficado **LEUKO-*, passaria a um lat. **leucus*. Mas **LOUKO-* não podia entrar com tal ditongo, porque no séc. II OU não era latino. O latim tivera-o, mas já o reduzira a Ū. O latim imperial substituíra OU pelo seu AU¹³². O fruto é igual tanto se passou ao latim na primeira metade do primeiro milénio (**LOUKO-* > **laucu* > *louco*), quanto se passou ao romance desde o céltico último (**LOUKO-* > *louco*).

c) Tudo o dito seria uma vã pirueta neogramática se não déssemos com aceções metafóricas oportunas de **LEUKO-* e com a ideia antiga da loucura (e a epilepsia, hoje diversas, mas lá intimamente unidas).

Sabido é que nas línguas indo-europeias antigas a cor branca, a cor da luz, tinha conotações hoje difíceis de entender, no mundo céltico bem reforçadas. “Branco” significava a par “formoso, belo” e também “santo, sagrado, numinoso, cheio de divindade”. A raiz do último é os indo-europeus conceber o divino como luz. **Dyeus* “céu”, **dyēs* “dia”, **deiwós* “deus” e **deiwes* “divino; bento pelo divino”, vêm de uma raiz cuja cifra flutua pela quantia de variantes em que se mostra. Pokorny (183-187) enuncia 1. **dei-*, **deī-* e **dēi-*, **dī-* “brilhar; dia, sol; Deus”, mas outros autores enunciam-na também **dyeu-* e **deiw-*.

Os historiadores da cultura dizem a loucura (insânia agitada) não ter sido dantes julgada patologia, mas uma forma de conhecimento e mesmo de felicidade. Breve, o louco era o possesso, possuído por um deus. A tal deus, tal loucura. A epilepsia, na que o corpo parece movido por outrem, deu ideia de as alterações mentais serem fruto de posses de deuses (ou demos). Hoje se distinguem, mas então a epilepsia era parte da loucura e dava-lhe a imagem mais óbvia. No mundo bíblico, os deuses são decerto demos, mas a ideia não difere: uma posse. O italiano Roberto Calasso cita Jung: “Os que foram deuses viraram em doenças”. E adita: “Não é que os modernos saibam mais, mas porque sabem menos.” E Foucault mostrou a estima dos pagãos pela loucura. Valeria atender alguns assertos de Calasso, que induzem respeito para o delírio, ao menos como sintoma.

¹³⁰ Cf. gót. *liuhap* “luz”.

¹³¹ Ver a etimologia de *Orraca* aqui e no meu *As Tribos Calaicas*, Edições da Galiza, 2008, Barcelona, p. 525 e ss.

¹³² Cf. *lapides lausiai* na *Lex metalli Vipascensis*, séc. II. *Lausia* latiniza o adj. célt. **LOUSIĀ*, antes **LEUSIĀ*, do indo-europeu **pleus-* “depenar; cindir” (Pokorny 838).

Ainda no medievo, o bobo de paço – em essência um louco – dispunha da “liberdade do bobo” que lhe permitia ficar impune ao declarar a verdade dos poderosos. Que ficavam apurados se lhes tocava, e se divertiam se o tocado era outrem, mas que o respeitavam pelo cariz sagrado, santo, da sua insânia. Vestígio é a expressão castelhana de “burlas veras”, que fala de dizer cousas certas que ferem sob o saio da brincadeira emoliente. A função do bobo pode assim ver-se noutra luz; não era diversão do senhor, mas obriga a sofrer, que, além de ínvioável, tinha a clara e aceita vantagem de ser terapêutica.

Em suma, o indo-europeu **leuko-* “claro, branco, luminoso” era também “cheio de divindade”. Era céltico e hispano-céltico. Nos inícios desta era, ao confundir-se o ditongo EU em OU, passou a **LOUKO-*, que durou séculos no céltico remanente da cornija cantábrica. Quer da adaptação ao latim **laucu-*, quer daquele resto de céltico montanhês (provavelmente deste, por causa do arcaísmo semântico), nossa língua recebeu *louco*, hoje ainda “insano agitado, delirante, movido por uma força”, com notas de paixão, imoderação ou exagero, rastos do valor etimológico “iluminado, possuído, por um deus”.

Sublinho que *louco* nunca foi “tolo”, nem também o cast. *loco*. Por provar a etimologia árabe, Coromines tentou provar que o cast. *loco* abrangia, além de “*amens, furiosus, vesanus*”, também “tonto e estulto”¹³³. Bem que diferença algo apagada em castelhano (às vezes *louco* cabe traduzi-lo *loco de atar* ou *furioso*), nenhum dos casos aduzidos justifica tal opinião, talvez apressada por lavrar em campo que não era o do coração.

TOLO, O VAZIO

Disse-se de étimo obscuro ou controverso, mas já não se justifica. Sabe-se há tempo vir do adj. célt. **TULLO-*, “oco, vazio, vão”. Substantivado no neutro, **TULLON*, era “buraco, cavidade”. Quadra interpretar “vazio (de miolos)”, e que se opõe às palavras vistas. Sempre foi sinónimo de *nescio*, *tonto*, *parvo*, etc., sem a carga acusatória de *nescio*. **TULLO-* também sai na variante substantivada feminina, **TULLĀ*, étimo de nomes de rios na Suíça (J. U. Hubschmied). Aí aludia à deusa céltica figurada nos rios e qualificada de “cava”. A etimologia indo-europeia guarda alguma obscuridade, mas não é necessária para o intuito deste estudo.

TROSMA, O GRAVE MONTANHÊS DENEGRIDO

Só galego, ao menos hoje. Estraviz define-o “pasmado, estonteado, alelado; aparvalhado, pateta, inábil, torpe, sem jeito; ignorante; sem inteligência”. Como tantas palavras expressivas, não é antiga na atenção léxica. Sai em Valadares e é Carré que lhe põe a definição generalizada. C. Garcia regista-a por muitas comarcas (Feais, Cúrtis, Santiago, Sobrado dos Monges, Burão, Codesseda, Ramirães) com variantes *tosmo* e *trurma*. Aquela, de Codesseda, supõe um **trosmo* anterior, de flexão de gênero secundária. *Trurma*, de Nove Fontes, Arçua, tem rotacismo e com a definição “tonto” roborava o carácter epiceno e, o que importa mais, o timbre fechado da vogal tónica.

Sinónimo é *prosmā*, também de Portugal. Em Estraviz: subst. “condição de pesado, fleuma; léria, lábia”; adj. “pesado no atuar e falar; babilho, papaleisão”. Há *prosmada* e *prosmeiro*. Este é “pesado, enfadonho, estólido”; de sentido inverso, “chocarreiro, taimado, dissimulado, velhaco”, explicável como “pessoa que ri dissimuladamente do *prosmā*”. Nele muito cisme. Não se vê elo com *proximus*. Cuido ser um cruzamento de *trosma* com *pesado* e *pesadume*. O cariz *difficilior* de *trosma* é certo.

Nem latim nem romances dão pistas de *trosma*. Vejo o célt. **TRUDSMIĀ*, donde o gaélico ant. *trummae* “peso, pesadume”, do adjetivo *tromm* “pesado” (**TRUDSMO-*). Ecoa no neocéltico e no substrato romance. Da raiz **treud-* “sobrecarregar, pôr em aperto” (Pokorny 1095, latina, céltica, germânica e eslava). Lat. *trudō* “empuxar” foi de “pesar rechaçando” a “rechaçar”, O céltico, de “carregar” a “pesar”. No eslavo era “odiar” e no germânico, “causar ódio”.

Câmbios fonéticos: As formas adjetivas vêm de **TRUSMO-* (< **TRUDSMO-*); de raiz de grau zero e sufixo *-smo-*. O alongar compensatório da vogal deu o britónico **TRŪMO-* e o provençal *trum*. Às avessas, o proto-gaélico conservou o O breve e o *-SM-*: **TRUSSMO-* > **TRUSMO-* > **trummo-* > **tromm(ě)*. O calaico também guardou *-SM-* (< *-DSM-*). **TRUDSMIĀ* “pesadume” faz-se **TRUSSMIĀ* no céltico. O iode postónico caiu sem fechar a tónica breve pela metafoia do *-A*.

¹³³ DCECeH, III, *loco*, p. 683.

Variações semânticas: O britónico consoma cedo o curso semântico “pesado” > “triste”: galês *trwm*, cón. *trom*, bretão *troum* “gravis, tristis”. Coromines notou daí vir o provençal antigo *trum* “escuro, lóbrego”, substantivado “trevas”, que nota a sequência “pesado” > “triste” > “escuro, lóbrego”. Aí não é de notar tanto a derivação, espontânea e geral (cf. *pesadume, pesar*), quanto a precocidade e solidez.

O gaél. *trom(m)* difere; é “pesado”, de harmónicos “severo; penoso” e “poderoso, enorme”, às vezes “difícil”. Nas neocélticas não há a denegrição geral românica (“pesado” > “lento” > “parvo, pasmado, tonto”). Logo a mudança deu-se em contexto plena ou principalmente românico. É ousado tirar corolários destes processos semânticos? Não parece sê-lo deduzir que na soberania gaélica, de “pesado” saíram harmónicos *graves* e respeitosos. Que nos britónicos, já feridos pela transculturação, “pesado” virou para “triste”, e para “escuro”, com perda de valor sem imediato desrespeito social. No mundo galego, “pesado” carregou-se de minguia, e serviu a discriminar socialmente os de cultura diferente, rudes “montanheses” inábeis em latim ou românico.

CONCLUSÕES: *Doudo* era *diminuído* na capacidade mental pela posse de espírito ou demo; do céltico final, aí domina o latim e a religião cristã. *Louco* era o possuído, *iluminado* por um deus o que o fazia santo e intocável. Ideia pagã, durou adaptada aos tempos, em campo que ficou subliminal por perigoso. *Tolo* era o *diminuído* mental sem miolos, crido inocente inócuo. De todas as épocas, soberana e do céltico final. O galego *trosma* nota um processo longo e doloroso, a transculturação por séculos arrastada trás a conquista.

ÍRIA

Íria, “conservado por tradição culta eclesiástica”¹³⁴, surge como *Pria* no Itinerário Antonino (séc. IV), que Moralejo Lasso cuidava grafia errada. Não sei se alguém deu a opinião que me ocorre para conciliá-lo: *Pria* traduz, latiniza, uma voz local cujo sentido era inteligível. Ao opacar-se *Íria*, as latinizações cessaram. Que significava? *ERĪĀ ou *ERĪĪĀ seria “a mais distante”, f. do adj. *ERĪO-, cf. gaél. *ire* “ulterior”, adjetivação do comparativo *perios, de *per-, ou variante do *pero- “distante” que Meillet supôs.

Coromines¹³⁵ busca o étimo do *Eresma* e dá em *ERĪSAMĀ, superlativo céltico do indo-europeu *perios, cujo sentido seria “distante [do centro]” ou “primeiro [na periferia]”. *Íria* era logo “a mais extrema (das vilas Flávias)”. Os bilíngues, cientes da derivação nas duas línguas, fizeram a nova palavra latina com P-, não distante de outras já existentes, como o advérbio *prī* e os comparativos *prior* e *prius*. É céltico pela perda do P- e muda o E em I pela metafonia tarda da vogal tónica. *ERĪĪĀ-*Íria* nasce trás a conquista. Sendo *Flávia*, seria na época de Vespasiano (69-79 d.C.). Palavra celta, nota a pervivência da língua local o tempo suficiente para *Íria* vencer no confronto (fins do III) ao neologismo latino (*Pria*) que tentou traduzi-lo.

IRÍMIA e FOMINHÃ

O geógrafo Francisco Xavier Rio Varja (Barja), discípulo de Outeiro Pedralho, identificou de vez a fonte do Minho. Antes dele, desde data latina, cuidava-se nascer em Fominhã, como declara este nome latino: *Fonte-Miniāna*. Ele mostrou que ao certo nasce no *Pedregal de Irímia*, encosta de 700 metros na Serra de Meira, de origem glaciária. A água corre sob as pedras, só patente no rumor que aí se percebe, oracular para os antigos. No pé do pedregal surge um regato de água puríssima, que ninguém qualificaria de rio. No abril de 2011 pude vê-lo e ouvi-lo mercê da guia do meu amigo José Martinho Montero Santalha. Certo é que corrente digna do nome de rio só se vê a partir do tanque de Fominhã.

Vimos *Íria* vir do adj. célt. *ERĪO- ou *ERĪĪO-, cf. gaél. *ire* “ulterior”, indo-europeu *perios “distante [do centro]”, “primeiro [na periferia]”, comparativo de *per-, virado adjetivo. *Íria* era “a mais extrema (das vilas Flávias)”. Meillet supôs haver já um *pero- “distante”, o que também poderia explicar o caso. Além de *Íria*, há *Irijo*, *Irijoa* e *Irije*. *Irijo* foi *ERĪSION “(país) distante”, de *ERĪO- e -ĪSĪO-; fala num concelho raiano. *Irijoa* (**Erisiola*) é híbr. celtico-latino: *ERĪSĪO- e -ola: “(vila) do linde, extrema”. *Irije*, do genitivo *ERĪSĪĪ “do distante (do centro)”, nota também fronteira, que dura como raia entre Gontim e Monte-Rosso.

¹³⁴ A. Moralejo Lasso, *Toponimia Gallega y Leonesa*, Santiago, 1977, 233.

¹³⁵ *Tópica Hespérica*, I, p. 99.

Irímia é símile na metafonia do I tónico (*ERÍ-). Nas vogais finais, o I será epentético, de data românica tarda, sito o pedregal a leste da isoglossa *paço-pácio* que Elígio Ribas Quintãs estudou. O étimo acabava em -MĀ, sufixo de superlativo. O comum era -ĪSAMO- (*is-ṃmo-), par do sufixo latino produtivo. Coromines tirava *Eresma* do similar célt. *ERÍSAMĀ¹³⁶, feminino a modificar *DĒWĀ “deusa”; o rio céltico, raia tribal, era sua teofania. O *(i)s- é o grau zero do sufixo de comparativo, -ios-, também no *-is-to- dos superlativos índios, gregos e germanos. Há mais; o celtibero WERAMOS “sumo” não tem *-is-, talvez por vir de preposição (*uper-ṃmos). E houve só com o mero -mo-, cf. lat. *īmus* < *inf-mos (Ernout-Meillet). Se *ERÍSAMĀ vem de *per-is-ṃmā, do possível *per-is-mā viria *ERÍSMĀ, do que em regra sai *ERÍMMĀ, sem descartar talvez um *ERĪMĀ de alongar compensatório.

O nome modificado seria BÓRWŪ “fonte”, pl. BÓRWONES, voz documentada, lit. “fervença”. *Irímia* foi o célt. calaico (BÓRWŪ) *ERÍMMĀ “(fonte) última”. A descoberta do Franc.º Xavier Rio Varja foi a (re)descoberta de uma noção esquecida que os avós célticos já sabiam. Virmos a saber que os calaicos já sabiam o que latinos e modernos ignoravam nada lhe tira. É mérito científico inegável; ele *descobriu* na ciência o que fora lá patente e depois ficou oculto. Como Bela Adormecida a noção fora presa no nome de *Irímia*.

IRRA!

Irra! é interjeição de repulsa, raiva, desaprovação ou desprezo no português comum. Registado desde Moraes, nos princípios do século XIX, mas já seria antiga, ao menos viva no séc. XVII, como mostra o uso na língua do Brasil. A meu ver procede da já vista interjeição *arre!*, alterada pela imela do árabe vulgar, que vira o A em E ou I. Seria portanto um eco da língua moçárabica do sul do domínio europeu.

Leio em Coromines que *arre!* passou às falas árabes desde Hispânia: ár. *harr*, marroquino *’arrâ*, líbio *ěrrě*. A flutuação deixa ver, em campo lábil como o das interjeições, que havia outras formas, das que cabe esperar ecos nas falas moçárabicas do mesmo espaço. Dous ecos delas vejo: a) o judeu-espanhol marroquino *erra!*, e b) o fóssil *erre* do cast. *erre que erre* “teimosamente”; aí *erre* não é a letra, como se crê, mas *arre* com imela. Ora cristalizada, era “adiante e adiante”, valor similar ao de *irra!*, do que é paralelo próximo na semântica.

Aqui também quadra insistir na semântica. *Arre!* ainda agora é o que era na origem: “adiante!”, com leve modular. A semântica de *irra!* também parte de “adiante!” mas carrega-se da ironia que o vira em paradoxo, com a inversão expressiva do “*Não te penteies que já verás*”.

Nestes casos há imela no grau E, com e sem inflexão da vogal átona final. O líbio *ěrrě* e o *erre* fóssil castelhano infletem a tónica sem mudar a final. O ladino de Marrocos *erra!* e o *irra!* da língua comum abrem a final. Que circunstâncias levam à abertura da átona final que dantes foi E fechado? Será uma dissimilação, que supõe a imela ter atingido o grau I, mas que não explica o *erra* marroquino.

As leis das interjeições são pouco conhecidas. E o jogo de variações dialetais tem decerto muito espaço. Acaso terá algo o passo do E átono fechado a neutro no português europeu moderno? Uma mera convenção gráfica? Um estudo monográfico do uso no Brasil talvez despeje algumas destas dúvidas.

JALHAS

A maioria das falas galegas ensurdece as sibilantes sonoras, o que fez difícil a escrita de palavras sem étimo conhecido. Eu escrevia *Xalhas* o nome do rio do país de Trastâmara; cria-o vindo de *SALIĀS, mas Montero Santalha notou-me que os textos antigos trazem constantemente um J- inicial. A meu ver, tal grafia só atinge etimologia no étimo *JĀTULĀ-, adjetivo de *JĀTUS, JĀTOUS “vau”, tema em U, donde o gael. *áth*. O -S pudera ser de nominativo plural ou de genitivo singular. Pendo para o segundo: “(rio) da (deusa) dos vaus”. *JĀTUS é gaélico¹³⁷. Está no nome oficial de Dublin, *Baile Átha Cliath* [blāklíeh], de um *BALIOS JĀTOUS KLĒTON, quer dizer, “Vila do Vau das paliçadas”. Outra vez o calaico é próximo do gaélico. Alguns textos trazem *Jalhes*, o que leva para étimo em ablativo-locativo, frequente no baixo latim, isto é, **Jātulīs*. Mas

¹³⁶ *Tópica Hespérica*, I, p. 99.

¹³⁷ No céltico continental dominava o sinónimo *RITUS, RITOUS “id.”, também em U.

domina *-as* e logo prefiro *JĀTULĀS, genitivo f. sg. “da (deusa) dos vaus”. No céltico os rios usavam levar por nome um epíteto da deusa única, que neles tinha a teofania principal.

Rio interior da tribo dos *Nerioi*, seria pacífico, perfil visível no nome latino em Plínio (IV 111), *Flōrius*, de *flōs*, *flōris* “flor”, o que leva a supô-lo “florido”. *Flōs* é do ie. **bhlō-s-*, da raiz **bhel-* “florescer”, mas também “brotar, nascer e crescer (os vegetais)”, cf. *folium* e φύλλον, de **bhol-io-*. Será melhor traduzir “exuberante”, em vez de “florido”. Este seria *BLĀTIO-, de *BLĀTUS “flor”.

O QUE FOI DAS JĀS?

jā, *antaruajā*, *antaruajaira*, *jaira*, *jarela*, **jairo*, *-a*

Diana deu o vulg. *Jana*, de ecos românicos. No processo passou de grã deusa da natureza virgem e animais selvagens a “fada noturna” (Du Cange), “fada das fontes” (NO hespérico), “fada que fia de noite” (Algarve), etc. Por toda a parte cobrou valor de “bruxa”, na típica ambivalência dos factos da psique funda. Na Galiza algures chega a fundir-se com a *companha* ou *estantiga*¹³⁸. O nome (não o mitologema) entrou na penumbra na Galiza, substituído por *dona*, *senhora*, *moura*, etc. O declínio de *jā*, de breve corpo, viu a confusão com a *companha*, a favor do plural. As *jās* foram a turba feérica, coro das ninfas ou pequenas fadas vegetais, cons-telação de luzinhas vistas ou alucinadas na noite. A *companha* prima foi também uma turma de luzes aéreas, à margem da interpretação racional ou consciente que dessas visões coletivas se fazia já no séc. XVIII¹³⁹. Ao cabo luzes na noite, terríveis ou fascinantes. Presta descobrir os factores que produziram a passagem de “luzes das fadas noturnas” a “luzes da hoste diabólica”, e inda depois a “fantasmas dos defuntos”. A história da cultura aproveitará os dados, para cuja análise ainda não se forjou o recurso da psicologia profunda coletiva.

São derivados *Antaruajā* (e *antaruajaira*) “bruxa”¹⁴⁰ que une *jā* à voz incerta que Coromines crê *untura* deturpada, com semântica oportuna. O opaco primeiro membro traria alterações por paretimologia, ao cabo tão caducas como *antaruajā*. É obscura a composição e a figura oculta: *untura de jā?*, *jā de untura?* Dá mais *jaira*, no composto *antaruajaira* (P. Sarmiento *antaruxaira*), que isolada é “estantiga noturna” (Sarm., CaG, 182r). É o vulg. **janaria* (clás. *dianāria*) por **jāaira* (não de **jāeira*, daria **jeira*. O *jeira* real é de *diāria*), qual *chaira*, *avelaira*, de *planāria*, *abellānāria*. É adjetivo coletivo; cabe pôr (*turma*) *dianāria*. Voz e mito são velhos, mas no milénio anterior não era “estantiga” mas “turma de Diana”, depois “turma feérica”.

Dianāria podia modificar nomes não coletivos, como se deduz do *jaira* que nos chegou: “mulher alouca-da, coquete” (de Padrão, cf. Crespo Pozo). Ajuda a ver mais o valor deste *jaira* o derivado *jarela*, e *jarelo*, *-a*. Mais frequente que o positivo, já vêm em F. X. Rodríguez, donde o C. Pinhol: “mujer responzona, descarada y alborotadora”. Eládio R. González define *xarelo* “pessoa descarada, pouco formal na fala, sem critério”, que se diz mais amiúde das mulheres. Enfim, o Estravis define *jaira*: 1º) diz-se da que anda trás os homens, 2º) mulher descarada, atrevida, 3º) bebedeira, borracheira (tomar uma *jaira*). *Jarelo* em geral é “pessoa que fala ou obra com desvergonha”. Fonicamente é claro o nexa de *jarela* e *jaira*. O ditongo átono reduz-se. Em data romance incerta incorpora a desinência diminutiva e desloca o tom.

¹³⁸ Sarmiento, em CaG, 163r (“*Jāns*, *as jāns*. Dícese hacia Orense: fulano vio *as jāns*, lo mis-mo que ver la *compaña* o hueste”).

¹³⁹ A *companha*, *hoste*, *estantiga* – antes bando diabólico e aéreo de longa tradição, como os próprios nomes notam – foi interpretada no contexto cristão *recente* como procissão de defuntos. Mas a especulação cristã popular ocupa lugar símil ao da racionalização materialista posterior; o fenómeno alucinatório era independente. Em *The Bible in Spain* de Borrow, há testemunho tão importante ou mais que os do P. Sarmiento. O mais explícito é do cap. 29, no que o guia descreve a Borrow a *Estadea* e depois lha explica. Cumpre separar descrição de explicação. “Levantou-se uma névoa muito espessa. De pronto pegaram a brilhar *por riba de nós*, na névoa, muitas luzes; havia mil ao menos. Ouvia-se um chio tremendo, e as mulheres caíram de braços gritando: *Estadea! Estadea!* Eu também caía e gritava: *Estadinha! Estadinha!*” A seguir o guia crê-se obrigado a explicar: “A *Estadea* são as almas dos mortos que andam por riba da névoa com luzes nas mãos.” A separação é clara e, a meu ver, a autenticidade da experiência alucinatória *coletiva* vem assegurada nesse *chio tremendo*, característico de certas imagens arquetípicas aparentadas (V. *Wotan* de C.G. Jung). Além da racionalização, a visão da cavalgada do bando aéreo diabólico em forma pura vê-se no testemunho do cap. 27, *in fine*: “A crermos aos galegos, os *demos das nuvens* perseguiram os ingleses na fuga e atacaram-nos a trovões e golpes de água quando pugnavam por remontar as reviradas e empinadas vereias de Foncevadão.”

¹⁴⁰ Sarm., CaG, 182r. “*Antaruxá y antaruxairas*. Creo llaman allí [Ourense] a las *bruxas*” Alhu-res diz ser nome de Monte-rei.

Interessa o perfil a surgir ao integrar as definições. Documenta a noção pela qual a pessoa – nomeadamente mulher – participa da natureza do nome “Diana”. É quem se mostra “ligeira de casco; coquete, garrida” e, conforme a definição de *jarelo*, “sem vergonha”. Desenvolvidamente, “quem está isento da impronta moral judeu-cristã, particularmente no que diz respeito à conduta sexual” ou “que está livre das ataduras da condição social comum”. *Jairo*, -a “feérico” é adjetivo bonito, digno de restaurar-se, mas é *jarela* e *jaira* o que corre com saíbo a transgressão subterrânea, às tradições pagãs do feminismo vegetal e resistente de sempre.

EM JOLDA

Jolda é “divertimento, pândega” com uma nota de brincadeira escarninha. A documentação galega não é antiga (do séc. XX) mas consistente. Boa parte da etimologia foi iluminada por Coromines. *Em jolda* a meu ver ecoa um catalão não registado **en jòlida*, trazido por imigrantes catalães nos séculos XVII e XVIII, e presente em toda a península. O que se regista é *en jòlit*, que na linguagem náutica fala no navio em calmaria. Antes significaria “em alegria”, pelo de como a bailar, o que ainda vive no catalão de Vic. *Jòlit* vem do provençal *jòli*; o catalão acrescenta T às palavras findadas em I átono. Por sua vez *jòli* é mudança regular (pelo tom) do ant. fr. *joli* “alegre”, hoje “bonito”. O percurso pode ler-se no verbete *jólito* do DCEdEh. Quadra adir que o fr. *joli* dantes foi *jolif* (Ch. de Troyes), o qual vem do escandinavo *jól*, nome de uma festa pagã que caía perto do nosso Natal, ao que cedeu o nome nas línguas nórdicas.

Visto o passado remoto, fica por ver o próximo, que é complexo e envolve os três domínios hispanos. Antes de ver a sincopada *jolda*, cabe destacar que o cast. *en jólito* chegou a ser algo próximo de *em jolda*. A RAE diz: “*en jólito*. Loc. adv. p. us. Burlado o chasqueado. Ú. con los verbos *dejar*, *quedarse* y *volverse*.” Tais verbos mudados, vê-se o divertimento escarninho. A locução galega documenta o estádio arcaico faltante no castelhano americano *en joda*, pouco estudado por “malsoante”. O hipotético cas. **jolda* no séc. XVII soaria já com inicial fricativa pós-aslveolar surda americana (*joder*). Daí a confusão paretimológica que ainda põe perplexos os tradutores curiosos. Só um acurado estudo etimológico iluminará a complexidade dos *joda* e *en joda* americanos. O velho valor de “brincadeira” e “em brincadeira”, ficou só no castelhano isento de paretimologia *en jólito*. O hipotético **jolda* castelhano rápido mudou para *joda*, suposto deverbal de *joder*, mas a fraseologia de *jólito*-**jolida-jolda* durou, agora carregada da semântica do parasito *hoder-joder*.

A geografia linguística explica o recuo. O norte da América castelhana (México, Colômbia) foi mais influenciado pela península e só guarda *joda* para “moléstia”, que também é do sul (Argentina, Uruguai), onde a paretimologia de *joder* parasitou o complexo, refletindo-o na violência machista de *joder*, valor que também é do sul, mas aqui ainda predomina a nota arcaica de “divertimento”.

JURAFÁS

Comunicou-me Carlos Durão um documento antigo indireto desta palavra hoje galega que eu desconhecia. Gil Vicente, na tragicomédia *Exortação da Guerra*, fala no *Vale de Jurafás*, *Vale de Josafat*, em Jerusalém, cenário do Juízo Final no profeta Joel. Aí é fruto de cruzamento entre o histórico Josafat, rei de Judá no séc. IX a.C., e a palavra atual. O préstimo de rei pio que Josafat tem nos textos bíblicos não obsteu para que o povo (que não lia o antigo testamento) o cruzasse com a voz infamante, de sons tão próximos: [ʒuzafá] e [ʒurafás]. O S sonoro está prestes para sofrer rotacismo de tipo latino, e o T final, quer caía, quer era comutado por uma consoante possível nessa posição de certa equivalência acústica.

Palavra expressiva e lábil, foi registada na Galiza no séc. XX nas formas *xurafaz*, *xurafás* e *xurafá*. Leiras Pulpeiro (1906) foi primeiro a defini-la: *xurafaz* “blasfemo”. Carré (1928) diz “desalmado, cruel”, o que se repete em léxicos posteriores. E. R. González acrescenta “inumano, falta de consciência”. Em 1972, Franco Grande acrescenta “meninho mau, travesso”, regista *jurafá*, que define “homem atravessado que se compraz em fazer mal”. Com -S final, para Filgueira Valverde (1926) é “desalmado, irascível, provocador, que se jacta de valente”. Não vejo etimologias, talvez pela aparência de vínculo com *jurar*. Eládio R. González pela consonância caiu na paretimologia com *Caifás*. Será velha expressão latina aplicada a blasfemos que ousavam jurar falso, depois em geral a mentirosos. Cuido-a latina antiga pela segunda parte, que não é *falsus*, mas o latim *fās* “que é lícito no direito di-vino”, “a Palavra Divina pronunciada”. Recua às velhas concepções do paganismo indo-europeu e latino. Na origem era (*ego*) *jūro fās* “eu juro que digo o que é justo e pio”. O que usava

repetir *jūro fās* veio ser (*is quī*) *jūrāt fās* “o que jura que diz o que é justo”. O **jūrāt fās*, de enfático protesto, veio ser a imagem do mendaz blasfemo através de um processo irónico que inverteu o sentido.

A PARTIR DO LACÃO

Alacoar, alancanhada, alancanhar, alancada, alancar, alacar, lança, lacação, lacaceiro, lacaço, laca, sanca e anca

Lacom-lacão é palavra galego-portuguesa no sentido restrito. A ultrapassar o domínio pelo nordeste (asturiano *lacom, txacom*), os dicionários chamam-no de “provincial” e os brasileiros não o registam. Foi geral: o primeiro registo é de Fernão Mendes Pinto (séc. XVI), que era de Montemor-o-Velho, Beira Litoral. Há derivados, como *alacoar* “adquirir ou dar a cor do pernil (presunto)”, que notam também a anterior difusão geral e o posterior opacar (*lacão > pernil > presunto*). Lá seria “perna ou braço de porco salgado e curado”. No séc. XVIII, para o P. Sarmiento era “pernil” (ColVF G, 276) e “braço” (CaG, 127v). Em Portugal é “pernil”¹⁴¹, “presunto”, na Galiza “braço de porco” ou “pernil pequeno”, matiz que é incerto ser antigo.

Desde Meyer-Lübke, tiram-no do lat. *lacca* “espécie de tumor nas pernas dos animais” (Vegécio, sécs. IV ou V). O valor médico não pôde dar o de *lacão*; será sinédoque do lídimo valor geral, não registado em latim, “perna, sanca”, que é o que se deduz dos vestígios românicos. Além de *lacão*, lemos em Coromines (DCECH III, 550) daí virem o it. ant. e nortenho *lacca* “anca de quadrúpede, nádega” em autores toscanos dos séculos. XV e XVI, noutros “sofragem, curva da perna”; e o abruzês *laccone* “barriga da perna”. Para integrar “tumor nas pernas”, “braço ou pernil de porco”, “anca, nádega”, “sofragem” e “barriga da perna” deve concluir-se *lacca* ser “perna, sanca”.

Similar flutuar semântico há no latino *laccānium*, só da Ítala (Atos 3, 7), traduzindo o gr. σφυρά ou σφυδρά “tornozelos, artelhos”. A Vulgata traduz *plantae* “plantas do pé”; outros põem “calcanhares”. O oscilar faz suspeitar dantes ser “pé ou pata”. Sem mais tudo ficaria aí, mas o galego de Lugo tem (*a*)*lancanhada* “passo mui longo” junto a (*a*)*lançanhar* “dar grandes passos”, que supõem, quer **lancanho* ou **lancanha* românico, quer **lancāniu-* ou **lancānia* latino. Valeria “pé, pata” (mesmo “perna, sanca”).

(*A*)*lancanhada* tem sinónimos próximos, como (*a*)*lancada*, com o verbo *alancar* “andar a grandes passos; avançar; adiantar em trabalho; salvar obstáculos”. *Alancar* em Portugal é “vergar sob um peso”, “sair de embaixo de um peso; sair em fuga”, o que virá de “avançar (a custo)”. As vozes unem-se a *lacca* “perna, sanca” pelo significado. O nexos formal não é perfeito, mas *alancar* em Portugal tem a par a forma *alacar*.

Como diz Coromines, é claro não ser lídimo latim, sim termo do substrato, céltico ou transmitido por ele. Quanto ao desacordo entre **lanca* e *lacca*, é sabida a articulação fraca das nasais implosivas célticas, que por substrato levou às nasais fonológicas em português e francês, e em gaélico à perda¹⁴². É plausível a base fonológica **lankā* (ou *laNkā*, fonética *lanjkā* ou *lākā*). O fonema nasal ficou na tradição local, mas, débil como era, aos latinos soava geminação da consoante a seguir. Imiscui-se nasalidade e geminadas na grafia grega -γγ- por -ηγ- e no evoluir de muitas línguas, como o nórdico no germano. Isso faz crer *lanc-* ser substrático e *lacc-* do lat. vulg., sem prejuízo de influxos mútuos¹⁴³. Daí célticos **LANKĀNION* “pé, pata” e **LANKĀ* “perna, sanca”, passados a vulg. *laccānium* e *lacca*. De *lacca* vem **laccōne-*, étimo de *lacão* e abruzês *laccone*.

Possibilidades etimológicas e cognações: Coromines cria *lacão* e vozes afins virem, pelo lat. *lacca*, da raiz **lek-*, frequente em germânico e báltico. **LANKĀ* – se forma original – seria afim de ingl. *leg* e isl.

¹⁴¹ *Pernil* em Portugal desusou-se ou ficou para “parte delgada da perna do porco”; no Brasil é “coxa de quadrúpede comestível, nomeadamente do porco”, como na Galiza (aqui luta com *jamom*, galicismo ajudado do cast.).

¹⁴² Irl. ant. *óac* “moço” < **JOWANKO-*, ou *cét* “cento” < **KENTON*.

¹⁴³ Exemplo de influência entre as duas séries – substrática e latina vulgar – é talvez a última aceção de *alancar* no dicionário de Estraviz: “Porem-se as mãos ou outro membro doridos por feridas, degressas, etc.: *alancaram-se-me as mãos*”, se o influxo é do *lacca* de Vegécio. Também é possível que a sinédoque “perna” > “tumor (úlceras, abscesso, inchaço, etc.) nas pernas” já estivesse às vezes no **LANKĀ* da língua original e localmente tivesse passado no *alancar* “ulcerar-se”. O *lacca* de Vegécio talvez esteja em *lacada* “indisposição ligeira” (Vilela, Rodeiro, Pont., segundo A. Otero), *alacado* “indisposto” (id.).

leggur (os dous do nórd. *leggr*, germ. **lagjaz*), e do além. *lecken* “romper com os pés” (germ. **lakjan*), ao que cabe acrescentar o advérbio gr. λάξ “dum couce, com o pé”. Como se vê, há alternância na oclusiva velar do étimo indo-europeu. É caso complexo, mas já tem dados suficientes para as formas românicas. **LANKĀ* deixa arriscar uma hipótese da origem do lat. *lancea*. Hispano para Varrão, grego para Festo, a crítica atual julga-o céltico (pancéltico na integração das notícias antigas). Céltico será **LANKĀ* “perna, sanca” e dele sairia o adj. **LANKIIĀ* “sanco, similar a uma sanca”, que transcrito à latina aparece como *lancea*.

Corolários românicos a insinuar-se: *Lacação* (galego ocid. [lakasân]) “preguiceiro” e *lacaceiro* “íd.” unem os sufixos *-ão* e *-eiro* à base temática *lacaço* “glutão”, vivo no Berzo. *Lacaço*, aum. de **laca* “sanca”, tem paralelo no cast. *zancajo*. **Laca* “sanca”, esvaído sem documentar, existiu decerto em tempo românico, qual o cognado it. *lacca*. Pode viver no *laca* que Estraviz regista com valor de “preguiceiro”, logo regressão de *lacaceiro*.

LAPA

“molusco” e “lagem de abrigo; cova”

(*chapa, lampa, lápara, lâmpara, láparo, lâmparo, lamparão* e lat. *lappa*)

Poucos casos tão obscuros. Estou persuadido de todos terem o mesmo étimo, fora *lapa* “labareda” e lat. *lappa* “bardana, pegamassa”, que não nos atingem imediato, de momento. As complexas ramificações impõem-me expor na ordem cronológica inversa à costumada; parto do hipotético passado para chegar ao presente.

Guia mais uma vez a semântica. O sentido básico será “coberta”, com matizes próximos de “abrigo”, “ocultação”, “chapéu, capacete”. A raiz envolvida é a já vista em *cabaça* e *cágado*, com menos detalhe: **klep-* / **sklep-* “cobrir, ocultar” (Pokorny 604), que se reflete em grego, itálico, céltico, germânico e báltico.

As hipóteses célticas sempre suscitam a objeção de os P que as tolheriam. Mas lá vimos a resposta de Brüch de o *-pn-* pretónico ter dado o célt. *-PP-*, cf. célt. DRAPPOS e litu. *drāpanos*, os dous vindos de **drepnós*.

Por que o céltico daria várias evoluções da mesma raiz? Pelos tempos diferentes e por razões de economia semântica, isto é, de oposição distintiva. Cabe ver dous protótipos, o primeiro depois dividido por anaptixe:

1) De **klepnó-* vieram **KLÁPPĀ* e **KLÁPPO-*. Daquele vem *chapa* “coberta metálica”. De **KLÁPPO-* vêm os já vistos **KALÁPPAKOS* “quelónio” e **KALAPÁKKIA* “cabaça”, cujas anaptixes virão da multiplicação silábica. Os grupos consonânticos tautossilábicos entre nós costumam ser instáveis.

2) De **sklepnó-* veio **XSLÁPPĀ*¹⁴⁴ pela sistemática metátese céltica SK > KS. É sabido que a oclusiva velar implosiva virava em africada (XS). O grupo sonorizava-se depois pela sonoridade do L. Tal /XS-/ fonológico virado em sonoro, foneticamente [ĠZ-], desapareceu pronto¹⁴⁵. E do conseguinte **LAPPĀ* virá o nosso *lapa*.

As formas com *-mp-* surgiriam no momento da passagem do calaico final ao românico, já concluída a sonorização das oclusivas intervocálicas e a *simplificação das geminadas*, com o intuito de salvar acusticamente as quantidades que a nova fonologia não admitia.

As variantes com acréscimo *-ro-* pululam com longa influência, na nossa língua e no castelhano. Para além da origem última do sufixo – a meu ver um cruzamento, no calaico final, de um sufixo de coletivos e o relativo enclítico do céltico –, são o rasto certo da condição verbal do tema remoto.

¹⁴⁴ Foneticamente seria [yzláppā].

¹⁴⁵ Demonstra a debilidade da fricativa inicial e epígrafe de Vercelli, no Piemonte, achado em 1960. Aí lê-se TEUOXTONION, isto é, /DĒWO-XTONION/ “divino-humano”, cf. gr. χθόνιος e lat. *homō*. Todas as neocélticas no sg. têm a base **DONIO-* (gaél. *duine*, galês *dyn*), com precoce eliminação das fricativas iniciais.

LATA e LATHUS

ETIMOLOGIA DO TOPÓNIMO FRANCÊS

No Uruguai, em março de 2012, uma senhora argentina perguntou-me acerca da origem do seu sobrenome, *Latue*. O pai viera de Paris para Buenos Aires no início do séc. XX. Quis estudá-lo e dei no *Dictionnaire de noms de famille* de [Jean Tosti](#) com estas duas entradas, aparentes variantes gráficas:

“LATHUS: Le nom est porté dans la Vienne [Poitou]. Variantes LATHU, LATU, LATUS. Il designe celui que est originaire de *Lathus*, commune du même département. Signification du toponyme: sans doute le domaine de *Lastus* (ou *Lastucius*), nom d’homme latin.” (Não há tais nomes latinos na antiguidade, bem que Du Cange registre aquele, mas é latinização secundária.) “LATU: Est surtout porté dans la Vienne, où l’on trouve aussi la variante LATUS. Les formes LATOU et LATOUX semblent avoir la même origine. Reste à savoir laquelle, car le nom est pour moi [Jean Tosti] bien obscur. Peut-être un toponyme pyrénéen (*tou* = cavité, caverne, ravin profond).”

Cumprer descartar a hipótese pirenaica, distante do espaço onde os nomes se dão. É claro o vínculo com a comuna de Lathus. As variações gráficas têm relação direta com a cativa dimensão da vila. Sita no Poitou, na Gália Céltica, zona de *langue d’oil*, e sem etimologia latina, cumpre buscar no pré-romano. De momento, apenas dei com a hipótese do célt. *SLATTŪTO-, masculino ou neutro. As neocélticas e, por substrato as românicas e germânicas ocidentais, ecoam o célt. *SLATTĀ “vara, pau sem polir”. Os dados estão no DCECe H de Coromines, que os integra cabalmente. Em toda a parte o sentido céltico durou, nomeadamente a designar os paus nos que assenta o telhado, até chegar à técnica da folha-de-flandres ou lata atual, que tomou o nome pelo feitio das primeiras folhas-de-flandres, aros de barris para unir as aduelas e que antes de aplicar-se pareciam varas. A metáfora com o tempo acantou o valor primitivo, que vive localmente.

A comuna de Lathus tirará o nome do gaulês, o qual seria *SLATTŪTON “povo com paliçada, *paliçado*”. Vejo nos mapas Lathus estar num chão. Lá era normal morar em castros ou lombas fortificadas com muros de pedra e troncos (*murus gallicus*), mas onde não havia alturas nem pedras usavam o que havia, madeira.

LEIVA

Aceções e etimologia circulante: Os léxicos da língua comum definem-na “porção de terra entre dois sulcos”, “sulco do arado” ou “torrão”. O jesuíta Bento Pereira (séc. XVII) supôs vir de **glēbea*, do lat. *glēba*¹⁴⁶, ideia que ainda paira. No tempo que só via antiguidades latinas ou gregas a resposta saciou a curiosidade e não sei se a pergunta se fez de novo. Na Galiza e em Portugal (aqui como “pop.” ou “prov.”) os léxicos acrescentam a aceção “aduela”, primeira registada, no séc. XIII. Em Portugal é do Norte; na Galiza registam-se esta e outras variantes. Cinjo-me aos dados galegos, que conheço melhor. Além do visto há:

- “Aduela” em Feira Velha (Galez), Tavagão (o Roçal) e Goião (Tominho).
- “Tábua do solhado ou do teto” um pouco por todas as partes.
- “Uma das relhas da escampadeira ou escampeladeira” em Tavagão.
- “Valadinho de terra, silvas e pedras a dividir leiras”, em Beluso, Bueu.

Sugere um velho “tábua (de leve curvada)”, deslizado a “relha”, após “terra ou torrão que levanta a relha” por metonímia. É curso que levou à paretimologia erudita. O étimo latino é impossível; cumpre buscar alhures.

Outra hipótese etimológica: Uns estudos felizes abrem caminho. Hubschmied e Coromines estudaram ecos do célt. *SLEUDIĀ “zorra; trenó”, centro de polémica sobre o início da lenição. Há ecos de *SLEUZA e de *LEU(D)IA > *LEVIA. Isto é, de *SLEUDIĀ lenido, quer no D, quer no S- inicial. Coromines diz: “o tipo *SLEUDIĀ, que vai da Gasconha ao Friul, e da Alta Itália e Provença à Bélgica (valão *sklûze*), documenta-se em glossas manuscritas ao menos desde o séc. IX e hoje subsiste em bretão e gaélico”¹⁴⁷. Se atino, o ter-

¹⁴⁶ *Prosodia in vocabularium trilingue latinum, lusitanicum et hispanicum digesta*, 1634.

¹⁴⁷ Coromines, DCECeH, III, p. 599, 34-39 (*lata*, nota 3).

ritório ia ao oeste além da Gasconha e abrangia o céltico calaico. E *Leiva* vem de *SLEUDIĀ: *SLEUDIĀ [> *HLEUDIĀ > *LEUIA] > *LEVIA. Vejamos a extensão, a etimologia indo-europeia e a semântica.

Ecos reconhecidos: para Coromines são valão *sklûze*, grisão *schlieusa* (*SLEUZA), Aveyron *leuso*, gascões *lébio*, *lúbio*, *lúbio* e bascos *lea*, *lega*, *lia*, *lã*, *lera* ou *liña* (< *LEVIA). O fr. *luge* f., do franco-provençal de Saboia e Suíça, hoje tem nova e feliz vida nos desportos. Em 1398 era “trenó, zorra, para levar madeira, feno ou pedras”. Em 1537 é “trenó para deslizar-se na neve”. Afinal do XIX teve a fortuna de chegar a “trenó desportivo no que o corredor vai supino de pés para adiante”. Os dicionários soem uni-lo ao baixo-lat. *sludia*, do “*gaulois slodia*”, mas ao certo faz parte do grupo de *LEVIA.

Etimologia indo-europeia de *SLEUDIĀ: *SLEUDIĀ tem haplologia e síncope, quer de *SLĒD-WIDIĀ (*SLĒD-, da raiz *sleidh- “to slide; resvalar, deslizar-se”, Pokorny 960-61), quer de *SLEUG-WIDIĀ (raiz *sleugh- “id.”, Pokorny 964), frequente em germânico. O outro membro é o célt. *WIDUS “árvore; madeira”, de *widhu-, que também é germânico, cf. ant. gaélico *fid* e galês *gwydd*. A síncope é como a de *Sabbaudia* “terra de abetos”, nome velho da Saboia, de *SABBAUDUS “abeto” (-UDUS sincopa *WIDUS).

Semântica de leiva: Dá certo o valor velho da palavra ter sido “madeira para resvalar”, que leva ao mundo de antes da roda. As zorras, arcaicos veículos de arrasto, duraram a par dos evoluídos com rodas, acantoadas nas margens onde não disputavam espaço, mas logo pegaram notas primitivas sem prestígio. Daí a vaguidade e localia dos ecos de *SLEUDIĀ. Como sói dar-se nas cousas velhas acantoadas, a pobreza sumiu-se de repente no mundo urbano, transfigurada ao evocar-se súbito trenós, presentes de Natal e desportos de inverno.

Na atlântica e temperada Galiza, a neve tem pouco peso cultural. As zonas em que é forte, Ancares e Courel, não chegam a mudar o imaginário coletivo. As tábuas para arrasto, curvadas de leve e usadas em mil tarefas pequenas, vieram ser metáfora fácil para os usos mais desenvolvidos que também usavam tábuas de curva suave, como aduelas de barris, mais importantes na economia, ou relhas dos arados primitivos, ou tábuas da construção, que nunca ficavam tão chãs quanto se queria. Metáforas fósseis, esquecidas da origem nos mais dos casos, especializaram-se no âmbito cultural próximo do lavrador, o utente da língua por excelência.

Corolário: Nas falas galegas há formas afins. *Leivoa* “torrão que levanta o arado”, cf. Elígio Ribas (Quireza, Cerdedo, Taveirós). Se registo fiel, é paroxítone de tom no O, vinda do aumentativo *leviōna. E as botânicas, *leivorim* (*leiburin*) e *leivorinha* (*leiburiña*). Aquela igual ao *terredo* (*agrostis Durieui*); a outra é gramínea (*alopecurus pratensis*) mais conhecida qual *rabo de raposa*. *Leivorinha* é diminutivo de *lêivora, não documentado. *Lêivora vai com nomes de sufixo átono em -RO, -RA, dos que *pícaro* é paradigma¹⁴⁸. Houve pois tema verbal *LEVIO- ou *LEVIA- “arrastar”, dado ao rabo da raposa, que como *zorra*, é cousa arrastada.

LOBISOMEM

O dicionário da Academia Española diz: “**lobisón.** (Del port. *lobishome*.) m. *Argent., Par. y Urug.* Hombre, generalmente el séptimo hijo varón, a quien la tradición popular atribuye la facultad de transformarse en bestia salvaje durante las noches de luna llena.” Étimo certo, para além da dúbia transcrição da forma original.

Para Machado adaptaria *lupishomem*, registado em 1813. Mas *lupishomem* é regressão latinizante, recente e macarrónica. Desde Sá de Miranda é geral *lobisomem*: “há cem mil *lobishomens*”. Outros dão o étimo *lupus homo*, que daria *lobosomo, se a palavra é popular. O acusativo *lupu- homine-* daria *lobomem. Em matéria folclórica o curso semierudito é improvável.

A lexicologia não avança se não se some nas cousas significadas. É, cumpre volver a *Wörter und Sachen*. Na tradição indo-europeia pagã, o cão era metáfora do guerreiro¹⁴⁹. Ao inserir-se nela a bíblica cristã, a sua

¹⁴⁸ Caso complexo de substrato, que mistura: 1º) o feito do sufixo céltico coletivo (-RON), neutro e átono segundo o neocéltico, e 2º) o valor do pronome relativo indo-europeu, também átono e enclítico, que o céltico guardou (-IOS, -IĀ, -IOD). *Pícaro* soma o tema de *picar* (igual à 3ª pess. pres. indicativo, *pica*) ao sufixo *-ro*. *Pícar* é românico, mas estes nomes são amiúde abrigam temas verbais célticos perdidos. *Braga* é talvez gonzo. BRĀKARĀ era coletivo do povo “que se calça”, em célt. *BRĀKA-IOS.

¹⁴⁹ Eis o nome do herói da epopeia céltica que nos chegou em versão irlandesa, *Cúchulainn* “o Cão de Culann”. Virado oprobrioso ao perder-se a memória do sentido original, inventou-se o episódio em que o herói deve substituir o mastim muito prezado que matara. No princípio era simplesmente “o Guerreiro de Culann”. Céltico *KŪ KALUNĪ “Cão de Kálunos”.

figura perde parte do préstimo, que passou ao parente selvagem, o *lobo*, cf. os nomes *Lopo* ou *Wolf*. A brutal energia da guerra tinha no lobo a imagem mais eficaz.

Na origem há o plural *lobishomens* (*lobisomens*), que brinda hipótese. É cristalização da frase *lobos e homens*, repetida à saciedade e afinal incompreendida. *Lobos e homens* fala no coletivo campo da batalha e deu-se à *Estadeia* (**Hoste Athea*) ou *Santa Companha*, de longe origem pagã, que ganhou cariz demoníaco no tempo cristão, e veio figurar a arquetípica violência do macho elemental. Acantoadada no folclore a *Hoste*, a frase uniu-se à tradição do *licântropo*, homem lobo que atua só; singularizar a locução foi o passo final.

A frase, cunhada em data muito arredada, repetida e opacada, soldou-se numa palavra: **lobosiomens*. Da pronúncia rápida saiu o ditongo crescente *IÓ*, que devia sofrer metátese do iode: **loboisomens* [*lubuizómês*]. Então a elisão do ditongo pretónico era passo quase obrigado: [*lubizómês*]. Do *lobisomens* estabilizado tirou-se ao cabo o singular secundário que por tanto tempo disfarçaria aquele perfil original.

LOUCO, O ILUMINADO

Coromines descrevia *louco* vir de *uluccus* “coruja, moucho”, pelo ditongo. E de *Glaucos* e *glaucus*, por razões semânticas. Do étimo árabe que preferia, no árabe nem se sabe ter existido. Português e castelhano supõem **laucu-*, cuja estrutura, excluído o árabe, pede buscar no campo indo-europeu.

Só cabe o indo-europeu **leuko-* “claro; luzente, luzidio”, de todos os ramos com especializações diversas. Daí vêm três questões: **a)** existiu no céltico, e no céltico hespérico?, **b)** como pôde mudar para **laucu-*?, e **c)** por que processo chegou a significar “insano”?

a) *Leuko-* foi de todas as célticas, hispanas, gaulesas, panónias, etc. César, Estrabão, Plínio, Tácito e Ptolomeu falam dos *Leuci*, a tribo cuja capital era Toul, no norte francês, o *Tullum Leucorum* (< **TULLON LEUKON* “o buraco dos Leucos”). Na Panónia houve o topónimo *Leucono-*, de situação incerta, que antes seria teónimo. Cabe adir o baixo-lat. *leuca-leuga*, de origem gaulesa, que antes seria “a (distância) clara (vista de um alto)”. Abunda o antropónimo hispano *Loucios*, já com a confusão do ditongo EU em OU, generalizada no séc. II. Uma inscrição do Berzo fala-nos numa centúria *Louciocelo*. As neocélticas têm pegadas. O gaél. *lóchet* “relâmpago” aparece no gaulês *Leucetius*, *Loucetius*, epíteto de Táraxis, deus assimilado a Marte, que é o dono do lampo¹⁵⁰. O galês *llug* “luz” substantiva **LEUKO-*; e têm-no *am-lug* “óbvio” (< **AMBI-LEUKO-*) e *go-lug* “vista, visão: olhar” (< **WO-LEUKO-*).

b) Mudado EU em OU, **LOUKO-* tomou rumos diversos nas neocélticas e no nosso céltico final. No séc. I britónico, **LOUKO-* passa a **LŪGO-*, de curso rápido ao *llug* atual. Pelo 400, o gaélico **LOUKO-* passara a **LŌKO-*, que, se tivesse subsistido, seria **luach*.

O céltico hespérico durou até arredor do 1000 – um dado inda ausente na história da língua –, com arcaísmo duro. Eis o célt. *LOUSĀ* do séc. I, quase igual no galego. Igual **LOUKO-*. Caso de **LEUKO-* ter ficado, teria passado tal qual ao latim, mas **LOUKO-* não podia com esse ditongo, que no séc. II já não era latino. Tivera-o, mas reduzira-o a *Ū*. O latim do império substituíra OU dos empréstimos pelo seu AU¹⁵¹. Tanto se passou ao latim na primeira metade do primeiro milénio (**LOUKO-* > **laucu-* > *louco*), quanto se passou ao românico desde o último céltico (**LOUKO-* > *louco*), o resultado é o mesmo.

c) Tudo seria uma vã pirueta neogramática se não déssemos com aceções metafóricas oportunas de **LEUKO-* e com a ideia antiga da loucura (e da epilepsia, hoje diferenciadas, mas lá intimamente associadas).

Nas línguas indo-europeias antigas a cor branca, da luz, tinha notas hoje difíceis de entender, nas célticas reforçadas. “Branco” era a par “formoso” e “santo, sagrado, numinoso, cheio de divindade”. Raiz disso é os indo-europeus ver o divino como luz. **Dyeus* “céu”, **dyēs* “dia”, **deiwós* “deus”, **deiwes* “divino; bento pelo divino”, vêm de uma raiz cuja cifra flutua pela quantia de variantes em que aparece. Pokorny (183-187) põe **dei-*, **deiʔ-* e **dēi-*, **dī-* “brilhar; dia, sol; Deus”; outros acrescentam **dyeu-* e **deiw-*.

¹⁵⁰ Cf. gót. *liuhap* “luz”.

¹⁵¹ Cf. *lapides lausiae* na *Lex metalli Vipascensis*, séc. II. *Lausia* latiniza o adj. célt. **LOUSIĀ*, antes **LEUSIĀ*, do indo-europeu **pleus-* “depenar; cindir” (Pokorny 838).

A história da cultura diz a loucura (insânia agitada) não ter sido dantes julgada patologia, mas um modo de conhecimento, mesmo de felicidade. O louco era o possesso, visitado por um deus; a tal deus, tal loucura. A epilepsia, na que o corpo parece movido por outrem, deu ideia de as alterações mentais ser fruto de posses de deuses (ou demos). Hoje se distinguem, a epilepsia lá fazia parte da loucura e lhe fornecia a mais óbvia imagem. No mundo bíblico, ora os deuses são demos, mas a ideia não difere: uma posse.

O italiano Roberto Calasso cita Jung: “Os que foram deuses viraram em doenças”. E adita: “Não é que os modernos saibam mais, mas porque sabem menos.” Foucault mostrou a estima dos pagãos pela loucura. Os ditos de Calasso induzem respeito para o delírio, ao menos como sintoma.

Ainda na Idade Média, o bobo de paço – em essência um louco – dispunha da “liberdade do bobo” que lhe permitia ficar impune ao declarar a verdade dos poderosos. Que ficavam apurados se lhes tocava, e se divertiam se o tocado era outrem, mas que o respeitavam pelo cariz sagrado, santo, da sua insânia. Vestígio é a expressão castelhana de “burlas veras”, que fala de dizer cousas certas que ferem sob o saio da brincadeira emoliente. A função do bobo pode assim ver-se noutra luz; não era diversão do senhor, mas obriga a sofrer, que, além de inviolável, tinha a clara e aceita vantagem de ser terapêutica.

Em suma, o indo-europeu **leuko-* “claro, branco, luminoso” era também “cheio de divindade”. E isso era céltico e hispano-céltico. Nos inícios da era, ao se confundir o ditongo EU em OU, passou a **LOUKO-*, o que durou séculos no céltico final da cornija cantábrica. Quer da adaptação latina **laucu-*, quer do resto de céltico montanhês (provavelmente deste, pelo arcaísmo semântico), a nossa língua recebeu *louco*, que hoje ainda é “insano agitado, delirante, movido por uma força”, com notas de paixão, imoderação ou exagero, rastros do valor etimológico “iluminado, possuído, por um deus”.

Louco nunca foi “tolo”, nem também o cast. *loco*. Por provar a etimologia árabe, Coromines disse o cast. *loco* abranger, além de “*amens, furiosus, vesanus*”, também “tonto e estulto”¹⁵². Bem que é diferença algo apagada em castelhano (às vezes *louco* quadra traduzi-lo *loco de atar* ou *loco furioso*), nenhum dos antigos casos aduzidos justifica tal opinião, apressada talvez por lavrar em campo que não era do coração.

V. também *O mais antigo vocabulário da insânia*.

LUBRE

Não o vejo explicado. Há dous lugares deste nome na província da Corunha, um no concelho de Bergondo e outro no de Ares. É importante por vir de **LUGÚBRIXS* “o castro de Lugus”, de grande relevo no estudo da religião céltica e calaica. *Lubre* foi **Lugúbrigem*, acusativo latino do étimo céltico (céltico **LUGÚBRIGAN*) por intermédio de **Luúbree*.

Um U tónico é pouco frequente como vogal temática no primeiro membro de composto. *Lu-* é breve demais para não ter elidido L, N, D ou alguma das consoantes caducas não sistemáticas, G ou B. O caso presente é de G, que cai em termos bem populares: *leal, real, liar, rua, eu*. A não ter caído, teria confluído com o fruto do lat. *Lūcus*, bem presente por ser centro do *conventus*.

O tom dos compostos bimembres caía na vogal temática do primeiro dos membros. **LUGÚDŪNON* deu *Lyon* através do lat. *Lug(u)dūnum*, que moveu o tom pelas leis latinas que o pediam na penúltima longa.

Os “castros de Lugus” deveram de ter grande importância, como a teve *Lugudunum*. O *Lubre* de Bergondo estaria no cimo próximo da atual aldeia desse nome. O de Ares tem uma igreja fundada no séc. IX, dita de *Sta. Valha* ou *Eulália de Lubre*, situada na borda de um castro ainda lembrado.

¹⁵² DCECeH, III, *loco*, p. 683.

LUFADA e LUFA

“Rajada de vento” e “vento”. Os dicionários dizem que viria do inglês *loof*, o que não é muito claro porque a palavra é forma obsoleta do inglês da Escócia, cujo sentido foi “palma da mão”, do nórdico *lofi* “id.” e “pá do timão, grande remo para governar”. Foi-se, mas há inglês *luff* “lô; barlavento; palma da mão”, que não veio direto do nórdico, mas através do francês *lof*.

Lufada parece participio de um caduco **lufar*, e *lufa* seria deverbal. A etimologia quer levar-nos para a velha navegação a vela, na que o vento tanta importância tinha.

O nórdico *lofi* “palma da mão; timão, pá ou remo de timão”. Dantes o timão foi o grã remo na direita da popa que o piloto movia de costas ao bombordo. Veio duas vezes. Lá entrou *ló* “lado donde vem o vento, barlavento”, pelo francês *lof*. *Marear de ló* foi “navegar à bolina, contra o vento”. Outra vez foi a do **lufar* “navegar à bolina”. O intenso comércio atlântico explica a entrada direta do nórdico (sueco *luf*, danês *luv*) ou pelo neerlandês *loef* ou alemão *luv*; todos soam [luf]. Perdeu-se o náutico **lufar*, mas antes passaram à língua geral os derivados *lufada* e *lufa*.

LUGRIS

Meu amigo Monte-Rosso Devesa é quem mais sabe de linhagens e nomes de família galegos. Numa palestra brilhante que brindou numa viagem sua a Buenos Aires, de passagem opinou o sobrenome *Lugris* (v. g. do dramaturgo e poeta de Sada Manuel Lugris Freire) ser de origem “britânica”, ou céltica insular. Sem vagar para falá-lo, por correio postal pedi detalhes. Informou-me ser sobrenome galego exclusivo da Corunha, antes só achado nas paróquias de Serantes e Maianca, concelho de Oleiros. Nos registos das igrejas (desde 1614), o primeiro dado surge em 1647: *Domingos de Logris* casa em Serantes, sem nomear os pais. Oito anos depois, 1655, em Serantes casa uma *Antónia de Logris*, filha de Gonçalo e Maria Gómez. Gonçalo nasceria de 1600 a 1610 e seria o mais antigo *Lugris-Logris* conhecido. O nome *Gonçalo* supõe ter nascido na Galiza. Se os antepassados vieram de fora, seria ao menos uma geração antes. Monte-Rosso crê descender de marinheiro ou soldado de Francis Drake, desertado em maio de 1589, quando atacada Corunha, o que é possível. Deve lembrar-se o clima religioso da época; a não ser católico a custo fora recebido pela população local. Informa as grafias do nome variar: *Logris*, *Lugriys* e o atual *Lugris*, no que o U é metafonia do I tónico. Na pesquisa posterior tirou-o do topónimo *Loughrea*, grafia inglesa de uma vila sita ao sul da província de Connacht.

Por que o -S final?: Os mais dos sobrenomes galegos oxítonos em -I acabam em sibilante, S ou Z, que soam igual. Eis *Moniz*, *Estraviz-Estravis*, *Eiris*, *Solis*, *Roiz*, e os muitos sobrenomes de origem toponímica germânica em -riz (*Esmoriz*, *Baldariz*, *Escariz*, *Gomariz*, *Romariz*, *Sabariz*, etc.). Parte é em -il (*Adail*, *Gil* e os de origem germana em -mil) e -im (*Bogarim*, *Landim*, *Machim*, *Lugim*, *Padim*, *Marim*...). Em final absoluto, não há autóctones em -I. O **Logri* inicial tomou o S geral e mais frequente, dando *Logris*, depois *Lugris*.

Também L ou M? Pois é; no primeiro caso, cf. as leis de Grammont, **Logril* dissimularia em **Logrim*, convergindo com um hipotético **Logrim* original. Quer por **Logril* > *Logrim*, quer por um direto **Logrim*, cabe pôr o atual *Lugrim*. No guia telefónico de Buenos Aires há três *Lugrin* (sic). A um deles falei e confirmou-me que o pai procedia da Corunha.

Loch Rígh: Monte-Rosso pensa no *Loughrea* de Galway (*Gaillimh*), Connacht, o que é possível. *Loughrea* duplica outro topónimo, o também anglicizado *Lough Ree*, que soa igual, e é um lago entre os condados de Roscommon (*Ros Comáin*), Longford (*Longfort*) e Westmeath (*An Iarmhí*), no limite de Connacht e Leinster. Não é nome de vila; assim cabe conciliar as duas locações. Aquela duplica esta e dá o sobrenome. *Loughrea* e *Lough Ree* são o gaélico. *Loch Rígh* “Lago do Rei” ou “Lago de Rei”, do ant. célt. *LOKU RĪGOS. Quadra comparar com os galegos *Castro-de-Rei*, *Outeiro-de-Rei* ou *Palas-de-Rei*. *Loch Rígh* soa [loxrĩ]. Entrado no galego sem *gheada* (fora as fantasias de Zamora Vicente), passaria a soar com os fonemas locais próximos. Em vez da fricativa velar surda gaélica, pronunciariam [loyrĩ] com a fricativa velar sonora, talvez posterior ou quase uvular. A vinda de *Loch-Rígh* não é datável por a pronúncia deste não variar desde o período antigo. À Galiza entraria a fins do XVI; a grafia *Logris* com O é instável; a forte metafonia galega opera sempre.

O embaixador da Irlanda Art ó Gnimh (A. Agnew): Pasma a história olvidada que torna a surgir. Bom seria saber quando veio o verossímil irlandês de nome *Loch-Rígh*. O ano de 1589 é cronologicamente congruente e culturalmente difícil. Lembre-se o formigar de vindos na busca de reforços, na esperança de expulsar os invasores. O tempo tem apagado memórias de muitos de momento vencidos. Mas não nos Ó Domhnaill (O’ Donnell) de Buenos Aires, que tantos pensam virem diretos de Erim. O proteico Pacho O’ Donnell (psicanalista, dramaturgo, historiador) repete os avós serem galegos da Corunha, donde vieram antes do séc. XIX. Um deles em 1806 lutou contra os ingleses no Terço de Galegos. Tantos há que valeria estudá-los. Houve (grafia usual) O’Brien, Callahan ou O’Callaghan, O’Connor, O’Donohu, O’Neill de Maiorca, O’Reilly e longo etcétera que não desenvolverei. Chegar pela Galiza pode explicar-se pela situação fronteira, mas é ignorar a tradição – certa ou não agora pouco dá – pela qual os goidélicos (“Filhos de Míl[id]”) vinham da Galiza, dos arredores da Torre de Bregon, da Corunha-*Brigantium*. Para eles era volver à pátria mãe. Sabida na península só pelos galegos da Cova Céltica e ridicularizada pelos inimigos, hoje reverdece nos historiadores irlandeses.

Em 1997 disse-mo o embaixador irlandês em Buenos Aires, Art ó Gnimh (Agnew), só diplomata gaelico-fono que conheci. Falou-me no ressurgir dessa tradição com roupagem científica. Fiquei pasmo. Depois li o irlandês Peter Harbison, arqueólogo, a citar opiniões do britânico Christopher Hawkes¹⁵³: pensam nas três últimas décadas do séc. I aC. Os goidélicos, última invasão identitária, seriam calaicos expulsos pela pressão da coluna oeste do Augusto contra calaicos e cântabros. A coluna com arraial em Braga atacou Bergidum e ocidente do Mons Vindius, e o Medúlio. A guerra, duríssima, explica que os que podiam escapar por mar, em cabotagem e formigando, chegassem ao Munster, em condições para instalar-se e prevalecer, como fariam os normandos, em número suficiente para que os irlandeses se sentissem representados neles. Isso à margem do que nos fala a genética, que remete à pré-história.

MAMÃE

Rosalia dizia *mi má* à sua mãe¹⁵⁴. O castelhano galego era sua língua com ela, o que nota a fundura do ponto de partida quando optou virar. O cancro que a levou é a lazeira desesperada da língua na Galiza do séc. XIX.

Galego lídimio é *mamãe*, e *mi má* ajuda no estudo dessa etimologia. Não vejo estudos e documentos antigos também não há: apenas Moraes, de 1813. Hoje *mamãe* é brasileiro e galego. Português é *mamã*, que, apesar de J. P. Machado, não é outro que o fr. *maman*, que no XVIII também substituiu o castelhano *máma*¹⁵⁵, pelo *mamá* atual. *Máma* também seria português no tempo antigo, mas a falta de documentos tolhe comprová-lo.

No infante, primo articular é *má*: chega abrir bem a boca e exalar por ela e o nariz, a vibrar as cordas vocais. Doutro jeito, é uma oclusiva labial sonora, oral e nasal, com vogal da abertura máxima. O som vira em signo ao associá-lo o infante à primeira pessoa que conhece, a mãe. Daí o indo-europeu **māter*, sufixado, donde lat. *māter*. Deste o nosso *madre*, reduzido a aceções particulares. De novo influi a língua infantil (não de infantes, de falantes incipientes) e reduz *madre* a **ma’e*. Ditongado e nasalado, chega a *mãe* antes do séc. XIII.

Maman, *mamá* e *mamãe* não devem confundir-se. O cast. *mamá* é o ant. *máma* (lat. *mamma*) influído pelo francês. *Mamãe* é outro; nem é o lat. *mamma* nem é francês o ditongo *ãe*. Ser brasileiro e galego nota arcaísmo. Não duvido que é o ant. **ma mãe* “minha mãe”, de possessivo proclítico, átono, reduzido: lat. *mea* > *mia* > *mha* > *ma*. **Ma mãe* fez-se *mamãe* ao se perderem esses proclíticos átonos, mas a análise continuou muito tempo consciente. *Mi má* decalca **ma mãe* no castelhano da Galiza, e é documento indireto em data arredada. O cast. *mi* por *ma*; *mãe*, bem perfilado, não cabia trocá-lo por *madre* ou *máma*; tirou-se o ditongo. Decalcou-se antes de o dialetal *nai* (cf. Coromines, de *nana*.) substituir *mãe* no oeste galego.

¹⁵³ Publicadas nas atas do II Congresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1971.

¹⁵⁴ No verso 47 do poema *Como chove miudinho*, dos seus *Cantares Galegos*.

¹⁵⁵ Hoje só americano, não geral.

MARADONA

Maradona é sobrenome galego pouco difundido. Quando o futebolista jogava no Barça, os catalães especulavam com os ecos na sua própria língua, “mãe-mulher”. E na Itália correu o boato de ser nome italiano. Não saber-se a origem era congruente com a cativa fortuna da cultura galega nos tempos modernos.

Maradona é uma serra e uma aldeia no concelho de Ribadeu, nordeste da província de Lugo. A linhagem espalhou-se pela América espanhola durante a colonização. O genealogista argentino Carlos Calvo diz que o sobrenome provém de um lugar da freguesia de S. Pedro de Arante e que passou para *San Juan de Cuyo*, no séc. XVIII, com Franc.º Fernández de Maradona. O mexicano Gutierre Tibón, no seu dicionário etimológico de sobrenomes espanhóis, tem-no registado no país asteca e dá-lhe origem “en la aldea en la prov. de Lugo”. Na Argentina difundiu-se: o pai do desportista é de Corrientes, província do nordeste, e o Dr. Maradona, um Schweitzer morto quase centenário, era de uma do noroeste.

Segundo a fonética histórica portuguesa, vem de um híbrido celto-latino, *MĀRĀ DOMNA, lit. “grande senhora”. *Domna*, vulg. por *domina* “senhora”, era de todos os níveis na língua latina do Império; eis Júlia Domna, mulher do imperador Septímio Severo e a mãe de Caracalla. O primeiro elemento é o adjetivo célt. MĀROS, MĀRĀ, MĀRON “grande”, que dura em todas as neocélticas (gaélico *mór*, galês *mawr*, córnico e bretão *meur*). No galego da Idade Média ainda sobrevivia, mas sem lograr o fluatador da literatura para nos chegar de apelativo común. Mas derivados há: *marolo* “grosso, robusto”, *marão* “inteiro [animal]”, *marulo* “forte, saudável”, *marão* “grosseiro”.

Que senhora a do topónimo? Epíteto de uma deusa antiga? Ou da Virgem Maria? De uma possesora de terras? Difícil sabê-lo ao certo. É provável o primeiro, depois transposto para o segundo.

Longa e labiríntica perseguição da MARAGOTA

(*maragota, coto*, cast. *cueto, pescoço*)

A *maragota* (*Ascanius labrus berggylta*) é um peixe famoso na Galiza, entre outras razões como alcunha dos antagonistas no popular romance *A Casa da Troia*. Não se lhe vê étimo. Que eu saiba, tão só A. Santamarina o estuda¹⁵⁶; declara-o de origem ignota e supõe-no pré-romano, no que cuida que atina. Destaca-se a grande cabeça, os lábios grossos, as pintas (*pinto* é um outro nome) e morar nos litorais rochosos pouco fundos. Da descrição surge uma hipótese: célt. MĀRĀ *KOTTĀ “grande cabeça ou beçada”. O adj. MĀRO- “grande” é bem conhecido: gaulês *maro-*, gaél. *mór*, ant. *már*, gal. *mawr*, córn. médio *maur*, córn. *mur*, bret. *meur*.

*KOTTĀ é outro. Coromines duvidava do primeiro sentido de *cueto*, par do nosso *coto*, por causa de neste coexistir os valores “cabeço”, “nó dos dedos” e “resto de membro amputado”. O primeiro seria “cabeça” (e metaforicamente “cabeço”) e chegaria a “beçada, focinho”, o que integra *coto*, cast. *cueto* e provençais *cota* e *coutet* “nuca”. Ele cria na origem expressiva, o que lá longe pode ser certo, mas no céltico há testemunhos:

- O gaél. *cod*, genitivo *cuid*, “cabeça”. O dativo *cud* tem o valor de “boca” (Vendryes). Cumpre recordar que em final o gaélico não distingue sonoras de surdas (logo pôde ter sido *KOTO- ou *KODO-).
- Mais comum é o gaél. *coth*, g. *cuith*, “alimento” (Leis e glossários). Supõe dupla metonímia, “cabeça, focinho” > “boca” > “alimento” (*KOTTO-).
- Há documentos antigos: *Cottos* e *Cottius* em Amiano Marcelino e a tribo dos *Atecottii*. Bem que algo enigmáticos, os *Alpes Cottiae* (ou *Cottianae*) não deixam de roborar as presunções.
- Apesar de Coromines, *pescoço* firma a hipótese. O étimo **pós-coço* recua a *post*-*KOTTIO-. Nos quadrúpedes o valor era “trás a cabeça”.

Continua complexo. T. F. O’Rahilly une o gaél. *coth* ao bret. *koz* “velho” e ao córn. médio *coth* “senex”, mas por via semântica fraca. Como acordar cousas tão várias? “Velho” e nomes para “cabeça” ou “cabeço”? Não cabe desesperar. Ante mundos distantes, é mister pensar como eles.

¹⁵⁶ Etimologias do livro de M^a do Carmo Rios Panisse, *Nomenclatura de la flora y fauna ma-rítimas de Galicia*, I invertebrados y peces, Anexo 7 de Verba, Anuário galego de Filologia, Santiago, 1977, p. 329.

Dumézil notou os antigos indo-europeus dividir tudo (os deuses também) em três partes. Os deuses sábios e soberanos (1ª função) moravam nas águas superiores, acima da abóbada celeste, cúpula sólida a afastá-la das inferiores. Os deuses fortes e guerreiros (2ª) campavam na atmosfera, espaço abrangido pela abóbada celeste e a tona da terra. Os da 3ª, produtores da riqueza da terra, moravam nela. Os deuses das 1ª e 2ª, hegemónicos, foram qualificados de “velhos”, sem nota negativa (cf. a Mãe Terra do folclore, ainda a *Velha*). Às avessas, os da 3ª submetiam-se àqueles e recebiam o de “moços”, cf. os Nasatya védicos. “Velho” logo era “senhor” sem eiva biológica, eternos louçãos. “Moço” era “submisso”, o que dá visível nos nomes do “escravo”, e hoje nos de “servidor”, todos alusivos à mocidade.

Havia nexos sistemáticos entre o deus principal da 2ª função (nos celtas Tárans) e os montes, compreendidos no âmbito da atmosfera, onde trovões, lampos e ventos travam a batalha dos elementos. Celtas e germanos eram fiéis às estruturas teológicas e míticas, entanto que nos gregos e latinos o deus da 1ª se apossou do lampo. Na Galiza latina, os montes vão unidos ao culto de Júpiter ou de Marte, duas *interpretationes* possíveis de Tárans. Ainda hoje na Galiza dizem *velhom* à chuva torrencial com saraiva, como os lavradores germanos atribuíam a **Punraz* (Thórr, Donar) a chuva, sem ser deus da fecundidade. Eco folclórico dele há no *Arco-da-velha*, de curiosa metonímia. A *Velha* é a Mãe Terra do folclore, sucessora da deusa pagã. O *Arco* oblitera a figura do consorte da 2ª função, cuja memória salta na quadra popular da Galiza e Portugal. Eis duas variantes:

Galiza	Portugal
<i>Arco-da-velha, vai-te daí!</i>	<i>Arco-da-velha, tir-te daí!</i>
<i>As nenas bonitas nom som para ti!</i>	<i>Meninas bonitas não são para ti!</i>

“Velho” era logo, na forma *KOTTOS, a corriqueira designação de qualquer **cabeço**, outeiro ou monte, numa geografia que, como a nossa, andava saturada de constantes referências religiosas.

MAREZIA, MARUSIA

Maresia é português geral e a forma primeiro registada, em Gil Vicente, que lá terá sido apenas “mar viva de ondas encapeladas”, e hoje também “cheiro marinho na vazante”. Nas falas galegas diz-se *marusia* (também *maruxia*), frequente nas Rias Baixas com aceções semelhantes. *Marusia* regista-se desde o século XVIII no P. Sarmento, como “forte agitação do mar” e “marés vivas; ventos de tormenta (no mar)”. São aceções contíguas e fácil se passa daquela a estas, inclusive à do cheiro. Quanto ao vocalismo, é claro *marusia* ter labializado a vogal pretónica, como o *Jurês* ourensano labializa ante o *Gerês* geral.

Palavra pouco estudada, todo o mundo a vê derivada de *mar*, e muitos avançam tirando-a de *maré*. Mas da desinência tão só Coromines arriscou umas opiniões rápidas, que – a meu ver sem dar no alvo – orientam a busca. O mais próximo da solução é a sua proposta do céltico *MORISÍA, que descarta pela acentuação irregular em céltico. É certo, e também que é de impossível evolução.

Felizmente há paralelos. *Garcia*, por caminho revirado, leva para *KARKÍDIÁ “garçalidade”. Debulhando a cebola, *KARKÍDIÁ é nome abstrato, fruto de adir a desinência -(Í)DIÁ a *KARKIÁ, étimo de “garça” estabelecido por Coromines. *Maresia* é similar na parte final. A celticidade dessa parte anima a emitir hipótese sobre o todo. O célt. *MORI “mar” difere pouco do lat. *mare*. Logo a paretimologia, em posição átona e no longo tempo bilíngue, é obrigada. A parte restante é um sufixo complexo, ou melhor, um composto de dous.

O étimo será *MORESÍDIÁ, que dá regularmente *maresia*, com o leve flutuar vocálico notado. É *MORI “mar” e as duas desinências célticas sabidas, coletivo -ISIO-/-ESIO-, e adjetivo -(O)DIO-/(I)DIO-. O curso é *MORESÍDIÁ > **moresíia* > *maresia*. A isolação das falas galegas abriu caminho a labialização da pretónica, quer dizer, a *marusia*. *MORI mais -ESIO- daria esse *MORIESIO- “marinho”, que junto do sufixo abstrato -(Í)DIÁ, dá o *MORESÍDIÁ proposto. O que queria dizer? Difícil vertê-lo. “Marejada”? Talvez, mas a etimologia desta dista de ser clara. *Marejar* pode vir do vulg. **maridiare*, perigosamente próximo do que estamos a estudar, e portanto possível avatar verbal da mesma origem. A palavra pouco dirá a quem mora longe do mar, mas eu, urbano moderno, levo a herança desta íntima palavra, carregada de ecos profundos.

MARUJA, MARUJO, MARUJAINA

Nas falas galegas atuais estas palavras envolvem cruzamentos caprichosos e interessantes questões sociológicas. Chama a atenção o nome *Maruja* como diminutivo de Maria. Isso é recente. E devido às interferências que sofreu o galego ao deixar de ser veículo normal de comunicação do conjunto da sociedade.

Marujo é mais breve que *marinheiro* e domina na fala coloquial lusa. Galiza, isolada do resto do domínio, viu acantoadada a língua nos lavradores e marinheiros, sem classes letradas próprias (a alta nobreza decapitada ou expatriada, os judeus urbanos expulsos e os mosteiros dados a abades castelhanos). O que aconteceu? A maioria das mulheres dantes levavam Maria de nome mais uma advocação para evitar a perda identificatória. Fácil foi as mulheres dos marujos serem chamadas de *marujas* em tom depreciativo pelos castelhanofalantes. Depois a crescente incompetência dos galegos escolarizados em castelhano a respeito da língua popular deu em interpretar o nome como diminutivo de Maria. E havia muitas Marujas viúvas por causa do mar ou da emigração, como nota Rosalia (*Viúvas dos vivos e viúvas dos mortos*).

A festa da *Marujaina* vem da lenda que fala duma sereia que mora num castelo sumido no mar. Mistura tradições gregas e célticas. A sereia grega é sedutora que busca a morte dos mareantes. Na céltica (atlântica) as mulheres de além-mar são *melusinas* boas que tentam atrair o protagonista à viagem ao inconsciente (mar, bosque, poço, qualquer símbolo da psique inconsciente) para ganhar tesouro ou vitória. Li que na festa há um júizo a decidir inocência ou culpa da sereia. A inocência – e a bebedeira que segue à absolução – vence à condena, que supõe queima da efígie. *Marujaina* é *maruja* e *-aina*. Esta foi *-ânia* e antes *-ana*. O I epentético deu **Marujânia*, que teve metátese do I uns dous ou três séculos atrás.

MATA, MATO e MATILHA

É etimologia importante. Coromines (DCECeH, *mata*) aceita a segunda opinião de Meyer-Lübke, que antes dera étimo pré-romano e depois preferiu o lat. *matta* “esteira”, de étimo púnico próximo do hebreu *mittah* “cobertor, manta”. Aí os génios descansaram. É família viçosa em galego-português, com significados mais antigos e mais derivados. É hispânica... e do sul da Itália, distribuição que confundiu. Destaca Coromines os primeiros documentos em todas as partes terem sido coletivos: “grupo de árvores, pessoas ou animais”. *Ser mato* ainda significa “existir em abundância; ser grande, bom golpe”. O sentido coletivo tolhe a tese púnica; fora metáfora insólita em vozes do torrão e somente descansa nas modernas aceções castelhanas.

Em Hispânia cumpre partir do céltico e na Itália do osco; ambas as línguas tinham vocábulos da raiz a estudo, **mā-* “bom”, e acréscimos em *-T*, cf. gaél. *maith* (< **MATI-*) e gaulês *MAT-* (abreviado em Coligny), que qualifica os dias fastos. O osco tinha o dativo do plural *maatúis*, e o latim só *mānis* “bom”, e em *-T-* tão só derivados, como por caso *mātūrus* “em sazão, em tempo propício”.

O céltico tinha *MATI-*. E *MATU-* e *MATO-* na antroponímia (cf. o hispano *Admata* “muito boa”). A gemação no étimo era recurso expressivo das indo-europeias. Eis as locuções **MATTĀ* ([RĪMĀ] WIDWON) “boa ([quantia] de árvores)” e **MATTĀ* ([RĪMĀ] WIRON) “bom ([número] de homens)” ou similares, de elisões também expressivas. *Matilha* “grupo de cães de caça” não é castelhanismo, apesar de parecer diminutivo (não tem *matilla*; só *jauría*). O primeiro registo (XIV) é toponímico. Étimo é **MATTILIA*, adj. do diminutivo feminino célt. **MATTĪLĀ*, logo “boinha [quantia de cães]”. Unir derivações mantendo o sentido basilar é expressivo. A base não é hipotética; eis o antroponímico hispano *Mattilicus*, que, não anda longe.

MEIRELES

Perguntaram-me a origem do sobrenome da poetisa brasileira, e lamentei o vazio na informação disponível. À primeira vista parece nome de origem toponímica. Não pude situar o topónimo; muitos pequenos lugares foram apagando-se no decurso dos séculos. Mas temos a gramática histórica, que por reconstrução nos leva a um étimo que tem de ser **maiōrellīs*, ablativo-locativo do plural (frequentíssimo na toponímia baixo-latina) de **maiōrellī*, por sua vez diminutivo de *maiōres* “os antepassados; os antigos”. **Maiōrellīs* logo seria “nos antigos”, interpretação com muitos paralelos, o que brinda verossimilhança.

MENINHO, MENINO

Longo debate deu-se em torno destas palavras. Enfim, Machado recebeu a síntese de Coromines, que reunira os dados da história e demonstrou *menino*, no português padrão vir de *meninho* por dilação consonântica. As arcaicas falas galegas em geral conservam a antiga forma *meninho*.

Meninho supõe um étimo lat. vulg. **mīnnīnu-*, que Coromines supôs ser expressivo. Os dados românicos estão bem aduzidos, mas a meu ver não há razão para fechar a busca da etimologia indo-europeia, como ele fez ao recusar a origem céltica proposta por Diez, Thurneysen e Brūch. No DCECeH (*meñique*, p. 45) ele julga as palavras célticas por aqueles citadas como irmãs e não como filhas das românicas reunidas¹⁵⁷ e todas sem étimo indo-europeu. Pôde não tê-lo presente ao redigir o artigo, mas ora há outro panorama.

Vejam os neocéltico e as raízes indo-europeias. O ant. gaélico *menn* “cria de animal” usava-se muito para o cabrito, e para bezerras e poldros, o que sugere o velho sentido “pequeno, de pouca idade”. Há homólogos britônicos: galês *myn*, córnico médio *min*, bretão médio *menn* e *mennik*. É base para propor o célt. *MENNO- “pequeno”, talvez masculino. Lembre-se o E breve céltico ser fechado, ao invés do latino. *MENNO- à força tinha de passar à corrente latino-vulgar na forma **mīnnu-*. Ora, as palavras para “pequeno” usam sublinhar o sentido com recursos expressivos, quer sufixos diminutivos, quer gemação, que lá tinha a mesma função. Assim é como no tempo latino **minnu-* adiria o sufixo latino *-īnu-*, dando **mīnnīnu-*.

Quais as raízes? Há duas: a) **men-/m_oni-* “pequeno; diminuir” (Pokorny 728-29) e b) **mend-/mond-/mūd-* “peito, mama; amamentar e mamar” (P. 729). Köbler robora e nota: a) ser índia, arménia, grega, céltica, germânica, báltica, tocária e hitita, e b) ser ilíria, albanesa, itálica, céltica e germânica. É, houve cruzamento precoce das duas ao assimilar-se em céltico ND em NN. A geminada nova creu-se acarinhante e expressiva, como era usual nas línguas indo-europeias. O novo rasgo era natural nas pequenas crias de leite. Muito tempo deu medo meter-se no campo pré-romano, mas trás os ciclópicos avanços do próprio Mestre, não há razões para recusar a explicação mais simples, de evidência palmar.

MEXUTO

Sobrenome galego, grafado *Mejuto* no estado espanhol, mas o legítimo *Mexuto* dura em Venezuela. Tenho lido a opinião do Sr. Varela García, que fala num híbrido latino-gótico com uma antiga “*gheada*”, impossível pois que o fenómeno começou aos fins do séc. XVIII e inícios do XIX. Mas é verossímil a primeira parte da hipótese, onde vê o resto da palavra *homem* na sílaba primeira. Virá de **homem-enxuto*, que em data incerta desagregou *ho-*, ao supô-lo artigo. Pouco dá o O de *homem* ser aberto, e fechado o O do artigo: no composto o primeiro faz-se átono, logo neutro. Um curso **homine- exsuctu-* > **homēẽ eixuitu* > **homexuto* > o *Mexuto*. Ficam para um espaço menos urgente as complexas questões sobre as razões, ana-lógicas, do resultado *en-/em-* do prefixo latino *ex-*, talvez próximas das que deram a perda da nasalidade nalgumas falas galegas.

MIRÓBRIGA

O gaél. *mír* “bocado, porção de alimento” foi o célt. *MĪRON, de **mēms-ro-*, cf. lat. *membrum* “parte do corpo”, scr. *māmsam* “carne, alimento”, arm. *mis*, ant. esl. *męso*, gót. *mimz* n., gr. μηρός “coxa (da vítima)”. *MĪRON na península passou a “glória, honra, fama”, através da arquetípica e repetida cena da epopeia céltica, na que o festim era usual ocasião da disputa pelo Bocado de Honra do Campeão, lógica inversa à evangélica. Várias *Miróbrigas* houve. *Miróbriga* é latinização de *MĪRÓBRIXS “castro da Primazia (ou do Bocado do Campeão)”, nominativo pl. *MĪRÓBRIGES. O latim mudava o tema consonântico por causa dos acusativos célticos desses temas: sg. MĪRÓBRIGAN e pl. *MĪRÓBRIGĀS. *MĪRON chegou a mero sinal de vantagem, e o genitivo *MĪRĪ “do Bocado”, a “melhor”. *Castromil*, obscuro por híbrido, alumia-se no genitivo: é o latino-céltico **Castru- miri* “castro campeão”, entanto que outro enigma, *Orçomil*, virá de **Hordeum miri* “cevada ótima”. Estes topónimos provam a popularidade peninsular da epopeia pancéltica chegada no ciclo do Ulster. Só assim se entende que o tema MĪRO- atingisse tal grau de gramaticalização.

¹⁵⁷ Ant. fr. *mignot* “bonito”, fr. *mignon*, prov. mod. *mignou(n)*, cat. *minyó* “rapaz”. Não vou entrar nelas, sem prejuízo do parentesco.

MORPEGUITE e MORQUINTIÃ

No concelho de Mogia, comarca de Fistera, Corunha, há dous topónimos de origem germânica interessantes: *Morpeguite* e *Morquintiã*. Aquele é maior que o segundo. Os dous vêm de nomes de possessor, que dão nome à terra possuída (“terra de...”). Interessam por aparecer, à simples vista, muito próximos dos étimos, o que significaria que a língua dos invasores se falaria localmente até uma data bastante tarda.

Morpeguite virá de **Marhbegetī*, genitivo do baixo-lat. **Marhbegetus*, que adequa o germ. **Marh-begeta* “apanhador, caçador, de cavalos”. Contém duas palavras germânicas sabidas: **marχaz* “cavalo”¹⁵⁸ e **begetaz* “o que recolhe ao longo”¹⁵⁹. O nome – talvez ocidental, suevo – é anterior à segunda mutação do germânico – ainda não afeta o T – e é dos tempos da entrada das tribos nos territórios imperiais, nos inícios do séc. V. Os sons evoluíram na corrente românica andados os últimos séculos do primeiro milénio. *Morquintiã* virá de **Marh-kindilan(em)*, acusativo latino pela desinência, “o menino do cavalo”, que melhor fora glosar “senhorito cavaleiro”, formado por *marh* (< **marχaz*) e o diminutivo *kindila* “pequeno”¹⁶⁰. *Kindila* passou em românico para *Kintila*, com T, por ser o D muito oclusivo.

MOURO “espírito da terra”

Maragatos

Será o mesmo *mouro* “mauritano” e *mouro* “ser sobrenatural que mora em castros e mamoas”? Guiar-nos-á o étnico *maragato*. Muito se falou desta gente dos arredores de Astorga e o seu enigma. O nome é latino, não céltico; vem do lat. **mauri captus* “preso do Mouro”, com harmonização vocálica. É palavra semi-erudita¹⁶¹ para “enfeitado” e, metaforicamente, “parvo, imbecil”. Não é endoétnico, sim alcunha denegridora imposta por vizinhos hostis a um povo que ficou isolado, provável fruto da inveja pela prévia posição dominante, de Astúrica (Astorga), no tempo pré-romano, quando eram anfitriões no **OINAIKOS* ou assembleia vernal de agosto, sucedida com a capitalidade de Astúrica no *conventus*.

**Mauri* “do Mouro” regista cedo a aceção de *mouros* “espíritos da terra; deuses pagãos virados em démões ctónicos, moradores de castros e mamoas”, uns “antepassados perigosos, indignos de confiança”, diferentes dos *romanos*, julgados “antepassados prestigiosos”.

O rei *Mauregato*: O nome do rei *Mauregato*¹⁶² tem igual origem e explicação. Acaso era “prisioneiro de “mauritanos”? Não. A onda do Islã iniciada no 711 carregou secundariamente a alcunha. Ao *Mauregato* desse século diziam-lhe *usurpador*¹⁶³, *bastardo*¹⁶⁴ e acusaram-no de não adiantar a fronteira. A alcunha equivalia à do Carlos II *el Hechizado* (o Áustria *Enfeitado*). *Mauregato*, e *Hechizado*, não era senão “parvo, inepto”. O tempo adiu o sentido de submisso aos mouros históricos e disfarçou o sentido primo.

Ao receber a alcunha, *mouro* era sim “muçulmano” e “não batizado”, mas antes já fora “escuro, negro” e “de pele escura”, fruto do lat. *maurus* “mauritano, da Mauritânia”, Se *mouro* “muçulmano; sem batizar” não

¹⁵⁸ O indo-europeu **markos* ao certo só se vê em germânico e céltico (gaél. *marc*, galês, bretão e córnico *march*, gauleses *markan* [ac. sg. f.], *τριμαρκισια* “grupo de três cavaleiros”).

¹⁵⁹ Cf. ingl. *beget* “procreate” (< “acquire”), ant. sax. *bigetan* “seize”, alto alem. ant. *pigezzan* “receive”. Os sufixos de agente **-az* e **-end* do germânico antigo (indo-europeu **-os* e **ant-*) foram banidos por *-arjaz*, vindo do lat. *-ārius*. **Begetaz* vem do indo-europeu **(am)bhi-ghed-os*.

¹⁶⁰ Germ. **kínþa*, alternante com **kinðá-*, “menino”, de **gênto-/gêntó-*, raiz **gên-/gênə-* “to bear, produce” (Pokorny 373-75).

¹⁶¹ Popular seria **mouregato* ou **mourigato*, em castelhano **moregato* ou **morigato*.

¹⁶² O rei *Mauregato* (783-788) leva por nome uma alcunha injuriosa. Quase todos os dos reis da primeira reconquista som alcunhas ou nomes de entronização, raro nomes de pia.

¹⁶³ Sem monarquia hereditária, é usurpação dúbia. Comparavam-no com Afonso II o Casto, rei mais de 50 anos vencedor de mouros.

¹⁶⁴ Filho de serva, o que pôde ser certo ou secundário.

pode ser anterior ao profeta do Islã, “escuro” já está em S.^{to} Isidoro de Sevilha (século VI, anterior de leve a Maomé), falando de cavalos ¹⁶⁵. Logo *maurus* “negro” existia antes do Islã, e daí vem o *mouro* “espírito”.

*Por que **maurus** “escuro” é também “espírito da terra”?*

Isidoro Milhão González-Pardo viu que os galecos da montanha, no Império e na alta Idade Média, ao ouvir o lat. *maurus*, criam ouvir uma variante do célt. *MARWO- “morto” (“antepassado” e na cristianização “ser sobrenatural”), cf. a equação do lat. *taurus* e o célt. TARWOS ¹⁶⁶. Ouviam o lat. *mauri* “escuros” e entendiam ser alteração do seu próprio **MARWOI** “mortos, fantasmas; antepassados”, o que os latinos chamavam *Lares Viales*, tão frequentes na epigrafia galeca, e que depois virariam nas atuais *almas penadas*.

A folclorização produziu sincretismo igual ao da Irlanda cristã, na que os velhos deuses passaram a morar nos túmulos – explicitamente distribuídos pelo Dagda –, enterramentos megalíticos como New Grange, e a partilhar espaço com as sombras dos avoengos e a elas assimilados. No relato da *Concepção de CúChulainn* – posto por escrito e modulado no tempo cristão –, umas mágicas aves “voaram ao sul até às beiras da Vaca Branca, onde moram os deuses” ¹⁶⁷. Aliás, a denegrição dos deuses pagãos foi maior em Hispânia do que em Hibernia por causa da evangelização diferente, e esse carácter cresceu com o clima bélico da reconquista.

MOUTA

É *moita* na língua geral, mas dantes foi *mouta*, que ainda vive nas falas. Sempre é “grupo espesso de plantas”. Não deve confundir o castelhano hoje chamar a isso *mata* (palavra ensarilhada com esta, que já estudamos). Como tantas vezes, aqui aproveitamos dados coligidos por Coromines. Excluo o fr. *motte* “butte, éminence de terre” e palavras aparentadas, que não podem vir de étimo com ditongo; é família que põe questões que seria ora ocioso abordar. Mas talvez não seja o caso do cast. *mota* “cabeço”.

Mouta tem prolongações peninsulares; há leonesas claras, e catalãs, evidentes na semântica: Maiorca *mota* “feixe de vergõteas, flores ou espigas nascidas do mesmo pé”, “mouta de alfavaca”. O catalão do continente tem aceções metafóricas: “grupo de pessoas”, “massa de dinheiro”. Por arcaicos, quadra notar sobretudo os casos bascos: na Navarra êuscara há *malta* “mouta”, e no vale de Salazar *malda*. Desta Coromines destaca que, para sonorizar o T, o L deveu de ser muito antigo. Logo o L descarta o étimo *MOUTA que Coromines atribui ao nosso *mouta* ¹⁶⁸.

Há logo o étimo *MALTĀ, cf. *outra* < *altera*, *souto* < *saltu-*, *fouce* < *falce*. A difusão através da península convida a buscar na língua pré-romana geral, o céltico. Há base suficiente? A meu ver há, mas algo indireta. No Vendryes vejo o ant. gaél. *mell* m. “rotondité, rondeur, bosse, tout objet de forme ronde (globe, balle, boule, colline, fesse, etc.), de *MELLOS, MELLĪ, talvez a par de *MELLOS, MELLESOS, cf. o genitivo *melle*. Virão de **mel-no-* e de **mel-n°/os*. Em gaél. também há *mul*, m. “masse ronde, boule”, às vezes “tête”, de *MOLUS talvez. Vendryes diz que o sentido próprio pôde ser “tas conique” e que a raiz **mel-* viria a surgir no albanês *mal’* “montanha”, de **mol-no-*. A raiz será **mel-* 8 “aparecer, surgir” (Pokorny 721), índia, grega, ilíria, alba-nesa, céltica, báltica e eslava. Não é semântica concludente. Talvez cruzou-se **melōd^h* “elevação; cabeça” (Pokorny 725), cf. cast. *mota* “cabeço” e alb. *mal’* “montanha”.

De momento vejo um étimo imediato *MALTĀ, do pancéltico *MELTĀ, feminino substantivado do adje-tivo ou participio perfeito do tema verbal **mel-* “aparecer”, às vezes, fora do nosso domínio, contagiado com a outra raiz. A vogal radical mudou por metafonia. Que nome modificava aquele adjetivo? Decerto um feminino com o significado de “planta” ou “arbusto”.

¹⁶⁵ *Etymologiae* XII, cap. 1.

¹⁶⁶ *Vencelhos galeco-irlandeses. Arredor dum livro da Dra. Keating*, em *Grial*, nº 108, T. XXVIII, 1990, pp. 539-553.

¹⁶⁷ A *Vaca Branca* é o rio Boyne, Leinster, onde é *New Grange*, nome inglês do gaélico *Bruig na Bóinne* (< *MROGIS [SINDĀS] BOUWINDĀS “comarca (do rio) da Vaca Branca”). *Bruig*, antes “país”, agora é “morada”, a tumular e principal do deus Dagda no tempo folclórico. Contam que com a cristianização os deuses abrigaram-se nos túmulos, e que o Dagda foi o que os distribuiu.

¹⁶⁸ Nota 3 do verbete *mota* do DCECeH.

NACHO, NARCHO

Hoje palavra só galega, estaria nos falares do norte português. O significado é “desnarigado, de nariz chata ou pequena”. Coromines cria-o hipocorístico de *naso*. Hipocorístico é, mas não há provas de *naso* existir na língua antiga. No castelhano atual *naso* entrou tarde do italiano. É contradição nas premissas que pede revisar os dados. Um pouco por todas as partes corre a variante *narcho*, registada por Cuveiro (1876), Filgueira Valverde (1926) e Aníbal Otero. Testemunho indireto há no séc. XVIII, no P. Sarmiento, que traz o derivado feminino *narchada*, sinónimo de *nacha* (*Catálogo*, 222v).

A forma dupla supõe um étimo vulgar **nāsculu-* “narizinho”. O grupo latino não intervocálico *-sculu-* dá principalmente *-cho-* (cf. *macho*, de *masculu-*) e, às vezes, também *-rch-*. O grupo românico *-sch-* é instável e mostra duas evoluções: *-ch-* e *-rch-*. No galego oral abunda o primeiro: *falache* “falaste” veio de *falasche*, e este dum **falasti*, que palatalizou o T.

Mas temos caso duplo em *murcho*, na Galiza com a variante *mucho*, logo caso paralelo de *nacho-narcho*. Não duvido de Schuchardt e Coromines terem atinado ao tirá-lo de **mustidu-*, por *musteu-*, que deu **mústio*, como em castelhano, que palatalizou o T por causa do iode: **muscho*. Na língua comum houve rotacismo do S, que o galego algures elidiu: *murcho* e *mucho*.

O étimo **nāsculu-* mete-nos na polémica de se a palavra raiz **nās-* no latim durava a par do tema ampliado em I, quer dizer, do *nāsi-* de *nāres*, *nārium*. O dicionário dos Ernout-Meillet nega; os dados documentais não deixavam até lá supôr o **nās-* latino, mas ora o dado românico de *nacho-narcho* muda o estado da questão. Aliás, não é razoável pôr étimo ulterior céltico. Um célt. **NĀSTLO-* não tem apoios nos registos do céltico.

NARAÍO

Misterioso é *Naraío*, nome de uma freguesia do concelho de São Sadurninho, comarca do Ferrol. Atração aí principal são as ruínas de um *famoso castelo, para a tradição construído por “mouros”*. Há poucas notícias históricas: há dados desde o XI e a construção atual seria de inícios do XIV, abandonada no XVII. Quase rodeado pelo rio (*do*) *Castro*, continuará o castro que o rio alude (decerto céltico). O nome *Naraío* talvez nos informe. Guia-nos o orónimo asturiano *Naranco*, famoso pelo palácio de Sta. Maria do *Naranco*, de Oviedo, e o impressionante *Naranco* de Bulnes, que Coromines explica pelo célt. **NERANKOS* “gigante”, raiz **ner-* “força vital; homem” (Pokorny 765) e sufixo pré-romano *-ANKO-*¹⁶⁹. O *-R-* abre foneticamente o timbre da pretónica. Dessa raiz há um nome latino, sabino pela origem, que nos fará continuar: *Nerō*, *Nerōnis*, cognome da gens Cláudia, de origem osca, que para os latinos era sinónimo de “forte”. Ernout-Meillet precisam o sufixo *-ōn-* notar aí «*la qualité portée à un haut degré*». *Nerō* era “muito forte, de grande força”.

De *Nerō* é o lat. *Nerōnius*, cujo par céltico seria **NERĀNIOS*, que deveu de existir: o céltico tem a raiz e o sufixo *-ĀN-* (< *-ōn-*). Desse **NERĀNIOS*, com o acréscimo do sufixo céltico de adjetivos *-DIO-*, virá um **NERĀNÍDIO-*. A queda sistemática dos *-N-* e *-D-* intervocálicos na nossa língua leva à forma atual. Para a desinência cabe lembrar o étimo do antropónimo *Garcia*, de **KARKÍDIĀ* “garçalidade”, que é o abstrato de **KARKIIĀ* “garça”. Nesta altura a solução é fácil. *Naraío* tem de vir do célt. **NERĀNÍDION*, neutro que no céltico calaico queria dizer “o (Oppidum ou DŪNON) da Grande Força”. As fotos na Rede mostram um castelo singular. Em 2008 começaram trabalhos de reabilitação; em maio de 2010 acometeu-se outra etapa. Culminada a pesquisa arqueológica e a consolidação da obra subsistente, não fora má ideia que, em tempos melhores, se financiar o restauro pleno para um fim útil: hospedagem, museu...

¹⁶⁹ *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Sala-manca, 1974, pp. 106 e ss.)

NOSSO

Não vejo explicação suficiente da mudança do vulg. **nostru* para *nosso*. Serafim da Silva Neto via analogia: “*nostru* e *vostru* foram substituídos pelas novas formações **nossu* e **vossu* pelo molde de *me: meu*”¹⁷⁰. A analogia, frequente na flexão verbal, não o é nos possessivos. É mais gravitante uma alteração articulatória pelo substrato. Também hipotética, ao menos em parte é mais verossímil. A etimologia de *Orraca* nota o céltico ter durado no norte até perto do 1000. O longo convívio do latim com a opaca língua popular influenciou mais do que se cria. Sabe-se que o céltico, em tempo histórico, sofreu a metátese ST > TS. Bem que ainda restem detalhes por desvendar, o fenómeno é conhecido. Eis *vassalo*, do latim *vassallus*, empréstimo do célt. *WASSALLOS ou *WAPSALLOS, de **upo-sthallo-* “que está por debaixo”. Os passos foram: ST > TS > PS. A partir daí, goidélico (e calaico) e britónico têm rumos algo diversos. O goidélico é regular na metátese, que deu SS, no gaélico em S. No continente também há metátese¹⁷¹, mas irregular. O curso ulterior de PS complica-se em neocéltico, românico e germânico. O que importa agora é o passo ao latim oral que nota *vassalo*. Se o é latim vulgar **nostru*, que quadra aguardar do coligido? O empenho articulatório daria **notsru*, de dura pronúncia, simplificada em **notsu* ou **noþsu*, e mudada como *vassalus*.¹⁷²

QUE ESCONDE A HUMILDE OFERTA?

Apesar da aparência, *oferta* não é do latim. Como em *cantiga*, a sua aparência de forma latina disfarçou-a e fê-la sobreviver apesar de ser pré-romana. Coromines disse¹⁷³ que o ast. *ofierta* “oblata de milho, trigo ou de roscas de pão” virá de um vulg. **offerita*, mas isso daria ast. **oferda*, **oferda* na nossa língua. Bem diz o cast. *oferta* ser de origem gálico-românica, como notam a falta de ditongo e o uso apenas comercial (“ley de oferta y demanda”, “ofertas de temporada”). Nada como a *oferta* portuguesa, que é popular e unida às camadas culturais mais antigas, já nas Cantigas. Machado propõe um étimo analógico, **offerta*, que substituiria *oblata*. É possível, mas fica em cifra algébrica, hipótese abstrata necessitada de mais estudo.

Empréstimo de além-Pirineus pelo Caminho de Santiago? É improvável pelo âmbito íntimo dos usos. Onde é que nascem as formas gálico-românicas de RT, substantivas ou participiais? Cuido termos um caso como o de *rima* e *arrimar*, de cariz greco-romano e origem céltica. Para provável foco lembre-se o mais velho documento do eclesiástico *offertorium* ser de Santo Isidoro de Sevilha, no séc. VI. Certo que Comodiano, de fins do II, já traz *offertor*, mas não sabemos donde ele era. Houve paretimologia com *offerre*. Enquanto *ferō*, *ferre*, se perdia, o *offerō* ficava no âmbito religioso. Aí também o fr. *offerte* equivale a *offertoire*. Nossa *oferta* tem claro tom religioso; sinónimo de *oferenda*, *ex-voto*, *dom*, de todos os *sacrifícios* populares trás a substituição cristã dos cruentos pela Vítima eucarística.

Como diziam “sacrifício” em céltico? Haveria várias palavras, mas o neocéltico conflui num étimo: a) gaél. ant. *audbart*, *edbart*, *idbart*, f. em -Ā, nome verbal, “oferecer” (hoje *íobairt* [iβeɪɾʲ], atraído aos temas em I); b) os britónicos galês *aberth* e bretão *aberz*. Thurneysen e Pokorny têm proposto o étimo *ADUSSBÉRTĀ, formado de AD “a, para”, USS “arriba” (ie.**ups* > célt. UXS > USS ou ie. **ud-s* > USS) e BERTĀ “levada” (**bher-*). É curso fatal. No românico ocidental – contexto do diglósico bilinguismo celtolatino – o -D- caía, e o ditongo átono a nascer pronto se reduzia. O -SB- deveria passar por assimilação regressiva (-ZB-), mas o lat. *offerre* (ou equivalentes vulgares) fazia preferir o disfarce de outra assimilação, a progressiva: -SB- > -SF- > -F-, tal qual no cast. platino *resbalar* > *resfalar* > *refalar*.

Vista a extinção de *ferō* e dos mais dos derivados (populares), é de perguntar-se a razão de durar *offerō* no latim eclesiástico. Por que não venceram os unívocos *missa* e *oblata*? *Fertum*, *ferctum*, “pastel de sacrifício”, além de raro, era neutro, sem sílaba pretónica. No máximo pôde ser um harmónico ou reforço paretimológico.

¹⁷⁰ Serafim da Silva Neto, *História da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Presença, 1986, pág. 234.

¹⁶⁷ *KÁSSANĀ (de **kastanā*), que deu fr. *chêne*. Bem que pouco tenham entre si, aparenta com o lat. *castanea*.

¹⁷² A mudança é paralela à do antigo castelhano *maesso*, de *magistru*, que Coromines nota que se aplicava a pessoas de “condição modesta”, logo tratamento mais popular e coerente com o maior peso do substrato.

¹⁷³ DCECe H, IV, p. 633b, 17.

A razão funda era a presença oportuna de ADUSSBERTĀ-AUSBERTA, que fácil resvalava a *OSBERTA, e daí ainda mais fácil para *oferta*. Desse jeito atingia dous intuitos. De um lado, disfarçado sob o saio latino, enervava a censura do latim dominante. Do outro, na nova família vigorava o verbo *offerre*, moribundo, do qual criam que vinha. Trás a perda, foram formas próximas **offerire* e **offerescere* que se abriram caminho.

Além do interesse histórico da “vítima levada arriba”, deveriam avaliá-lo os romanistas. Mal que arrepie, estou certo de que toda pesquisa histórica terá de embrenhar-se nas trevas do substrato, se é que se quer saber algo do passado. *Rima*, *arrimar*, *cantiga* ou esta *oferta*, notam a importância do labor.

OLGA

Apesar de dita “de origem obscura”, *olga* “leira” tem étimo em Meyer-Lübke: célt. hispano *ŎLGA, var. do gaulês ŎLCA “campus fecundus”, em Gregório de Túrones, do indo-europeu **polkā* “campo arroteado”, cf. ingl. *fallow*, alem. *felge*. Coromines resume-o bem, mas diz ser um tipo pouco representado em português, o que é lapso do mestre (DCECeH, *holgar*, n. 7). É português do âmbito rural. O cast. *huelga* “horta na beira do rio” regista-se antes. Entre nós, no séc. XV, cf. o *Elucidário*. O étimo não é desconhecido, mas a variante *OLGĀ é difícil de explicar. Em Hispânia dantes só se lê OLCA (*Octaviolca*), e daí é também o fr. *ouche*. Eu antes cuidara OLCA ser uma latinização fonológica, cf. *Alpes* < *ALBES, pois que trás líquidas as oclusivas sonoras célticas soavam surdas aos latinos, mas a etimologia indo-europeia **polkā* parece segura. Trás recusar explicações, Coromines insinua duas: paretimologia de *holgar* (só serve ao castelhano) ou variante anaptíctica, registada três vezes além-Pirineus na época merovíngia: OLICA. A meu ver esta é a certa.

*OLKĀ durou nas terras longes, mais livres da influência latina. A par coexistia uma variedade anaptíctica de vogal neutra que desfazia o grupo de consoantes, de cor I no baixo-lat. OLICA. Na península ŎLCA durou menos. A anaptixe venceu no celtibérico, cf. H. Schwertek¹⁷⁴ e o grã epígrafe de *Peñalba de Villatar*. Aí **OLOGAS** tem a oclusiva – já intervocálica e sonorizada. A cor O da vogal anaptíctica deve-se ao L implosivo velar. À anaptixe ajudou a fugir dos ecos de *ULKO- “mau” (gaél. *olc*), oposto semanticamente.

ÓNEGA

É sobrenome de Lugo, com presença em Bretonha, Pastoriça, Pol, Fominhã, Castro-de-rei e outras partes do nordeste da província. Algures li a opinião de ter algo com *Oneca*, *Onneca*, nome que creem ser o feminino do antigo basco *Enneco*, donde o castelhano *Iñigo*. De *Enneco* alhures opinei vir do céltico, a língua lá geral na península, como língua materna ou franca (de bascos e iberos). Também se diz ser variante de *Dónega*, *Dóniga* ou *Valdónega*. Mas, apesar da aparente semelhança, estes últimos nada têm com *Ónega*: vêm do vulgar *dómñica*, clas. *domínica*, quer dizer, “a (terra) do senhor”. Na América do Sul, sobretudo no Rio da Prata, *Ónega* soa *Onéga*. Original é o tom na primeira sílaba. Não escrever-se acentos no tempo da expansão americana fez a pronúncia além-mar ser paroxítona. Os *Nóvoa* e *Ínsua* também lá viraram em *Novoa* e *Insua*.

Matéria escassa, mas *horror vacui* obriga. Quadra buscar no pré-romano do lugar onde nasceu. Cf. a gramática histórica, étimo será *ONNIKĀ. Tirando a desinência adjetiva, fica o tema *ONNO-, étimo do gaél. *onn* “freixo” e “pinheiro”. Aí para “freixo” era, e é, mais comum um derivado de *onn*: o irl. ant. *uinnius*, escocês *uinse*, vindos de *ONNESTUS f. O célt. *ONNOS é assimilação de *OSNOS, de **osnos*, cf. lat. *ornus* f. (< **osinos*), o germânico **askiz*¹⁷⁵ e vozes gregas, arménias e baltoeslavas. Uma espécie arbórea a originar um sobrenome? A mente antiga andava por caminhos para nós distantes. A natureza estava cheia de significados e símbolos. Mas aqui a resposta será mais simples: de freixo faziam as lanças. Os nomes gaélicos designavam as árvores e também eram uma metáfora cristalizada dessas armas, as lanças. Das variedades do freixo recebia especial atenção o *fraxinus excelsior*, cujos ramos – retos, longos, tenazes e elásticos – são tão aptos para fazer lanças. Partilhar o pinheiro o nome virá da verticalidade dos troncos. A nota bélica é patente, mas é de lembrar também o matiz de alongada elegância presente nas falas galegas, que usam o adjetivo *lançal* para o conceito de “esbelto, alto e delgado”, cf. o fr. *elancé*.

¹⁷⁴ *Actas del II Coloq. sobre Lenguas y Culturas prerromanas de la Penín. Ibérica*, Tubinga, 1976, Ed. Univ. de Salamanca, pp. 188 e 189.

¹⁷⁵ Donde o islandês ant. *askr*, anglo-sax. *aesc*, ant. alto alemão *asc*. O germ. **askiz* supõe indo-europeu **oskis*, de outra desinência.

ORDONHO

Nome de quatro reis do primeiro reino da Reconquista: *Ordonho* I (rei de 850 a 866), *Ordonho* II (914 a 924), *Ordonho* III (951 a 956) e *Ordonho* IV (958 a 960). Desusado, o patronímico *Ordonhes* dura, cf. castelhano *Ordoñez*. Apesar de Gutierre Tibón – que o tira do lat. *Fortunius* pelo basco –, tem uma origem céltica clara. Coromines tirou-o do célt. *ORDOS “martelo; polegar” (DCECeH I, 365. 13-15). É outra prova de o céltico perviver para fins do primeiro milénio cristão. *ORDONIOS significava “o do Martelo” (ou “do Polegar”). Martelo e polegar eram, e são, comutáveis símbolos da força, cf. os nomes Charles Martel e mais Hernando del Pulgar. *ORDONIOS é também étimo do gaélico ant. *oirne* “polegada”.

ORRACA

E O FINAL DO CÉLTICO HESPÉRICO

Intriga a origem do sonoro nome, tamanho no medievo e depois subitamente banido. Trevas dantes e trevas depois. Pouco dá o apelativo castelhano *urraca* “pega”; Coromines diz não ser outro que o antropónimo dado à ave, que em todas as partes leva nome de mulher pelo arremedo de uma voz gárrula que se supõe feminina; surge no séc. XVI, quando o nome de mulher já saíra do uso.

Coromines, trás recusar hipóteses caducas, detém a pesquisa julgando-o pré-romano, “quicá ibérico e acaso mesmo aparentado com o basco”. Como costumava, Coromines, a não chegar a termo certo, deixava o campo ordenado, com os dados para acabar a busca. Tentá-la-emos, mas antes aclaremos uns factos pertinentes, não computados, talvez úteis na hora de etimologizar.

Dados históricos

- a) O nome surge no séc. IX, abunda até o XIII, e languidece até fins do XIV.
- b) Nos três primeiros séculos, as *Orracas* (e *Urracas* de Castela) das crónicas são todas *mulheres de reis*. Só após o séc. XIII, começam a levá-lo mulheres nem esposas de reis nem reinantes.
- c) É de todo o Norte, da Galiza a Catalunha. Recuso o asserto de ser raro em português, e logo um empréstimo do castelhano (DCECeH). Leva-o a filha de D. Afonso I de Portugal, mulher de Fernando II de Leão.

O segundo ponto é fulcral. Primeira que registo, na *Crónica Galega*, é a mulher de Ramiro I de Leão (rei de 842 a 850). Em Navarra chama-se assim a mulher de Garcia Éniguez (rei de 851 a 870), morta de uma lançada que lhe provoca o parto. No X destaca uma filha de Sancho I de Navarra. Das quatro filhas, Sancha, *Orraca*, Maria e Velasquita, só a segunda casou com rei, de Leão. Caso curioso é o das *Orracas* sucessivas de Fernando II de Leão, a dita filha do rei de Portugal e a *Orraca López*, filha de Lopo, senhor de Haro.

À rainha de Aragão de 1137 a 1162 ao nascer “*disserom Dona Peroniela* (Petronila). *Mas mudaram-lhe depois o nome et chamaram-lhe Dona Orraca. Et esta Dona Peroniela foi casada com o conde Dom Reimom de Barcelona.*” (*Crónica Galega*, pág. 291, 53). Por que muda o nome? Nos IX, X e XI todas são *esposas de reis*; no XII duas reinam de direito próprio: Petronila-Orraca de Aragão e Orraca de Castela e Leão, rainha *per se* de 1109 a 1126.

As variantes formais dos documentos: *Orraca* é nossa forma mais frequente¹⁷⁶. O O- átono da grafia é irrelevante como todos os átonos (sobretudo em final absoluto, que não segue o vocalismo lat.-vulg. de tipo “napolitano” e sempre soou U). Dá mais informação um texto do norte castelhano (Cantábria?), do ano 1285. Coromines topou-o nos *Documentos Lingüísticos de España* de M. Pidal (67.18, 23, 24). Três vezes lê-se ali *Vurraca* e uma *Burraca*. Daí veio a ocorrência que ainda me pasma. A grafia nota uma inicial semiconsoante, um uau em curso de se consonantizar. O fonema uau peninsular no XIII parece insólito. Pode-se ignorá-lo ou despachá-lo com qualquer expediente, e cabe indagar o que aguarda ao fim do tunel.

¹⁷⁶ A *Orracca* de duplo C (Coimbra 1094) só nota que o copista sabia a equação latina da oclusiva velar surda intervocálica do vulgar.

Buscar o étimo, reconstruir o monstro: As grafias *O-*, *U-*, *Vu-* e *Bu-* confluem no fonema uau. *Vurraca* – a letra deve estudar-se *in situ* – mostra a letra W, inventada pelos anglo-saxões para o uau e rápido esparsa. Um copista insular é possível, mas não necessário. Aliás, *Bu-* também figura o uau, no linde com a consoante¹⁷⁷. Falar em uau parece ousado. Supõe o grupo WR- de outras línguas, não românico: é inglês, foi germânico. E céltico; nas ilhas durou até perto do séc. VII: em gaélico fez-se *fr-*, e em britónico, *gwr-*. Aqui o que há não é WR, mas WRR, de R similar ao inicial e de evolução paralela: o substrato reforçou o R inicial hispânico e gascão¹⁷⁸.

Leio *Wrraca*, que transcrevo *WRaka*, pois não é palavra românica, mas sumida em meio bilíngue. Esse C intervocálico virá de -CC-; o reforço do R-/WR- e a simplificação das geminadas são solidários na lenição. *Orraca-Urraca-Vurraca* *WRaka aponta para um étimo *WRAKKA. Quadra buscar no campo pré-romano ou no germânico. Neste nada há. A lenição induz buscar no céltico.

*WRAKKĀ

Há vozes célticas deste feitio? Há, e não posso crer não se virem antes. O antigo gaélico tinha *fracc* “mulher, esposa”, vivo no escocês *frag* “id.”. No britónico existe galês *gwrach* “bruxa”, ant. cón. *gruah*, mod. *gwrach*, bret. méd. *groach*, mod. *groac’h* (Léon *grac’h*) “velha”. Todas do étimo céltico a encabeçar este parágrafo: *WRAKKĀ “esposa”, de semântica fácil de ver: “esposa”, valor jurídico, deliu-se em “mulher”, que resvala erráticamente. A voz escocesa é “mulher, esposa”, cf. Thurneysen de conotações positivas: “a kind wife”.

Donde veio *WRAKKĀ? Era o hipocorístico de *WRAKŪ, WRAKONOS f. “esposa”, palavra jurídica, donde galês *gwraig* (< *wraik̄ < *wraikū), ant. cón. *grueg*, *greg*, méd. *gurek*, mod. *gwrēg*, bret. méd. *gruec*, mod. *groek*, *grouek*, Léon *grek*. A construção hipocorística é usual: redução, geminação expressiva¹⁷⁹, adição do morfema -Ā do feminino. O étimo indo-europeu não é claro; Pedersen compara com o lat. *virgō*, *virginis*, próximo, não igual, que Ernout-Meillet declaram de origem *ignota*. A meu ver atinou Pedersen: *WRAKŪ e lat. *virgō* não têm tão só feítios próximos, mas semânticas contíguas. A noção original é “esposa, desposada”, só jurídica. O latim só foca o lapso entre esponsais e início da coabitação, entanto que o céltico o usou para todo o tempo do matrimónio. Será alucinação? Sigamos. O curso é: célt. comum *WRAKŪ, WRAKONOS > hipocorístico *WRAKKĀ > célt. hespérico *wRaka, já lenido, > romances *orraca* e *urraca*.

Corolários

- a) Cada vez se sabe melhor quão pouco sabemos do meio linguístico de fins do primeiro milénio. Saem dados pasmosos, e nós a dizer que “o rei vai vestido”.
- b) Os montanhese do norte ainda falavam céltico. Só ficam rastos toponímicos (apenas se escrevia o latim); o não latino era invisível, mesmos os romances. Das *Orracas* de reis surge a língua viver nos sécs. IX e X.
- c) O Reino de Leão (sequela da Gallaecia para cristãos e muçulmanos) era terra rude e sem letras. Os montanhese que apenas falavam céltico – arcaico e próximo do gaélico – nessa língua residual chamavam de *Esposa* por excelência à do rei. Até o séc. XII foi só de rainhas por casamento. Então surgem desse nome duas rainhas *per se*. Petronila-Orraca é dúbia: ementam a mudança de nome e a seguir o matrimónio com o conde de Barcelona. A castelhana, que foi rainha de 1109 a 1126, já demonstraria opacidade: em céltico chamariam-na *RĪGANĪ, não *WRAKKĀ.
- d) Não se percebe diferença entre cântabro e calaico: a palavra é compartida pela cornija cantábrica¹⁸⁰.
- e) *WRAKKĀ ser mesmo de Navarra e Aragão diz o céltico ser ainda uma língua franca popular, misturada de romance mas com estruturas subsistentes, e só em parte substituída na função pelo latim, língua franca

¹⁷⁷ V. *Bráulio*. Textos leoneses (Galécia medieval) grafam -BO- o uau médio. M. Pidal chama-o de anti-hiático: 944 *Brabolio*, patroním. *Braboliz*, 1097 *Brabolio*.

¹⁷⁸ Jungemann, *La Teoría del Sustrato y los dialectos...*, Madrid, 1955, p. 258.

¹⁷⁹ Redução e geminação como a de *Eporedorix* a *Eppos*.

¹⁸⁰ Nem entre calaico e lusitano, cf. *Promontorium Artabrum* (Plínio IV 113), Cabo da Roca, norte da foz do Tejo.

culta. Aí converge *Pompaelo* e *Barcino* não dar os regulares **Pamplon*-**Barcelon*, dos acusativos latinos *Pompaelonem* e *Barcinonem*, mas *Pamplona-Barcelona*, de uns acusativos célticos **POMPAILONAN* e **BARKINONAN*. Isolados há tanto tempo, os bascos protegiam a identidade usando sempre duas línguas, a própria e íntima, e a externa ou franca. Esta foi primeiro o céltico – por mais tempo do que se cria –, após superpondo-se latim, ora francês e castelhano. O uso seria não só basco, também ibero.

Por que diziam “Esposa” por excelência à do rei? É inercial rasto pagão da concepção antiga da monarquia, iluminada n’*O Ramo Dourado* de Frazer. O rei era (ainda é no inconsciente) sacerdote antes que magistrado, o mágico consorte da Mãe Terra, que com a sua potência física garantia a fecundidade dela. Daí a pré-histórica prerrogativa da defloração das donzelas, que resultou na origem das repúblicas. Eis a lenda romana da violação de Lucrecia e outros rastros mal pesquisados, como o inicial rechaço bíblico da instituição. Tal carácter, opaco nos reis históricos, chega subliminalmente à cultura atual.

Num quadro de tácita poligamia, a “Esposa” por excelência era a primeira mulher do rei legitimada para ser mãe do herdeiro convocado a suceder. Esta explicação ainda não deixa sentir a força expressiva que o nome tinha. Essa força vinha por ser a representação física, a humana teofania da Mãe Terra. Veja-se também *Ôsório*.

Como apêndice, reproduzo um artigo publicado no boletim da *Fundación Vasco Argentina “Juan de Garay”*, de Buenos Aires, set., 1996.

PAMPLONA y algunos misterios de su etimologia

El nombre latino de Pamplona, POMPAELŌ, POMPAELŌNIS, no se gestó en el seno de la lengua del Lacio. Tiene que haber sido acuñado por euskaldunes y rápidamente incorporado a la lengua del imperio. Se sabe que el topónimo honraba la figura de Pompeyo. Éste tenía un nombre osco o umbro: **Pumpais* > **Pompaiois* “quintus”. El otro elemento, hoy no tan conocido, es el protovasco **ILUN* “ciudad”.

Una vez acuñado el nuevo nombre, pasó a la lengua del Imperio, donde a favor de la opacidad su fortuna se prolongó indefinidamente. En vasco, en cambio, como consecuencia de la transparencia intralingüística, la suerte del topónimo por fuerza debía ser paralela a la del jefe romano. Éste derrotado, naturalmente quedó el vasco **ILUN-AR*, que sufrió rotacismo de la antigua L dulce, caída de la -N- intervocálica, generación de una palatal nasal desde la -I- antihiática nasalizada, reducción del demostrativo-artículo enclítico, aglutinación con pérdida de la función sintáctica y nueva incorporación de artículo; *Iruñea*. En latín, POMPÆLŌ quedó cristalizado en su estructura.

Si nos propusiéramos imaginar la hipotética evolución de ese protovasco **POMPAILUN-AR*, hoy habría un riguroso **Banberuñea*, con paso en regla de P a B, resolución del diptongo (pretónico en la prosodia latina) por la pronunciación latina popular de la época del imperio, y con el rotacismo y demás fenómenos mencionados en relación con **ILUN-AR*. También cabe notar el mantenimiento del timbre único de la U vasca. Sobre la caída de la N intervocálica, producida en algún momento entre los siglos III y VIII, se debe abundar. Meyer-Lübke, sistematizando datos de Gavel, Altube y Azkue, clasifica las soluciones de la vieja -N- intervocálica en el vasco conocido, y muestra que el protovasco -UNA puede pasar a -ÛA y luego a -UMA, como en portugués moderno, o en otros dialectos a -UA: latín *cūna* > vasco *kuma* o *kua*. El fruto regular debía ser **Banberuma* o **Banberua*, en vez del antes propuesto **Banberuñea*. Si opté por éste es por el *Iruñea* real. El fruto -UÑE- supone la presencia regular de un sonido palatal (¿antihiático?) interpuesto entre las vocales tras la caída de la -N-: -ÛIA/-ÛIE.

Hasta aquí, más allá del obvio interés de conocer los orígenes y revivir mundos perdidos, no encontramos grandes sorpresas. Pero si, aceptada la condición románica del topónimo POMPÆLŌ, tratamos de seguir el curso real de su evolución, surge un curioso fantasma. El carácter románico de *Pamplona* exige aplicar las reglas de la gramática histórica. No cabe duda de que el acusativo latino POMPAELŌNE- (el caso del objeto directo, base de las formas románicas sin declinación) debía dar regularmente el cast. **Pomplón* o **Pamplón* (El timbre de la vocal pretónica siempre es lábil y no está en cuestión, pero adelanto mi convicción de que se debe a la pronunciación nasal de la vocal, que sustituye la articulación de la consonante nasal: *molīnu-* > fr. *moulin* /mulaN/ [mulã]).

Clama al cielo que los lingüistas no lo hayan estudiado. Tal regularidad (que se repite en *Barcelona* y otros lugares peninsulares donde se esperaría castellano *-ón*, catalán *-ó*) ya no puede ser ignorada por más tiempo. Hasta donde veo, no hay respuesta fuera de que la base de esas formas románicas (cast. *Pamplona* y fr. *Pampelune*) no es realmente latina. Acusa una variante céltica, tal vez inconsciente, fantasmal. Parecería que nos contradecimos; hemos reclamado la condición latina de la voz Pamplona y ahora decimos que viene del celta. Lo que en verdad digo es que había POMPÆLŌ en la lengua oficial y de los cultivados, y a la vez otra forma popular entre los vecinos no euskaldunes, e incluso entre éstos al comunicarse en la lengua franca popular. Con las autoridades imparciales de Thurneysen, Pedersen y Pokorny, no cabe hoy duda de que el tema latino POMPÆLŌN- en el céltico del s. I dC. se declinaba en singular con un nominativo *POMPELŪ, un genitivo *POMPELONOS, acusativo *POMPELONA(N), ac. pl. *POMPELONĀS. Es precisamente ese acusativo singular lo que nos llegó. Se sabe que la nasal final no se articulaba y que sólo se realizaba fonológicamente con la nasalidad de la vocal anterior. PAM- con su apertura supone justamente la nasalidad vocálica. Por otra parte, la forma francesa *Pampelune* supone también la base **Pompelūna*, coincidente en la -A final, y también curiosa por el timbre de la vocal tónica, que en las lenguas románicas siempre es firme. Podría alegarse que es el timbre de la base vasca, pero recaeríamos en el tránsito imposible entre sistemas. Creo que esa -Ū- se debe a analogía del nominativo, facilitada por ser cerrada la O breve del céltico, al revés de la latina, abierta. El mismo fenómeno se da en el gallego *Arçua* (< **Artiū*, *Artionos*, ac. **Artionan*).

Hoy sabemos que el celta era la lengua de las tribus vecinas de los euskaldunes y seguramente su lengua franca antes de adoptar el latín para esa función. Lo que hasta hace poco no se podía sospechar era la fuerte inercia cultural de la montaña, que operaba no sólo a favor del mantenimiento de la lengua propia, en el ámbito interno y familiar, sino también del mantenimiento de otros elementos de su cultura. No debe sorprender que el pueblo vasco haya afrontado el complejo problema de su aislamiento cultural y lingüístico sin perder la identidad, que es su lengua, y lo haya resuelto objetivamente con el manejo de dos lenguas, la propia y la franca, sea ésta celta, latín, castellano o francés. Lo sorprendente es la inercia cultural en el primer milenio de nuestra era, con una complejidad que se nos escapaba totalmente.

Aunque suene extemporáneo, quiero dejar puntual y explícito testimonio de mi simpatía activa e interesada, no sólo en la supervivencia de la lengua y cultura vasca, sino también en la normalización plena de su estatuto lingüístico. Este estudio no persigue más que la verdad. No intenta sentar precedentes históricos de programas de “bilingüismo armónico”, que sólo buscan la extinción de las lenguas minorizadas. Tampoco intenta llevar agua para el molino de la cultura celta, que podemos amar pero que sabemos que terminó superficialmente derrotada y oprobada. Sólo busca saber la verdad y la realidad, siempre más generosas que la ficción, y de paso gozar con el encanto que nos prodigan a borbotones.

OSÓRIO e OSORES

São nomes obscuros de ortografia incerta. Na Galiza abunda a escrita com SS. No estado espanhol há *Ossorio-Osorio* (tom no segundo O) e o patronímico *Ozores*. Em Portugal há *Osório* e patronímico é *Osores*. Pelo SS propus o étimo *ursorius* “caçador de ursos”, que agora descarto. Prestar atenção ao patronímico português foi o que me sugeriu a hipótese que cuido certa. Despejando confusões, cuido que no cast. *Ozores* há metátese da velha africada sonora: ant. *Osórez* > *Ozores*. É uma tradição gráfica que por castelhana não obsta a origem galega do sobrenome da protagonista do romance *A Regenta*, Ana Ozores, asturiana de apelido galego. Cuido ser palavra semi-erudita tirada do “latim popular leonês” (Leão = Galécia romana) vigente a fins do séc. XI. O étimo parece claro: o lat. *uxorius*, a, um, cuja semântica é mister desvendar.

O Ernout-Meillet diz que *uxor* era “femme légitime prise par le mari... terme juridique e familier”, cujo par, *coniux*, não se usava no direito (“casar” dizia-se *uxorem ducere*). Ora bem, se lembramos que *matrimonium* não era então o que hoje *matrimónio* para nós, quer dizer, “sociedade conjugal”, mas propriamente “filiação legítima”, daí concluiremos que *uxoriu-* “relativo à esposa”, na mente popular tinha o harmónico “da esposa legítima”. Logo *Osório* não era outro que “nascido legitimamente, legítimo”.

MISTERIOSAS OUVAS

A notícia mais antiga das *ouvas* é de Murguia e os autores posteriores pouco acrescentam. A mitologia galega esvaía-se na segunda metade do séc. XIX, como nota a crença na Companhia; no primeiro terço do século passado inda era bando demoníaco, bélico e aéreo, hoje não passa de fúnebre procissão de fantasmas rente o chão.

As *ouvas* eram seres sobrenaturais que moravam nos soutos e antros, de menor poder e maldade que as *lúmiás*, lídimos vampiros. Murguia põe hipóteses que não paga a pena referir. Apuradas as interpretações, do mito só fica a limpo o nome *ouvas*, a índole fantástica e a moral ambígua. Eládio R. González acrescenta dizer-se “magro como uma *ouva*” do que o é muito, e de um menino débil e enfermizo dizer-se: “parece uma *ouva*”.

Donde a palavra *ouvas*? Decerto de **albas*. Tal qual *alteru-*, *salu-*, *albīna* dão *outro*, *souto* e *ouvinha*, o étimo é *albas*. Mas, é o lat. *albās* “brancas”? Se não foi, à força houve paretimologia: um homófono de outra origem fatalmente daria confundido com a palavra latina. Fosse o que fosse o primeiro valor, o cruzamento feminizava e empalidecia as *ouvas*.

Palavra latina não é. O que o nome oculta é mais misterioso: os *elfos* da lenda germânica, hoje remozados e relançados por Tolkien, Ridley Scott e outros. Dizem os dicionários etimológicos germânicos:

- a) germ. **alβiz*: inglês *elf* “pequeno ser sobrenatural”, no séc. XVI “criatura travessa maléfica”, neerl. médio *elf*, sueco *elf*, danês *elv*, alto alem. médio *elbe* f. (f. por latim *alba?*), inglês antigo pl. (*dun*)-*elfa* “castálides”.
- b) germ. **alβinnja-*: inglês antigo *ielfen*, *elfen*, colet. sg. f., em (*wudu*)-*elfen* “dríades”, (*sæ*)-*elfen* “náíades”.
- c) germ. **alβaz*: ingl. *ælf*, ingl. médio pl. *alven*, sax., baixo alem. médio *alf*, alto alem. médio *alp*, alem. *Alp* “pesadelo”...

O germ. **ALBAZ* é o étimo das *ouvas*, e chegaria pelos suevos. Deles ou de outros, a palavra coincide com *gaita* na preservação da vogal temática -A na língua germânica do empréstimo. Os germanistas têm a palavra.

É interessante a evolução da imagem desta gente. O lábil perfil vê-se belamente na história documentada do germ. **Alβirīks* “rei dos elfos”, a surgir no alto alem. ant. qual o *Alberich*, rei dos anões no *Nibelungenlied*. *Alberich* deu latinizado *Albericus*, e passou ao fr. *Auberi*, anglo-norm. *Albery*, *Aubery*, ingl. *Aubrey*. Na literatura francesa o diminutivo *Auberon* cobrou valor de “rei das fadas” e rasgos mais benignos (“anão de cara angélica”), chegando assim ao ciumento *Oberon*, rei das fadas no *Sonho duma Noite de Verão* de Shakespeare. A gente pequena na Galiza feminizou-se como no alto alem. médio *elbe*, e empalideceu. Ben que a palidez talvez já fosse rasgo velho, conforme a etimologia indo-europeia da voz germânica comum, que aludiria às alvacentas névoas, “os espíritos da névoa”.

Outro rasto há em *Gonçalo* (< *Gonçalvo*) e o patronímico *Gonçalves*, obscuros na segunda parte. A mais velha forma documentada é a baixo-latina *Gundisalvus*. *Gundi-* é o germânico **gunþiō* “combate”, genitivo *gunþiōz*. Os antropónimos germânicos não usam conter genitivos, mas impossível não é; *gunþiōz* era o perfil no gótico no séc. IV (Vulfilas, coevo de Prisciliano). Do estado coevo das falas ocidentais, das que o suevo faz parte, pouco se sabe. É provável o genitivo suevo **gundiuz* (talvez já **gundiz*) a modificar **alβaz* “elfo”, o que nos dá o étimo **Gundiuz-alβaz* “Elfo ou Espírito da Batalha”, semanticamente congruente e que não dista muito da forma baixo-latina.

PAIO E A SUA FAMÍLIA¹⁸¹

Coromines abriu horizontes com a etimologia de *paio*. É oportuno adir dados pouco sabidos fora da Galiza que atingem em cheio a imagem nacional e social do galego desde data longe. Apesar da dura luz que deita no processo de (auto)denegrição, é bom profundar a tomada de consciência para apurarmos do endemoninhamento sofrido, em parte por repressão do que dói. Mesmo os que nos gabamos de aceitar a luz identitária às vezes anestesiámos a dor em ópios que a bela e terrível Beócia fornece. Que deixe de sê-lo e seja Terra Prometida!

Coromines diz *paio* “rústico” ser o antropónimo *Paio*, lá *Paaio* (*Pelagius*), mas vindo de **pageu-* “aldeão”. Quadra aceitar *Paaio* (proclítico *Paai*) ter-se cruzado com o eco de **pageu-*, que de partida seria *paio* “rústico”, castelhano e português, mas em português sumiu-se quase de todo pela carga denegridora posterior. Nas falas galegas, arcaísmo, falta de soberania e solidão dos lavradores nos séculos médios, fez o nome subsistir. Antes de confluir *Pelagius* e **pageu-* (de -L- cair e da crase dos -A-), *paio* (*payo*) de **pageu-*, era “rústico” só. Se tinha conotação, era de “esperto, maliciosamente arguto”. Eis a literatura: “*Chegou Paio de maas artes / con seu cerame de Chartes;...*” diz uma cantiga de escárnio de Pero Meêndez da Fonseca (fins do séc. XIII?)¹⁸². O *Paio das más artes* tradicional é *Payo el de malas (artes)* em Castela, depois substituído por *Pedro el de Malas* ou *Pedro Urdemalas*, substituição obrigada por mudar os harmónicos de *payo*¹⁸³. Na cantiga *Paio* é bissílabo. O antropónimo de *Pelagius*, *Paaio*, sempre trissílabo. A cantiga ecoa **pageu-*, não *Pelagiu-*. Tal *Paio* é astuto e do nada chega a Comendador.

O cruzamento só podia dar-se nas terras galego-portuguesas. O conceito de *paio*, e o de *Paio das más artes*, pegou a mudar na presença de tantos *Paaios* rústicos, que no séc. XV já soavam *Paio*s. D. C. Michaëlis diz que o Pelágio de Covadonga ir para a montanha o fez *Palaio o montesinho* nos livros portugueses, articulado *Paaio o montesinho*. Já antes da crase dos -A-, pegaria a dar-se um embrulho entre o *paio* “rústico (arguto, o do folclore)”, o *Paaio o montanhês* (*montanhês* = rude, tosco) e os *Paaio*s concretos (afeitos ao arcaico nome, galegos e lavradores). Estes ecoavam fora do nosso domínio, quando ainda vivia a equação *Paaio* = *Pelayo*. Daí o andaluz *pelayo* “lavrador” e o nome de *Pelayo* que Lope põe num rústico galego parvo.

Os galegos gostavam do nome pela nota heroica. A de “rude, tosco”, patentes a outros, no início não a viam. Assim começa o denegrir, nacional fora da Galiza, social dentro dela. Do nacional nota o *Pelayo* de Lope e a substituição em *payo* do valor “rústico arguto” pelo de “rústico parvo”. Do social do lavrador na Galiza testemunha o próprio *paio*, hoje definido “parvo, simples, fácil de enganar; agreste palúrdio”. Se se crer isto ser eco dos dicionários castelhanos, chegará passar revista rápida pelas vozes galegas com ecos de *Paaio* ou *Paai* cruzados com *paio*. Eis os *paiolo* “papa-natas”, variantes *paioio*, *palholho*. De *Paaio*, *Lãa* e *Çocas* fez-se **Paai-Lãa* e **Paai-Çocas*, a comparar com os portugueses *João-Fernandes* ou *João-Ninguém*, e com o cast. *Juan Lanas*. O valor é claro nos derivados vivos: de **Paai-Lãa*, o adj. *pailã* e o feminino analógico *pailana* (e *peilã*, *peilana*) “rústico; preguiceiro, perdulário”; substantivo “moço de fretes”. De **Paai-Çocas*, por equivalência acústica em terras de -Ç- interdental, sai *paifocas* “homem tos-co e basto”; subst. f. e adj. *peçooca* “moça sem estilo, sem formar; rústica”. *Paiçoque*, *peçoque*, *peifoque*, *peçoco*, *peçooca*, *peitoque* “pintarroxo” vêm do adjetivo **paiçoco*, -a, cuja variante registada é *paifoco*, -a e *peifoco*, -a. A série é longuíssima e cheia de surpresas. *Pailaburdo*, *palaburdo* “papa-natas” (**Paai-Lãa-Burdo*), que talvez algo tenha com *palurdo-palúrdio*. A matéria é inesgotável. Só adirei *palhouco* “tonto, idiota”, de **Paai Louco*, e o subst. *pailarocas*, *peilarocas*, adj. *pailaroco*, *peilaroco*, que aparece em castelhano na forma *pelarruecas* (como vindo de *pelar*). É de **Paai-Lãa Rocas*. Continuar dá vertigem.

¹⁸¹ Parte do contributo ao Congresso Internacional da Língua Galego-portuguesa na Galiza, em Santiago de Compostela e Ourense, do 23 ao 27 de Setembro de 1987.

¹⁸² N° 1600 do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*, 1132 do *Cancioneiro da Biblioteca Vaticana*, 402 das *Cantigas d'Escarnho e de mal dizer* editadas por Manuel Rodrigues Lapa, 2ª edição, Galaxia, 1970.

¹⁸³ Resto fóssil da camada semântica é o castelhanismo barcelonês (marginal, logo arcaico) *paio* “pessoa esperta, viva, afortunada”.

PARAJUÁ

Um caro amigo, filho de naturais da província de Lugo, herdou o nome de família de *Parajuá* (sic). Certo da origem galega, ficou perplexo ante a notícia oficiosa de ser catalão. Consultando listas de toponimos, soube ser nome de lugar galego, que ainda não pude ver nos mapas. Em Buenos Aires, sem documentos, é impossível saber a origem ao certo. Contudo, ousou dizer que virá de um **petra juliãna*, por um **Pera-Juãa*, que imagino sem registos. Eco de um miliário erguido por ou em memória de um Júlio em via romana importante. Arredor nasceria um povo com o nome de *Parajuã*. Na evolução fónica, *Pera* mostra as mudanças do nome *Pero* e do toponímico *Pera-Fital/Parafita*. O E tónico aberto, ora subtónico, passou a -A-, sem a guia da escrita e a memória da origem. *Juãa-Juã* diferiu de *Jiã*. **Juiã* e **Juiãa*, bases comuns, tendiam a elidir os I, solução atual. Em masculino o passo levava à homofonia com *Joam-João*, evitada de outro jeito. A **petra juliãna* do monte luguês importa para a história galega, ilumina a rede viária e talvez o tempo da construção.

PÁRAMO

A etimologia do *Páramo*, Sárria, dar-me-á rótulo de celtomaníaco. *Páramo* é razão usual para negar condição céltica à língua pré-romana do noroeste; esse P- faria do nome uma palavra indo-europeia não céltica. Mas *páramo* tem sempre contexto céltico¹⁸⁴. Se a *Paramo-* se tira o sufixo superlativo, fica o tema **PARO-*. Será britónico? É sim britónico **PARIOS* “caldeiro”; daí são o cörn. *per* e o galês ant. *peir*, mod. *pair*. O dim. lat. *pariolus* deu prov. *pairol*. O equivalente gaélico é *coire* m. Tudo isto vem do ie. **k^wario-*, raiz **k^wer-* “fazer” (Pokorny 641-42). É o caldeiro do Dagda (TEUTATIS), criação, alimento e vida.

Aqui é mister um salto, mínimo mas hipotético: a desinência -IO- supõe positivo **K^wARO-* não registado de valor próximo. Isto seria pura construção se o galês *peir-pair* não fosse também “chefe”, através da aceção “providente, generoso”. Se **K^wARIOS* era “chefe”, o britónico **PÁRAMOS* logo será “providentíssimo”. E que tem um planalto frio e deserto com a generosidade? Reivindico o peso da semântica para alumiar palavras antigas. Sem ela nunca teria imaginado a opinião que exporei, qualquer que seja seu valor. Covarrubias definira *páramo*: “campo deserto, raso e descoberto a todos os ventos”. Julgo-o rasgo essencial por a palavra castelhana ter máximo arraigo na ventosa toponímia andina. Coromines cita o *Quixote*: “resista nos *páramos* despovoados os ardentes raios do sol na metade do verão, e no inverno a dura inclemência *dos ventos* e gelos”. Ora, ao concelho galego do *Páramo* o nome lhe vem do monte *Páramo*, de 876 m., que decerto de chão nada tem. Logo na definição ficam as notas essenciais de **deserto** e **ventos desaprazíveis**, compatíveis com alturas.

Para Dumézil os deuses indo-europeus repartiam-se o cosmos. Os *sábios e soberanos* (1ª função) moravam por cima da abóbada do céu nas águas superiores. Os *fortes* (2ª função) regiam a atmosfera fazendo a guerra das nuvens, ventos, raios e lampos; o príncipe da categoria (TÁRANIS para os celtas) viam-no nos montes, onde a terra é próxima do céu. Dos cumes nuviosos vem seu emblema, o raio. Logo não duvido ser o epíteto *Providentíssimo* perfeito para o deus que *brindava* a chuva sem ser da 3ª função, e que *concedia* a vitória por direito próprio. Os espaços altos, chãos e ermos, varridos pelos ventos, mais fáceis de transitar que os íngremes montes, eram objeto de fácil metonímia. Se não há homens e os ventos (espíritos) correm livres, é o *páramo*, logo aí é onde está o Providentíssimo. A explicação é possível e provável, mas também laboriosa e susceptível doutras interpretações. Mas se continuamos a juntar congruências é possível atingirmos uma certeza maior.

Mas dura a estranheza de um britonismo na Galiza. Os antigos falavam de calaicos “célticos”, latenenses para eles, celtas de cultura como a gaulesa, de inícios de La Tène, e esses “célticos” dominavam a costa. São poucos os rastros de “célticos” no interior, absorvidos pela massa dos autóctones halstáticos. Mas no concelho de Sárria, quase na raia com Lâncara, em encruzilhada de caminhos que destaca a importância, há o lugar de *Céltigos*, um dos raros testemunhos célticos antigos do nome, decerto do acusativo plural célt. **KELTIKŪS*.

¹⁸⁴ *Páramo* está na metade norocidental da península, no antropônimo gaulês *Paramēius*, no dálmata *Paramonus*, -a, no celtibérico *paramiko-* (Σεργοντία Παράμικα dos Vaceus, Ptolomeu II 6, 49; Παράμικα dos Várdulos, II 6, 65) e no calaico *paramaikos*.

PERALTA

O adjetivo *peralta* suscitou dúvidas. J. P. Machado ultrapassa a opinião que o tira do nome de um aventureiro do XIX, ao supor étimo o cast. *peralte* e buscar data e lugar de origem. É mister seguir. O cast. *peralte* não é “janota, petimetre”, tão só “o que excede do semicírculo a altura de um arco”, deverbais de *peraltar* “levantar a curva de um arco”, tecnicismo arquitetônico leonês ou asturiano. Coromines di-lo por o prefixo aumentativo *per-* ser ainda produtivo em asturiano. Crê tal valor ter existido em português, castelhano e italiano, “os três romances que melhor guardaram o uso latino do prefixo *per-* aumentativo”, e por isso tiraram a prima sílaba de *profundu-* ao passar a *per-*. É justo pôr a existência do prefixo românico em português, como hoje se vê em asturiano: *perbonitu*, *perfeu*, produtivo em qualquer voz. À margem da autoctonia, mesmo se veio do leonês em data ignota, *peralta* equivale a (*feição, figura*) *muito alta*.

PETA, PETAR...

Família léxica algo mirrada no português comum, ainda abrange *peta*, *petar*, *petegar*, *peto* e *petiscar*. Galiza ainda a tem muito viçosa. Desenvolvo a ideia cronologicamente, como se fosse provada. Cf. Ernout-Meillet, o indo-europeu **pagslā* “o que se mete e afunda” explica o lat. *pāla* “enxada de ferro; engaste de anel; pá para joeirar trigo” e por analogia “omoplata”. Teve eco românico: *pá* “instrumento”, castelhanismo *pala* “peta”, e... *peta!*, que nada terá com gr. *πίττα* “pez”, como dissem. Por que não ir pelo chão? O Ernout-Meillet nas glosas latinas topa *paleta*, que deve ler-se *pāletta*. É, existia no vulgar. *Pāla* tinha vários feitios, para meter e afundar. As duas ideias, “pico” e “plano de gume já cortante”, estão presentes nas ferramentas a pungir ou talhar. De “pico pungente” e “plano cortante” vêm duas vias semânticas misturadas.

A durar em português, *pāletta* daria *peta*. Existe com o valor latino? É, *peta* é “enxada, picareta para lavrar, cavar e remover terra”. E é “capricho” (= o que pica, prui) e “parte chã do eixadão”. E há um *petar* “chamar batendo na porta (picando)”, “caprichar-se, antolhar-se algo” (picar = pruir, “romper torrões grossos que faz o arado”. E *petada* “aclive ou declive curto, encosta bem pensa” (em aragonês e catalão é *pala*), “pão molete” (**pālettāta* > *petada* como **pālāta* > *pada*), “grã pão de milho, broa que pesa até um ferrado, opado no centro, chato arredor” (cf. castelhano *paletada* “o que o padeiro mete no forno de vez”), “doce de pão de ovo a servir-se com o chocolate”, “o que cabe colher de vez com a *peta*”, “arbusto que dura vivo mais de dous anos”. E além disso, *petada* faz parte de locuções nas que significa “golpe (de *peta*)”: *não dar petada* “não fazer cousa de proveito”. A série de *peta* continua: *petadeiro*, *petador*, *petadura*, *peta-pouco*, *petola*.

De *peta* “pico” é *peto*, que por sua vez gerou larga progénie. *Peto* “cabo do podão pela parte oposta” é *peta* no português comum, e alude ao “pico” que é. *Peto* “pica-pau, pico” gerou *peteiro* “bico de ave; ponta bota de ferramenta cortante”. De *peteiro* “bico” procede *petear* “bicar (as aves); petiscar a comida”. De *peto* vem *petiscar* e o deverbais *petisco*. *Peto* com sufixo diminutivo deu *petelo* “pinças grandes de pau usadas na *petela* ou debulha das castanhas”. De *petelo* virá o brasileiro *peteleco* “golpe da ponta do dedo médio, em geral nas orelhas”. De *peto* com aumentativo, *petão* “ponta surgente de uma pedra no mar”. *Peto* foi “pedra alta, penedo pontiagudo”, qual no composto *petouto* “grande penedo, proeminência” (< **pālettu- altu-*). O derivar de *peto* foi longuíssimo: os pagãos viam os *lares viales* nos pedras à beira dos caminhos. Os penedos, *petos*, passaram a *petos das almas*, virados em altares rústicos nas encruzilhadas com alcanzias de esmolos para preces pelas almas penadas. Esquecido o valor de *peto* neste contexto, a imaginação popular destacou o que atraía. Assim *peto* foi cepo ou alcanzia. Ao que contribuiu o parente *petar* “chamar à porta batendo nela”, pela portinha e ruído de moedas. Pronto *peto* passou a ser todo tipo de alcanzia, mesmo o bolso do dinheiro.

Pāletta inclui o sufixo tónico românico *-itto-* ou *-etto-*, de origem obscura. O timbre da tónica de *peta* e *peto*, em *peta* era aberto pela crase do encontro vocálico nas fases **paeta*, *peeta*. Robora Aníbal Otero: “*peta* tem E aberto”. *Peto* devia fechar por metafonia. Certo que, na maranha de derivados, o prejuízo etimológico algures induziu a nivelação para fechado, menos comprometedora, cf. a etimologia *πίττα*.

PETRÚZIO

Eis um caso curioso, talvez só galego. A atinar, teremos um instituto do direito consuetudinário apoiado num dado linguístico. Nos léxicos galegos há também *patruzio* (*patrucio*). A definição flutua: Cuveiro (*petrúcio*) “el mayor o patrón de una familia”; Carré (*petrucio*) “patrón; dueño de la casa; jefe de familia”; E. R. Gonçalves “ídem; el padre cuando es anciano” (em *patrucio*). Que seria instituto de direito sucessório consuetudinário para evitar a divisão do património, e que o *petrúcio* começa a sê-lo ao casar na casa trás a tácita abdicação do que o era. O *petrúcio* dirige a exploração agrária, vende, merca, sustém pais e irmãos a morar na casa, dota as irmãs e dá aos varões legítimas equivalentes, recolhe as irmãs desamparadas: um morgado popular.

Na literatura e matizes das definições, nota-se um pendor a tê-lo por sinónimo de *patriarca*. No conjunto de definições há também as previsíveis paretimologias de *patrão* (em todas) e *patrício*. Deste tira-o a opinião geral, que não é mister documentar, quer fruto semi-erudito de *patricius*, quer deturpação do *patrício* erudito. Não sei se a anómala ideia provocou análise. Conceito do âmago do direito consuetudinário, recende antiguidade, não acorda com deturpações populares modernas ou semieruditas. Além disso, no fonético, a labialização da vogal tónica não se sustém. Como é que o P- pôde labializar a tónica, firme, à distância, sem afetar a átona contígua? É melhor a via inversa e supor *petrúzio* (ou *petrúcio*) ser fruto popular dum étimo ignoto.

Palavra popular? É, pela desinência e o -T-. Não há outra base que **pectorucinu-*, de *pectus*, *pectoris* com a desinência diminutiva *-icinu-/ucinu-* de *rodízio*, *canízia* e do moçárabe *bupuçino*, *-çina* (**vulpucinu-*, *vulpucina*); v. *vulpeja* no DCECeH. Mais documentos há do sufixo *-ūcinu-*, composto, (eis *lactūcina*), mas, além da forma *bupuçino*, ambígua, faz preferir U breve a probabilidade de o cast. *chozno* ter igual desinência. É sufixo complexo, *-ico-* e *-nu-*. Nos testemunhos de *-ūco-* vê-se *-ūcinu-* com valor de *-icinu-*. O passo *ct* > *t* em posição átona é o de *apertar* (< *apretar* < **apetrar* < *appectorāre*); é pré-literário e talvez por monotonação pretónica (*-ect-* > *-eit-* > *-et-*). A síncope do O pretónico é clara. Se *-ucinu-*, de tónica breve, a metafoia desta, pelo iode do grupo vocálico a surgir da queda do -N-, também é regular, cf. *rodízio* ante *rodezno*.

Que significa? O sufixo sói diminuir. O quê? *Pectus* é da raiz para “pelo” (Ernout-Meillet) e designava o peito de varões e animais, piloso ou penugento. Além de outros (“coração”, “alma”, “inteligência”), era metonimicamente “macho, varão”. **Pectorucinus* (ou **pectorūcinus*) era “varãozinho”. E é fácil atar “varãozinho” (harmónico “filho”) e “herdeiro”; a pouco o específico, o primogénito ou privilegiado. Ele era o herdeiro, o primogénito ou casado na casa. Era-o durando a memória do pai ou não nascendo novo *varãozinho*. Ao decair o sentido, chamou-se *petrúzio* ao chefe da família no momento da posse, até deixá-la. E depois, o pendor não se deteve até ser “velho provento e cabal” (com honra não se tira o nome a um pai). Cedo, ao compasso da idade, o conceito cresceu, a par que o conteúdo jurídico diminuía. Então apareceu o mais preciso *vinculeiro*.

PRATO “VASO CHÃO”, PRATA “ARGENTUM” E PRATA “DINHEIRO”

O étimo de *prato* sabe-se de há muito, mas a sequência semântica é obscura. Vem do gr. *πλατύς* “ancho, largo; chão”, pelo vulg. **plattus*, de geminada expressiva, como mostram os frutos românicos: fr., prov., cat. e rético *plat*, it. *piatto*, port. *Prato* e cast. *plato*. Os valores coincidem. Dizem *prato* vir do fr. *plat*, mas este, substantivo, não é “prato”, mas “bandeja, salva”.

Cf. Coromines, *prato* (e *plato*) nota no grupo inicial a pronúncia dos opulentos, que usavam tais peças do serviço de mesa, enquanto outros usavam escudelas e concas. Desse étimo, ainda há o adjetivo *chato*, com tratamento popular do grupo inicial. O forte tom vulgar, sobretudo em “de nariz achatado”, fez os primeiros registos ser muito tardos: 1705 e 1605, respetivamente.

O de “vaso chão do serviço de mesa” vem da elipse (*ferculum*) **plattum*, que é isso, lit. “(vaso do serviço de mesa) chão”. O subs. *Prato* é o primeiro elo da cadeia que estamos a considerar. A geminada de **plattum* talvez aconselhe traduzir “chatinho”.

Ferculum **plattum* “vaso de mesa chatinho”

> **plattum* “prato para comer”

> *prato*

Como nasce *prata* “*argentum*”? Trás longo confronto, *argentum* (ou eco obscuro: **aregentu-?*, **arentu-?*), cedeu o campo a *prata* “metal”. Ficaram ao lado *arenço*, *arento* e *arente*. É o trecho mais obscuro do processo. É mister partir do plural coletivo *fercula* **platta* “serviço de mesa”. Os vasos podiam ser de argila ou de outros metais, mas é sabido que a principal matéria dessas alfaías era a prata, o *argentum*. Os testemunhos amiúdam. Na língua dura o que cuidó é o primeiro passo no sentido a estudo: “baixela”. Já no lat. vulg., (*fercula*) *platta* passou a “riqueza mobiliária (da família)”, às vezes “enxoval”, ao menos de harmónico. Isso testemunha a locução *governar-se com a prata da casa* “governar-se com recursos próprios, com o próprio património”.

(*fercula*) *platta* “serviço de mesa”

> *prata* “baixela” e *prata* “riqueza mobiliária (familiar)”

Donde o uso americano de *prata* (e *plata*) para “dinheiro”? Pois da aceção “riqueza mobiliária, património”, que na Idade Média era peninsular e dura no português do Brasil e no castelhano americano. A aceção corria ainda na Europa do séc. XVII, e é semanticamente paralela à do fr. *argent* “dinheiro”.

QUADRAMÃO, QUALEDRO e ESQUADRO-ESQUADRA

Estes topónimos galegos, originalmente apenas orónimos, são fitos fulcrais no difícil processo de fazer recuar o limiar da história do noroeste da península. Deixam discernir com precisão importantes lindes tribais, e a par alumiam claramente a situação linguística. Como é isso? Tropeçara eu com o escolho do ditongo crescente dos dous casos, que não é frequente nos falares galegos comuns, que o recusam no léxico patrimonial. Nenhures se davam os **Cadramom* ou **Caledro* hipoteticamente regulares. Obrigado é ver aí um hiato entre U e A, fruto da queda de uma consoante. Intervocálicas, várias são as que podem cair, mas a única a fazê-lo sistematicamente é a dental sonora, representada com D.

Quadramão [*Quadramom*], na Serra do Xistral, Lugo, foi antes tão só um orónimo, após nome de freguesia no concelho de Valadouro (Vale d’Ouro). *Qualedro*, em Ourense, nota igual condição. O **KODA-* inicial a surgir, e o facto de ser os dous montes sobranceiros nos conjuntos orográficos que integram, insinua a ideia que porei, congruente na estrutura que vai surgir.

Quadramão: *Quadramão*, *Qualedro* e os vários *Esquadra* e *Esquadro*, nada têm com o it. *squadra*, palavra que entrou em data renascentista com sentidos inconfundíveis com os do torrão. Breve, *Quadramão* vem de **KO-DATLĀS MONIOI* “montes da confluência dos foros tribais”¹⁸⁵. *KO-* é prefixo e preposição de companhia geral no indo-europeu. Fulcral é **DATLĀ* “forum; [lugar de] assembleia”, aqui em genitivo. É justo o étimo do gaélico *Dál*, nome do parlamento da Irlanda, e do ant. galês *datl* gl. “foro”, ant. bretão *dadl*, etc., da raiz **dhē-* “pôr, instituir” (Pokorny 235-39), aqui com o sufixo de instrumento. Quanto a *MONIOI*, não é outro que o plural de **MONIOS* “monte”, hoje só britónico: galês *mynydd*, cór. *menedh*, ant. bret. *-monid*, bret. mod. *menez*. Não ser gaélico (fora o escocês) não deve arguir-se contra a sua existência dous mil anos há, conforme as leis de degradação morfé mica.

**KO-DATLĀS MONIOI* “montes (MONIOI) da confluência (KO-) dos foros (DATLĀS) tribais” entrou tarde na corrente do românico, sem o *-tl-* assimilar-se em *-ll-*, como em *Qualedro*, o que nota o céltico durar mais em Lugo do que em Ourense. No tempo imperial soaria **Cođadlas Monii*, que ingressaria ao romance na forma **Co’adrammone*, antecedente imediato de *Quadramom/Quadramão*.

Qualedro: *Qualedro* foi o célt. **KO-DATLETERON* “terra da convergência de foros tribais”, através do pré-românico **Cođalletro-*. Contém *KO(M)*, prefixo que nota convergir, o já visto tema **DATLO-*, e o sufixo *-TERO-* de oposições binárias. Com efeito, aí convergiam as tribos dos límicos, equésios, bebalos e abóbrigos. O concelho de *Qualedro*, de feitio estreito, guarda a imagem do limite.

Esquadro e Esquadra: Vejo seis *Esquadro* e um *Esquadra*. *Esquadro* é rio, uma freguesia e dous lugares de Maceda, Ourense, e uma freguesia e lugar no concelho de Silheda, Ponte Vedra. *Esquadra* é freguesia no concelho de Lama, em Ponte Vedra. A *Terra de Deza* acaba na raia oeste de Lalim e Silheda, dos Montes do

¹⁸⁵ Aí confluíam lindes de três tribos calaicas, os *álbiones* da bacia do Eu, os *iadovii* de Jove, e os *iegivarri namarini* da Serra do Xistral (V. capítulos 6, 11 e 12 do meu *As Tribos Calaicas*, Edições da Galiza, Barcelona, 2008).

Testeiro à Ulha. É raia antiga; firma-a *Esquadro*. Inda que soe estranho, os ecos do vulgar **exquadrare*, frequentes no galo-românico e no italiano, na nossa língua são tardios, a mor parte italianismos certos, próprios da língua militar e técnica. Num topónimo menor arraigado na terra, o italianismo está fora de lugar. Dar por certa uma etimologia só por soar familiar é erro grave. Estes *Esquadro* galegos vemo-los sempre próximos de limites velhos. A meu ver vêm do célt. *EXS KO-DATLON “afora das convergências dos foros (tribais)”, e composto da preposição de ablativo EXS (X fricativo velar surdo) “fora de, vindo de”, o visto prefixo KO- e o caso genitivo do plural de *DATLĀ, com a desinência -ŌN de todos os temas.

RANHAR, ARANHA e RONHA

Viu Coromines serem vozes ligadas¹⁸⁶. *Aranha* vem do lat. *arāneus*, de paralelo só em grego. É geral ver no latim um empréstimo do gr. ἀράχνη, ao que Benveniste¹⁸⁷ propôs o étimo **araksnā*. *Arāneus* muda o género e acrescenta um sufixo. Por esta flexão Ernout-Meillet viram em *arāneus* um empréstimo à Itália vindo com a lenda de Arachne, visível nas *Metamorfoses* de Ovídio, bem que já aludida por Vergílio nas *Geórgicas*.

O feminino *arānea* era tão só “teia de aranha”. Os nomes romances dos arácnidos¹⁸⁸ são femininos quase todos, da metonímia de (*tēla*) *arānea*. No séc. V sai também *arānea* “herpes ou sarna dos porcos”, elipse de (*scabiēs*) *arānea* “sarna de aranha”, cf. crenças que dão as erupções cutâneas como vindas de contactos com uma série de animais temidos. Aliás, a sarna na verdade vem de um arácnido, o ácaro *sarcoptes scabiei*.

RANHAR, ARRANHAR: *Arānea* será talvez chave no sarilho etimológico do cast. *arañar*, decerto par do português antigo e galego *ranhar*, comum *arranhar*. É questão apenas semântica: o cast. *arañar* “fazer as unhas sulcos na pele” sói filiar-se a *araña*. Não nega Coromines, mas acantoa-o pedindo melhor explicação “pois algumas aranhas picam, mas os que ferem com as unhas são os gatos”.

Arranhar é o que *arañar*, e “raspar de leve com as unhas (sem ferir)”. Chave formal e semântica é o arcaico galego *ranhar* “rascar”. A aférese do *a-* deu-se no nome românico do bicho ao se crer parte do artigo feminino. Eis os italianos *ragna* e *ragno* “aranha” (este analógico daquela) e o galego *ranha* “sarna ovina” (aférese igual e outro valor). No semântico, Coromines diz: “Logo, não virá *arañar* de *arānea* “sarna”? Sem dúvida é usual os nomes da sarna vir ligados etimologicamente a verbos que significam “pruir” (ingl. *itch* “sarna” e *to itch* “pruir”) ou “rascar”: prov. *rasco* “sarna”, fr. ant. *galer* “rascar, esfregar”, de *gale*, alem. *krätze* “sarna” de *kratzen* “rascar”, e também lat. *scabiēs* de *scabere*, gr. ψωπά de ψῆν (DCECeH, *arañar*). É, é de *arānea* “sarna” que veio **arāneāre*, étimo de *arañar* e de um **aranhar* que perdeu o *a-*, como *ranha* “sarna ovina”, e multiplicou o *r-* inicial. Depois uma grande parte da língua recobrou um *a-* protético e apareceu *arranhar*.

Coromines, trás a explicação, opta outra pela qual *arañar* viria de *arar* no sentido de “fazer sulcos na pele”. Certo que o cast. *arañada* foi sentido como sinónimo de *arada* ou *sulco*, mas não é outro que uma paretimologia explicável nos sulcos das unhas e nas lesões inflamadas do *sarcoptes scabiei*, que são *alongadas*.

RONHA: Coromines segue Meyer-Lübke, tirando daí também as vozes românicas para “sarna” que supõem **rōnea*, incluído o nosso *ronha*, que além das aceções metafóricas¹⁸⁹ é “sarna, nomeadamente dos animais”. Deram a pista os românicos extremos, galego-português e romeno. Galego *ranha* e romeno *rîie* (meglenítico *rãñă*, romeno macedónio *arîñe*) vêm de *arānea*, como se viu, e são o mesmo que cat. *ronya*, prov. *ronha*, fr. *rogne*, it. *rogna*, engadino *ruogna*, sardo logudorês *runza* e campidanês *arrungia*.

**Rōnea* supõe um **arōnea* paralelo de *arānea*. Foram a mesma palavra, com igual desagregação do *a-*, que em *arānea* se supõe românico, com uma alteração da vogal tónica, que é preciso explicar. O mais provável é ter-se a comutação, comum no lat. vulgar, do sufixo *-āneus* por *-ōneus*, quando a longitude. não contava.

¹⁸⁶ De jeito hesitante, próprio de génio que corre urgido pela tarefa maior que o reclama.

¹⁸⁷ Émile Benveniste, *Origines de la formation des noms en indo-européen*, Paris, 1935, p 101.

¹⁸⁸ Port. e prov. *aranha*, cast. *araña*, cat. *aranya*, it. (*a*)*ragna*, *ragno*, rom. *rîie*. Estas últimas línguas supõem a aférese **rānea*, por desagregação do suposto artigo feminino, o que é muito mais claro nos nossos *ranhar*, *ranha*, *ranho* e, como se verá, *ronha*.

¹⁸⁹ “Malícia, astúcia”. São mais abundantes em castelhano: “mesquinharia”, “sujidade”.

RATO E RATA,

ETIMOLOGIA DESESPERADA?

Estado da questão: Coromines ¹⁹⁰ mostrou *rato* não ter etimologias persuasivas. Também viu inverossímil a ideia de Thurneysen da possível origem gaulesa (céltica continental), na que ao certo apenas Dottin acreditava. Pois que o céltico continua a ser um âmbito misterioso, não vejo razões para tolher a busca nesse campo.

Rato, rata, e outros ecos românicos e germânicos tanto do tipo *RATTU- quanto de *RATTA, abrangem um território que ninguém negará coincidir com o do substrato céltico: România sem Roménia, germano ocidental (e escandinavo do sul, influído pelo ocidental) e bretão. Coromines era cético por as palavras gaélicas afins serem anglicismos. Mas as neocélticas distam dous mil anos do céltico antigo. Só cabe computar o testemunho do bretão *raz* (Vannes *rac'h*), que Coromines diz acusar grande antiguidade e provável autoctonia.

Sugestiva distância cultural: A antiguidade brinda amiúde estranhas referências a estes roedores:

- a) Na Panónia, ilíria antes do séc. IV aC., depois céltica, no Danúbio, onde a húngara Ács, houve um acampamento de auxiliares de nome *Ad Mures*.
- b) S. Martinho de Dume pasma a censurar o lavrador galeco que *venera ratos e traças* (*mures et tineas veneratur*). Se venerava (= pedia desejos, cf. *Venerem venerāri*) é que nos ratos via algo bom que podia pedir.
- c) Paris em data céltica chamava-se LUKOTÉTIĀ PARISION (*Lutetia* César, Λουκοτοκία Estrabão, Λουκοτεκία Cláudio Ptolomeu, *Mons Lucotetius* na tradição baixo-latina). Etimologia persuasiva (e invulgar na França por afetar o imaginário) é ser o participio passivo de um verbo denominativo de *LUKOT- “rato” (> gaél. *luch*, genit. *lochat*; galês *llyg*, *llygod-en*, córn. *logod-en*, bretão *logod-enn*, pl. *logod*). Significava “gris”, e substituíu o próprio, interdito pela numinosidade do animal, como o do urso em germânico, *bera* “pardo”. Logo era “a inçada de ratos”. É óbvia a incomodidade moderna, mas tem explicação.
- d) Há notas positivas ou ambíguas. Acompanhavam Afrodite. Índia, China e Japão creem-nos agoiros de abundância, cf. o adágio “os ratos deixam o navio a naufragar”. Não vê-los agoirava fome. Na China dizem “Quando rói está a contar dinheiro”. No Sul chinês é o herói que traz o arroz.

Rastos da estima alta veem-se no canto da literatura e animação infantil, na que o rato é o pequeno astuto que burla e vence o seu inimigo, o gato. Tais insinuações pedem embrenhar-se na semântica, onde pode ser que tenhamos a nova luz que os dados atuais não brindam.

O nome indo-europeu comum do rato: Lat. *mūs, mūris*, gr. μῦς, μῦός, scr. *mūh* e germ. **mūs* vêm do indo-europeu **mūs*, g. **mūsos* (ou **mūses*), nom. pl. **mūses*. A extensão das formas indo-europeias e a duração medieval do hespérico *mur* supõem o célt. *MŪS, *MŪSOS. Logo *RATTU- e *RATTA eram sinónimos ou substitutos. O TT geminado nota a ambígua carga afetiva do rato, mistura de medos e esperança de bom agoiro. Nota interdição e substitui o nome velho, cf. germ. **berō*. Daí parto na busca do étimo congruente.

***RĀTO-, *RĀTĀ e *RĀTI-:** O gaélico tem duas palavras diferentes de perfeita homofonia: *ráth, ráith* m. e f. “garante; garantia” e *ráth, ráith* m. e f. “terrapleno; baluarte”, próximos dos *RATTU- e *RATTA supostos, mas sem geminada e de sentido distante. Segundo Binchy, as formas gaélicas recuam a *RĀTO- e *RĀTI-. Tais étimos estão no nome velho de Estrasburgo, *Argentorate* ou *Argentoratum* (célticos *ARGANTÓRĀTI e *ARGANTÓRĀTON), nos que é claro termos o valor “baluarte”. Quanto ao flutuar dos temas em O e Ā, é mister destacar que o Ā, além de morfema do feminino, o era de aumentativo, como no nosso fundo léxico.

As duas foram uma: Para Binchy ¹⁹¹ *ráth, ráith* “terrapleno, defesa de terra” procede de “cautela defensiva, caução”, opinião persuasiva que explica a semântica de *RĀTO-, *RĀTĀ, *RĀTI- “garantia; garante”. Em gaélico há o verbo denominativo próximo, *ráthaigid* (*RĀTAGETI?) “cai na conta, percebe” e “toma ou dá em garantia”. A meu ver a prima aceção será “entender” e a segunda “acautelar, caucionar”.

¹⁹⁰ DCECeH, IV, *rata*.

¹⁹¹ Binchy, D. A., *Indo-European and Indo-Europeans*, Univ. Pennsylvania, 1970, p. 360.

O mais próximo deste processo semântico é o hispânico *percatar-precatur*, que é *catar* “entender” com o acréscimo intensivo *per-* visto em *peralta*. O cast. *percatar* é “entender”; e também o *precatur* do português da Galiza, submetido a influência castelhana. No português comum, apesar da dura dos ecos de “entender, cair na conta”, hoje é essencialmente “acautelar, pôr de sobreaviso”, como mostram as (par)etimologias que falsamente o vinculam com *precaver*, com o que nada tem.

Etimologia de *RĀTO- e *RĀTI- “garante; garantia”: *RĀTO- e *RĀTI- vêm da raiz *prōt- (raiz *pret-/ *prot- “entender”, Pokorny 845), de momento apenas vista nos ramos germânico e céltico. No céltico há o gaél. *ráth-ráith*, e quiçá o antigo bretão *rad*. O germânico tem mais casos: góticos *fraþi* n. “inteligência” e *fraþian* “compreender”, islandês ant. *fróðr* “knowing, learned, well-informed”.

Conclusões: O rato provoca sentimentos ambíguos, rival no consumo e sinal de riqueza, medonho e numinoso. Um tabu parcial caiu no nome antigo, substituído por *RĀTOS e *RĀTIS “garante; garantia”, *id est*, “garante de boa colheita”. Para propiciar a sua boa vontade e enervar os danos que produz em silos e celeiros.

A carga afetiva e supersticiosa do nome geminou a oclusiva. Essa carga era bem mais intensa nas espécies maiores; daí o predomínio inicial do aumentativo *rata*, nos primeiros textos românicos. *RĀTTOS opunha-se melhor para dar nome aos roedores pequenos, o que acabou por acantoar *RĀTTIS.

RIANJO

Rianjo é um velho problema românico, estudado por Rohlf. Manuel Rabanal resume-o sem conclusões¹⁹². É difícil sair do étimo *rīvī angulu-*, com tantos paralelos regulares (*Rianho*, *Riaño*), mas o J anômalo produz escrupulos. A meu ver é mister explorar uma articulação com os homófonos *rianjo* “verduras” (Ourense), “avental” (Ortigueira), “lenha miúda para o forno” (Quiroga).

O do J não é difícil. *Rivi angulus* é o nome de um humil canto rural. Um lugar assim recebe naturalmente tratamento diminutivo: *rivi angellus*. Dele viria regularmente **riangelo*. Depois, em data românica, tirariam secundariamente dele um falso positivo, *rianjo* e *Rianjo*.

O neolítico trouxera a cultura dos cereais sem banir a apanha de frutos silvestres; as hortas tardariam a vir. Na arcaica Galiza, os remansos dos rios eram bons para apanhar hortaliças e ervas comestíveis: cenouras, alhos, alfaces, agriões, cebolas, couves, cabaças do velho mundo, espargos. Algures tal horta silvestre, por metonímia, deu nome aos frutos dela tirados. Alhures se apegou ao avental no que os recolhiam. E ainda, noutros sítios, veio a qualificar qualquer carga, como a lenha miúda.

UMA RIMA DE PALAVRAS APARENTADAS

(*arrimar*, *rima* “montão”, *rima* “consonância”, *rima* “resto”, **rimeiro*, *resma?*, *rima* “fenda”?, *ritmo?*)

Significados de *arrimar* : Quase só hispânica nas aceções fulcrais, é palavra inda órfã de estudos etimológicos firmes. Trabalhou-se sim a cronologia das aceções e Coromines defende suasivamente a precedência do valor “aproximar muito, juntar”. Na nossa língua, apesar do viço da palavra, tal aceção, registada desde os primeiros textos, vem desbotando-se até quase desaparecer dos dicionários normativos. Interessa ver o que foi dela: tempo atrás, em português, castelhano e catalão, *arrimar* era “aproximar, juntar deslocando ou depositando”. Desde que no castelhano se decaiu *rima* “montão”, pegou a dar-se a deriva divergente das línguas. No castelhano, o movimento é horizontal e pode não ser pleno; antes “aproximar” que “juntar”. Aliás, no português, durar *rima* “montão”, a restrição nesse sentido e a consciência do nexa entre *rima* e *arrimar*, tudo leva a vigorar na palavra a ideia de movimento vertical, de depósito. *Rima* “montão, pilha” tem a imagem do que se faz depositando umas cousas em riba de outras, de acima para baixo, com parte necessária da lei de gravidade: “pôr em rima; juntar em rima” definem em geral os dicionários.

Há outras aceções. O movimento vertical prevalece em “apoiar, encostar, estear, firmar”, sequela daquela, não ausente do castelhano antigo, mas hoje aí desaparecida. A aceção “amparar, proteger” é uma metáfora de

¹⁹² Manuel Rabanal, *Hablas hispánicas-Temas gallegos y leoneses*, Ed. Alcalá, Madrid, 1967, p. 122.

“apoiar”, bem que talvez deva algo diretamente a uma aceção etimológica que se verá. “Abandonar”, das duas línguas (pouco do castelhano da América), cuida que foi bem explicado pelo uso frequente da frase *arrimar à parede*, em situações em que se deixa de lado ou aparta o que já não se usará, em que se afasta o que tolhe o caminho, etc. E a aceção “arrumar, estibar a carga”, também foi razoavelmente explicada mercê dessa frase mais o cruzamento com *arrumar*, de origem última germânica, que confluía semanticamente e tanto se assemelhava nos sons. Enfim, há “bater”, ainda há pouco tempo com sabor a gíria, derivada de “juntar, aderir (golpes)”, com desenvolvimento paralelo ao do cast. *pegar* “infligir golpes”.

Coromines, no DCELC (antes dos ‘50, em essência mantido no DCECeH), com reservas tira *arrimar* de *rima* “consonância ou assonância de versos”; equivaleria a *rimar*. Para *arrimar* propõe a fase média “emparelhar, igualar”, que pode ver-se nos textos castelhanos por ele citados, sem prejuízo doutras interpretações possíveis. É etimologia coerente com sua opinião de *rima* “igualdade nos cabos dos versos” vir de *rhythmus*.

Ora, ele próprio, nesse verbete *rima*, decerto de data posterior, mostrou as razões que anulam aquele étimo de *arrimar*. *Rima* “assonância ou consonância” surge tarde como fruto do só valor medieval, que é “verso”, no duplo sentido de “linha de poema” e “linguagem diversa da prosa”. Mais preciso é “verso românico que contava sílabas e acentos”, o que o baixo-latim dizia *rhythmus*, oposto ao *metrus*, verso latino que mede pés. “Acordo de sons no cabo dos versos”, em vez de “verso de sílabas contadas”, surge na França do séc. XIV, prevalece aí no séc. XVI, para propagar-se pelas terras vizinhas. Na península ibérica não dá consagrado até o XVIII. Quer dizer : antes do XIV a aceção poética não existia, nem em português, nem em castelhano; logo não pôde gerar *arrimar*, que é das origens dos dous idiomas¹⁹³.

A busca do étimo do nosso *arrimar* é breve: o sentimento da língua tira-o de *rima* “pilha, montão”, tanto popular quanto eruditamente, como firmam as definições primas de *arrimar* nos dicionários (“pôr em rima”) e roboram os etimologistas, ao dar *rima* por deverbal de *arrimar*. Contudo, a falta de étimo de *rima* põe-lhes o matiz hesitante. Além da falta de estudos cabais de *rima* “montão”, não há documentação antiga suficiente, algo usual na nossa lexicografia. Isso não permite deduzir inexistência na época requerida, mas chega para enervar nos romanistas a sugestão daquele sentimento.

Por isso Coromines crê o cast. *rima* “montão” (desusado) ser regressão de *rimero*, sinónimo ainda vivo e registado antes, em Berceo (*rima* em Nebrixa). Daí inferiria que *rimero* fora no início “conjunto de rimas” (no valor atual, de “acordo nos cabos dos versos”), passando logo ao que explicita no DCECeH I, 355 (c.2^a, 55): “acoplamiento, emparejamiento de objetos”. Mas já se viu que ele mesmo provou a virtual inexistência do sentido “concordância dos versos” em *rima* na época de Berceo; logo *rimero* não pôde ser “conjunto de concordâncias”. A seguir nessa linha, pode mudar-se a proposta dizendo que *rimero* foi primeiro “grupo de versos”, que depois se disse metafóricamente de materiais homogêneos, bem que a mudança pareça dura. Em português, a língua que melhor guarda *rima*, não se regista o que nessa opinião seria o precedente, isto é, **rimero*. Certo que no galego Cuveiro Pinhol e Rodríguez González não registam *rima*, sim *rimero*, mas é mero eco do castelhano, com ténue véu de adaptação, mesmo tingido de preconceito etimológico, como nota o testemunho coincidente de G. de Diego. Apesar do cariz caduco de *rima* em galego, consta-me soar na costa corunhesa, cf. informante de Sada. Aliás, a fundura diacrónica de *rima* vem roborada pelo registo, nas falas arcaicas de Trás-os-Montes, da aceção *rima* “resto, o que fica de algo”, “reliquia de doença”, que Coromines reduz de jeito razoável a “montão de provisões que se vão consumindo”. A falta de **rimero* na escrita (fora os lexicógrafos galegos modernos, amiúde inconscientes dos castelhanismos) aconselha deixar, ao menos de momento, a hipótese da derivação regressiva de *rima* desde **rimero*. Quadra logo ver se *rima* é voz antiga, não vinda de *rima* “verso, > consonância”, também precedente de *arrimar*.

Cumprir reter que, mesmo descrendo em *arrimar* os étimos imediatos *rima* “montão” ou *rima* “verso”, pela estrutura do verbo tem-se de pôr um étimo dessa figura fónica, **RĪM(A)*, fruto de separar o A- protético e a desinência verbal. Logo quadra buscar nas camadas linguísticas que fizeram o português o rasto do **RĪM(A)* inda obscuro e, ao achá-lo, ver se coincide semânticamente com o nosso *rima* “montão”.

¹⁹³ Na *Geral Estória*, inícios do XIV. Em castelhano em G. de Berceo, XIII.

Etimologia de rima “montão”: Recuando no tempo, damos com o *árabe*. Coromines descarta atinadamente o étimo da Academia Espanhola, ár. *rízma* “embrulho; resma”, que se repete num dicionário português. Daí vêm (*ar*)*rêzema*, *rêzama* e o mod. *resma*, que abriram em regra a vogal tónica (cf. empréstimos românicos homólogos) e conservaram a sibilante (também os pares castelhano e italiano).

Há mais no *germânico*; tem uma voz de sons oportunos, *rīm* “número”, só das falas ocidentais e nórdicas, variada no gênero, neutro em nórdico e anglo-saxão, masculino em alto alem. antigo. A escassez, restrição e similitude formal com o par céltico mais viçoso, levaram a ver nestes casos empréstimos do antigo céltico, talvez ingressados da língua vizinha em datas diversas. Como se disse, os testemunhos significam “número”, com matizes vários, próprios da complexidade semântica. No orbe germânico, a palavra foi aduzida para étimo de *rima* “verso”, > “consonância”, em prejuízo da etimologia clássica tradicional, *rhythmus*, da que falaremos. O trânsito de “número” a “montão” é possível, mas pede explicação. Assim e todo, tenho forte resistência a aceitar a origem germanica para *rima* “montão” (ao menos única), pois devera atribuir-se aos suevos, únicos germanos ocidentais na península (o gótico não parece ter tido a palavra) e supor que do português (ao mais também do ásturo-leonês) passasse para o castelhano, o que não é convincente em vista da antiga documentação nessa língua.

A buscar no *latim*, topo *rīma* “fenda”, solução ideal se tivesse mínimo apoio no sentido. Ao mais quadra supor o contributo da palavra erudita correspondente (registada no XVIII) para o matiz especial do transmontano *rima* “resto”; como dizendo “montão do que se vai pela fenda”; mas é possibilidade da que descreio, pela cronologia e o caracter linguístico do território.

Chegamos ao pré-romano, quer dizer, ao *céltico*, ao estarmos no noroeste hispano amplo. Aqui há apoios certos: o irlandês ant. *rīm* f., genitivo *rīme*, “conta, número”, e o galês *rhif* “íd.”¹⁹⁴, palavras básicas para o conceito, com muitos derivados. A confluência com *rima* cresce ao reconstruir a forma do antigo céltico da Irlanda, a língua dos epígrafes ogâmicos: *rīm*, *rīme* foi *RĪMA, RĪMIAS. Ora bem, os genitivos dos temas em -Ā nesse proto-irlandês eram analógicos dos dos temas em -IĀ e em -Ī. Assim cabe estar razoavelmente certos de na velha língua céltica a forma ser *RĪMĀ, g. RĪMĀS¹⁹⁵.

Que significava? Thurneysen traduz *rīm* por “Rechnung; Zahl” e “counting; number”. Em área semântica lábil e proclive à abstração, tais versões, mesmo certas, deixam margem de insegurança na existência real de matizes próximos. Apenas cabe verificar a verossimilhança dessa amplidão. Quadra o lat. *numerus*, que, desde “categoria, classe” ou “parte de um conjunto segundo a sua classe”, chegou a “número”, “conta”, etc. Também a consulta a um dicionário de sinónimos da língua brinda extensa lista de vozes e sentidos, que testemunham o rápido inçar do campo desde qualquer ângulo. Assim, *número* linda com *quantidade*, *quantia*, e estes com *abundância*, *multidão*. *Número* como signo é *cifra*, *algarismo*, mas também *categoria*, *classe*, como em latim. É *conta*, *conto* e *cômputo*. *Cômputo*, com eco verbal, pode verter-se por *número* “fruto de operação aritmética”. E além de outras cousas, *número* pode ser *turno*, *vez*, *maioria*, *série* e *soma*.

¹⁹⁴ Cf. lat. *rītus*, *ūs* “uso, processo religioso” (< “disposição, arranjo”), gr. ἀριθμός “número” e, longe, scr. *ṛtām* “ordem”. Raiz seria *er-/r-*, com *-i/-ei* nos dous primeiros casos. O detalhe do nexa em céltico fica obscuro: **rei-* devera dar *RĒ-, não *RĪ-. Mas a redução do ie. *ei* a Ī existiu às vezes a par do fruto regular, cf. *MĪNĀ/MĒNĀ “mineral”, ie. **meinā*, aquele do galo-românico do Norte, este do galo-românico do Sul e ibero-românico. Talvez foi reperto geográfico de dialetos (Norte e Sul?) ou cronológico (centro inovador, periferia arcaica). E talvez foi uma deriva divergente de origem fonética (fechar por nasalização e dissimilar do -Ē- ante -Ā, nalgumas zonas) generalizada aqui a coincidência fónica com *rēmo-*, *rēmā*, “primeiro, -a; principal”.

Talvez rasto de *RĪMĀ “número” foi o cast. ant. *rimo* “remo”, de lat. *rēmus*, que ninguém explicou. Coromines supõe empréstimo, da linguagem náutica, do latinismo alem. *riem*, que é; tal transmissão parece improvável. Explico: pudera ser que os falantes ao ouvir *remo* cressem ser a palavra RĪMĀ “número, conta”, pois o ritmo do remar é análogo à contagem. A derivação mesma implicaria ultracorreção, aplicada paradoxalmente a palavra latina. Ouvindo *remo*, latino ou românico, creriam ouvir RĒMO-, céltico dialetal minoritário de gênero mudado, em vez do frequente RĪMĀ. Associando ao remo a função de “contar”, corrigiram *remo* em *rimo*, cf. o padrão de pureza latina da equação “célt. RĒMOS = lat. *prīmus*”, já vista. Certo é que aqui sim pôde operar mais singelamente o grecolatino *rhythmus*.

¹⁹⁵ Robora o tema em Ā o derivado *áram* f., g. *áirme* “número; conta; talha [= pau com amossas de registo numérico]”, que ao deslocar o tom dá um testemunho metafónico mais claro do Ā. Vem de *ĀD-RĪMĀ, ĀD-RĪMIĀS, que, como cremos ter provado, é alteração analógica do célt. comum *ADRĪMĀ, g. ADRĪMĀS. Em irlandês mod. é *áireamh*, g. *áirimh*.

Noutra perspectiva, lembre-se que na comparação o valor da raiz era “disposição, ordenação material”. Daí passou em sânscrito a “ordenação em geral, a Ordem”. Tal ponto, mais amplo que *numerus*, mostra *RĪMĀ conter ao menos os matizes de *número* e ser também “quantia” e “montão, acervo”. A força expressiva e o perfil fônico, próximo do latino, permitia-lhe passar ao românico sem suscitar censura nem erguer defesas. Logo *rima* “montão” foi o célt. *RĪMĀ “número”, “conta”, e “série”, “quantia”, “abundância”, “soma” e mais. Não se descarta o germ. *rīm* confluir no norte, mas factor essencial terá sido o céltico, talvez origem daquele.

Estava no céltico hispânico o étimo de *arrimar*? Viu-se ser verossímil o étimo céltico de *rima* “montão” e o nexa com *arrimar* na consciência do falante. É de supor que *arrimar* lá foi “juntar” ou “somar”. Ecos serão locuções como o platino (e cast. geral) *arrímese a la mesa*, cabalmente comutável com *súmese a nosotros*. “Somar” supõe *arrimar* ter-se formado quando *rima* valia todos os matizes “numéricos” ou “aritméticos”. Não se vê diretamente, mas há indícios. A prótese de A nos verbos sói ecoar a preposição românica *a*, ou ser fruto direto do *ad* latino (ou céltico). Então já havia algo disso; o irlandês ant. *áram* f., g. *áirme* (mod. *áireamh*, g. *áirimh*), “número; conta, talha (= pau com amossas de registo numérico)” foi o proto-irlandês *AD-RĪMĀ, AD-RĪMIĀS, antes célt. comum *AD-RĪMĀ, AD-RĪMĀS. O matiz do prefixo cabe cifrá-lo com “soma”. DR simplificou-se no irlandês; no românico ocidental pôde haver duas vias, as duas de fruto RR: assimilação regressiva (RR geminado, depois múltiplo) ou mera multiplicação do R, sentido como inicial, cf. Jungemann a falar nos substratos. *ADRĪMĀ é nome; *arrimar*, verbo. Na Irlanda havia tal verbo? Havia e há, mais claro que *áram*: a consciência de composição preservou o prefixo: *ad.rími* “ele conta; calcula; considera”. Deve se pôr o verbo *AD-RĪM- “contar; calcular; somar”, que passaria ao vulg. como **adrīmāre*.

Etimologia de *rima* “verso”, > “consonância”: Fala-se na origem imediata galo-românica de *rima* “verso”, do fr. *rime* f. ou prov. *rima*. Além disto, na consciência pairou sempre a (par)etimologia *rhythmus*, donde o masculino *rim* de provençal e catalão e o raro *rimo* castelhano. Tão geral presença foi e é um dado certo na história da palavra. Ora bem, pequenas refrações subliminais (v. g. mudar o género) induziram uns sábios, sobretudo alemães, na suspeita de sob o saio clássico respirar disfarçadamente outra alma, que identificaram no germânico *rīm*. No confronto interveio a paixão nacional. Coromines pôs o coração na pátria mediterrânea, como cumpria. Por isso sinto não coincidir aqui. As opiniões da Germânia refluíram e depois se matizaram, às vezes muito, como mudando *rīm* germ. por RĪM- céltico¹⁹⁶, no que acordo, convicto e sem medo de me acusarem de deixar levar do coração, que decerto acompanha.

A precisa definição tradicional de *rima* é essencial na etimologia. Viu-se *rima* ser nos romances o que o baixo-lat. *rhythmus*, “verso românico, definido no número de sílabas e acentos, em geral rimado”, oposto ao que o latim dizia *metrus*, o verso clássico que media pés. É, o *metrus* m e d i a pés, e a *rima* (lat. *rhythmus*) c o n t a v a sílabas. Enquanto à luz da consciência letrada campava a equação *rima* = *rhythmus*, no povo, na subconsciente luz lunar, *rima* ainda era “conta”. Era “conta (de sílabas)” no francês, que do plexo semântico do céltico toma “soma”, próprio da matéria poética, enquanto o nosso *rima* “montão” colhe “quantia”. Cumpre insistir no elemento “conta de sílabas”, essencial na poética medieval (bem que pudesse haver outros sistemas na tradição poética popular, como queria Enríquez Ureña). Importa o rigor do imperativo nos poetas formais, que chegou ao céltico insular medieval (Thurneysen) e ao germânico. Era o verso *feito* nas *Leys d’Amors* provençais do século XIV: “rims es certz n o m b r e s de sillabes...”; o castelhano *Livro de Alexandre*, do séc. XIII, prescreve-o “de sillavas cuntadas”. É, o verso romance ou *rima* era, devia ser, uma série ou soma de sílabas, rasgo essencial na métrica de origem francesa¹⁹⁷. Fr. *rime* e prov. *rima* vinham do célt. *RĪMĀ “número; conta”. O sentido poético veio a outras terras de substrato céltico e topou homófono de igual étimo aplicado a cousas materiais. E entendeu-se desde o termo local, dando-se a identificação apesar da interferência, na mente letrada, da paretimologia *rhythmus*. Contudo, afinal esta triunfou separando os dous *rima*.

¹⁹⁶ Os autores do dicionário etimológico de Grimm, segundo o DCECH.

¹⁹⁷ Tanto que Nebrixa define “rimo: numerus; graece *rhythmus*”, com paretimologia *rhythmus* (na entrada *rimo*), a consciência do valor tradicional deste, de “número”, e a confusão dos gregos αριθμός “número” e ρυθμός “cadência”, paradoxal paretimologia no grego. Além da definição, traduz “*rimar versos*: numerō; *rimada cosa*: numerōsus”. Naquele aparece a visão do *rimar* poético como “numerar”, e no segundo, a mistura do *rima* autóctone com *rimar* “versificar”.

Assim se dilui a dificuldade do género feminino e aclara-se o variar para masculino de certas formas como paretimológicas. A distribuição de géneros poéticos entre *rima* e *rim*, que Coromines observa na poesia provençal antiga, cuida que era eco da maior ou menor popularidade (= tradicionalidade) dos géneros: *rim* seria verso de um género mais submetido à influência erudita, logo de *rhythmus*, e *rima* verso de género popular, isento dessa interferência (ver citas do DCEC-H V, 23 [1ª, 21-28]).

No catalão a exiguidade do substrato céltico (com paradoxal acréscimo do adstrato celto-latino) e a inclusão plena na área cultural mediterrânea têm muito a ver com o crescer da forma *rim*, e mesmo a maior fortuna da etimologia clássica. Mesmo a data precoce (fins do séc. XIV) em que se dá a passagem de *rima* “verso” a *rima* “concordância” é congruente: a derivação natural de *rimar* “versificar” para “achar consoantes” progride chãmente ao não se ver tolhida pela compreensão do valor tradicional “conta; número”.

CONCLUSÕES: *Rima* “montão” vem do célt. *RĪMĀ “número; conta”. *Arrimar* vincula-se, já como um derivado românico de *rima* “montão”, já, provavelmente, como fruto do verbo célt. *ADRĪM- “contar; somar”. *Rima* “verso” e “concordância” vem, pelo galo-românico, do mesmo célt. *RĪMĀ, que na Idade Média aludia ao número ou conta certa de sílabas em que o verso consistia essencialmente.

SÁ e SAVEDRA

O apelativo *sá*: O P. Sarmento unia *sá* “sementeira; geração, ninhada” (voz quase caduca, viva na toponímia e onomástica) ao lat. *sata* (de *serō*) “semeada; nascida”, com semântica plausível, baseado em usos de Ponte Vedra. Bem que pouco, *sá* dura segundo Eládio R. González e L. Carré. Neste é “sazão, tempo da sementeira”; para aquele “sementeira; sazão, tempo de fazer as sementeiras”. Pode supor-se reflexo de Sarmento, mas o apêndice ao léxico de E. R. González acrescenta “geração nova. Nova ninhada de passarinhos ou de outros animais numa mesma temporada; fruto novo”, usado em Cangas de Morrazo, cf. notícia de Bernardino Granha.

Etimologia de *sá*: Mas *sata*, além da boa semântica, não podia dar *sá*, apenas **sada*. Assim prevaleceu a tese que aí via um germanismo. *Sala* sabe-se que viera, através do francês, do germânico *sal*, com mudança de género e adição de *-a*. Quando se soube – tarde – a opinião de Sarmento, foi mais fácil buscar um compromisso, tentando acomodar os inoportunos usos subsistentes. Piel, generoso com Sarmento, aí rendeu preito à tese germânica torturando a semântica: o primeiro *sala* (suevo ou gótico, feminino pelo acréscimo do *-a*, qual o segundo *sala* vindo séculos depois da França!) teria passado de “edifício com grande sala de recepção” a “parte do castelo habitada pelos servos” (sentido invertido), e depois a “parte do estábulo destinada a animais recém-nascidos” e daí a “ninhada”. De “ninhada, geração” viria “sementeira”, o valor mais documentado. Não quadra reprochar-lho a Piel, que fez muito pela nossa cultura. É questão obscura da nossa história que devia ser atendida por nós. Se é construção forçada, ponhamo-nos a revisar os dados, desde a hipótese mais provável, recons-truindo o étimo e buscando a língua possível. Talvez não se chegue, mas abrir-se-á via mais segura varrendo vãs fantasias.

Sá foi *saa*. Que consoante caiu? Sem testemunhos nasais, ficam D e L: *SADA ou *SALA. Na primeira sílaba há uma variante da raiz vista, na outra o sufixo, que é a questão. Se o sufixo foi *-DA*, pudéramos ter o germânico *SĒDA- “semente” (ie. **sēi-to-*), improvável pelo timbre da vogal primeira. Provável é o céltico *SALĀ, de **sē-lo-*, com o sufixo de SĪLON (< **sēilo-*). Mas sem rastros insulares: o galês *had* “semente” é de *SATĀ ou *SATO-, e este de **sē-to-*.

Sobrenomes vários: As outras línguas ibéricas roboram: cast. *Salas de los Infantes*, *Salanueva*; cat. *Sala-nova*, *Salavedra*, *Salavert* (mais provável a vegetação que a decoração); basco *Salaberri*, *Salazar* (*Salazahar*). O valor céltico perdura no basco: *sala* “devesa” (L. Mendizábal). Sempre é valor duplo, “sementeira, leira para” e “colheita” > “geração”. Isto em *Saavedra* e nos pares *Salavedra* e *Salazar*. Apelativo *sá*, topónimos e antropónimos *Sá*, *Sás*, *Saa*, *Saas* (*Zas*), *Saavedra*, são palavras que valem ou foram “sementeira, sazão; geração”, cujo étimo céltico é a única resposta coerente.

SAL DA KALLAIKIA

(moira, salmoira, Salnês, Moranha)

A ficção arqueológica está de moda e é oportuno aproveitá-la e propor o voo da imaginação. Se fantasia, talvez atinja benevolência. Procedamos cronologicamente. Os celtas conheceram o ferro no centro da Europa, longe do mar. Na língua não havia palavra para “mar”, sim a que no tempo o notaria: indo-europeu **mor(i)* / **mēr(i)*, que era “lagoa; paul”, e “lameiro”, cf. ingl. *mere*, no fundo “grandes águas”. Era tema consonântico, mas ali tinha o dialetal *MORI. Ao cabo deram-lho ao mar oceano¹⁹⁸. *MORI tinha O fechado¹⁹⁹. No início do milénio anterior à era, talvez durasse rasto fóssil da flexão consonântica. O adjetivo *MORIO-“marinho”²⁰⁰ substantivou nos três géneros. *MORIĀ “marinha” fazia os femininos: *(ABĀ) MORIĀ “água de mar”, *(LANDĀ) MORIĀ “praia, beira-mar”, etc., como o nosso *marinha* é “praia, margem, beira-mar”, “frota naval”, “salina”. Imagino que MORIĀ “marinha”, por cruzamento semântico dos modificados mais comuns (*ABĀ, LANDĀ) chegou a valer “salina”, cf. port. *marinha*; primeiro seriam as salinas donde o sal se tirava por evaporação direta da água de mar, depois por qualquer outro labor extrativo.

Cultura céltica é sinónimo de ferro e sal. Hallstatt nota o peso do comércio do sal. *Salārium* nota-o como matéria-prima e instrumento de troca. Não só de tempero e moeda, também nas aplicações para conservar os alimentos. Aí os celtas trouxeram avanços que ainda se fruem na cozinha e no comércio. Salzburg, Salzbach, Salzkammergut ainda evocam o poder do sal halstático. Sal-gema, não marinho, mineral. Os halstáticos no monte obtinham-no por evaporação. Metiam água nas minas, que, ao sair, expunham ao sol.

Na beira-mar atlântica floresceu a indústria do sal marinho, mas a evaporação não era completa. Saturada de cloreto de sódio e apurada, vendia-se a “água marinha”. A fama para guardar as proteínas corria e com ela a palavra MORIĀ “água salgada para conservar”. Os latinos tomaram-na duas vezes, tentando imitar os sons exóticos no seu sistema fonológico: o O breve céltico soava como o próprio U breve, e o -Ā final céltico já não tinha par; o latim abreviara-o. Uma vez cunharam *muriēs*, -*ei*, e a outra *muria*, -*ae* “moira, salmoira”²⁰¹.

São as formas clássicas. Depois, o corpo breve e as palavras próximas levaram a aceitar o quase helénico *salimuria*, documentado no grego Oribásio (séc. IV). O impulso da mudança foi ἄλμυρίς, cujo -μυρίς também aparenta com *MORIĀ, enleado com outros vocábulos, como ἄλμη “espuma de mar; crosta salina”. De qualquer jeito, no latim sentia-se acréscimo expletivo de *sal(i)*-. O vulg. *salimuria*, no século VI, era *salemoria* (Antimo, também grego), perfil já romance, étimo do it. *salamoia*. Os outros romances tiraram o -*e* de *sale*:- todos vêm de **salmuria*, o que nota aí ter-se visto um composto. Quando prevaleceu a ordem “modificado-modificador”, mudou o género de *sal* para feminino em castelhano, catalão, provençal e romeno. Isso explica também a evolução em português, do étimo *salimuria*, não no **salmūria* de Meyer-Lübke²⁰². Aplicar rigidamente a *salimuria* a fonética histórica fez os léxicos portugueses crer *salmoira* castelhanismo²⁰³. *Moira*, *salmoira* (*moura*, *salmoura*) são lídimos portugueses e não obsta a mirrada, pouco antiga, documentação. Não é a primeira vez que vozes do acervo indocumentadas vêm surgir como empréstimos fora dele. E não digo que o cast. *salmuera* seja empréstimo; tolhe-o o dito ao recusar o empréstimo inverso: é voz íntima e antiga demais para essas viagens modernas.

¹⁹⁸ À margem dalgum outro que surgiria localmente no Atlântico, como *Vergivios* (Ptolomeu), que contém o célt. *WERGĀ “ira”, logo *WERGIWIOS era “o (mar) irado”, donde o gaél. *fairge*.

¹⁹⁹ Coromines viu o E breve céltico ser fechado (ZfcPh XXV, 53; Tópica Hespérica II, 227) e Hubschmied, o mesmo de I e U (V. Rom. I, 99). Do O breve céltico, v. DCECH V, sub *trucha* (bem que não me convença o étimo aí proposto e ainda confie no que propus no I Congresso Int. da Língua Galego-portuguesa na Galiza, Ourense, 1984 (Atas, p. 418; § 9, aqui p. 10).

²⁰⁰ O irlandês antigo *muiride* “marinho; marítimo”, de *MORODIO-, já era inovação.

²⁰¹ Festus (séc. IV): “(*muries*) dicebatur sal in pila tonsum et in ollam fictilem coniectum et in furno percoctum, quo dehinc in aquam misso vestales virgines utebantur in sacrificio” (153, 5).

²⁰² V. nota 9 de *sal* do DCECH V. O U de *salimuria* não podia ser longo.

²⁰³ Supôs-se que *salimuria*, vindo *in toto*, daria *salemoria* > **saemoira* > **semoira*. Mas a consciência de serem compostos evitou o tratamento. *Arrepiar* (de *horripilāre*) não é composto românico e tratou-se como tal mantendo o P sem sonorizar.

Moira e *salmoira* são o que o étimo latino, “água saturada de sal marinho (para guardar alimentos)”, “água que escorre de um alimento conservado em água salgada”. Além deles há usos translaticios: “o que se põe em salmoira”, “recipiente de salmoira”. Talvez no asturiano *salmoría*, de Colunga, vibre um eco pré-romano: é “água de mar”. Mas pode ser derivação românica. Se o voo fantástico atinou, bonito e interessante é, mas ainda não rematamos. O que buscamos é o sal na Galiza antiga. Que foi dele lá, na Kallaikia? Nada vejo nos textos. Mas a cultura galega era céltica e participou de tudo o que nela foi essencial. Há um topónimo galego que nota a presença do cloreto de sódio no tempo latino: *Salnês*, que é *Salinēnsē* na *Historia Compostelana*. Logo aí havia salinas, nos séculos do Império ou seguintes. Não sei se hoje há, só interessa vê-las lá. Apesar de dado conhecido, não sei se se aproveitou. Mas não é a indústria o que persigo, sim uma perdiz oculta: a (Terra de) *Moranha*, que para dizê-lo de vez, foi o célt. *MORIĀNIĀ “terra de salinas”, coletivo composto do substantivo *MORIĀ “salina” e a desinência -(Ā)NIĀ, hoje -(ai)ne em irlandês, cf. *gíallne* f. “clientela; submissão”, de *gíall* “cliente; devoto; arrefém” (*GĒSTLONĪĀ, *GĒSTLOS)²⁰⁴.

*MORIĀNIĀ é a *Salinēnsis* o que o original à tradução. A beira-mar, cruzada pela cultura latina, traduziu o nome velho, que o interior mantinha. Distribuições frequentes, de um país entre duas línguas adventícias, ou entre uma invasora e outra dantes possesora do conjunto. A *Montanha* santanderina e a *Bizkaia* basca foram o mesmo; vertem o nome pré-histórico de “montanha”. No interior, na *Moranha*, o sal era sal-gema, de lagoa saturada. Um folheto turístico de Caldas de Reis diz as águas termais ser sulfuradas e *clórico-sódicas*, com enxofre e *sal*. Os dons curativos são os predicados da água de mar, fora ser sedativas, o que virá da tepidez.

SALDANHA

Indagando a origem do nome *Saldanje*, de um lugar na beira do Madanela, que deságua no alto Minho, Lugo, dei com *Saldanha*, repetido em Trás-os-Montes, Palência, Burgos e Segóvia. É melhor começar o estudo pelo segundo, mais frequente e conhecido como nome de família.

É étimo claro: célt. *SALDĀNIĀ “salgadeira”, coletivo de *SALDĪ, SALDIĀS “salga; toucinho salgado”, donde gaél. *saill*, g. *saille* f. “lardo salgado”. *SALDĪ tem o indo-europeu *sal- com o -d- do latim e do germânico (lat. *sallō* < *saldō; gót. *salt* < germ. *saltam < *saldom), quer dizer, *SALD- “sal” com um sufixo -Ī, g. -IĀS talvez de tema verbal.

O sufixo coletivo -ĀNIĀ estudamo-lo em *MORIĀNIĀ, étimo da galega [Terra de] *Moranha*. Portanto o *Saldanje* do Alto Minho deverá vir de um híbrido celto-latino *saldāniiae g. (célt. *SALDĀNIIĀS), isto é, do célt. *SALDĀNIĀ (ou *SALDĀNIIĀ) declinado à latina, provavelmente declinado no genitivo singular.

SAMBORINHA ou SAMORINHA

Molusco bivalve da família dos *pectinidae*, parente das vieiras. De facto, no português comum chamam-no *vieira das pedras*. Mais pequeno que a vieira (*pecten maximus*), dizem que pode ser mais gostosa. O nome abrange ao menos duas espécies, a *samborinha* ou *samorinha do país* (*chlamys varia*), a mais gostosa, e a *samborinha francesa* ou *encarnada* (*chlamys opercularis*). Escrevem-no *zamburiña* e *zomuriña*; mas a meu ver deve-se grafar como pus acima. Molusco notório nas Rias Baixas, zona de “sesseio”, leva Z- castelhano ultracorreto na mor parte dos registos, cf. *Sies*, em geral escrito *Cies*. Além disso, a segunda vogal, átona, sói representar-se com U segundo a fonologia castelhana, mas na realização a abertura depende do I tónico, que produz metafonía. Para ver de que positivo vêm estes diminutivos, tem-se que tirar a desinência, mas como isso desloca o tom, a posição no positivo fica de momento incerta: *samôra? *sâmora?

De etimologias apenas vi as conjeturas de António Santamarina²⁰⁵ e Coromines²⁰⁶. Aquele, trás considerações atinadas, considera possível tirá-lo de *andorinha*, por falsa segmentação, mudança de -nd- a -mb- por “equivalência acústica” e redução -mb- a -m-. É curso forçado, inspirado no jeito de deslocar-se do molusco,

²⁰⁴ Rudolf Thurneysen, *A Grammar of Old Irish*, Dublin, 1970, p.168.

²⁰⁵ Anexo 7 de VERBA, Anuário galego de filología, Universidade de Santiago, 1977., p. 113.

²⁰⁶ DCECeH, *anemo-*.

como a voar, com algum paralelo. É justamente tal rasgo o que mudou, por paretimologia, os *samborinha* e *samorinha*, inequivocamente maioritários e decerto originais, em *andorinha*.

SÁVEL e SAMBORCA: De Coromines prefiro lembrar a magnífica etimologia (inspirada por Schuchardt) de *sável* (gal. dial. *sáv le*) e do cast. *sábalo*, aqui oportuna: célt. *SÁBOLOS, ou *SÁBALOS, adj. de SAMOS “verão” com a incipiente lenição do M intervocálico que se vê nas neocélticas. O peixe sobe os rios em maio e junho, cf. alem. *maifisch* “sável”, lit. “peixe de maio”. Schuchardt tirou o cat. *saboca* (e *saboga*) do céltico *SAMĀKOS “estival”, através de *SABAUCA, documentado SAMAUCA, com o britónico $\bar{A} > AU > O$.

A lenição no céltico continental só fora vista nas oclusivas intervocálicas, P, T, C e nos B, D, G oclusivos. Jud e Aebischer viram casos continentais de $M > B$. Os passos foram $AM > \bar{A}V$ ou $\bar{A}\beta > AB$. O passo intermédio – grafado variamente –, será o que temos em *samborinha*, cf. bretão *hañvek*, de *SAMĀKOS. Ora bem, *samborinha* coexiste com *samorinha*. Logo as duas variantes serão testemunho de um processo flutuante, em curso no tempo final ou medieval do céltico calaico.

Há um galego *samborca* “sável”, registada desde Sarmiento, com fama de carne má, se pescada no mar: “*Se queres ver tua mulher morta, dá-lhe de comer samborca*”. A meu ver será palavra vinda do cat. *saboca*. Entraria com os imigrados catalães no séc. XVII. O R epentético explica-se como o de *sorça*, do ingl. *sauce* [sōs], com o seu O longo aberto. A nasalidade virá de cruzar-se com a palavra que nos convoca. O *sável* na Idade Média era *sával*, plural *sávaes*, o que supõe o étimo imediato *SABALIS, de um mediato *SAMALIS, “semelhante” em proto-gaélico. Outra paretimologia do tempo final; com este se terá confundido *SAMALOS “estival”.

Do que é diminutivo SAMBORINHA?: Vimos o céltico SAMOS “verão” (ou “metade clara do ano”) com várias desinências adjetivas, que serviu a fazer palavras para *sável*, peixe que no verão sobe do mar aos rios. Eis *SAMĀKOS e *SÁBALOS ou SÁBOLOS. Mas a *samborinha* não é peixe, é molusco bivalve. Para certificar a possível origem vinculada a SAMOS, devêramos indagar no ciclo vital da espécie, o que é labor de biólogos especializados. Para além disso, a pesca predatória provocou a veda estival para tolher o absoluto final. Ora, o que pude ver é que, em geral, os moluscos crescem mais no verão, quando abunda o plancto que os nutre. No tempo céltico soberano as vedas não existiam. Arrisco a hipótese de *samborinha* ser diminutivo de um **sāmora* extinto que vem do célt. *SAMORĀ, proparoxítono como *SÁBALOS ou SÁBOLOS. Pelo que se sabe, a pronúncia céltica seria [sāmōrā] de O breve fechado. O nome *samōra* que lhe dão em Mogor, paroxítono de O aberto, é regressivo de *samborinha*. Também não é velho o *samōna* de Cangas, paroxítono com assimilação progressiva.

Duas questões põe *SĀMORĀ: a) qual é o sufixo, e b) qual o sentido exato que lá teria. O sufixo dura na língua como sufixo de agente (*pícaro* = o que pica), mas as neocélticas notam que nos nomes dava coletivos: ant. gaél. *clocher* “amilhadoiro” de *cloch* “pedra” (*KLOKĀRON de *KLOKĀ). Se *SĀMORĀ foi “soma de verãos” (isto é, “de anos”) debruçamo-nos num horizonte semântico diverso do notado arriba, sem nexos com o tempo da apanha do marisco, mas sim com os anéis concêntricos de crescimento, patentes nas valvas dos *pectinidae*, que os antigos não deixariam de observar no caso do maior da família, a vieira.

Isso leva para uma questão interessante. O nome *vieira* vem do latino *venēria* “espécie de concha”, vindo da imagem de Vénus saindo das águas, imagem tão forte que apagaría o nome autóctone, que a meu ver durou nas espécies similares mais pequenas, nas *samborinhas*. Não tenho dúvidas – apesar da difícil prova – de que *SĀMORĀ foi o nome céltico da vieira, a famosa *coquille de Saint-Jacques*. No medievo, no crepúsculo do céltico, algures surgiria a variante *SĀMBORĀ, do qual não desespero de encontrar ecos. Suspeito que é a chave do enigma do nome da ilha de Sálvora, cruzado com *salvar*, quando *SĀMBORĀ deu opaco.

SAMOS

Samos em Sárria, Lugo, é famoso pelo mosteiro fundado em tempos do rei Afonso II (791-842) por eremitas *reunidos* em cenóbio sob a regra de São Bento. Era *Samanos* em 811 e 934, *Samões* em 1284, e *Samos* desde 1347. Junto de *Orraca*, concorre a provar a velada presença de um falar céltico peninsular muito depois de ter sido dado por morto. Para dizê-lo brevemente, *Samos* alude aos beneditinos *reunidos* em cenóbio ou comuna, lá nos tempos de D. Afonso II de Leão. Sarmiento sabia “*Sāmanos* significar un lugar o sitio en el cual viven

unos monjes *cenobitas*, viviendo vida en común como cenóbio o monasterio”, um achado semântico próprio do seu génio, tanto tempo ignorado. Precursor da linguística românica, mesmo chega a suspeitar a origem céltica, mas recua pela ousadia que o asserto lá supunha. Antes disse “*Sámanos* viene de una raiz a la cual *no repugna ser céltica* y que, de seguro, es sueva o gótica”²⁰⁷. Desde então sói repetir-se ser de origem sueva.

É certo uma língua germânica ter durado uns séculos no noroeste, como dizem *áscua*, *ouvas*, *Morpeguite* e *Morquintiã*. Mas aqui o que há é um nome popular no VIII, perto da montanha lucense. Moralejo Lasso já descrevia dessa origem sueva e pendia para a “indo-europeia pré-romana”²⁰⁸. Mas não disse que a equação do frade (*Sámanos* = *cenobitas*) ao surgir o cenóbio notava falar-se céltico, o que era ousado. Mas decerto aos eremitas virados *cenobitas* “que vivem em comuna” os vizinhos diziam-lhes **sámanoi* “reunidos”.

O tema abunda na toponímia pré-romana: *Portus [S]amanum* de Plínio (Castro Urdiales), *Sámano* e o *Samaniego* de Álava, próximos dos célticos **SAMONIS* “reunião”²⁰⁹ e **SAMATU-* “id.”. Repete-se perto de Vigo, em *Samães* (*Zamans*), do híbrido **Samánīs*, ablativo-locativo latino que desloca o tom à penúltima. *Samanos-Samos*, com -S, procede do acusativo plural **SÁMANŪS*, cujo nominativo era **SÁMANOI*, sem paralelo exato no gaélico antigo²¹⁰.

SAPATOS, SAPATAS, SAPATÕES e PATA

São hispânicos (cat. *sabata*, cast. *zapato*, basco *zapatu*), gálicos (prov. *sabata*, fr. *savate* “sapato velho”) e itálicos (*ciabatta* “sapato velho”). Coromines viu os textos primeiros ser hispânicos e sempre começarem com africada: *çapatas*, *çapatões-çapatones* e *çapatos*, nessa ordem de frequência. E viu que o grupo de russo dial. *čobot*, pol. *czobot*, ucraniano *čobit* e tártaro de Kazan *čabata* nada tem com o ocidental e as similitudes serem meras miragens. Também não cria nas etimologias em curso, pendendo à hipótese onomatopeica.

Etimologia de *sapatões* e *sapata*: *Çapato* é regressão de *çapatões*, cf. a antiga frequência. *Çapata* emula a *çapatões-çapatones* e vence em catalão, provençal, francês e italiano. *Çapatões* será um vulgaríssimo **sub-pattones*, **suppatones*, que suscitava o breve e elíptico **suppatta*. Três questões põe isto: duas graves e a terceira menos abstrusa mas desatendida:

- a) a revirada fortuna do prefixo *sub-* nos romances hispanos,
- b) a obscura etimologia de *pata* e
- c) a precisa semântica do conjunto.

Destino do prefixo *sub-* nos romances hespéricos: Tem-se visto o rasto do prefixo lat. *sub-* em *chafundar* (*suffundare*), *chafurdar* (talvez de **chafurgar*), *chapodar* (*supputare*) e quiçá em *chapuzar* (se é alteração de *chapuçar*). No castelhano, além de *so-*, *son-* e *sa-*, vira em *za-*, *zan-* e *cha(n)*. Apesar disto, a suposta interferência do árabe nas sibilantes adiou a análise da causa de cá surgir tais africadas.

Quadra aqui o dito de *socas*, *chancas* e *samancas*. O lat. *sub-* foi amiúde misturado no Império ocidental com o fruto céltico do indo-europeu **stā-/ *stā-* “estar em pé”, que era **TSA-*, e a sistemática confusão tem explicação semântica na dupla vizinhança dos pés com a posição ereta e o nível térreo. É ocioso estender-se.

Etimologia de *pata*: No DCECeH, Coromines insinua a etimologia que exporei, sem explicitá-la. Étimo óbvio é o vulg. **patta*, fruto em boca de bilíngues do vulg. **platta* “chata” mal ouvido. Seria alusão jocosa à planta do pé, chamada de chata. O tipo **pauta* “pata, garra” será o mesmo a respeito de *plautus* “pé chato”, redução resultante de os falantes célticos mal reproduzir o grupo consonântico. Não creio no vínculo genético entre **patta* e **pauta*, nem entre **platta* e *plautus*. Mas a vizinhança semântica e fónica à força devia enleá-los.

²⁰⁷ *Origen del nombre y casa de San Julian de Samos, monasterio de Benitos en Galicia*, opúsculo no folio 383 do tomo IV da Coleção *Medina Sidonia* de obras do P. Sarmiento, de 15 tomos (II, XII e XVII no Museu de Ponte Vedra) no Arquivo Ducal de San Lúcar de Barrameda.

²⁰⁸ Abelardo M. Lasso, *Toponimia Gallega y Leonesa*, Picro Sacro, Compostela, 1977, p. 262.

²⁰⁹ V. também aqui *Escadevas*.

²¹⁰ V. Vendryes, *Lexique Étymologique de l'Irlandais Ancien*, RS, 1974, *sam-*, *samain* e *samud*.

Apesar de hispânica e gálica, não é palavra céltica, sim desenvolvimento latino vulg. no ambiente bilíngue do Império ocidental. Onde há uma pegada céltica é no género de **patta*, adj. substantivação que sugere um tácio nome feminino, talvez o célt. **KOXSĀ* “pé, perna”.

***Sub-pattones e *sub-patta:** Deita luz um paralelo perfeito, o tipo principal gálico. O francês *soulier*, antes *soller*, e o provençal antigo *sotlar*, vêm do lat. vulg. **subtēlāre* (M.-L. 8397), lat. (*calceus*) *subtālāris*. Sto. Isidoro define-o no baixo-lat. o valor: *subtelaris* (*calceus*) “calçado para a planta do pé”. O *subtelaris* (ou *sotularis*) criam-no do baixo-lat. *subtel* “cavidade na planta do pé”. É a noção de um calçado a cobrir a parte inferior do pé, dado que repete a velha ideologia do calçado e nada diz do feitio. *Tālāris* é o adjetivo de *tālus*, *tālī* “astrágalo”, após “tornozelo” e “calcanhar”. Logo é metonímia do pé, que é o que significa *pata*. Entre *patta* e *tālus* difere o tom rude daquele, o que ecoa pejorativamente no **sub-patta* na França do norte.

**Sub-pattones*, melhor **suppattones*, qual *subtelares* (*calceī*), era “os de debaixo do pé”. Mas **suppattones* e **suttelares* não ficaram paralelos. Por quê? O **sottelares* ouvido soava latino e o *so-* logo ficou. Às avessas, o lat. *patta*, vulgaríssimo e provincial, sentia-se parte da língua de substrato, e a paretimologia estendeu-se ao prefixo, que se cria o **TSA-* local. Criam *patta* ser palavra céltica? Notá-lo-iam derivados terem passado ao céltico das ilhas. No século X, Cormac regista o gaél. *patu* “lebre”, que suporiam de um céltico **PATTŪ*, *PATTONOS*, lit. “de grandes patas”. O radical vê-se no galês *pathew* “leirão”. Duas espécies de longas patas posteriores. **Suppattones* ou **sub-pattones* “os de embaixo do pé” e o afim **suppatta*, ao cunhar-se soavam **soppattones* e **soppatta*. No longo tempo do mudar linguístico tiveram a fortuna de fazer-se gerais, mesmo entre não latinos. Deu-se a substituição paretimológica do prefixo *sub-* pelo tema da fala local que aí criam ver, **TSA-*. Nestas terras pronto a lenição céltica passou ao baixo-latim ou ao românico incipiente, e então apareceram **çapatones* e **çapata*. V. *Arredor do vocabulário do calçado*.

SARAIVA

Saraiva é um mistério da nossa linguística histórica, já visto pelo P. Sarmento. Coromines, entre várias ideias, ao cabo opta o étimo da raiz **sneig^wh-* “neve; nevar”, com contorção do radical difícil de aceitar sem razões melhores. De sempre coexistiram *saraiva* e *saravía*. A documentação do séc. XIV tem as duas. A metátese do iode sem mudança do A tónico nota ter-se dado em data não antiga; é de vozes semieruditas (*vigairo*, que não o parece) ou trás encontro vocálico a surgir da queda de fonema intervocálico.

É logo provável o protótipo **SARÁWĒNĀ*, ou **SERÁWĒNĀ*. Quadra dar com uma raiz plausível e o significado coerente. A raiz provável é **ser-* “fluir” (Pokorny 909-910). Não é preciso ser um fluxo líquido. A definição comum “chuva de pedra” é coerente com tal **SARÁWĒNĀ* (ou **SERÁWĒNĀ*), adjetivo céltico em *-ĒNO-* de **SARAWO-* que valeria o mesmo, através de processo similar ao de *saraiva* > *saraivada*.

SARANDÃO

Susan Sarandon é o nome artístico, por matrimónio, de uma atriz norte-americana, cuja cara, ao menos, todo o mundo conhece. O que talvez se ignore é ser topónimo galego: eis os lugares de São Miguel de *Sarandão* (*Sarandom*) e de São Pedro de *Sarandão*, no sul da Corunha, na raia de Ponte Vedra. Além disso, é apelativo para “tamis, peneira, crivo para cereais”. Neste, na língua moderna abunda a pronúncia com interdental castelhana, grafada *zarandon*. As duas iniciais veem-se nos dicionários galegos. A flutuação gráfica também atinge o acento gráfico e a nasal final, mas na toponímia perdura a velha e preferível escrita S-. Aparenta com *cirandar*, transmontano *cerandar*, galego *sarandar* e o castelhano *zarandear*, cujo étimo não é do caso.

SARNA

Isorna: O topónimo *Isorna*²¹¹ vem do célt. *ĪSARNON “ferro”²¹². Raiz indo-europeia é *eis- “paixão; agitar violento” (Pokorny 299). *ĪSARNON portanto é “minério apaixonado e forte”. *Isorna* foi *ĪSARNĀ “férrea; ferreira”, mas cumpre explicar a labialização da tónica. A vogal de *ĪSARNON flutua entre A e E, com domínio de A. A mudança dessa vogal deve explicar-se.

Viria do sintagma *(SKAURIĀ) ĪSARNĀ “escória férrea”. Coromines viu *escória* vir do célt. *SKAURIĀ, testemunhado em data romana, e como empréstimo no basco, e pronto passado ao grego (Aristóteles) talvez do hispano-celta, e mudado em σκωρία por influxo de σκώρ, σκατός “excremento”, do que não pode vir. Os latinos seguiram os gregos²¹³. A ideologia helenizante na Galiza fizera muitos crer serem netos dos gregos. *SKAURIĀ deu o vulg. *scōria e o céltico final *SCŌRIA. Assim é como *SKAURIĀ ĪSARNĀ passou a *SCŌRIA ĪSŌRNA, por assimilação e harmonização.

Sarna: A vil *sarna* também vem de *ĪSARNĀ “(escória) férrea”, pela assimilação às escoriações morbosas. Coromines vira-o sem tirar consequências. Provou *ĪSARNĀ ter sido “escória férrea” (pelo eco basco), depois “serradura” (em gascão e catalão) e ao cabo “caspas, escoriações; afeção cutânea” (em Santo Isidoro). A aparente distância semântica não era tal. O ferro sempre teve forte polarização valorativa. É o mais poderoso, mas com notas de impureza terrível pela arcaica associação ao sangue: na cor do minério nativo e na cor do sangue real que o ferro das armas verte. Fundir e forjar ferro foi, e é, uma operação fortemente mágica, que do ferro separa o melhor e o pior. *Escória* é sinónimo de *vil* e *ínfimo*. Com *sarna* acontece o mesmo.

A elisão do I- inicial: O lídimo I “móbil” era decerto o neutro de um demonstrativo fraco, talvez já um artigo, frequente no hispano-céltico, ao menos do sul²¹⁴. Abundante na Bética, temo-lo visto: *Hispalis*, *Hispânia*, *ibex*, etc. Em geral foi atribuído a iberos e bascos. Mas eis *Itucci*, grego Τύκκε (Martos, Jaém), de zona julgada ibera, onde o céltico era língua franca. O I “móbil” elidido aqui não era esse artigo ou demonstrativo, e a elisão produziu-se tarde. Aqui o étimo tinha um I longo inicial próprio da raiz, que no ocaso do céltico foi interpretado como prótese daquele pronome fraco ou artigo, e logo separado.

SAURUS

M. L. 7626, em português

(*chouriço, abesouro, soula, soira, souria, souriom, ressouro, souril*)

Coromines, a falar na origem de *saurīcium, étimo de *chouriço*²¹⁵, vê aí o baixo-lat. *saurus* “amarelo escuro, dourado, trigueiro”, de origem germânica, pelo defumado do chouriço, mas destaca que “de todos modos nada se puede asegurar, en vista de que este adjetivo está escasamente representado en la península ibérica...” No contributo ao I Congresso da AGAL, de 1984, pus uma breve nota na etimologia de (*a*)*besouro*. Alegrei-me de ter topado outro rasto de *saurus*, que fortalecia a análise de *saurīcium. Não sabia que já o mestre detetara o étimo *ape-sauru- (DCECeH, de 1980), mas para postergá-lo (generoso, semeava sem cuidar-se de apanhar). O exemplo obriga-me a roborar o que creio importante para a história da nossa cultura. É que depois topei outras palavras da família que julgo oportuno pôr juntas.

Saurus foi o germ. *sauzaz > *sauraz “seco, torrado”, de *sousós, cf. gr. αῖος “seco, enxuto” e palavras indo-irânicas, balto-eslavas e latinas. É só germânico ocidental, e aí só baixo-alemão e alemão médio, *id est*,

²¹¹ No sul da Corunha, além da Ulha e perante Catoira, de Ponte Vedra.

²¹² *ĪSARNON passou ao germ. *īarnam com a técnica. A cultura céltica difundiu o ferro na Europa e chegou a fabricar aço artesanal. *Isorna* é o rasto galego.

²¹³ Perdida a quantidade, no baixo latim houve nova paretimologia de *excoriare*, que vem de *corium* “coiro”, pois que pronto *sarna* passou de “escória” a “caspas, escoriação”.

²¹⁴ Masculino-feminino (animado) **IS**, neutro (inanimado) **I**. Talvez também calaico, cf. HE APRV no anel votivo achado nas Sies, se é o híbrido e arcaico I APRUM “o dos porcos bravos”.

²¹⁵ Em DCELC II, 81a 28 ss., agora DCECeH II, 393b 8 ss.

atuais inglês, neerlandês, baixo-alemão, mais o frâncico. O francês, onde é viçosa a família germano-românica, recebeu-o duas vezes. A onda do séc. VI deixou *sor* e *saur*, nome de cor, “jaune brun”, atribuído ao que interessa aos aristocratas que o trouxeram. O nome de cor espargiu-se fora da França com a voga das cousas nomeadas. A segunda vez veio do neerl. médio *soor* “defumado”, já no XIII. Daí *saur* “(arenque) defumado” e derivados da técnica alimentar. As precisões valem para discernir as influências. Quadra precisar as variações semânticas. Se verbal, era “torrar, ressequir por calor”. Às vezes passou a “murchar”. E segundo o calor, “torrar” foi “tostar, queimar de leve” ou “defumar”. Os dous cobraram valor secundário de “escurecer”. O frâncico atendia mais à cor. Donde e quando recebemos nós?

Chouriço vem do medieval *souriço* cruzado com uma palavra que talvez fosse *chorume*. *Souriço* decerto vem de **saurīcium*. A falta de **sauraz* em gótico, a autoctonia dos elementos de cultura material envolvidos, a aparição tarda de *chorizo* em castelhano, todo nota origem portuguesa e empréstimo ao castelhano. Suevo? Viria pelo caminho de Santiago? A semelhança com o fr. *sauris* “salmoira (dos arenques)” surpreende, mas é superficial. Se os dous vêm de **saurīcium*, no imediato *sauris* veio do neerlandês médio *soor*, sem ditongo. Com ele a grafia francesa acusa a influência do baixo-latim. A forma portuguesa, além da diferença semântica, tem ditongo, o que recua a entrada da voz na Galécia para meados do primeiro milénio e exclui o intermédio neerlandês. Não há outra possibilidade que o suevo.

Os suevos entraram no século V, ainda sem fechar-se nenhuma das mutações consonânticas que perfilam o românico perante o latim. Coromines não cria no étimo **ape-sauru-* pelo -S- sonoro. Mas lá já era composto feito. *Ape-* não durou; o que chegou foi *apicula*. Daí sonorização de -P- e -S- serem solidárias e mais ou menos coevas. Antes que **saurīcium*, é **ape-sauru-* o que leva a ver a entrada precoce, atribuível só aos suevos.

A. Otero ²¹⁶ diz em Moreira (Cervantes, Lugo) *soira* ser o suão de verão, o vento que em Álvaro, Pastoriça, Lugo, é *soula*, e em geral na Fonsagrada, nordeste lucense, é *souria*. Por extensão, sói dizer-se *souria* a um vento seco e frio. *Dia de souria* é seco e quente, de vento áspero que dana os frutos. *Souriom* ali é isso. E inda fala em *ressouro* (resouro) “cor encarnada da pele do porco quando está muito tempo ao sol”. É palavra de Guilharei, Tui. De igual valor, *soira* e *soula* virão de **soura* < **saura*, mas o ditongo OI no Norte não é comutação de OU. Aí *soira* virá de **súria*. No caso, *soula* é algo diferente e o L uma dissimilação: **(aura) saura*. *Souria* é provável deriva românica e daí virá *souriom*. E *ressouro* (*resouro*) seria **re-sauru-*. Os nomes dos ventos viajam pelas rotas do mar, mas as terras notadas são mediterrâneas e os termos próprios do lavrador. A cor da pele do porco dava pouco aos senhores francos, apesar de nome de cor.

Souril: É palavra que ergue defesas. Carré define: “sorridente, alegre”. Pela aparência de torpe arremedo do fr. *sourir* seria postergada pela crítica. É geral; usaram-na Cabanilhas (Rias Baixas), Cotarelo (Galiza asturiana) e Valadares (Santiago). Regista Carré (Corunha), Eládio R. González (Ourense), C. Pozo (Ponte Vedra e põe Fisterra) e Carvalho Calero (Ferrol). A restrição crítica e o cariz das definições roboram haver paretimologia. E. R. González não se cinge à definição e põe detalhes: “Alegre, sorridente, vivaz. Aplica-se a rapazinhos e moças e diz-se dos olhos expressivos e *churrusqueiros*”.

Do visto deduz-se termos um **saurīlis*, -e “queimante, ardente” bem expressivo, quase inconveniente. É curioso o sublinhado de *churrusqueiro*, de R. González. *Churrusqueiro* e *souril* são palavras expressivas, de escassa denotação, das que R. González não sabia a história. As duas vêm de étimos que significam “queimar de leve”, hoje invisíveis. Quanto à antiguidade de **saurīle-*, o sufixo, velho e pouco produtivo, contribui a confirmar a antiguidade da entrada de *saurus* ou do equivalente germânico puro.

Conclusões: **saurīcium*, **ape-sauru-*, **saurīlis*, -e, **(aura) saura*, **sauria*, são várias palavras. Talvez ténues, mas certas e convergentes, notam entrada precoce, talvez com suevos e hasdingos. **Ape-sauru-* e **resauru-* são de lavradores, e também **(aura) saura* e **sauria*. **Saurīle-*, agora expressivo, dantes seria palavra agrícola. Confluem a cultura material agrária, a montanha arcaica e as desinências latinas. Não é crível a importação da Gália. São suebismos, preciosos por escassos.

²¹⁶ *Vocabulário de Sam Jorge de Piquim*, Univ. de Santiago de Compostela, Verba, 1977.

SEARA

UMA SENARĀ PARA O MESTRE COROMINES

O prof. Coromines merece nossa agradecida homenagem. A sua etimologia de *seara*²¹⁷ guardava uma aura de incerteza, a que rodeia quanto é pré-romano, pela restrição à península. Em 1984 topei um dado que nota o étimo, *SENARĀ, ter existido no céltico insular, onde ainda não se vira. No livro de topónimos de Eilert Ekwall²¹⁸ li: “ZENNOR Cornwall [(ecclesia) *Sancte Senare* 1291 Taxatio ecclesiastica, c 1300 Episcopal Registers]. *Senara* is stated to be the name of a woman saint.”

Houve pseudocanonização por antes haver aí uma *SENARĀ “seara que se lavra à parte” para sustentar um culto pagão, aí celebrado e depois esquecido, do que lhe veio o cariz de *sancta*. O perfil céltico-latino dessa *Senara Sancta* nota o longo convívio de línguas. O culto cristão sucedeu o pagão com uma igreja, desde já chamada *Senara Sancta*. Arredor nasceu a aldeia que hoje é *Zennor*. O cónico esqueceu o valor do céltico *SENARĀ, e isso fez possível que se supusera ser o nome de uma mulher santa de mil anos atrás. É a prova de *senara* existir nas ilhas, o que roborava o celtismo. Por que abunda na península e há pouco dela nas ilhas? Será uma voz jurídica, de vária fortuna nas Célticas? Ou talvez um simples arcaísmo marginal?

SOBACO

Atina Coromines ao dizer desta “rude” palavra na nossa língua: sempre tem B até fins do séc. XIX. A troca de B por V, onde há V labiodental, virá de um cruzamento com *sovar*. O B é essencial na etimologia que proponho, vista também por Coromines, sem nela perseverar talvez pela desconfiança no pré-romano, por ele tantas vezes vencida. Aqui prevaleceria o cruzamento dos sinónimos latinos *subāla* e *subhircus*.

A meu ver o étimo é **subbaccu-*. Coromines dera num próximo *so-baco*, de *so* românico e *baco* obscuro. Em **subbaccu-* eu vejo o lat. *sub* e o céltico *BAKKOS, étimo do gaél. *bacc* “curva, cavidade, objeto curvo” (“fouce, gancho, bordão curvo”), “empecilho, óbice”, e do galês *bach* “gancho, bordão curvo”, bretão médio *bach* “uncus”, mod. “gancho” (Ernout-Meillet). Em geral supõem-nos latinismos, cf. *baculum*, *ba(c)cillum*, mas o que é que é de origem latina é o gaél. *bachall* “bordão”, não aquelas palavras populares, autóctones, paralelas das latinas (cf. o B, o A e a geminação), e também das gregas βᾶκτρον e βᾶκτηρία “bordão”.

Coromines mostra muitos casos que têm composição com *sub-*. Há pendor a adi-lo, ele ou equivalentes, aos nomes da parte do corpo. Junto dos latinos *āla* e *axilla*, há o derivado *subāla*, “há pendor geral a adir aos nomes da parte do corpo um prefixo que signifique “sob”: cat. mod. *el sotaaixella* (antes *l’aixella*); *subala* dura hoje no romeno de Meglen *soarǎ*, mas também se lhe adiu outro *sub-* dando romeno antigo *sişioara* e a variante meglenita *subsuarǎ* (REW 8346)...”

No estudo do DCECeH, nota *hircus* “bode” ter-se usado para designar o fedor axilar, e metonimicamente a própria axila. É em S.¹⁰ Isidoro que *subhircus* chega a ser “axila” (*Etym.* XI, i, 65). A seguir responde as objeções que saltam à vista no suposto cruzamento de *subāla* e *sub-hircus*, pois que de **subācus* cabia aguardar **sovago*, que não foi. Para ele, o -C- não sonorizaria por *subāla* e *subhircus* terem-se cruzado em data visigótica, tarda. E o B, admitiria exceções cuja análise seria longa. Em palavra popular – mesmo grosseira, como ainda soa –, não é bom método supor um cruzamento tardio. O que é que há – na Sardenha – são o logudorês *suircu* e o campidanês *suercu* ou *suelcu*. Como ele diz, o latim sardo sempre aparece semelhante ao hispano.

Ante a dureza do cruzamento e as razões de gramática histórica, melhor é confiar nesta, e revisar seu fruto à luz das pesquisas recentes no substrato. O popular *sobaco* supõe o protótipo **subbaccu-*, cujo *sub-* latino se explicou semanticamente. O **baccu-* restante fica claro no *BAKKOS que os estudos célticos revelam, e que no tom vulgar é cõngruo com o desprezo que trouxe a conquista para as vozes da língua recuante.

²¹⁷ “Leira”, antes “terra para o senhor e cultivada dos vassallos”. Do célt. *SENARĀ “campo que se lavra à parte”, com SEN- prefixo de separação e AR- “arar”. Daí *seara*, *senra*, leonês *senra*, *senara*, cast. *serna*. As formas do oeste são imediato daquele étimo, a castelhana supõe *SĒNERA adaptado à fonética latina.

²¹⁸ *The Concise Oxford Dictionary of English Placenames*, University Press, Oxford, 1974.

SOCAS e SOCOS

Dantes *çocas* e *çocos*. É calçado rústico, do norte hespérico e doutras partes. Na Galiza os *socos* são de pau e coiro, as *socas* de madeira. Sói ver-se aí uma evolução semântica do étimo circulante, o lat. *soccus* “calçado ligeiro dos gregos, característico da comédia”, talvez do gr. Σύκχος, de origem anatólia. De “calçado ligeiro” teria passado a “calçado pobre, elementar”, pela associação à comédia. O riso degrada e a comédia tingem-se do efeito do riso. Intriga saber donde vem essa africada românica apegada no étimo. Dantes grafavam-se *çocas*, *çocos*, *çuecos*, it. *zòccoli*, justo nas terras em que é claro e unívoco o valor “calçado rústico”. Apesar de a africada surda ser geral, não há razões para crer que no étimo *soccus* estivesse oculta. Possível em latim, não o era no grego, cujo alfabeto tinha letras para as africadas.

J. U. Hubschmied foi quem tirou o fr. *souche*, cat. *soca* e nosso *toco*, que são de madeira, de um gaulês *TSUKKĀ, irmão do germ. *stokk*. *Toco* vem de *PUKKO-, *souche* e *socas* de *TSUKKĀ, com diversa solução da africada, sem se ver clara a razão das diferenças, data e condições da mudança P > T, em *socas* não produzida. A diversa evolução procuraria salvar a homofonia com a sequela de confusão. Isso reforça a ideia de as realizações TS e P não ser ainda fonológicas, mas pensa a sê-lo, e que se dariam os passos finais nesse rumo ao passar ao românico. V. também *O mais antigo vocabulário do calçado*.

SOBRE A SABOROSA SORÇA

Sorça documenta-se nos *Cantares Galegos* de Rosalia de Castro (*sorsa*). Murguia nas glosas põe “adubo”, mas pronto evoluiu semanticamente, cf. cast. *adobo*, que na América pode ser “carne adubada”. Os léxicos galegos definem-na: 1º) “chacina, carne de porco picada e adubada para chouriços”, e 2º) “carne adubada em tarteira para comer assada”. Carré recobra o valor de “adubo”, decerto primeiro e que transparece no texto rosaliano: *raxo em sorça*.

Reagindo contra o *sorsa* do original – do galego ocidental não interdentalizante do S pré-dorsal – em geral dicionarizou-se a variante do galego que é que o interdentaliza, socialmente mais prestigioso e castelha nizado. Escreveu-se *zorza* /þórþa/. Na zona compostelana, C. Garcia regista o /sórša/ rosaliano e também /sórþa/. No Ogrove que interdentaliza, M.^a do Carmo Henríquez recolhe /sórþa/. Nesta vê-se como o Z- (þ) inicial do *zorza* dicionarizado, de facto frequente, é fruto de assimilação regressiva.

Aliás, Aníbal Otero (*Vocabulário de Sam Jorge de Piquim*) põe *zorza* na entrada, mas recolhe a forma de V. de Tavoada /řorþa/, escrita *zorza*. Não põe marca de abertura aos O tónicos, subentendendo talvez serem fechados. A meu ver acusará influxo do transmontano *surça* (C. de Figueiredo), que contradiz outros testemunhos e a minha experiência, e que deverá explicar-se.

As sibilantes das falas galegas flutuam entre três soluções: S pré-dorsal, P interdental e S pré-palatal. Para integrá-las cumpre partir do S pré-dorsal, algures conservado, noutras partes substituído por P, alhures passado a apical primeiro e palatal depois. Prefiro a grafia *surça*, de Figueiredo. O /sórþa/ do Ogrove e a forma lucense de V. de Tavoada informam ainda ser frequentes na consoante inicial as soluções não interdentalizantes, além das “sesseantes” e as de Trás-os-montes. Às avessas, o Ç interno é cifra das pronúncias e admite qualquer decodificação, “sesseante”, interdental ou africada.

Não está na língua antiga. Pode recusar-se a nota de “ant.” de Figueiredo. Estará por “prov.”, e para notar precedência ante o *surça* também registado: as vogais abertas do galego atual são-no menos que as abertas do português geral, isento de interferências. O O aberto galego, a passar ao português do norte, pôde ser interpretado como neutro ou médio, mesmo fechado. Isolamento e opinião ultracorreta completariam a deriva. Não é do século XVIII; falta no P. Sarmiento e nos coevos. Sem exaurir, o labor da lexicografia galega na altura foi importante. É logo razoável pôr a origem entre o fim do XVIII e os *Cantares Galegos*, onde se lê primeiro.

A meu ver será produto da convivência de galegos e ingleses nas guerras napoleónicas. O empréstimo do inglês *sauce* /sôs/ “liquid preparation taken as a relish with articles of food (XIV)”, “piquant addition (XVI)”, procedente do fr. *sauce* “molho” (< lat. *salsa*). A sequência inglesa /-OR-/ realiza-se [Ō] aberto ou [O], e, às avessas, o fonema /Ō/ aberto pode interpretar-se como a realização da sequência /-OR-/. Na boca galega que quer falar inglês, o adubo pelo inglês chamado *sauce* / sôs /, soa /sors/.

Adubos e molhos há muitos, mas o dos chouriços, do que talvez gostassem os ingleses, um só. Triunfaria assim o nome específico, recortando uma parte do genérico *adubo* (ou do vizinho *molho*). Claro que antes de arraigar deveu adir o morfema de feminino, talvez por influência de *comida*, do cast. *salsa* “molho” ou de qualquer outra palavra feminina afim. Qual o teatro do empréstimo? As Rias, Altas ou Baixas, e pronto se espargeria com as variações nas sibi-lantes. As vozes emprestadas em geral são instáveis, com deriva acelerada no fonético e semântico, na Galiza e em Trás-os-Montes. Mudaram as sibilantes galegas por um lado, e as vogais transmontanas por outro.

SÓRIA

Sória é um mistério para a bibliografia acessível. Vem bastante em textos muçulmanos, o que leva a supô-la fruto românico do ár. *Suriya* “Síria”, do gr. Σύρια. De facto no italiano antigo *Soria* é “Síria”. Mas é miragem; o que há decerto é outro, algo mais complicado.

Há moradores ao menos desde 868, no tempo muçulmano. Foi reconquistada e repovoada no ano 1119, e governou-a Orraca, a irmã de Afonso VI. As fontes cristãs falam num castelo sob o qual moravam pecuaristas. Esse castelo chamava-se *Ória*, o que é uma pista.

Os pastores (as doze linhagens?) moravam *so Oria* (lat. *sub Oria*), isto é, “debaixo de *Ória*”. *Ória* é um dos topónimos peninsulares mais frequentes (*Oria*, *Orihuela*, *Oriola*, etc.) e não é outro que o célt. **ORIĀ* “(fortaleza ou terra) da raia”, adjectivação de **OROS* “limite, raia”, documentado no céltico antigo. Lembre-se a divisa do escudo de Sória qualificá-la “cabeza de estremadura”, quer dizer, “capital ou centro da *fronteira*”.

E que é o que significa “debaixo”? Isto requer explicação hoje não óbvia. O mundo dos antigos ordenava o espaço de jeito bem diverso do nosso. Primeiro ponto cardeal era o leste, onde cada manhã nasce o sol. Leste era “adiante” e Oeste, “atrás”; o Norte era “esquerda” e o Sul, “direita”. Apesar de estrutura velha superada pela bússola, isto é conhecido. O que não é tão (re)conhecido é o norte ser “abaixo” e o sul “arriba”, em relação ao sol zenital, como notam as etimologias germânicas de *norte* e *sul*. Norte era “inferior, infernal” e Sul “do lado do sol (zenital)”. Pois bem, Sória situa-se com efeito na beira norte do rio Douro, que por muito tempo foi uma raia, ou estremadura.

SOURIL

É adjectivo galego que levanta defesas. Carré define “sorridente, alegre”. É geral; usam-na Cabanilhas (Rias Baixas), Cotarelo (Galiza asturiana) e Valadares (Santiago). E Carré (Corunha), Eládio Rodríguez González (Ourense), Crespo Pozo (Ponte Vedra e Fisterra) e Carvalho Calero (Ferrol). Eládio R. González acrescenta pormenores: “Alegre, sorridente, vivaz. Talvez foi olvidado da crítica pelo aparente arremedo do fr. *sourir*. Aplica-se nomeadamente a rapazinhos e moças. Também se diz de olhos expressivos e *churrusqueiros*”. A reticência e o tom ao definir roboram a paretimologia pairar aí.

Deduz-se termos um **saurīlis*, -e “queimante, ardente” expressivo, quase inconveniente. O *churrusqueiro* de E. R. González e *souril* são hoje palavras expressivas pouco precisas. Vêm de étimos que valem “queimar de leve”, hoje invisíveis. **Saurīlis*, -e vem do baixo-lat. *sauros*, de origem germânica, estudado em *sauros*, e aparentado com *chouriço*, (*a*)*besouro* e outras vozes de pouca difusão. O sufixo *-īle-, antigo e pouco produtivo, firma a antiguidade do baixo-lat. *sauros* ou do equivalente germânico, se empréstimo direto.

TAMANCOS e SAMANCAS

Surpreende a flutuação do início, pois parece evidente ser uma palavra só na origem, para o calçado rústico de coiro e base de pau, bem que hoje às vezes as formas femininas sejam socas todas de madeira. Como é usual nas palavras do torrão, os primeiros registos são tardos (Sarmiento, Morais). Pré-romanas para Coromines, via rastros nas falas moçárabes. As terras do uso atual são arcaizantes: as Galizas, os Açores, a Serra da Estrela. *Tamanco* e *tamanca* vencem em Portugal e ds léxicos tentam distingui-los, mas nas terras arcaicas são sinónimos. Qual ainda no norte, o feminino dantes seria aumentativo. Nas falas galegas, sobretudo no sul, amiúdam *samanco* e *samanca*. A grafia S- (antes Ç-) cobre a pronúncia interdental P, gerada desde anterior fonema africado (Ç ou TS), por causa de uma isoglossa castelhana. E há os transmontanos *chamanco* e *chamanca*.

Coromines cria as iniciais africadas (ou interdentais) virem de cruzar-se com sinónimos que as tinham: ant. *çapata*, *chancos*. A meu ver a chave etimológica é a africada, talvez por rumo mais complexo do imaginado. **A flutuação inicial:** Vem da metátese ST > TS do céltico. TS fez-se fonema em gaulês, grafado Ð. Sem letra *ad hoc*, latim oculta a realização. Intervocálica, grafou-se -SS-: lat. *vassallus* < gaulês *WATSALLOS ou *WAP̄SALLOS (protocélt. *WO-STALLOS < *upo-stallo-). Na península, TS fez-se Ð. Desta vem o T do cast. *mayueta* “morango” (híbr. *MAIOÐA “[baga] de maio” ou “[baga] maior que [outras]”, de *MAIOSTĀ, cf. paralelos bascos, provençais, franco-provençais e da Itália) e de *Betanços* (*WEÐANTIO- “*substantium*; de abaixo” < *WOTSANTION < *upo-stantiom²¹⁹). Hubschmied uniu *toco*, cast. *tocón* e fr. *souche* num célt. *TSUKKĀ, cf. germ. *stokk*. Hispano é TS > Ð > rom. T: *TSUKKO- > *ÐUKKO- > rom. *ţocco- > *toco*-.

No neocéltico, TS- dá S- e às vezes T-, sem claras regras de distribuição. S- perde a oclusão e T- veio de TS- por Ð-, passo que muito durou. Momento e detalhes do passo Ð > T são incertos. *Mayueta* e *Betanços* insinuam a entrada no românico, mas os gaélicos *tá* “é, está” e *tamon* “tronco de árvore”²²⁰ apoiam uma mudança esporádica já dentro do céltico.

***ÐAMANKO- < *TSAMANKO- < *STAMANKO-:** *Tamanco* é de *ÐAMANKO-. E *samanco* (*çamanco*-), de *TSAMANKO-. Palatalizado, deu *chamanco*, -ca. Há-se partir de *TSAMANKO-. ANKO- é sufixo pré-romano, o que isola o tema *TSAM- e propõe o proto-célt. *STAM-ANKO-, com o eco céltico de *stā-/ *stā- “estar em pé”, nas neocélticas de grau breve e acréscimo -M-²²¹. Eis em Vendryes:

a) Em britónico há galês *saf* [*sav*], verbal e nominal, “estar em pé” e “força de resistência”, bretão *sav*, cónico *sef* “erguer-se” e adv. “em pé”, todos os quais vêm do tema protocéltico *STĀM-.

b) O gaélico ampliou o sentido verbal como o românico no tema simples e em derivados (nota 180). Daí *samaig* “pôr, fixar, estabelecer” com Ā e M, do verbo denominativo protocéltico *STĀMO-SAGI- “procurar (*SAGI-) estar, pôr, em pé”. E *tamon* (*ÐAMONOS < *stamonos).

Além do celta, de *stām- > *stam- há grs. *στάμνος* “cântaro”, *σταμίνεσσι* (dat. pl.) “montantes de castelo de navio”, e ant. alto alem. *stam* “talo, caule”. Grau longo e acréscimo M: scr. *sthāman* “posição; força”, gr. *στήμων* “cadeia de tecedor” e lat. *stāmen* “id.”. O protocéltico tinha o tema verbal *STAM-, passado em geral a *TSAM-, que cabe grafar *ĈAM-, pois que a africada era fonema de vária realização. *TSAMANKO- não ver-se no neocéltico nada diz da sua velha presença, cf. as leis da degradação léxica da glotocronologia. Que era *TSAMANKO-? “Aquilo de estar em pé, não deitado”; “o que serve a estar em pé e caminhar”.

TAVARES e TAVEIRÓS

A Terra de **Tavares** é uma comarca da Beira, Viseu, na beira norte do Mondego, que abrange as freguesias de *Chãs*, *Travanca*, *Várzea* e *Vila Mendo*, e inclui outros lugares do apelido: *Vila Cova*, *Guimarães* e *Torre*.

Deve estudar-se com **Taveirós**, comarca e freguesia da Terra de Montes, no norte de Ponte Vedra, que sai como *Taberiolos* no ano 914²²², latinização secundária que reflete *Taveiroos, de *TABARIOLĀS, híbrido de tema local e desinência diminutiva latina, no acusativo plural.

Tavares também é híbrido: *TABARIĪS, em ablativo-locativo do plural. *Aquis Granni* de *Aquae Granni* (Aachen), *Flaviis* de *Flaviae* (Chaves), etc., notam a baixa latinidade usar o ablativo-locativo nos topónimos. São de *TABARIA, antes que *TABARIO. Se se tira TA-, fica o célt. BARIĀ “beira”, donde nosso *beira*.

²¹⁹ *Betanços* está abaixo, perto do mar, na via que desde Meijão do Vento vai por Avegondo a Mavegondo, passa ao oeste de Culhergondo e acaba em Betanços.

²²⁰ *Tá* de *ÐĀTI de *stāti, e *tamon* de *ÐAMONOS < *stamonos.

²²¹ Ecos doutro grau, sem acréscimo, também têm metátese ST > TS: a) gaél. *tá* “é, está”, forma tónica do verbo de existência, só 3ª sg. do pres. de ind., tão próxima da mesma raiz nos romances hispanos. O curso seria: indo-europeu *stāti > protocélt. *STĀTI > célt. ant. *TSĀTI/*ÐĀTI > protogaél. *TĀT > gaél. *tá*. b) O depoente *sis*- “ter-se em pé”, paralelo do lat. *sistō* “ponho, coloco”. O curso seria: indo-europeu *sistā- > protocélt. *SISTĀ- > célt. *SITSĀ-/ *SISSĀ- > proto-gaél. *SISSA- > gaél. *sis*-.

²²² Citado por López Ferreiro, *História* II, ap. 25, p. 78.

Muitos sítios há com TA- (*Tamugem, Tavoeja, Tavorda*, etc.), e também com TO-. Coromines mostrou *Tominho* vir de TO-MINIOM “*ad Minium*”²²³. Na sequela eu propus *Tamugem* vir de *TA- (S)MŪGENA- “para a fumada”. *TA- BOLĒSIA- “para a iluminação” deu *Tavoeja*, e *TA- BORDA- “para a mistura” deu *Tavorda*²²⁴. A preposição gaélica *to* (*do*) de acusativo²²⁵ põe luz. *TA-BARIA era “para a(s) beira(s)”; da Ulha em *Taveirós*, e do Mondego na Terra de Tavares. TO- é um tema pronominal que em gaélico se fez preposição de acusativo. Pegou a sê-lo já no céltico: viu-o Thurneysen em gaulês e lepôntico e Tovar leu TO LUGUEI “*ad deum Lugum*” em Peñalba de Villastar²²⁶.

Os casos calaicos notam o tema pronominal, talvez já fraco mas ainda não invariável. Portanto ainda não era preposição como no gaélico. Vejo alguns rastos de flexão apenas no singular. Alterações do céltico final ante o latim?, harmonização vocálica?

Apesar da atual infâmia das reconstruções, ainda estimulam compensando as incertezas. Deitemos uma olhadela no paradigma desse demonstrativo bem estabelecido, que unia o tema SO-, do nominativo singular masculino e femi-nino, com o tema TE-/TO- do resto da declinação.

	Singular			Plural			Dual		
	Masc.	Fem.	Neutro	Masc.	Fem.	Neutro	Masc.	Fem.	Neutro
NV	<i>so</i>	<i>sā</i>	<i>tod</i>	<i>toi</i>	<i>tās</i>	<i>tā</i>	<i>tou</i>	<i>tai</i>	<i>toi</i>
Ac	<i>ton</i>	<i>tān</i>	<i>tod</i>	<i>tās</i>	<i>tās</i>	<i>tā</i>	<i>tou</i>	<i>tai</i>	<i>toi</i>
I	<i>tī</i>	<i>teiā</i>	<i>tī</i>	<i>toibis</i>	<i>tābis</i>	<i>toibis</i>	<i>tobīn</i>	<i>tābīn</i>	<i>tobīn</i>
D	<i>tūi</i>	<i>tesīāi</i>	<i>tūi</i>	<i>toibo</i>	<i>tābo</i>	<i>toibo</i>	<i>tobīn</i>	<i>tābīn</i>	<i>tobīn</i>
Ab	<i>tūd</i>	<i>tesīās</i>	<i>tūd</i>	<i>toibo</i>	<i>tābo</i>	<i>toibo</i>	<i>tobīn</i>	<i>tābīn</i>	<i>tobīn</i>
G	<i>tosio</i>	<i>tesīās</i>	<i>tosio</i>	<i>toison</i>	<i>tāson</i>	<i>toison</i>	<i>tou</i>	<i>tou</i>	<i>tou</i>
L	<i>tē</i>	<i>tesīāi</i>	<i>tē</i>	<i>toisu</i>	<i>tāsu</i>	<i>toisu</i>	<i>tou</i>	<i>tou</i>	<i>tou</i>

Os acusativos em negrito estão nos étimos dos topónimos se o *Ta-* de Tavares e Taveirós é antigo. É questão precisada de mais estudos. Alguns epígrafes parece roborar a antiguidade de TO preposição. Os nomes em *Ta-* puderam ter sido alterados no longo lapso de coexistência das línguas céltica e latina. A base *TABARIA, de *TABARIIS e *TABARIOLŌS, logo pode vir do soberano *TO BARIAN, por um curso diglósico com harmonização vocálica e concordância secundária.

ETIMOLOGIA DE TEIMA

Teima é um celtismo disfarçado de helénico. Os dados estão em Coromines (DCECeH, *taimado* e *tesis*), que não podia deter-se numa questão ensarilhada que o distraía do labor principal. É geral filia-lo no greco-latino *thema, thematis*, de uma semântica possível: “tema de conversa” > “tema de debate escolástico” > “discussão obstinada” > “pertinácia; ideia fixa”. É tão limpo que magoa objetá-lo, mas há estorvos certos:

a) A via semântica – chave da etimologia – apenas chega para provar o real cruzamento paretimológico do obscuro étimo com o *thema, thematis* da tese circulante, tal qual em *rima* e o seu suposto étimo *rhythmus*. De “assunto de conversa” a “ideia fixa” medeia um trecho excessivo.

b) A troca de género: *thema, -atis* é neutro, que devia passar a masculino, como com efeito acontece no erudito *tema*, que como é outra palavra aqui não conta. O feminino não se explica.

c) O iode insólito, que não cabe despachar com um cruzamento qualquer.

²²³ *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas prerromanas de la Pen. Ibérica*, Salamanca, 1974, Univ. de Salamanca, 1976, p. 137.

²²⁴ *As Tribos Calaicas*, Edições da Galiza, 2008, pp. 381 e 389.

²²⁵ Vendryes é cauto: *to* seria prevérbio e prep. cruzada com *do*, doutra origem (ingl. *to*, alem. *zu*, russo *do*). O pronome é no limiar o gr. το(δ) n. sg. nom.-acus. “qui a d’ailleurs un emploi nettement connectif dans le gr. homérique: ce pronom est souvent en tête de phrase avec la fonction d’un relatif de liaison”.

²²⁶ Se o epígrafe é de todo céltico, TO já era preposição. Se é diglósico, TO é hibridação e no céltico anterior aguardaríamos TŪI LUGUEI ou LUGUEĪ.

A desinência -eima: É desinência conhecida, parente da latina de *crimen*, *crimnis*, quer dizer, da indo-europeia *-sm̥-, de abstratos e coletivos. *Crime*, *nome*, *vime*, têm a forma do singular. Poucas palavras têm o plural: *guloseima*, *boleima*, *toleima*. Destas apenas *guloseima* é palavra latina (**gulosamine*-, ou romance *guloso* + *-eima*). A evolução é *-âmene- > -âmẽe > -âmia (com atração do feminino) > -eima, por metátese e inflexão vocálica. *Boleima* e *toleima* têm aparência céltica.

Toleima: Coromines tira *tolo* do adj. célt. *TULLO- “vazio”, que corresponde ao substantivo TULLOS “buraco” (**s-teu-k*- Pokorny 1032). Logo *tolo* era “vazio de miolos”. *Toleima* virá de *TULLESMENA “as cousas do que está carente de miolos”. O *tolémia* frequente no galego atual é mera deturpação de *toleima*, similar à de *chúvia* a respeito de *chuiva*.

Boleima é: a) “bolo grosseiro”, e b) “pessoa desprezível, sem préstimo; palerma, indolente”. O original é isto; “bolo”, uma paretimologia. Seria *WOLLESMENA “(as cousas d) o que é inferior”, do indo-europeu **upollo-sm̥-*, de geminada expressiva no adjetivo **upolo-* (v. *Bolo* < *WOLLON “país de abaixo”).

O brevíssimo radical: Aclarado em *-eima* o iode (e o género feminino, vindo do neutro plural), cumpre estudar o radical, breve demais: *t(e)-*. Felizmente, a tradição gaélica orienta nas trevas. O gaélico ant. *teinm* “mastigação, quebrar com os dentes” vem do célt. comum *TENSMENA “mastigações; ruminar”, que por sua vez se explica pelo ie. **tend-smen-*, raiz **tem-* “cortar” com acréscimo *-d-*, como no lat. *tondeo* “tosquiar; rapar”. No caso calaico a sequência é *TENSMENA > **tesmena* > **têmmena* > **têmnea* > *teima*. É semântica mais persuasiva: a *teima*, antes que discussão fanatizada, é um remoer na psique, consciente ou inconsciente.

Perspetivas: Aceitando o étimo, debruçamo-nos no vertiginoso e esquecido mundo do céltico final, o dos desprezados “montanhese”. O que estava perdido para sempre agora um milagre permite reconhecê-lo. E abre perspectivas: a locução gaélica a guardar a palavra, *teinm laido*, foi traduzida por T. F. O’Rahilly como “mastigação da medula ou tutano”. Era o nome de um dos dous usos divinatórios interditos por São Patrício, diz o bispo-rei Cormac. O vedado não era a prática divinatória, a busca intuitiva na psique inconsciente; outras técnicas de adivinhação foram autorizadas. Agora cremos saber que a *teinm laido* fora proibida por incluir a ingestão de cogumelos alucinógenos (enteogénicos para os micólogos). É que “osso” e “tutano do osso” são metáforas sibilinas desses cogumelos, com muitos paralelos etnográficos.

TIOBRE e BETANÇOS

Betanços não vem de *Brigantium*-BRIGANTION, como se ouve. Foi o célt. *WEĀANTION “*substantium*, o que está (mais) abaixo”, com o acréscimo românico de -S toponímico. Ao tratarmos *Avegondo*, *Mavegondo* e *Culhergondo* viu-se *Betanços* situar-se abaixo deles, isto é, mais próximo do mar.

Ter um nome céltico não acaba a pesquisa, que as notícias medievais complicam, ou talvez a enriquecem. É um sarilho quase inextricente *Betanços* e *Tiobre*, freguesia abrangida no concelho de *Betanços*. Os dous são nomes célticos.

D. Afonso IX de Leão (1188-1230) refundou o *Betanços dos Cavaleiros*, a deslocar para aí os habitantes do próximo castro de São Martinho de *Tiobre*, que dantes teria mais peso e nesse momento tomaria o nome de *Betanços o Velho*, que conserva um dos seus lugares, provavelmente o do castro.

Tiobre vem do célt. *TENÓBRIXS “castro crasso”, similar ao *Tenobrica* da costa cantábrica. Explicamos os gaélicos *tin* “gordura, graxa” (*TENIS, tema em I) e *tinne* “lardo; porco salgado” (*TENIOS) ²²⁷. A etimologia indo-europeia ulterior permanece obscura.

Que quer dizer “castro crasso”? Na ideologia antiga, nomeadamente na céltica, “crasso” era uma metáfora de “rico”, e “gordura” de “riqueza” ²²⁸. Quadra distinguir esta gordura positiva, o tecido adiposo do alimento

²²⁷ Vendryes, *Lexique Étymologique de l'Irlandais Ancien*, T - U, Dublin, 1978, p. 67 e 71.

²²⁸ Eis *Tucci* (gr. Τύκκε) ou *Itucci*, hoje *Martos*, Jaém, julgada ibera. Na verdade é o célt. **i Tukke* “o crasso”, cf. *Tucca*, *tuccetum*, **tuccinum*, etc., precedido de um demonstrativo fraco ou já artigo frequente em Hispânia.

nutritivo, da denegrada gordura humana, perseguida sobretudo na cintura dos varões ²²⁹.

Ao deslocar-se a pessoa jurídica de **Tëobre*, nos sécs. XII e XIII, ainda havia memória do significado de *TENÓBRIXS; o céltico subsistira até pouco tempo antes. Então deveu dar-se a *Betanços* o nome de *Tiobre*-*TENÓBRIXS, cunhado na língua que vinha de apagar-se, mas isso não prosperou, ficando o nome topográfico velho. Apagou-se *Tiobre*-*TENÓBRIXS para o atual *Betanços*, mas chegou-se a traduzi-lo. Com efeito, sabe-se *Betanços* então ter sido chamado “Castro de *Uncta*”, nome que também caiu, mas que ficou, cristalizado, no nome da rua de *Uncta* e na fonte de *Uncta*. Esta *uncta*, além de supino ou particípio do lat. *unguere* “ungir, untar”, é adjetivo com valor de “rico, opulento, sumptuoso; gordo, pingue”.

Tiobre é pequeno, Betanços é grande. Tentou-se virar-lhes os nomes, mas o Tiobre nuclear inda conserva a alcunha de *Betanços o Velho*, o que de algum jeito nota o peso antigo de *TENÓBRIXS. O *Betanços* atual lá era apenas o extremo de um caminho, mas no decurso do tempo foi crescendo e afinal absorveu a vila que lá no tempo antigo valia mais. Quiseram mudar-lhe o nome, mas ficaram rastros. Os nomes célticos sobreviveram nos seus lugares originais.

TIRAR

É das palavras mais frequentes, com derivados (*tiro, estirar, retirar...*) e aceções em todo o românico ocidental, o que faz mais duro o enigma etimológico. A série das escassas e vãs hipóteses propostas pode ler-se no dicionário etimológico de Coromines, à cuja síntese de saída vou cingir-me. A palavra está nos primeiros textos literários hispânicos, franceses e italianos, e contudo não é palavra latina. No séc. XI sai com o valor duplo, o de “extrair” e o de “lançar, disparar”, estado que dura em francês e italiano. Em português também, com a nota particular de que a língua comum, para “lançar”, criou, ao menos desde o séc. XVI, o derivado *atirar*. Tanto o castelhano quanto o catalão mudaram esse plexo e hoje *tirar* aí é apenas “lançar”.

Hipótese iraniana

Coromines repassa, e recusa atinadamente, os étimos propostos. E situa o seu no tempo do Império: seria um *tīrāre*, verbo da gíria dos legionários, criado sobre o “pártico” **tīr* “frecha”. Melhor fora ter dito “pélevi” ou “sassânida”, que não é do tempo parto. O **tīr* sassânida deduz-se do *tīr* curdo, baloche e persa, que daí vêm. O **tīr* sassânida vem do avéstico *tigris* através do alongamento compensatório do I. No tempo de confrontos de partos e romanos, a forma irânica ainda era *tigris*. No séc. I a.C., Varrão diz *tigris* ser “frecha” na língua arménia, influída dos partos. Tal estado da forma duraria ao menos até o séc. IV. Como no sânscrito há *tiri*, que lhe veio do Irã, no tempo do empréstimo deve supôr-se o antigo silabado **tig-ris*. O avéstico – que durou até o séc. IV – tinha *tigris* “frecha” e *tigra* “ponta; pontiagudo”. A raiz indo-europeia é **steig-* “ponta; pungir”, cf. gr. στίζω “eu punjo”, alem. *stechen* “picar”, etc. (Pokorny 1016).

À margem da questão da data, o resto é valioso, cheio de sugestões. A passagem ao sânscrito robora a fama bélica dos partos e seu jeito de lutar, que duraria no tempo sassânida. À veloz cavalaria uniam uma destreza suma no arco. O tiro das setas envolve dous passos, o de *tirar* a frecha da aljava e o de dispará-la no arco, que juntos dão conta dessa dupla semântica de *tirar*. É explicação inobjetével. Na que apenas surpreende que uma palavra tão nítida por exótica não tenha deixado qualquer vestígio literário no tempo de entrar, do baixo-latim da alta Idade Média, então única língua escrita. O brilho exótico era próprio para produzir registos nas crónicas. Quadra lembrar que a extensão da palavra parece-se com a de tantas vozes extensas de étimo obscuro que ao cabo vieram saber-se da grande língua invisível do substrato ocidental, o antigo céltico. Cuido eu que Coromines se apressou ao dizer “em céltico no parece existir nada semeante” (*tirar*, 506, 53b). Porque há.

Hipótese céltica

O prefixo gaélico *tiug-* “fim; ponta” foi o céltico antigo **TIGU-* (há rastros nas línguas britónicas). Quanto à equação “fim = ponta”, lembre-se que o céltico comum **K^WENNOS* era tanto “cabeça” quanto “fim”, ao invés do que há em latim, onde *caput* “cabeça” é “princípio”. A similitude não acaba aí.

²²⁹ Eis o antropónimo hispano COILOS, cf. gaélico ant. *coil* “delgado, estreito”, galês, bretão ant., cónico *cul* “id.” Eis também as notícias de Estrabão (Geografia IV, 4,6).

Também há **TIGERNOS** “*dominus*; chefe, o que está na ponta”, que é de todas as épocas e falas célticas, por caso, gaulês *Tigernum* [Thiers], gaél. *tigern*, galês *teyrn*, bretão ant. *tiarn*. Criam-no vir de **tegos* “casa”, cf. *dominus* de *domus*, mas Vendryes provou ser paralelo do irânico Τυρανης, nome de rei, que vem do visto persa *tigra* “ponta”. Havia pois em iraniano e em céltico o mesmo tratamento da raiz **steig-*, com elisão do S-, com o grau zero no núcleo vocálico e com o acréscimo de um sufixo com R.

Ora, foi a palavra irânica que disparou o surgir da voz românica. Certo que tão fulminante difusão só se entende se a gente cria ouvir a palavra própria, da língua popular, a par presente e invisível, mas sem prestígio para ser reconhecida. O céltico continental, além do bretão, durou no continente muito mais do que se cria, como cuida ter provado com o nome peninsular *Orraca*, apelativo até perto do ano 1000. Na metade última do primeiro milénio, o céltico continental guardava traços arcaicos que o insular, nomeadamente o goidélico, já perdera. Antes, entre os anos 400 e 700, tal céltico guardava o silabado antigo, ao menos no R múltiplo.

O irânico *tigris* > *tīr(i)*, ao chegar ao oeste, nas migrações ou depois, soava como eco de outra palavra das falas célticas continentais. A forma céltica fantasmal seria, paralelamente, **tigr-* > **tīr-*, aqui com vogal átona incerta. Da mistura inextricável da voz iraniana e da céltica crepuscular terá saído o denominativo baixo-latino *tirare*, a cujas vogais não ponho quantidade longa porque na Idade Média o traço já se perdera.

Sem dúvida há elos conjecturais. Mas só dessarte o conjunto cobra congruência. O domínio contínuo e a enorme pletora de derivados e aceções é um complexo que apenas juntando todas as partes ganha explicação sem fissuras. Porque a anedota da arte bélica dos partos por si só não chega.

Na Galiza há um topónimo oportuno: *Tirã* (*Tiran*), lugar no concelho de Moanha, península do Morrazo. Supõe um vulgar **tīrāna*, que a meu ver foi um híbrido celto-latino, ***TIGRĀNA** “a (vila, aldeia ou casar) da ponta”. A ponta referida tem de ser a imediata *Ponta do Com*, na costa norte da ria de Vigo, perante a qual se situa *Tirã*. ***TIGRĀNA** nasceria no longo tempo bilíngue (mil anos) e supõe o silabado ***TIG-RĀ-NA**, com alongar compensatório do I, exatamente igual ao do irânico (*tigri-* > *tīr*). Decerto é latina a desinência -ĀNA. O que dura é a incerteza sobre a forma exata do nome que ***TIGRĀNA** veio adjetivar: ***TIGROS**, ***TIGRĀ**, ***TIGRIS**? Não percamos a esperança de chegar a sabê-lo.

A fraseologia de TOCAR

É verbo com pares em todas as línguas românicas, sem étimo no latim clássico. Contudo, um vulg. **toccāre* é claro, que não parece dúbio ter nascido da onomatopeia *toc!* com a aceção “bater”, que gerou a de “tanger” e outras próximas, como “fazer música”. Na origem estão os golpes dados nas portas para pedir licença de entrada, mas depois, do séc. V adiante, **toccāre* foi aplicado aos mais melodiosos golpes dados nos sinos, que então pegavam a ser o grande médio de comunicação pública, não só convocando à liturgia e notando as horas, mas também comunicando todas as outras notícias relevantes, incêndios, mortes, invasões e festas.

O que não é tão claro é a génese da aceção “corresponder, incumbir” e a fraseologia relacionada. Aqueles chamados dos sinos cunharam a frase: **O sino toca a** (*vir a fazer a função religiosa, à alarma, ajuda, etc.*). Se hoje dizemos *A quem lhe toca lavar os pratos?*, aquela frase ainda está vigente aí, mas com elisão (e com o conseqüente esquecimento) do segmento “o sino”. De outro jeito, nessa frase palpita uma mais completa: *A quem lhe toca o sino a lavar os pratos?*

Algo próximo há nas orações exortativas iniciadas pelas locuções **A ver que** ou **A ver se**. Em frases como *A ver se vens de vez*, transparece a camada anterior [**O sino toca**] *a ver se vens de vez*, que é o mesmo que dizer *Corresponde ver que venhas de vez* ou *Cumprir vires de vez*. E sob a frase *A ver que é o que acontece* subjaz a antiga [**O sino toca**] *a ver que é o que acontece* = *Corresponde ver que é o que acontece*.

Por óbvia que a explicação ora possa parecer, é certo que ficara sumida no inconsciente linguístico. Trazê-la à tona é útil no labor do tradutor. Tê-la presente confere segurança.

TOLO, O VAZIO

Já não se justifica julgá-la palavra de étimo obscuro. Sabe-se há tempo que vem do adjetivo céltico *TULLO- “oco, vazio, vão”. Substantivado no neutro, *TULLON, era “buraco, cavidade”. Quadra entender “vazio (de cérebro)”. Opõe-se a outras palavras afins, *louco, doudo*, etc., já vistas. É sinónimo de *néscio, tonto, parvo* e similares, bem que sem a carga acusatória de *néscio*. *TULLO- também sai na toponímia no feminino substantivado *TULLĀ, étimo de nomes de rios suíços (J. U. Hubschmied). Aludia à deusa céltica figurada nos rios e qualificada de “cava”. A etimologia indo-europeia tem obscuridades, que não afeta o intuito presente. V. também *O mais antigo vocabulário da insânia*.

Cast. ant. TOROÇOS

O meu amigo António Gil Hernández pediu-me a opinião sobre o nome de uns montes do seu torrão nativo. Lera hipóteses de eruditos locais, feitas com boa vontade mas sem apelo aos recursos da gramática histórica. Foi busca interessantíssima, mas a pique de cair no barranco por causa da homofonia com o bras. *toroço* (não sei se português), que é o galego *torolho*, quer dizer, uma merda. Não posso deixar de embrenhar-me por aí. A meu ver vêm de *toro*, como o cast. platino *terezo*, que passa por ser “resve” lunfárdico de *zorete*, mas que será ao invés. *Terezo* não está no dicionário da RAE e será o homólogo castelhano de *toroço*. Quer dizer, um não documentado **tuereço* > *terezo*, que reduziu o ditongo pretónico. Um anterior **toereço*, com harmonização vocálica, também é possível.

Trás o escatológico proémio, passo ao *Torozos* de Valladolid, que nada têm com o anterior. Antes de mais, bom será dizer que há três *Sierras del Torozo*, uma em Córdoba na raia com Badajoz, outra no sul desta província e a terceira em Ciudad Real. Na Rede, de momento único recurso a meu dispor, pude saber que a grafia antiga era *Toroços*, com cedilha de sibilante surda.

É preciso passar o nome pela peneira das línguas antigas do lugar. Latina não é. O protótipo da antiquação poderia ser um lat. **torutiū-*, mas não vejo palavra latina alguma desse perfil. Árabe não parece; arabista não sou, mas não parece. Tudo o que não é interpretável pelo latim ou línguas posteriores tem de ser pré-romano.

Eu não duvido de que a única língua pré-romana da península era o céltico. Por tal entendo o indo-europeu ocidental anterior à separação do itálico e posteriormente do germânico. Tinha variedades dialetais, mas em geral era um céltico K^v, que em muitas partes conservava o fonema P indo-europeu. A queda do P propagou-se desde o dialeto alpino no tempo e ao compasso da difusão continental do ferro. Em ondas chegou à península, num processo datável segundo mostra a história do topónimo *Ledesma*, do indo-europeu **Pletisamā* “amplíssima”, que aparece documentado como *Bletisama* e que chegou já sem o fonema inicial.

É caso semelhante ao de *Tominho*, que Coromines interpretou “para o Minho”. O étimo cumpre precisá-lo: *TON MINION. O que era TON? O acusativo (de direção) do pronome demonstrativo SO, SĀ, TOD, que já se enfraquecia para comportar-se como artigo. Na toponímia há muitas palavras com *Ta-* dessa origem, vindas dos acusativos femininos *TAN e TĀS, singular e plural, ou do TĀ neutro. Ainda que não é momento para desenvolvê-lo, com *Ta-* citarei os *Tavares, Taveirós, Tavorda*, e com *To-*, junto de *Tominho*, os castelhanos ou leoneses *Toranzo e Turienzo*.

Desvenda o sentido de *-roços* o gaélico *ros* m, “monte, outeiro florestado; bosque”. É polissemia universal desde a chegada da neolítica agricultura, que acantou progressivamente os bosques aos terrenos que não podiam ser lavrados. Na planíssima *pampa* húmida, o castelhano *monte* significa “grupo de árvores, mancha silvosa que interrompe o infinito mar de terra”. Rastos disto aparecem mesmo na península, geralmente mais amena desse ponto de vista.

O gaél. *ros* vem do indo-europeu **pro-* e a raiz **sthā-* (não entro em laringais). O indo-europeu ocidental **prostos*, quer dizer, o céltico anterior ao Ferro, tem paralelo no scr. *prastha-* m. e n. “planalto”, e **pr̥stha-* “costas; parte saliente”. O duplo sentido de *ros*, “altura” e “floresta” Vendryes diz que também se dá no galês *allt* “falaise, versant abrupt; côle (sur une route)” no Norte, e “bosque” no Sul. É rasgo semântico universal.

Vamos ao protótipo peninsular. O céltico do Ferro *ROSTOS sofreu em todos os dialetos a metátese de ST para TS, a de lat. *vassallus*, tomado do gaulês *WATSALLOS > *WASSALLOS. Na península a mudan-

ça está testemunhada. *ROSTOS pôde passar para *ROSSOS e depois ao lat. *rossus (o O breve céltico era fechado ao invés do latino; daí o castelhano sem ditongação), mas provavelmente aí ficou a pronúncia africada, como aconteceu no caso de *peça*, que não é do *pettia suposto pela comparação dos *pièce*, *peça*, *pièza* e mesmo *pezzo*, como se cria. Thurneysen provou as formas célticas e celto-românicas virem do céltico comum *K^WEZDI- na vertente britónica ou gaulesa *PEZDI-, que passou a *PEDZI- e depois a *PETSI-. Ao romanizar-se adiu-se uma vogal temática, geralmente A. Este acréscimo disfarçou o processo pois que o lat. -tia em todas as partes sofria africacão. Parece complicado, mas no fundo é simples. Em suma, *Toroço(s)* vem de *Toroço(s)* e este não vem de uns *Torutiu- ou *Turutiu- latinos, que não existem, e sim de um céltico *TOROTSOS “para o monte ou floresta”, cõngruo com as serras antes vistas.

TOUÇA

Em Portugal define-se “vergõntea de castanheiro para arco de pipas”, “vara longa de planta ou árvore”, “parte da planta, sobretudo árvore, que abrange as bases do caule e da raiz”, “pé de cana de açúcar”, “mata de castanheiros” e “mouta”. Hoje vence o ditongo mudado, *toiça*. No Brasil, como é previsível, a aceção dominante é a mais arcaica, “mouta”. Aparece no séc. XVI.

Também é arcaica nos falares galegos. Sai no P. Sarmento: “bosque, sobretudo espesso; bouça cercada” e “lã, pelo, cabelo, topete”. A aceção primeira será “bosque espesso”, e daí virão “bosque cercado” e a metáfora “grenha”. Nos sécs. XIX e XX, abunda nos léxicos a aceção “arvoreda de madeira nova para arcos de pipas” (Rodríguez, Ibáñez, E. R. González, Carré), que parece mistura de “arvoreda, bosque” e “vergõntea”. A par, a de “bosque de carvalhos” está no séc. XX em autores que apanham no campo (A. Otero, R. González, Elígio Ribas e C. Garcia). Deles sai qual mais consistente a de “bosque autóctone, de carvalhos e castanheiros”.

Trás a etimologia: Sem étimo árabe, germânico ou latino, sói supor-se origem pré-romana. Não vi estudos que passem além da reconstrução, propondo *TAUCIA, ainda que Meyer-Lübke escolhera *TAUTIA. No verbete *atocha* do DCECeH, Coromines prefere *TAUCIA, mas depois propõe razões que o descartam. Para avançar é preciso discernir que aceção é mais antiga. Se atinar ao propor a aceção “bosque”, deve de buscar-se no calaico uma base léxica verossímil e coerente. O ditongo EU indo-europeu e céltico comum nos inícios da era pegara a velarizar-se por todas as partes. No calaico final já era de todo OU. É um dado claro, mas a clareza não é tanta ao se querer saber se passou ao latim ou ao proto-românico. A resposta varia segundo as épocas. O latim imperial perdera o seu OU. Segundo o contexto vocálico, os vocábulos autóctones com OU entravam ao latim com EU ou AU (calaico *KOUKOI > lat. *ceucī*, calaico *KOUKĀ > lat. *Cauca*). No final do primeiro milénio predomina AU. Na terra de origem do português, o OU céltico permanecia ao latinizar-se.

É inexato pôr os étimos *TAUTIA ou *TAUCIA. No calaico já não havia EU (feito OU), nem talvez AU, ao menos na fonologia. Deve supor-se *TOUTIA ou *TOUCIA. Das duas prefiro o calaico final *TOUTIA, do ant. célt. *TEUTIĀ. O sentido seria “tribal”, “da tribo” ou “comunal, de propriedade comum da tribo”, o que acorda bem com o que se sabe das condições dos territórios periféricos naqueles tempos, desabitados em geral. No medievo flutuou a cabeça proprietária, a freguesia ou um senhor semifeudal, mas sempre com ar público. Quadraria fazer um estudo de semântica diacrónica pelos harmónicos de valor a rodeá-la. “Grenha” tem uma nota de selvageria coerente com a cultura sumida donde procede.

TROSMA

O GRAVE MONTANHÊS DENEGRIDO

Hoje só galego. Estraviz define: “pasmado, estonteado, alelado; aparvalhado, pateta, inábil, torpe, sem jeito; muito ignorante; desprovido de inteligência”. Nem é velha na tradição léxica nem sei de estudos. Surge em Valadares e é Carré quem dá a definição geral. Constantino Garcia acha-a nas falas de todos os rumos (Santiago, Feais, Cúrtis, Sobrado dos Monges, Burão, Codessedra, Ramirães) com variantes *tosmo* e *trurma*. Aquela, de Codessedra, sugere um *trosmo anterior, de gênero secundária. *Trurma*, de Nove Fontes, Arçua, tem rotacismo. Definido “tonto”, roborá o carácter epiceno e, mais importante, o timbre fechado da tónica.

Geral é o sinónimo *prosmá*, dialetal em Portugal. Estraviz diz: subst. “condição de pesado, fleuma; léria, lábia”; adj. “lento, pesado no atuar e falar; babilho, papaleisão”. Há *prosmada* e *prosmeiro*. Este é “pesado,

enfado, estólido”; e também, em sentido inverso, “chocarreiro, taimado, dissimulado, velhaco”, explicável como “o que ri com dissimulo do *prosmā*”. Muito cisme. Não se vê vínculo com *proximus*. Ora creio ser cruzamento de *trosmā* com *pesado* e *pesadume*. A condição *difficilior* deste *trosmā* é certa.

Árabe, germânico ou latim nada dão de *trosmā*. Mas o céltico dá ***TRUDSMIĀ**, donde ant. gaél. *trummae* “peso, pesadume”, do adj. *tromm* “pesado” (***TRUDSMO-**); amiúde trocados por metonímia. ***TRUDSMO-** ecoa nas neocélticas e nos romances por substrato. É da raiz **treud-* “sobrecarregar, agravar; pôr em aperto” (Pokorny 1095), latina, céltica, germânica e eslava. O lat. *trudō* “empuxar” foi de “pesar rechaçando” a “rechaçar”. O céltico vai de “carregar” a “pesar”. Outros rumos no eslavo “odiar” e no germ. “causar ódio”.

Câmbios fonéticos: As formas adjetivas vêm de ***TRUSMO-** (> ***TRUDSMO-**), com raiz no grau zero e sufixo *-smo-*. O britónico perde o S e alonga a tónica: ***TRŪMO-**; daí prov. *trum*. O gaélico guarda a vogal breve e *-sm-*: ***TRUSSMO-** > ***TRUSMO-** > **trummo-* > **trom(m)*. O abstrato ***TRUDSMIĀ** “pesadume” já no céltico passa a ***TRUSSMIĀ**. O calaico também guardou o *-sm-* (< *-dsm-*). O iode no românico caiu sem fechar a vogal tónica por causa da metafonia do -A.

Variações semânticas: O britónico consoma pronto a mudança semântica “pesado” > “triste”: galês *trwm*, corn. *trom*, bretão *troum* “gravis, tristis”. Coromines provou daí vir o provençal antigo *trum* “escuro, lóbrego”, substantivado “trevas”, que nota o processo “pesado” > “triste” > “escuro, lóbrego”. Aí não se nota a deriva, espontânea e universal (cf. *pesadume*, *pesar*), sim a precocidade e solidez.

O gaél. *trom(m)* difere. É “pesado” com harmónicos “severo; penoso” e “poderoso; enorme”, e às vezes “difícil”. Nas neocélticas não há a denegrição geral das românicas (“pesado” > “lento” > “parvo, pasmado, tonto”). A atinar esta etimologia, a mudança de valor deu-se em contexto românico.

Não ocultarei o que surge do cotejo. No gaélico soberano, de “pesado” vieram harmónicos *graves* e respeitosos. No britónico, arraigado mas já ferido da transculturação, “pesado” virou a “triste” e a “escuro”, com perdas de valor que ainda não chegam a desrespeito. Na Galiza, “pesado” carregou-se de minguia e serviu a discriminar os rudes “montanhese”, inábeis em latim.

TROULAR, TROULA, TROULEAR

São palavras galegas, registadas em 1884 por Valadares, e também minhotas, segundo Figueiredo. *Troular* e *troulear* são “triscar e divertir-se”, e *troula*, “diversão, bulha”. *Troula* é sobrenome. De *troular* há a aceção divergente “fazer ruído as mós do moinho ao não ter grão”, e de *troula* a de “berço”.

Apesar da cativa extensão no domínio – não rareza ali onde se usam –, têm pares ao menos em asturiano, catalão e francês. Há o asturiano *trolla* “conjunto de labores que fazem confusão e desordem”, e há também um *trollar*, que é “brigar, afanar-se; trabalhar com muita atividade” (Coromines). Como em galego, têm os movimentos confusos. Bem que Coromines (DCECeH, *trola*) o julgue de outra origem, a meu ver o catalão *traïllar* “afanar-se” também faz parte desta família.

Mais estudado e documentado é o fr. *trôler* “vadiar; arrastar”, já no séc. XII como termo venatório, escrito *troller*. Tem uma etimologia que chega para iluminar as palavras galegas: o lat. vulg. **trāgŭllāre*, variante geminada, afetiva, do vulg. **trāgŭlāre*, do que vinha o ant. fr. *trailler* “rebocar (nomeadamente redes)”, que por sua vez é a origem do ingl. *to trail* “arrastar, tirar”.

**Trāgŭlāre* é denominativo do lat. *trāgŭla* “dardo com correia [para arrastar o atingido] de gauleses e hispânicos”, e também “rede de arrasto”. Aparenta com *trahere* “trazer, tirar”, verbo que no romance minguou pela competição do românico geral **tīrāre*, cuja origem Ernout e Meillet não viam (veja-se aqui *tīrar*).

Ideia original foi o movimento de arrasto, da técnica bélica da *trāgŭla* de lançar e da *trāgŭla* de pescar, uma rede. Na imaginação popular cresceu a noção de *enredo* que a rede adia: movimento afanoso, tingido de confusão e enredo. Daí o de “mover-se muito, afanar-se” em francês, catalão, asturiano e parte das falas galegas. Na Galiza, além e aquém do Minho, *troular* ganhou notas de agitação *divertida*. O deverbais *troula* chegou a sobrancear o verbo e triunfar de tantos sinónimos de diversão cole-tiva: *festa*, *folia*, *foliada*, *farra*, *folguedo*, *brincadeira*, *parranda*, etc. *Troulear* é hoje um deverbais de *troula*, que veio assim ficar no centro da cena.

TRUTA, A CORREDORA

É uma apostila aos verbetes de *trucha* e *trocha* no DCECeH de Coromines. A falar do étimo de *truta-truita*, asseverava que as palavras cognadas (a atingir a România ocidental e o Mediterrâneo) não deixam ver qual era a vogal tónica no étimo. A meu ver isso só se pode decidir na fonologia da língua de substrato. Cuido que a solução poderia ser fácil. Viria do céltico *TROXTĀ “corredora”, de O breve *fechado*, diverso do O breve *aberto* do latim. A incerteza das vogais românicas assim fica resolvida. O timbre breve e fechado deu origem às formas *tructa* e *trocta* do baixo latim e às diversas adequações fonológicas das línguas modernas.

A raiz aqui será **trek-* “correr; tirar” (Pokorny 1092), céltica, eslava e talvez irânica, que apresenta variantes com as variantes **dhregh-* e **trāgh-*. Nas línguas célticas registam-se *TRAG- e *TROG-. O castelhano *trocha* “vereda” vem decerto de **trocta*. E essa *trocha* é o que a *corredoira* galega. Ora bem, no folclore a *truita* é a “corredora”, sempre a impressionar pela rapidez, como declara a cantiga galega:

*Pelo rio abaixo vai
ũa truita de pé,
corre que te corre;
quem a pudera colher!...*

TURRAR

M. L. Wagner alumiou as obscuras relações do português geral *turrar* “bater com a testa” e o galego *turrar* “puxar, atrair para si”. Abreviando digo que na base está o vulgar **torrāre*, por *torrēre* “ressequir”. *Torrar*, além da aceção principal, cobrou a de “atordoar(-se) pelo sol”, e depois a do mero “atordoar(-se)”. Dá testemunho o cast. *turrado* (Berceo) “atontado”. O vocalismo, propagado desde as formas átonas, não é problema.

O silêncio das fontes e a dispersão semântica tem explicação. *Turrar* “atordoar” (o U nota a separação de *torrar* “ressequir”) era palavra de vilãos, aplicada às suas lutas, desportos isentos de prestígio e logo não registados. Variantes americanas das lutas populares, ainda mal vistas, têm central lance no golpe de cabeça, dado asindo e puxando-o o adversário. Eis juntos os dous aspectos do lance, “atordoar o adversário batendo-o com a cabeça” e o predominante no galego “puxar, atrair para si” (“investir de cabeça” também se usa).

Falta estudar variantes dialetais: eis o cast. platino *atorrante* “vagabundo, que vive sem trabalhar”, vindo de *atorrar* “estar quieto”, canário “id.”, salvadorenho *aturrado* “tolhido, impedido”, que qual diz Coromines, abonam uma palavra americana dos falares hispânicos ocidentais.

UFANO

Qualificam-no de “castelhanismo”. Autóctone não é; caso de sê-lo o étimo teria NN, e ninguém propôs algo como **ufanno-*. Mas não cabe dizer que seja castelhanismo; aí também é importado. Coromines organizou bem os dados, que tentarei resumir antes de formular a pergunta que farei a respeito da etimologia.

Há documentação antiga em provençal, catalão, castelhano e português, mas o domínio original parece ter sido o provençal, onde primeiro surge o abstrato *ufana* “jactância, ostentação, vaidade”, que também é catalão. Este também pudera ser âmbito original. O adjetivo *ufano* aparece tarde, segundo Coromines no castelhano por influxo do sinónimo *loçano*. De resto tem exatas considerações sobre a naturalidade da família de *ufana*, *ufanier* e *ufanós* em provençal e catalão.

Diez, Coromines e em parte Meyer-Lübke, criam-no do gót. *uffō* “abundância”. Coromines avança ao supôlo outro abstrato feminino **ufains* do pouco conhecido léxico gótico, romanizado *ufana*. Spitzer propôs uma etimologia onomatopeica, inclinando Meyer-Lubke. Uma e outra têm pontos obscuros, respondidos com recursos dúbios. No inconsciente, o mestre viu outra via, mas buscou tolhê-la. Não calarei o que me ocorre.

Uma possibilidade obsidia-me. Não vejo ter-se estudado se veio de um não documentado grego, possível, **εὐφάνα*, **εὐφανία* ou **εὐφανής* “bem visível”, com prefixo *εὐ-* e o tema de *φαίνω* “fazer visível”. Tão possível é que de facto há o antropónimo feminino (*Eufânia* ou *Eufania*), pouco estudado mas presente na Rede.

Mesmo se a etimologia não fosse, a fantasmal palavra não deixaria de ser uma presença paretimológica certa. Marselha foi encruzilhada de culturas: fôcia, céltica, romana. É desnecessário abundar. A documentação de todas as partes vai na linha de um étimo tão antigo quanto o latino, senão mais.

Do εὐ- há dous rastos. Primeiro, o português disse *oufana* “jactância” desde as origens até o séc. XVII. Tal consistência não pode despachar-se pelo influxo de uma forma vulgar catalã moderna (*aufana*, *aufanós*), que requer explicação, e não pode ser uma simples contaminação antiga de *ousadia*.

O outro rasto de εὐ- está num texto castelhano de Gonçalo de Berceo, nos *Milagros de Nuestra Señora*: “Estando est vicario en esta vicaría / cogió muy grant jactancia e grant vallitanía, / concibió vana gloria e grand eufanía, / entendiéngelo todos que trayé loçanía”. Coromines cria-o texto mal separado pelo copista. Na verdade, dizia, seria “grande ufanía”, porque Berceo nunca faz sinalefa e a medida do verso assim o pede.

Certo, alteração gráfica houve, mas talvez foi outra. Na verdade deveria ler-se “e-gran-de-eu-fa-ní-a”. O copista atentou para o menos frequente, *eufanía*, cuidou ser esta a forma correta – atinada ou paretimologicamente – e descuidou a transcrição do corriqueiro, que aliás automaticamente vinha escrevendo num só grupo (*grant*, *grant*, *grand*). Sem uma conclusão certa, cuido esta possibilidade ser mais verossímil do que aquele germanismo. *Se non è vero è ben trovato*.

UIVAR E VOZES APARENTADAS

Ouviar, *oular/aular*, *oulear/aulear*, ant. *oviar/uviar* “chegar, alcançar a”, *burlar*, *burla*, *bulha*, *ular* “aturujar”

Nem tudo é *ululare*, nem todo rasto românico de *ululare* está onde se supõe. Custa-me crer que não se viram certos factos. É possível que a opinião que emito tenha sido proposta antes; se assim, peço indulgência pelas leituras insuficientes. Vejamos os factos, começando por uns vocábulos galegos.

É *oular* vocábulo galego-português lídimo? Foi desatendido, quiçá pela suspeitosa semelhança do cast. *aullar*, que deita sombras no carácter genuíno. Não o vejo em Portugal, mas deveu de existir. *Aulido*, julgado castelhanismo, é rasto provável do galego *oular / aular*. Se este fosse castelhanismo, teria presença mais ou menos uniforme por toda a Galiza. Mas registamo-lo numa zona compacta, a mais oriental. Não é castelhanismo, mas extensão de isoglossa léxica comunicada com o românico hispânico central. *Oular* é do galego de Astúrias, *aular* do Caurel, *aulear* de Verim, *oulear* de Sárria. Fonsagrada tem *oular*, *ouviar* e *bouviar*. Zebreiro tem *oular* e *aular*. O flutuar do ditongo inicial é fenómeno dialetal do sueste lucense. Em *aulido*, antes que castelhanismo, há recriação do fonossimbolismo vocálico, apagado em boa parte do nosso domínio pela simplificação de OU. No que diz respeito a *-ear* de *aulear/oulear*, virá de *ouvear* (*ouviar*).

Etimologia de oular: Diz-se o cast. *aullar* vir de *ululāre*, de origem imitativa. A condição onomatopeica explicará a incongruência na evolução para o românico. *Ululāre* tinha U breves e as palavras a estudo supõem um étimo de primeiro U longo. Além disso, têm A- protético, que também serviu a acentuar a imitação da voz dos cânidas. Há outra diferença aparentemente leve: *ululāre* parece ter sido próprio de bufos, mouchos e corujas, depois estendido a homens e animais em geral. Aliás, *oular* (e *aullar*) não é de homens e animais; só de cânidas, domésticos ou selvagens. A semântica não frui de atenção suficiente na etimologia.

Que há se viramos critérios e vias? Inverter o rumo e reconstruir o étimo desde o românico talvez faça um monstro, mas aclarará ideias. Assim se chega a um **adūllāre* familiar, de som próximo do lat. *adūlārī* (*adūlor*, *adūlāris*) “afagar; adular, louvaminhar”, que não teria rastos românicos. Por Ernout sei ser originalmente dos cães, que, para demonstrar alegria ou a afagar o dono, vêm (*ad-*) abalando o rabo (*-ūlo-*; cf. scr. *vālah*, *vārah* “rabo, cauda”, lituano *valai* “cauda de cavalo”). Único estorvo no corpo a separar de *adūlārī* é o LL geminado. É pouco, tendo em conta o valor das geminadas nas velhas línguas indo-europeias. Mas não me deixo levar do entusiasmo. *Adūlārī* talvez vivera no velho latim republicano da Galécia, mas se nos chegou no *oular* foi cruzado com *ululāre*, que dava a parte sonora e o harmónico lúgubre, agoireiro, que lhe era próprio (*adulari* era festivo) e tanto convém às vozes dos lobos e cães, consideradas de agoiro funesto.

Parto pois do vulg. **adūllāre* “latir (cânidas)”, cruzamento de *adulari* e *ululare*. Aquele punha o som, o outro o significado. Depois, *oular* desfez o hiato que o castelhano guarda nas rizotónicas: *aúlla*, *aúllan*.

São independentes uivar e ouvear? Nas falas galegas para “uivar” é comum *ouvear*, que em Trás-os-Montes soa *ouviar*. Em Fonsagrada *ouviar* é “desejar ardentemente” (Aníbal Otero); será a mesma palavra com outra via semântica. *Ouvear* regista-se desde Sarmento. Não lhe sei etimologias, fora a de Coromines (DCECeH), que o tira de **ululizāre*, entanto que para *uivar* segue a opinião de Cornu, *ululāre*.

O vínculo entre *uivar* e *ouvear-ouviar* é certo. *Uivar* vem de **uviar*, e *ouviar* será o mesmo com ditongo inicial de função onomatopeica, que virá do de *oular*. A metátese vocálica de *uivar* não é dúbia, sobretudo ao se justapor as formas aparentadas. Certo é não termos documentação de **uviar* neste sentido, mas a seguir veremos a que se deve.

Etimologia de *uivar* e *ouviar*: Coromines atina unindo as duas palavras na mesma origem. Ora, a custo o étimo seria *ululāre*, que teria dado **oar* ou **ovar*; **uar* ou **uvar*, se o U- fosse longo. Cabe imaginar cursos especiais para salvar a dificuldade, mas ficará a dúvida. Talvez obtenhamos mais luz se confiamos no protótipo da comparação *uivar-ouviar-ouvear*. Primeiro é preciso optar entre *ouviar* e *ouvear*. Este ecoa vozes dialetais galegas como *cambear* ou *ravear* “raivar”. Estender-se é ocioso. Robora o critério ver-se no arcaico e isolado Trás-os-Montes (e talvez na longe Fonsagrada). Cumpre preferir *ouviar*.

Uivar foi **uviar*, cf. *raivar* de *raviar* (séc. XIII). A documentação mais velha de *uivar* (e o deverbal *uivo*) é do *Livro de Falcoaria*, do séc. XIV. Do XIV justo são os textos finais do medieval *oviar*, (*h*)*uviar* “chegar (em auxílio), chegar a, conseguir, alcançar a”, que veio do latim *obviāre* “sair ao encontro”. Esta voz chega ao séc. XIV e esvai-se justo ao emergir *uivar* “latir; ulular (cânidas)”, de forma idêntica. Porque é: a palavra medieval é quase sempre *uviar*, com variantes *oviar* (Cantigas de Sta. Maria, que tem *uviar*), *uvar* (Crónica Galega de inícios do séc. XIV, onde domina *huviar*), (*h*)*uvear* (Crónica Troiana, código galego!) e *oivar* (Geral Estória e Crónica Troiana, séc. XIV). Surpreende estes casos não suscitarem curiosidade.

A voz medieval andaria ferida e o uso pegaria a estereotipar-se em frases feitas. O lat. tardio *obviāre* era “sair ao encontro” e “ir adiante”, como nota o advérbio *obviam*, do que vem. Estes sentidos seriam vivos nos usos orais de *uviar-oviar*, cujos testemunhos escritos vêm das camadas letradas. Nelas cabe supor usos de leve especializados, mas divergentes do eixo semântico tradicional. Como no latim vulgar, a língua popular sói ficar mais perto do cariz arcaico e tradicional do que testemunhos intermédios.

Ao decair *uviar*, os falantes ingênuos ouviam narrações de frases tais como “*uivavam / uviavam / uveavam os lobos*”. A fraqueza dessa palavra caduca esvaía-se ao prender na imaginação de moços que não sabiam o valor exato. A presença dos lobos chega mais pelo ouvido, e é justo a presença velada, misteriosa, a que mais capta o ânimo. Diziam, em narrações contadas em noites de inverno arredor do lume, que “os lobos chegavam ou iam adiante do viajero solitário”. A experiência a respeito do lobo dos ouvintes era mormente auditiva, interpretava a palavra opaca por contexto e fonossimbolismo, quer dizer, “davam vozes prolongadas, guturais, de mau agoiro e péssima premonição”. O contexto é suposto; o fonossimbolismo de *uivar*, óbvio.

O asterisco de **uviar* vai só em “dar vozes os lobos”, pois *uviar* “sair ao encontro” está documentado. E mais, no sentido medieval surgem as variantes formais *oivar* e *uvear*. Nos vocabulários não vejo *uivar* com tais valores, mas deveu de tê-los. O fonossimbolismo de *uivar* finca mormente no ditongo inicial. *Ouviar-ouvear* emergiu na variante sem metátese, cruzada com *oular* para lograr o valor expressivo. O ditongo OU evoca mais o latir dos cães que o ulular dos lobos. De qualquer jeito, os limites excediam-se num sentido e noutro. O que preferir, *ouviar* ou *ouvear*? A atinar esta hipótese (cuido que atina) o melhor será *ouviar*, o que não violenta o uso dada a labilidade vocálica do idioma, dócil e resistente.

Terá *burlar* algo com isto? *Burlar* (e *bular*) fez cismar. Para alguns é castelhanismo, mas a incerteza etimológica tira sustento à mera impressão. A semântica descuidou-se também. As aceções vêm juntas desde o início. Havia “enganar” junto de “escarnecer” e “zombar (de)”. Há riso, riso adrede agressivo, escarninho. O riso sempre desvaloriza seu objeto, e aqui é deliberado. Pode não haver a diversão e haver *burla*. Em português hoje domina o factor “engano”. Às avessas, em castelhano a nota “engano” antiquou-se e dela apenas ficam rastros estereotipados em frases feitas; aí hoje no centro está “zombar (de)”. O catalão mantém o complexo.

Junto desses valores dantes houve outro, já antiquado: “arremedar, fingir, criar ficção artística”. O que se vê nos documentos velhos é a independência antiga desse sentido. No castelhano está em J. Ruiz, no verso

114 do *Livro de Bom Amor*, edição de Coromines: “trobar burla”. Rodrigues Lapa detetou-o numa cantiga de escarnho de Gonçal’ Eanes do Vinhal (CV 1001; CEM 169), na qual uns “infações... entran nosco en dōas cada dia / e jantan e cean a gran perfia / e *burlan corte*, cada u chegamos.” Não zombam, na companhia do rei tentam fingir serem homens de corte.

Burlar portanto virá do vulgar **urulare*, suposto pelo francês *hurler*, italiano *urlare* e romeno *urlă*. Nestes todos não era claro o timbre da primeira vogal. A origem da mudança vê-se em *burlar*, que é **urulare* precedido de *buu!*”, a onomatopeia infantil de sons guturais de animais agoireiros, logo de espíritos e fantasmas. *Buu!* mais **ur(u)lare* deu *burlar* “fazer *buu!*”. Do escárnio, ou, o que é o mesmo, do arcaico remedo de bufos, corujas e fantasmas, veio “enganar escarninhamente” e “zombar (de)”. E também “arremedar (bufos, corujas, fantasmas)”, que passou para “arremedar (na arte dramática)”. Este carregava menos conotações e pronto decaiu, enquanto que os outros se fizeram vocábulos básicos do idioma pela forte carga expressiva.

Também houve o valor mais neutro, menos conotativo, o mero “ulular”, mas quase não há rastros. Quase, pois se dá em Juan Ruiz, verso 1425d: “al leon despertaron con su *burla* tamaña”. Não é possível zomba, nem engano nenhum; tampouco arremedo inocente. É equivalente perfeito de *bulha*; este é que entre nós vocábulo vindo do castelhano. O castelhano *bulla* não vem de *bullire*, como se tem dito, senão de *buu!* mais *ululare*, que terá dado um **bullar*, do qual *bulla* é deverbal.

Antes de deixá-lo, é oportuno aduzir outra forma galega local e pouco conhecida, que provirá de *ululare*: refiro-me ao *ular* “aturujar, dar gritos os moços nas romarias ou no monte”, que A. Otero registou em Vale-ouro (Rizal, Lagoa, Alfoz, Norte de Lugo). O étimo exato será *uu!* mais *ululare*, quer dizer, *ũl’lare*.

VARELA

É sobrenome galego de larga difusão peninsular e americana. Parece diminutivo de *vara*, mas de apelativo não vejo registado. Tem explicação esta circunstância? Concentra-se mormente na província da Corunha, e os genealogistas dão os arredores de Santiago como solar do primeiro documentado. É frequente também em Lugo e algo menos em Astúrias. Com a reconquista espalhou-se pelo sul, sendo mais abundante no ocidente.

É diminutivo certo de *vara*, por alguma razão desaparecido nessa função. A buscar as causas que puderam determinar a perda, pendo a ver aí a presença da aceção *vara* “símbolo de autoridade”. O humano do nosso domínio muito cisma com o tópico do poder. A meu ver aí palpita a contradição irónica entre o positivo *vara* e a desinência diminutiva. Prova e eloquente testemunho é o dizer português, hoje politicamente incorreto:

*Se é varão, manda ele e ela não;
se é VARELA, ora manda ele, ora manda ela;
se é varunca, manda ela e ele nunca.*

É jogo com a palavra *varão*, com paretimologia incluída. E deveu de existir a metonímia *vara* “autoridade (municipal)”. Junto dela, a de **varela* “autoridade subordinada”, talvez “vereador”. Se assim, a ironia será um fruto secundário da contradição inserida pela desinência diminutiva.

VASCO e VASQUES

Vasco e o patronímico *Vasques* foram *Vaasco* e *Vaasquez* no medievo. A consoante elidada entre os A foi L, cf. cast. *Velázquez* (o pintor sevillano era filho de português, logo *Vasques*). Sem o sufixo patronímico, há um tema pré-romano, cuja forma mais antiga é BELAISKO-. O ditongo reduziu-se pronto a BELASKO-.

Disse-se muito tempo o nome ser basco, tirado do adj. *beltz* “negro”; é tese hoje desacreditada. O registo mais antigo é céltico, no nome da celtibérica CONTREBIA BELAISCA. A celticidade certa de CONTREBIA (“conjunto de casas”) faz verossímil a de BELAISCA, aliás certamente indo-europeu pela desinência.

O céltico tinha bastantes sinónimos para o conceito “raia, fronteira, linde”. Será logo derivado de *BELĪ, g. BELĪAS “borda, rebordo; lábio”, étimo do gaél. ant. *bil*, genitivo *bile* “id.”. São bases da conjetura fracas por *bil* não ter etimologia indo-europeia conhecida, mas brinda-lhe verossimilhança CONTREBIA ter estado situada na borda leste da Celtibéria, perto do Ebro, raia nessa altura dos célticos com os ibéricos.

Em suma, *Vasques* vem de *Vasco*, e este do medieval *Vaasco*, fruto românico do adj. pré-romano, decerto céltico, BELAISKO-. O masculino BELAISKOS significava “homem da fronteira”, cujas notas guerreiras soam cabalmente coerentes com o que se sabe do *ethos* céltico através da epopeia guardada pelos irlandeses.

VERDEOGAS e VERDOIAS

Interessante topónimo do concelho de *Dumbria*, no país de Trastâmara, província da Corunha, é *Verdeogas*, que não se pode estudar sem o de *Verdoias*, do vizinho concelho de Vimianço. Este foi importante: está numa encruzilhada e *Verdeogas* parece ter sido o seu anexo.

Num momento cuidei envolverem o vulg. *viridis* (clássico *viridis*), mas é miragem: o verde, cor da natureza, é antitética para uma povoação. Além disso, *Verdoias* supõe o étimo *WERDODIĀS, que tem o sufixo céltico -(O)DIO-, típico de adjetivos. Portanto é necessário começar a busca de um radical céltico que ao tempo seja semanticamente congruente.

A meu ver será o eco céltico do indo-europeu **werdho-* “palavra”, cf. lat. *verbum*, gót. *ward*, prussiano ant. *wīrds*, lituano *vardas* “nome”, da raiz **wer-* “falar” (Pokorny 1162-63), que com acréscimo *-dho-* se dá no indo-europeu da Europa (do báltico ao latim), e que sem ele é geral (de grego, hitita, avéstico e sânscrito). A raiz hoje não se vê nas neocélticas, mas deve supor-se na antiguidade, e com o acréscimo, dada a presença constante em todas as línguas indo-europeias vizinhas.

A semântica é obscura. No eslavo antigo era também “juramento”, cf. as aceções de *palavra*. O estudo dos juramentos não é daqui, mas talvez chegue recordar que a palavra mágica, eficaz, tinha aí muito papel. O lat. *jūrāre* era “dizer fórmula sagrada eficaz para contrair obrigações, jurídicas ou religiosas”, e *jūs*, *jūris* lá era só a “fórmula sagrada eficaz para aperfeiçoar os contratos solenes”. Entre nós “dar ou ter palavra” abeira o mesmo significado. É logo provável *WERDODIĀS significar “as (casas) juramentadas, apalavradas, que fizeram juramentos (de aliança)”. Aliás, *Verdeogas* vem de *WERDODIOKĀS, adjetivo daquele, que razoavelmente significaria “as (searas? terras?) das (casas) juramentadas, sujeitas em aliança”. Apesar de hipotéticas, estas etimologias são estruturalmente verossímeis.

BIBLIOGRAFIA BREVÍSSIMA

- Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Salamanca, 27-31 maio 1974, editadas por F. Jordà, J. de Hoz e L. Michelena, 1976, Salamanca (Com materiais excepcionais, dos que cabe destacar as relações de J. Coromines).
- Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica*, Tubinga, 17-19 junho 1976, editores A. Tovar, M. Faust, F. Fischer e M. Koch, Tubinga, 1979.
- Joan Coromines-J. A. Pascual, *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*, 6 vols., Madrid, 1980-1991, Gredos.
- Joan Coromines, *Topica Hesperica*, Madrid, 1972, Gredos.
- Florentino López Cuevilhas, *La Civilización Céltica en Galicia*, Porto & Cia., San-tiago, 1953. Reeditou, em galego, o Centro Galego de Buenos Aires no ano 1973. Em castelhano, também Ediciones Istmo, com ilustrações e anexos, em 1988.
- Georges Dottin, *La Langue Gauloise, Gram., Textes et Glossaire*, Paris, 1920.
- François Falc'hun, *L'Histoire de la Langue Bretonne d'après la Géographie Linguistique*, 2 vols., Rennes, 1950-1951, edição do autor.
- A. Holder, *Altceltischer Sprachschatz*, 3 vols., Lípsia, 1896-1913.
- Luis Michelena, *Lengua e Historia*, Madrid, 1985, Paraninfo.
- Abelardo Moralejo Lasso, *Toponimia Gallega y Leonesa*, Editora Pico Sacro, Santia-go, 1977.
- Henry Lewis-Holger Pedersen, *A Concise Comparative Celtic Grammar*, Göttingen, 1961, Vandenhoeck & Ruprecht.

- Holger Pedersen, *Vergleichende Grammatik der Keltischen Sprachen*, 2 volumes, Göttingen, 1909, 1913.
- Julius Pokorny, *Indogermanisches etymologisches Wörterbuch*, Bern: Francke, 1989.
- Julius Pokorny, *A historical Reader of Old Irish: Texts, Paradigms, Notes and a complete Glossary*, Halle (Saale), Verlag von Max Niemeyer, 1923. (trad. cast. de A. Tovar: *Antiguo Irlandés (Lecturas históricas, con Paradigmas, Notas y Glosario Completo)*, em Manual de Lingüística Indoeuropea, Cuaderno VIII, Madrid, 1952, Consejo Superior de Investigaciones Científicas).
- Cláudio Ptolomeu, *Geographia*, edição crítica, prólogo, notas e índices de Karl Müller, Paris, 1883.
- Manuel Rabanal, *Hablas Hispánicas, temas gallegos y leoneses*, Madrid, 1967.
- Ana Maria Romero Masia e José Manuel Posse Mesura, *Galiza nos textos clássicos*, Corunha, 1988.
- Ulrich Schmoll, *Die Sprachen der Vorkeltischen Indogermanen Hispaniens und das Keltiberische*, Wiesbaden, 1959, Otto Harrassowitz.
- Adolf Schulten e outros, *Fontes Hispaniae Antiquae*, 1922-1945.
- Adolf Schulten, *Los Cantabros y Astures y su guerra con Roma*, Espasa-Calpe, Madrid, 1943.
- Rudolf Thurneysen, *A Grammar of Old Irish*, Dublin, 1970, The Dublin Institute for Advanced Studies.
- Rudolf Thurneysen, *Old Irish Reader*, Dublin, 1968, The Dublin Institute for Advanced Studies.
- Casimiro Torres Rodríguez, *La Galicia romana*, Fundação Barrié, Corunha, 1982.
- Antonio Tovar, *Estudios sobre las Primitivas Lenguas Hispánicas*, Buenos Aires, 1949, Instituto de Filología, Sección Clásica de la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.
- Alain Tranoy, *La Galice Romaine, Recherches sur le Nord-Ouest de la Peninsule Ibérique*, Paris, 1981.
- J. Vendryes, *Lexique Étymologique de l'Irlandais Ancien*, **lettre A**, Paris, 1960, Dublin Institute for Advanced Studies-Centre National de la Recherche Scientifique.
- J. Vendryes, *Lex. Étym. de l'Irl. Anc.*, **lettre B** par les soins de E. Bachellery et P.-Y. Lambert, Paris, 1981, Dublin Institute for Advanced Studies-Centre National de la Recherche Scientifique.
- J. Vendryes, *Lex. Étym. de l'Irl. Anc.*, **lettre C** par les soins de E. Bachellery et P.-Y. Lambert, Paris, 1987, Dublin Institute for Advanced Studies-Centre National de la Recherche Scientifique.
- J. Vendryes, *Lex. Étym. De l'Irl. Anc.*, **lettre D** par les soins de P.-Y. Lambert, Paris, 1996, Dublin Institute for Advanced Studies-Centre National de la Recherche Scientifique.
- J. Vendryes, *Lex. Étym. de l'Irl. Anc.*, **lettres M N O P**, Paris, 1960, Dublin Institute for Advanced Studies-Centre National de la Recherche Scientifique.
- J. Vendryes, *Lex. Étym. de l'Irl. Anc.*, **lettres R S**, Paris, 1974, Dublin Institute for Advanced Studies-Centre National de la Recherche Scientifique.
- J. Vendryes, *Lex. Étym. de l'Irl. Anc.*, **lettres T U**, par les soins de E. Bachellery et P.-Y. Lambert, Paris, 1978, Dublin Institute for Advanced Studies-Centre National de la Recherche Scientifique.
- Calvert Watkins, *Indo-european Origins of the Celtic Verb, I, The sigmatic Aorist*, Dublin, 1962, The Dublin Institute for Advanced Studies.